

Passagens de uma escola em fuga



Jhenifer dos Santos Silva de Lima

Passagens de uma escola em fuga

Jhenifer dos Santos Silva de Lima

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação Matemática.

Orientador: Prof. Dr. João Ricardo Viola dos Santos

Campo Grande – MS, 20 de abril de 2022

Prefácio

Conversa com a pedra

Wislawe Szymborska
Tradução: Regina Przybycien

Bato à porta da pedra.

- Sou eu, me deixa entrar.

Quero penetrar no teu interior,
olhar em volta,
te aspirar como o ar.

- Vai embora - diz a pedra. -

Sou hermeticamente fechada.

Mesmo partidas em pedaços
seremos hermeticamente fechadas.

Mesmo reduzidas a pó
não deixaremos ninguém entrar.

Bato à porta da pedra.

- Sou eu, me deixa entrar.

Venho por curiosidade pura.

A vida é minha única ocasião.

Pretendo percorrer o teu palácio,
e depois visitar ainda a folha e a gota d'água
Pouco tempo tenho para isso tudo.
Minha mortalidade deveria te comover.

- Sou de pedra - diz a pedra -

E forçosamente devo manter a seriedade

Vai embora.

Não tenho os músculos do riso.

Bato à porta da pedra.

- Sou eu, me deixa entrar.

Soube que há em ti grandes salas vazias,

nunca vistas, inutilmente belas,

surdas, sem ecos de quaisquer passos.

Admite que mesmo tu sabes pouco disso.

- Salas grandes e vazias - diz a pedra -

mas nelas não há lugar.

Belas, talvez, mas para além do gosto

dos teus pobres sentidos.

Podes me reconhecer, nunca me conhecer.

Com toda a minha superfície me volto para ti,

mas com todo o meu interior permaneço de costas.

Bato à porta da pedra.

- Sou eu, me deixa entrar.

Não busco em ti refúgio eterno.

Não sou infeliz.

Não sou uma sem-teto.

O meu mundo merece retorno.

Entro e saio de mãos vazias.

E para provar que de fato estive presente,

não apresentarei senão palavras,

a que ninguém dará crédito.

- Não vais entrar - diz a pedra -

Te falta o sentido da participação.

Nenhum sentido te substitui o sentido da participação.

Mesmo a vista aguçada até a onividência

De nada te adianta sem o sentido da participação.
Não vais entrar, mal tens ideia desse sentido,
Mal tens o seu germe, a sua concepção.

Bato à porta da pedra.

- Sou eu, me deixa entrar.

Não posso esperar dois mil séculos
para estar sob teu teto.

- Se não me acreditas – diz a pedra –

Fala com a folha, ela dirá p mesmo que eu.

Com a gota d'água, ela dirá o mesmo que a folha.

Por fim pergunta ao cabelo da tua própria cabeça.

O riso se expande em mim, o riso, um riso enorme,
Eu que não sei rir.

Bato à porta da pedra.

- Sou eu, me deixa entrar.

- Não tenho porta - diz a pedra.

Era uma quinta, talvez quarta ou terça-feira. Estava à espera de Luíza para realizarmos uma atividade em sua sala de aula. Fiquei uns 5 minutos no silêncio do pátio da escola: som do carro que passava na rua ao lado, o barulho de uma professora que andava em direção à diretoria. De repente o sinal toca e começa o intervalo: as crianças saem gritando, correndo, pulando. Alguns correm em direção da merenda, pois é preciso garantir a possibilidade de uma alimentação. Outros, apenas correm por correr: a diversão é não ter que pensar no que fazer, pois motivo, objetivo e meta são coisas de adultos e nós somos crianças. O que elas querem é brincar, viver em um espaço chamado escola que aprisiona, muitas vezes, a chance de ser crianças. O barulho é infernal e, me refiro aquela expressão que se faz com a testa, quando algo te incomoda em um nível para além do que está acostumado. Presto mais atenção nas crianças e vejo elas simulando brigas:

alguns chutes, socos, empurrões. Todos esses movimentos com risadas e barulhos de desenhos animados. Elas ainda brincam. Uma bola de papel aparece e lá estão outras crianças chutando e correndo atrás da bola. Há outras que ficam conversando, quietas em um canto. Não estão tristes, pois o brilho nos olhos é perceptível mesmo de longe, mesmo para um estrangeiro.

O tempo se passa, ou apenas acontece de maneira mais sensível ao meu corpo, e escuto o sinal tocando. As crianças limpam o suor do rosto, tomam os últimos goles de água, alinham-se em filas e mais filas e o silêncio aparece como mágica. Do barulho infernal ao silêncio angelical. Aos poucos, as risadas, os gritos, as alegrias do recreio acabam em uma fila, em uma organização padrão para os alunos entrarem em nas salas de aula. Afeto-me com a seguinte sensação: o que esse acontecimento, essa sensação me mostra? Que faço com o recreio de uma escola?

Entro com Luiza para a sala de aula do sétimo ano e começamos nossa atividade com seus alunos. O resto, é sensível de sentir no livro que segue.

...

O que me chama atenção com o recreio dos alunos é uma mutação de seus corpos quando o sinal toca. Das fileiras, do silêncio, da ordem em estar uns com outros, por nascerem ao redor de dois anos seguidos, da ideia de uma aprendizagem de um mesmo conteúdo (ops... agora um código de competência), mutam para crianças que brincam sem motivos e objetivos; brincam apenas por brincar. Pouco importa quem fez o gol, pois o momento de gritar Gol é o desejado. Após quinze minutos, esses corpos também se mutam e voltam para as fileiras, silêncios; para abrir o caderno e copiar mais alguns códigos de competências. Lembrando Romulo Lins, para falar aquilo que os professores querem ouvir.

Sinto que na escola falta o sentido de participação. Não na direção de faltar alguma coisa, pois a escola está completa (sempre esteve e sempre estará, bem como a vida e as relacionais entre viventes: as coisas são o que são) e eu, de fora, da torre de marfim, proclamo e digo o que falta. Talvez, e essa é apenas uma inquietação, “falta” em um sentido de pouco habitar esse espaço. Uma escola do recreio, uma escola da participação (apenas para imitar a sabedoria da pedra).

...

Luiza e Lavínia, duas, três, uma, ou quantas professoras quisermos, se inventam em um movimento de produzir uma sensibilidade em participar de uma sala de aula com alunos. Uma sala de aula que se mostra desnuda (naquilo que é possível para elas, para os alunos, para as cadeiras, ventiladores, quadros, livros e cadernos; também para as diretoras e coordenadoras: em uma dança entre humanos e não humanos) e que, simplesmente, acontece. Poderia ser dado um nome de cartografia para esse movimento. Penso que sim. Produção de uma narratividade coletiva, a partir de uma escuta genuína, plausível e interessada em processos de produção de alunos. Também penso que sim. Talvez, penso que o livro que segue é uma invenção de escutações: esta é sua dinâmica, este é seu desafio. Escutações de enredamentos que sem mutam em um tempo, espaço, matéria, significação. Escutações de vidas que acontecem e que explicitam gigantescas distâncias entre educações matemática acadêmicas e educações matemáticas escolares. Apenas para me render outra vez a uma binaridade simplista, mas que oferece potência em problematizações.

Escutações de Luzias e Lavínias que se mostram em escritos de cenas, situações, movimentos de alegrias, tristezas, conquistas e arrependimentos: em uma sala de aula que acontece sempre em fuga. Não de alguém, nem de busca. Apenas fugindo dela mesma, para se encontrar sendo outra, em um devir da diferença.

De escutações, com escutações, se faz uma escritura: um corpo de afetos, medos, possibilidades. O escrito não busca um sentido, apenas um deslocamento. As histórias não buscam identidades, apenas cortes em movimentos.

...

Um acontecimento, que simplesmente acontece, nesses dois anos de experimentação de professoras com alunos do Ensino Fundamental, em tentativas de operar a noção de grupo de trabalho, abala as dinâmicas e as relações em sala de aula. Crises, reviravoltas, absurdamentos, estranhamentos, algo que espreeita com um suposto não dito: tudo aquilo que um psicanalista deseja mais do que comida. Talvez, esses acontecimentos deveriam ser mais frequentes.

Entram em cena os alunos, apenas alguns pois em uma história não cabem muitas personagens. Eles aparecem com seus corpos, suas narrativas com a sala de aula. Não explicam nada, nem mesmo confessam algo. Apenas dispõem outros deslocamentos.

Onde estão agora, penso eu? O que diriam para mim? Que efeitos e histórias eles contam dos jogos, nos quais foram autores e que se maravilharam em apresentar para os colegas e para a escola? Que histórias eles contam para os professores de português sobre o clube do livro na aula de matemática? O que fazemos com nossos alunos quando eles não estão mais institucionalizados em nossos espaços escolares? Mais uma vez me rendendo ao tio Newton, em sua tripartição do tempo: o que fazemos com o “antes” e o “depois” de nossos alunos em nossas escolas?

...

Participar enquanto forma é uma tentativa de Luizas e Lavínias. Entre estranhamentos e crises, em uma invenção ora professoras, outrora pesquisadoras, mais uma outrora nenhuma das duas, acontecem uma história que destoa do *mainstream* de nosso Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Não busquem citações, pois não vão achar. Não busquem um suposto capítulo teórico e outro (ou o mesmo) metodológico, pois também não vão achar. Talvez, um movimento desejável é apenas se envolver em uma trama de uma escola, de professoras, de um orientador, de uma pesquisa de doutorado, de uma pós-graduação em fuga.

...

A pedra nos afeta, e vomita uma obviedade que esquecemos: *a vida é minha ocasião única*. Esta talvez seria outra maneira de se inventar com este livro. A pedra nos afeta novamente, gritando aos quatro cantos: *até podes me reconhecer, mas nunca me conhecer*. Este seria outro movimento interessante para se envolver com este livro. Assim, envolvam-se, inventem-se, produzam outras experimentações em descolamentos outros: sempre em fuga.

...

Imitando Damien Rice, no último segundo de sua música The Blower's Daughter, apenas sinto: A menina que lia livros, escreveu o seu!

Sumário

1. A ESCOLA.....	13
2. PROFESSORA.....	24
3. ATÉ QUANDO?.....	36
4. O ACIDENTE.....	46
5. O DIA EM QUE AS COISAS COMEÇARAM A MUDAR	51
6. ELA VOLTOU!.....	55
7. UÉ! QUE TURMA É ESSA?.....	59
8. A VISITANTE	64
9. COMPLICAÇÕES.....	72
10. QUE MARAVILHA!.....	83
11. A REALIDADE DA ESCOLA	98
12. A QUEIMADA.....	107
13. O BOLICHE	114
14. NO QUE FOI QUE EU ME METI?	128
15. O CLUBE DO LIVRO	135
16. REVELAÇÕES.....	141
17. COMEÇAR DE NOVO.....	152
18. ADAPTAÇÕES.....	157
19. PENSAMENTOS.....	161
20. O QUE FOI QUE EU FIZ?	165
21. DOÇURA OU AMARGOR?	167
22. ASSEMBLEIA	173
23. MINHA PRIMEIRA IDEIA.....	178
24. PLANOS	186
25. O (RE)COMEÇO DO FIM.....	195

26.	INTERFERÊNCIAS	200
27.	QUE BAGUNÇA!	204
28.	MOSTRA CULTURAL	209
29.	CONFISSÕES	213
30.	ARQUIVOS CONFIDENCIAIS	217
	LISTA DE LEITURAS	224

1. A ESCOLA

Me lembro desse lugar como se nunca tivesse saído daqui. As mesmas salas, funcionários e até os mesmos professores. É como se eu estivesse voltando para mais um dia de aula. Na verdade é assim todos os dias. Vivi muitas coisas aqui, fiz amigos para a vida inteira nesse ambiente, me inspirei a ser o que sou por causa de pessoas daqui. Agora dou aula para filhos de amigos meus! É tão estranho... Às vezes, quando converso com colegas que eram meus professores, sinto que ainda sou aquela aluninha de 15 anos atrás.

Por quê estou falando tudo isso? Acontece que sou professora e dou aula na escola em que estudei dos 6 aos 14 anos.

Descendo a rua de trás da minha casa por duas quadras e depois virando a esquerda e descendo mais meia quadra, está a escola Municipal Irmão José Raposo Filho. Bem na esquina, antes dela, está a escola de educação infantil do bairro, mais conhecida pela comunidade pela sua antiga denominação, a creche. Logo depois, ocupando mais de meia quadra está a escola. As duas dividem a mesma quadra. É o centro de referência do bairro. Onde fica tal lugar? Tantas quadras para cima ou para baixo da escola.

É a única escola do bairro e oferece apenas o ensino fundamental. Quem termina o 9º ano, precisa buscar uma escola estadual. Geralmente é um grande trauma sair da escola para ir fazer o ensino médio em outro lugar. Pelo menos, para mim, foi. Imagine só, você passar 9 anos da sua vida em um lugar, com as mesmas pessoas e, de repente, precisar sair dali, conhecer outras pessoas, conviver em um espaço diferente. Para mim foi terrível, fiquei quase um ano sem fazer amigos.

Você deve estar pensando o quê? Como assim um ano sem amigos? Você não falava? Bem, eu falava e até falava bastante mas é que era natural na escola Irmão José. A gente se conhecia desde a pré escola, então não era necessário se esforçar para se ter amigos. A gente era amigo e pronto. Eu conversava com todo mundo, era amiga de todo mundo (de alguns não), conhecia professores, diretores, bibliotecária, inspetores, o pessoal da limpeza. Era tudo muito fácil. E aí, do nada, eu tinha que me esforçar para ser simpática, para ser agradável, para falar com as pessoas. Nunca fui muito boa nisso, talvez porque eu nunca tenha precisado fazer essa aproximação antes, então fiquei quase um ano sozinha, numa escola nova, cheia de gente nova. Até que fiz alguns amigos. O segundo e

terceiro anos do ensino médio foram bons, mas nada comparado aos anos do ensino fundamental.

Para alguns, o ensino médio é uma das melhores fases da vida. Para mim não, na verdade, uma das melhores fases da minha vida foi o ensino fundamental.

Magda, Ana, Aline, Sara, Vanessa, Rafael, Jhonathan, Wando, Lindisnei, Jéssica, Farluce, Elvis (não o rei do rock), Jéssica, Paola, Élide, Hudson, Eliel e mais alguns outros. Esses nomes eu nunca esqueço. Essas pessoas fizeram parte de um longo período de minha vida, um período importante. Hoje cada um seguiu seu caminho, não somos mais tão próximos, nos vemos apenas em redes sociais, mas sempre que nos encontramos, geralmente nos aniversário da Magda, a conversa rola solta. É engraçado que um bando de pessoas de 30 anos se divirtam lembrando coisas do tempo da infância, mas é o que fazemos.

Olhando para essa escola, uma enxurrada de lembranças invade meus pensamentos. Me lembro do primeiro dia de aula da minha vida. Eu estava feliz por ir à escola, falei disso por meses. Minha avó me levou até a sala, a professora me recebeu com carinho e me disse para escolher onde eu queria me sentar. Na sala, as mesas eram ocupadas por 4 alunos. Eram mesas pequeninas, feitas especialmente para crianças. Eu amei! Na parede havia uma prateleira bem grande, onde podíamos colocar nossa lancheira e a mochila. Nesse primeiro dia, eu ainda não sabia disso, então fiquei segurando minha mochila, e olhei para a sala, procurando um lugar para me sentar. Já havia outras crianças na sala, esperando outras chegarem. Algumas mesas estavam quase completas, com três crianças conversando alegremente. Antes de decidir em qual mesa me sentar, olhei para a porta, para dizer à minha avó onde eu queria sentar, mas ela apenas acenou para mim, me dando tchau. Nessa hora, eu senti muito medo: eu ia ficar alí sozinha, sem minha vovó por horas!

Sem correr, afinal a sala tinha um monte de crianças, fui até a porta e abracei minha avó. Seu colo macio e quente me deu vontade de chorar. Ela não podia ficar alí comigo? Desde que tenho uma lembrança de minha vida, minha avó sempre esteve comigo. Não consigo pensar em um momento em que ela não esteja. Quando a gente viajava para a casa da minha outra avó, eu chorava porque tinha que deixar essa avó aqui.

Enquanto me abraçava, ela me disse: Vai ser um dia muito bom, aproveita. Mais tarde eu venho te buscar. E assim ela me deu tchau. Eu me virei e caminhei até a mesa que eu tinha escolhido. Já tinham 3 meninas lá. Eu cheguei e sentei, falei “oi” e logo todas responderam, me disseram seus nomes: Jéssica, Kelly e Poliana. Imediatamente

começamos a conversar. Enquanto elas me contavam coisas eu olhei para a porta e lá estava minha avó, sorrindo para mim. Ela acenou mais uma vez e então se foi.

Quando o sino bateu, lá estava minha avó me esperando, como combinado. Ela me perguntou o que eu tinha feito na aula e eu contei. Foi assim o meu primeiro contato real com a escola e rapidamente, aquele espaço era meu local favorito. Antes de começar a estudar, eu ia até lá tomar vacina, nas campanhas de vacinação, e só ficava no pátio. É engraçado, mas eu me recordo muito da minha pré-escola. As aulas de pintura, de arte com massinha, das brincadeiras, a hora do lanche, as aulas de Educação Física em que a professora fazia a gente se exercitar com brincadeiras de roda e cantigas. Outra lembrança muito forte é o dia da foto da formatura da pré-escola: todos usamos becas vermelhas e recebemos uma carta em forma de diploma, foi um verdadeiro evento! Minha mãe deixa essa foto exposta na sala até hoje.

Na primeira série, minha professora se chamava Marciana. Ela era bem magrinha e muito legal. Eu brincava que ela tinha vindo de Marte. Impossível não brincar, não é! Ela ficou apenas metade do ano com a gente, porque ela ficou bem doente. A professora que ficou no lugar dela não era tão legal e, acho que por isso, não me lembro do nome dela.

No ano seguinte, eu conheci a professora, Telma. Eu amava aquela professora do fundo do meu coração. Eu estudei com ela na segunda, terceira e quarta série. A professora Telma era diferente, foi a professora mais maravilhosa que eu tive na vida. Lembro que ela sempre me dava giz. Eu tinha em casa um quadro negro e eu costumava brincar de escolinha. Colocava meus ursos e bonecas sentados em fileiras de frente para o quadro, cada um com uma folha de sulfite, lápis e borracha. Arrumava minha mesinha de frente para eles, ao lado do quadro que estava pendurado na parede, com livros, caderno e estojo, além de meu apagador e giz. Eu fazia isso quase todos os dias. Era minha brincadeira favorita. Veja bem, sou filha única, então brincar sozinha era normal para mim, e brincar de escola era natural. Às vezes eu esquecia de avisar minha mãe que o giz estava acabando e quando isso acontecia, eu pedia para a professora Telma. Ela me levava até o cantinho da sala, abria o armário dela, e enfiava um punhado de giz na minha mão, o quanto coubesse, e me pedia para guardar rápido na mochila antes que os outros vissem, afinal ela não tinha giz suficiente para dar para todo mundo.

Eu amava quando ia até o armário dela. Era cheio de materiais escolares aos montes. Tinha caixas e mais caixas de lápis de cor, giz de cera, réguas, cadernos, livros, giz e uma coisa especial: um box com 5 livros de contos: A Branca de Neve, Cinderela,

A Bela Adormecida, A Princesa e o Sapo e Chapéuzinho Vermelho. Aquele box era magnífico para mim. Sempre que terminávamos as atividades a gente podia ler, se quisesse. Eu sempre terminava primeiro, então sempre lia. Veja só, eu já conhecia aquelas histórias e depois de ler algumas vezes, eu já tinha decorado cada frase, cada imagem, mas o que me atria era a beleza daqueles livros. Eram lindos, cada um de uma cor: vermelho vivo, azul elétrico, verde vibrante, amarelo ouro e um laranja bem intenso e brilhante. Sempre que eu terminava as atividades, e eu terminava bem rápido, a professora Telma me dizia para ir pegar os livros no armário dela. Eu ia feliz. Eu abria aquele armário e pensava: um dia eu terei um desses pra mim. Eu tinha todos os materiais escolares que eu queria, canetinhas, lápis de cor, canetas e tudo o mais, mas o que me encantava era a quantidade desses itens, que tinha lá dentro do armário.

A professora Telma também nos fazia produzir textos. Uma aula da semana era destinada à produção de texto. Ela dava um caderno para cada um, encapado e personalizado com nosso nome e que tinha uma gravura que a gente deveria pintar. A cada aula, ela nos entregava esse caderno de produção de texto e uma imagem em preto e branco que a gente deveria pintar e colar no caderno, mas a tarefa principal era criar uma história inspirada naquela imagem. Eu me lembro bem que, enquanto alguns de meus colegas escreviam umas 10 linhas, eu escrevia de 3 a 4 páginas. Em alguns dias escrevia ainda mais. Criar histórias sempre foi muito divertido e fácil para mim. Foi nessa época, lá pela segunda ou terceira série que comecei a frequentar a biblioteca da escola.

A biblioteca era uma salinha no fim do corredor, não era muito grande, mas era apinhada de livros de todos os tipos. Um certo dia, estávamos na aula com a professora Telma, quando uma japonesinha bem baixinha, de cabelos curtos, óculos, calça jeans, camiseta e tênis bateu na porta e pediu licença para falar com a gente. Ela disse que seu nome era Tina e ela era a bibliotecária da escola. Ela nos disse que iria nos levar em grupos de 5 para conhecer a biblioteca e que se a gente quisesse ler algum livro, a gente podia pegar emprestado, levar para casa e devolver na semana seguinte. Quando eu ouvi as palavras *levar para casa*, eu fiquei muito animada! Eu adorava ler, mesmo com 8 anos de idade. Eu tinha muitos gibis em casa e adorava lê-los. Veja só, eu aprendi a ler rápido porque eu queria ler os gibis sozinha, pois odiava que lessem para mim. Então, quando eu comecei a aprender a ler, me dediquei muito, para ler sozinha o mais rápido possível. Você já sabe né, eu e os livros já tínhamos uma certa relação. Depois daquele dia, eu não saí mais daquela biblioteca, frequentava assiduamente a cada semana e era pontual nas devoluções. Depois de um tempo, um livro era pouco para mim, eu terminava de ler muito

rápido, então tomei coragem e perguntei para a Tina se eu poderia levar mais de um livro pra casa por semana e, para meu deleite, ela disse que sim, é claro. Foi assim que comecei a levar até 3 livros para casa numa mesma semana. Conforme os anos foram passando, eu fui lendo livros cada vez maiores, às vezes (quase toda semana) repetindo um que eu tinha gostado mais. Nessa época eu já frequentava a biblioteca nos horários de entrada e recreio. Um dia, eu descobri que tinha um outro lugar em que haviam livros que geralmente não eram emprestados, pois estavam em um local diferente da biblioteca. Foi assim: eu já tinha lido quase tudo o que tinha na sessão que a gente sempre escolhia os livros, então eu fui até a Tina e disse “Tina, você não tem mais livros de contos, de aventuras? É que esses que estão aqui eu já li a maioria e gostaria de ler os outros contos além do das princesas.” Ela me olhou e disse, vem aqui comigo, e eu fui. No final da biblioteca, na última estante, ela subiu numa escada e enfiou a mão na última fileira de livros. Quando ela puxou, ela trouxe dois livros que me deixaram encantada: um era dos contos de Andersen e o outro era um compilado dos contos de Grimm. Eram livros grandes, com muitas páginas, com capas duras e lindas gravuras. Um era branco e tinha a Polegarzinha (eu descobri quando li o primeiro conto) na capa e o outro era caramelo, com a gravura de um soldado e uma senhora. A partir daquele dia, esses dois livros tornaram-se meu xodó por vários anos. Eu sempre os levava para casa para ler de novo, e também passei a pegar os livros que estavam lá no final da biblioteca. Foi assim que eu comecei a gostar de ler livros com histórias mais longas.

Mas voltando à professora Telma: depois da quarta série eu não teria mais aulas com ela, mas me ofereci para ajudá-la com suas turmas no meu contraturno. Quando a gente estudava da primeira à quarta série, nós estudávamos de manhã. Da quinta à oitava, estudávamos a tarde, então eu ia ajudar a professora Telma de manhã. Eu era uma espécie de ajudante dela: tomava leitura dos alunos, tirava dúvidas, fazia o que ela precisasse. Eu já tinha pensado em ser professora um dia, mas foi nessa época que tive a certeza de que um dia eu seria professora também. Engraçado como eu já sabia disso naquela época...

Professora Telma e eu, mantemos contato até hoje, ela é uma pessoa muito querida. Ela já se aposentou, agora está cuidando das netinhas e viajando bastante.

Da quinta até a oitava série, duas professoras me marcaram muito, a professora Eliana e a professora Sônia. A professora Eliana dava aulas de Artes e quando estávamos na sexta série, ela montou um grupo de coral. Eu me ofereci para participar, é claro. Foi uma das melhores experiências que tive. Toda semana nós ensaiávamos e acabamos indo apresentar em vários eventos importantes da prefeitura. Além disso, a professora Eliana

sempre esteve presente em minha vida escolar, desde o pré, sendo que nessa época, ela era a professora da sala de tecnologia. Mas enfim, com as aulas semanais e com os ensaios do coral, ficamos bem próximas. Tanto que quando eu estava no ensino médio e precisei pesquisar sobre alguns artistas e movimentos artísticos importantes, fui até ela, já que naquela época eu ainda não tinha acesso à internet em casa. O mesmo acontecia com a Tina. Quando entrei na graduação, fui até ela procurar alguns livros didáticos e ela me presenteou com uma coleção.

Já as aulas da professora Sônia eram verdadeiras aventuras. Ela dava aulas de História e a cada aula ela me encantava com seu jeito de contar os acontecimentos históricos mais importantes. Eu já gostava de uma boa história e, com ela, essa se tornou minha disciplina favorita.

Uma pessoa que também foi muito especial para mim foi a Dona Eva, a inspetora de alunos mais incrível desse mundo! Dona Eva era uma senhora bonita e doce, mas que era um verdadeiro general quando alguém saía da linha! Bastava um olhar, uma fala, que qualquer confusão se dispersava. Ela foi minha inspetora durante todos os anos que passei na escola Irmão José. Ela me viu crescer, e sempre me chamou de “minha menina”.

Eu sempre fui a “boa aluna”. Eu respeitava meus professores e cumpria com minhas tarefas, tirava boas notas. Mas não pense que eu era a perfeitinha, não! Os professores me viam assim e meus colegas também, em relação aos estudos, mas eu era bem normal, bagunçava bastante quando era a hora. Eu conheci a Magda, a minha amiga, na segunda série. A maioria do pessoal eu conheci na segunda série. Estudamos juntas em todas as séries desde então. Sempre a mesma coisa: eu fazia minhas tarefas, ajudava ela com as dela e ficávamos conversando. Conforme fomos crescendo, eu passei a ajudar outros colegas e quando terminávamos, ficávamos conversando e brincando. Nos sentávamos todos perto uns dos outros. A questão era que alguns da nossa turma eram muito bagunceiros, muito mesmo. Bagunçavam na hora errada, conversavam na hora errada, falavam de modo grosseiro com alguns professores. Eu era amiga de todos, mas não me comportava mal. Uma vez, na sétima série, tivemos um novo professor de Língua Portuguesa, o professor Natal. Ele era ótimo professor e se preocupava comigo: Luíza, cuidado com seus amigos, cuidado pra não ir na onda deles. Eu escutava e assentia. Um dia, ele estava dando aula, e parou quando eu respondi algo que Magda me perguntou sobre o que ele estava explicando, bem baixinho. Ele parou a aula e começou a falar para todos que eu deveria tomar cuidado com minhas companhias para não “me perder”. Nesse momento, a Magda disse: “Professor, a Luíza sempre foi assim e sempre foi nossa amiga,

desde a segunda série. Ela é nossa amiga e nunca mudou, sempre foi inteligente. O senhor não precisa se preocupar, porque ela não deixa a gente influenciar ela”. Desse dia em diante, o professor Natal nunca mais pegou no meu pé. Engraçado né...

Mas enfim, hoje reencontro Sônia, Eliana, Tina, Dona Eva, mas agora não sou mais aluna ou monitora. Sou sua colega de trabalho, sou professora de matemática.

Pois é! Realmente me tornei professora, assim como eu já sabia aos 10 anos. Como já comentei, eu sempre soube que seria professora, só não sabia de quê. Eu era uma boa aluna, então eu ia bem em todas as disciplinas e gostava de todas elas, de umas mais e de outras menos, mas gostava de todas, de certa forma. No ensino médio eu fiquei em dúvida entre três opções: eu optaria por fazer o vestibular para História, Biologia ou Matemática? No início eu decidi por História, coloquei até na camiseta do terceiro, aquela que toda turma de terceiro ano do ensino médio faz, sabe? Coloquei História. Mas logo depois que a camiseta chegou eu percebi que não tinha certeza. Até que, depois de muito pensar eu decidi; quando chegou a hora de fazer a inscrição do vestibular, optei por Matemática. Quando conto essa história, as pessoas acham engraçado eu ter três opções em três áreas de conhecimento diferentes, mas foi assim. Fiz o vestibular, passei, cursei a graduação em uma instituição federal, me formei e fiz um mestrado, na mesma instituição. Foi no segundo ano do mestrado que comecei a trabalhar como professora. Recebi a ligação para me apresentar na escola, no dia do meu aniversário: lembro até hoje, 13 de março de 2015. Trabalhei nessa escola no ano de 2015 e 2016.

No ano de 2016 houve o concurso para professores da rede municipal de ensino de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, e eu fui aprovada. Na lotação, quando me deram a lista de escolas com aulas disponíveis, uma me saltou aos olhos: Escola Municipal Irmão José Raposo Filho, a minha escola! Sem pensar duas vezes, a escolhi. Ou talvez fui escolhida por ela.

Algumas coisas mudaram na escola do final de 2005 (ano em que deixei a escola) para 2016: o ensino fundamental 1 e o fundamental 2 são oferecidos nos dois períodos agora, tanto no matutino quanto no vespertino. Isso porque a escola foi ampliada. A escola tem dois pavilhões: é construção térrea, com o primeiro pavilhão um pouco mais elevado que o segundo, devido ao desnível do terreno. Quando você chega, tem o portão externo, com um pátio aberto logo depois, com amarelinhas pintadas no chão, caracóis e uma cesta de basquete do lado esquerdo. Do outro lado tem um palco de apresentações, que na verdade esconde a caixa d'água. Quando eu estava na pré escola, eu costumava me sentar ali para esperar por minha avó, que me buscava todos os dias.

Seguindo adiante, temos a fachada da escola, pintada de amarelo e azul, e o portão vermelho que fica no prédio da escola propriamente dito. É um portão estreito, no meio de uma grade. Logo que você passa por esse portão, está a secretaria do lado esquerdo e um mural de avisos do lado direito. Logo em seguida há um terceiro portão, também vermelho, bem baixo que separa a secretaria do interior da escola. Passando esse último portão, adentramos a escola. Com paredes amarelo berrantes, do lado esquerdo estão a entrada da secretaria, a sala de tecnologia, a sala dos professores e a sala da direção. Do lado direito, estão a sala da coordenação, a cozinha, o banheiro feminino e quatro salas de aula, destinadas aos alunos do sexto ao nono ano.

Continuando a caminhada, temos um pátio bem largo e comprido e bem no meio dele, entre as escadarias que dão acesso ao segundo pavilhão, estão a cantina, do lado esquerdo e um bebedouro do lado direito, juntamente com o pequeno portão que dá acesso à quadra de esportes, ao laboratório de ciências e ao paquinho de terra para os alunos do primeiro ao quarto ano, os dois últimos construções novas. Descendo as escadas, entramos no segundo pavilhão. Ele já existia em 1997, mas foi ampliado. Do lado esquerdo, estão 4 salas de aula de quarto e quinto anos, e a sala de recursos, do lado direito estão as salas de aula dos alunos do primeiro ao terceiro ano. E lá adiante, existe o espaço que foi ampliado, separado do restante do pavilhão por uma grade que separa o corredor em dois espaços. Alí estão os alunos da educação infantil. São três salas de aula e um parquinho, juntamente com banheiros e bebedouros. E voltando ao pátio principal e seguindo em frente, temos a biblioteca, a última construção da escola, ladeada pelo banheiro masculino e por outro bebedouro.

Mas voltando ao primeiro dia como professora do Irmão João: fui recebida pela diretora Andreia, uma mulher de meia idade, morena e baixa. Ela me pareceu atenciosa, me deu as boas vindas e me apresentou à coordenadora Ivone. Ivone é uma mulher alta, esbelta, um pouco avermelhada e parece sempre afobada. Ela me recebeu com um olhar que não consegui identificar imediatamente o que significava. Guardei essa informação para depois e a acompanhei até sua sala.

Lá, começamos a conversar sobre a comunidade escolar, o perfil geral dos alunos e a política da escola. Confesso que fiquei um pouco apreensiva, já que Ivone me disse que a comunidade era muito carente, com poucos recursos, e que o apoio da família era escasso, já que a maioria dos alunos morava com avôs e avós, que já tinham bastante idade e já não conseguiam ser tão presentes na formação de seus netos e netas. Isso me incomodou um pouco pois era o oposto do que eu já tinha vivido como professora até

então. Em minha escola anterior, a escola se localizava em uma área central, na qual as famílias dos alunos tinham um considerável poder aquisitivo e a participação da família na vida escolar de seus filhos era intensa. Eu já esperava algo assim, mas a confirmação me deixou apreensiva, pois eu me lembrei nesse momento, do comportamento de alguns de meus amigos do ensino fundamental: a minha turma era terrível! Teve um período em que minhas amigas faziam a professora de língua portuguesa chorar durante as aulas. Eu nunca gostei disso, sempre respeitei os professores, afinal eu queria ser um deles algum dia, então eu era bem comportada (se bem que fora da vista dos professores não era bem assim; me lembro da vez em que levei milho de galinha para jogar nos outros, principalmente nos colegas de outras salas que a gente não gostava. Aí a gente jogava e gritava “Olha o milho!!”, ou a vez em que presei o Eliel atrás da porta durante o recreio até ela cair) porém as pessoas que faziam brincadeiras sem graça com a professora eram minhas amigas, assim, eu sabia muito bem o que os alunos poderiam fazer a um professor.

Continuamos conversando e Ivone me perguntou sobre minha formação. Contei a ela que havia estudado naquela mesma escola, que fiz graduação e mestrado em uma universidade federal. Ela ficou surpresa por eu ter sido aluna da escola e disse que seria um ótimo incentivo aos alunos do Irmão José. Após mais alguns minutos de conversa, ela fez uma afirmação um tanto estranha: “Luíza, você é tão novinha. Acho que os alunos não vão te levar a sério. É bom que você seja bem firme em sua postura, pois eles sentem cheiro de professor inexperiente”. Nesse momento eu pensei “e lá vamos nós mais uma vez!”. Respirei fundo e respondi ao comentário: “Ivone, sei que aparento ter menos idade do que realmente tenho, mas não se deixe levar pela aparência, sei fazer meu trabalho muito bem. Não tenho muita experiência, mas não sou inexperiente, já estou na área há dois anos e tive uma ótima formação, tanto acadêmica quanto por parte de contato com quem já está na ativa há muitos anos. Sei lidar com todos os tipos de alunos, dos mais tranquilos aos mais agitados. Mas agradeço seu conselho.” Ivone pareceu não ter gostado da minha resposta, pois ficou ainda mais vermelha e tomou fôlego para me responder. Quando ela ia começar a falar, escuto uma voz mais do que familiar dar um gritinho e dizer “Ah se não é o meu orgulho que está de volta!!”. Virei e só confirmei o que eu já sabia: Eliana, a minha professora, tinha acabado de entrar na sala e estava de braços abertos, com um grande sorriso, esperando para me dar um abraço. Me levantei e a abracei. Trocamos algumas palavras e ela se virou para Ivone e disse: “Essa menina é meu orgulho! Foi minha aluna da pré-escola à oitava série. Sempre foi uma excelente aluna, e agora está aqui para trabalhar conosco! Isso é maravilhoso!”.

Ivone deu um sorriso e concordou, disse que realmente era ótimo, mas sua expressão me deu a entender que não era bem isso o que ela estava pensando naquele momento. Fiz uma anotação mental para pensar sobre isso mais tarde e rezei para que isso não se tornasse um problema no futuro. Após mais uma troca de gracejos, Eliana foi para seu lugar, dizendo que agora nos deixaria em paz para continuarmos a nossa reunião. Com essa deixa, voltamos a conversar, Ivone e eu. Ela me mostrou em quais turmas eu iria trabalhar naquele semestre, deu uma breve informação sobre o perfil de cada turma, me deu o horário de aulas, falou sobre o cronograma de planejamentos, hora atividade, métodos de avaliação, padrões da escola e, por fim, me orientou a ir até a biblioteca para pegar os livros didáticos com os quais iria trabalhar.

Nos despedimos com Ivone me desejando um ótimo começo. Fui até a biblioteca, descendo pelo pátio central e tendo um flash de quando eu fazia isso há alguns anos atrás. A porta estava encostada, pois agora há um ar condicionado instalado na sala. Bati brevemente na porta e entrei. Como se eu tivesse voltado no tempo, me deparei com a mesma japonesinha de anos atrás, quase nada mudou em sua aparência! Tina está sentada em sua mesa, rodeada por cadernos de empréstimos semanais de todas as turmas da escola. Ela ainda usa o cabelo curto, jeans e camiseta, apenas seu rosto teve uma pequena mudança: algumas linhas de expressão agora estão mais aparentes. Assim que entro ela levanta os olhos e, ao me reconhecer, abre um grande sorriso. Após os cumprimentos e um abraço, eu olho ao redor. Agora a biblioteca conta com um cantinho da leitura, com tapete e almofadas fofas para se sentar e ler, uma decoração colorida e alegre, além das sessões de livros. Não é muito grande, me pareceu do mesmo tamanho de anos atrás, mas dou uma circulada e vejo que há livros novos, alguns volumes das sagas do momento e também existem os antigos, como os exemplares da querida Coleção Vagalume. Depois de espiar volto para onde Tina está e conto que acabei de assumir as aulas de Matemática do vespertino e que preciso dos livros didáticos das turmas. Ela fica muito contente com a notícia, assim como Eliana. Enquanto procura os livros ela comenta: “Lembra de quando você passava seu tempo aqui? Parece que foi ontem! Eu me lembro das premiações de Leitor do Bimestre e você sempre estava entre os eleitos.” Eu respondo que me lembro e que inclusive, ainda guardo os diplomas e medalhas recebidos. É verdade! Tem uma pasta onde esses prêmios estão bem guardados, com muito carinho.

Enquanto ela procura pelos livros, novamente sou inundada pelas lembranças. Em uma época, lá pela 6ª série, a Tina começou a fazer premiações para os leitores do bimestre, para estimular a leitura entre os alunos da escola. Era escolhido um aluno por

turma, sendo aquele que mais leu livros da biblioteca no bimestre. Como prêmio, recebíamos uma medalha e uma menção honrosa. Tinha um pequeno evento e tudo o mais, tudo lá na biblioteca. Era bem legal. Eu sempre estava presente, afinal, não saía lá de dentro!

Depois de procurar por alguns minutos em pilhas enormes de livros didáticos, ela me chama e eu volto para o momento atual, então ela me entrega os quatro volumes, um de cada ano escolar, e se desculpa por não ter todos os exemplares na versão de professor, pois não vieram muitos livros de mestre naquele ano. Eu digo que não tem problema, que preciso dos livros apenas para orientar os alunos, que me garanto com as respostas, o que arranca um risinho dela. Trocamos mais algumas palavras e me despeço dela, ao que ela responde com um até logo, me dizendo que é muito bom eu estar de volta.

Saio da sala com meus livros embaixo do braço e faço o caminho de volta. Quando estou passando pela secretaria a caminho da saída, vejo uma pessoa muito conhecida e querida lá dentro: a professora Sônia. No mesmo instante em que percebo sua presença, ela levanta o olhar e me vê, e então se levanta e segue em direção à porta, ao que faço o mesmo. Quando saio para o pátio ela diz: “Luíza, você voltou mesmo? A Eliana disse que você voltou!” Eu respondo que sim e ela me dá um abraço apertado. Trocamos algumas palavras, nos lembrando dos tempos antigos. Ao que ela declara: “Sabe Luíza, daqui da escola, da sua época, poucos se formaram. É um bom número, mas comparado ao tanto de alunos, ainda é pouco. Lembra da Patricia? Ela se formou em Letras. Tem a Érica, a Fabíola, ah e tem o Lúcio, que também foi aluno daqui, lembra? Ele é professor de Geografia aqui na escola.”

“Não me lembro do Lúcio, professora, acho que foi antes de mim”, respondo, ao que ela assente. “Realmente, o Lúcio é mais velho do que você.” Conversamos mais um pouco sobre meus colegas que se formaram e em seguida me despeço, prometendo voltar no outro dia. Saio em direção ao portão, cheia de lembranças retornando de quando eu ainda era apenas uma aluna do Irmão José e, a caminho de casa, me preparo para meu futuro.

2. PROFESSORA

Pois é, já se passaram dois anos que trabalho no Irmão José! Foram dois anos bem interessantes. No meu primeiro ano, os dois primeiros meses foram bem difíceis. Não pelos alunos, mas pela equipe da coordenação e direção. Lembra de quando tive um pressentimento sobre a Ivone? Então, era real. Assim que comecei meu trabalho, a Ivone se mostrou uma pessoa muito difícil de agradar. Tudo para ela não estava bom. Se eu fazia alguma atividade diferente com os alunos, era comum. Se eu fazia conforme a regra, só no quadro, livro e caderno, era ultrapassado. Ela gostava de me chamar em sua sala a cada dia que eu estava em hora atividade. Veja bem, eu tenho 7 horas disponíveis de hora atividade, tempo que eu uso para planejar minhas aulas, elaborar atividades, confeccionar material, elaborar avaliações, corrigir provas e cadernos e tudo o mais que a gente que é professor precisa fazer. Em cada uma dessas horas, CADA UMA, ela me chamava na sala dela só pra me dizer coisas que em sua maioria eu já sabia. Ela me tratava como se eu nunca tivesse pisado no chão de uma escola, como se eu não soubesse nem um pouquinho de Matemática, como se eu precisasse dela o tempo todo. Era bem desagradável. Confesso que algumas vezes – quando eu não ficava furiosa e quase falava umas boas verdades para ela - eu fingia que ouvia e pensava em outras coisas, respondendo com “aham” e “uhum” às perguntas que ela fazia.

Foi assim durante um bom tempo, tendo dias em que ela queria me ensinar a como dar aulas de Matemática, me ensinar conceitos matemáticos, sendo que ela era formada em Letras - então, somente nesse quesito, acho que sei um pouquinho mais do que ela sobre o assunto, não é mesmo? - e estava fora de sala de aula há mais de 20 anos. Nesse dia eu a respondi, o que não costumo fazer. Eu não gosto de arrumar confusão com ninguém, evito ao máximo conflitos, mas nesse dia eu resolvi enfrentar. Foi mais ou menos assim:

- Luíza, eu acho que você poderia empregar algumas estratégias no ensino da divisão com o sexto ano. Eu vejo que você trabalha muito a resolução de problemas, mas acredito que você deva focar no algoritmo, é assim que se chama não é, algoritmo?

-Uhum.

- Então, esses meninos precisam aprender a montar a conta, a resolver. Acho que você poderia dar mais dicas a eles, falar para eles coisas como “Olha, quando dividimos dois números, o resultado sempre será menor”, e...

-Como é?

-Você poderia mostrar a eles que o resultado de uma divisão é sempre menor do que os dois números envolvidos na operação. Acredito que isso ajude muito que eles percebam...

-Ivone, eu não posso dizer algo assim para meus alunos, ainda mais nesse momento. A ideia de que ao dividir dois números o resultado será sempre menor do que os números envolvidos não é verdade nem no conjunto dos Números Naturais! Você, é claro sabe disso, não é? É coordenadora há tantos anos.”

-Bom, eu...

- Você sabia que se você falar isso para eles agora eles ficarão confusos? Por exemplo: 50 dividido por 2 é 25, e 25 não é menor do que 2. Nem sempre o quociente é menor do que o dividendo e o divisor. Não podemos generalizar. Então não, eu prefiro continuar como estou fazendo, sei fazer meu trabalho e acho que sei um pouquinho de Matemática, né!

- Bem, eu não tinha pensado muito nisso, nesse ponto. Realmente você tem razão. Mas mesmo assim, quero que você dê mais ênfase no algoritmo das operações, no como fazer mesmo. E aí paralelamente você vai trabalhando a resolução de problemas. Sabe Luíza, eu trabalhei muitos anos com o pessoal da pedagogia, e lá eles trabalham muito com os números naturais, então eu não sabia isso sobre as frações. Você é formada né, em Matemática, sabe das coisas.

- Aham...

E era sempre assim, um morde e assopra, sabe. Ela sempre começava dando umas alfinetadas e no final acabava me elogiando. Foi assim por mais um tempinho, até o dia em que recebemos a visita da técnica de Matemática da Secretaria Municipal de Educação – SEMED como chamamos. Nesse dia, eu estava em sala, com o oitavo ano, e precisei sair da sala para ir até a sala dos professores, abrir meu armário e pegar as réguas para que os alunos usassem, e no caminho, vejo alguém que conheço: a Deise.

Você se lembra que eu comentei que fiz um mestrado? Então, eu conheci a Deise lá. Ela estava no segundo ano do mestrado e eu no primeiro. A gente tinha muito contato, pois a turma do segundo ano sempre avaliava os trabalhos das turmas do primeiro, e os encontros eram frequentes em seminários, palestras e eventos, então sempre estávamos

conversando. Então quando eu vi a Deise, percebi que ela estava conversando com a Ivone em uma mesa que fica no pátio da escola, eu tinha que cumprimentá-la quando passasse por ali. Quando eu estava indo para a sala dos professores, a Deise estava de costas para mim, então passei sem chamar atenção, mas na volta, após pegar as réguas, ela estava de frente para mim, e acabou me vendo antes de eu me aproximar.

-Oi Luíza, tudo bem? Como está indo? - ela se levantou para me dar um abraço, toda sorridente. A Deise sempre foi muito carinhosa.

- Bem, estou em aula, só vim buscar essas réguas.

-Ah então vai lá, não quero atrapalhar! - e virando-se para Ivone – Ivone, essa professora é excelente! Aproveite muito dela, porque ela é maravilhosa, é mestre pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, extremamente competente!

- Ah, é claro que vamos aproveitá-la ao máximo!, disse Ivone, olhando para mim de um jeito meio estranho.

-Bom, vou indo. Beijo Deise!

-Tchau, querida!

Você acredita que depois desse dia Ivone mudou da água para o vinho comigo? Onde estava a implicância? Onde estava toda aquela necessidade de me explicar como dar aulas a todo momento? Onde estavam os questionamentos sobre meus métodos de avaliação? Desse dia em diante, por mais improvável que fosse, Ivone se tornou minha maior aliada no Irmão José. Tudo o que eu precisava era providenciado rapidamente, todas as ideias que eu tinha eram apoiadas por ela. Em troca, passei a topar todas as ideias de projetos que ela criava e executava com afinco. Se você é professor, sabe do que estou falando. Quando a gente encontra um coordenador ou supervisor que nos apóia, nossas condições de trabalho melhoram exponencialmente. A gente passa a ter liberdade para trabalhar do nosso modo, sem desconfiança por parte da equipe pedagógica, conseguimos alcançar os objetivos propostos pela escola, porque temos apoio, temos material, temos alguém que trabalha junto conosco.

E assim eu segui trabalhando, bem mais feliz.

Eu e Ivone nos tornamos grandes parceiras de trabalho.

Logo no início do ano chegou um projeto da SEMED, chamado de Tabuando. A ideia era trabalhar a tabuada de diferentes maneiras ao longo do ano para que os alunos decorassem. Só isso. Eu não gostei muito da ideia, afinal, existia tanta coisa mais importante para que os alunos trabalhassem e um projeto inteiro dedicado à tabuada eu achei um exagero.

A Ivone me chamou na sala dela, me apresentou o projeto e me disse que eu ficaria responsável por implementá-lo nas turmas do vespertino. O projeto contava com músicas e algumas sugestões de atividades para serem executadas e contava com uma finalização bem chamativa: uma espécie de concurso entre os alunos.

O ano de 2017 foi bem tranquilo, posso dizer que foi um ano bem normal em uma escola normal. Avaliações, projetos, aulas, festas, mostra cultural. Uma maravilha! Uma coisa que você precisa saber sobre mim: eu adoro os sextos anos! Não sei porque, só sei que é a minha turma preferida para dar aulas. É um ano no qual os alunos são mais abertos a aprender, se interessam por coisas novas. Tudo o que a gente propõe, eles topam na hora. Se tem uma coisa que percebi nesses anos como professora é que conforme as crianças crescem, mais a gente precisa se esforçar para capturar a atenção delas nas aulas. Por isso que com o sexto ano é mais legal, é mais fácil, eles ainda gostam das aulas. Esse sexto ano de 2017, o 6º ano C, era perfeito. Me apaixonei rapidamente por eles.

Em 2018 é que começa a nossa história. O que dizer do ano de 2018? Caos, sofrimento, decepção, irritação, frustração? É, essas palavras ajudam a definir o que foi 2018. Quer saber o que acontece? Então vamos lá!

Escola Municipal Irmão José Raposo Filho - 06 de fevereiro de 2018

- Primeiro dia de aula, minha gente! – diz a vice diretora, Ângela. Ela sempre está muito animada, hoje então, no primeiro dia do retorno às aulas, está dez vezes mais. Estou na sala dos professores, sentada na segunda mesa, na ponta (meu lugar preferido há dois anos. Daqui vejo todo mundo que entra!). Hoje cheguei bem mais cedo do que o habitual, afinal, hoje é dia de rever o pessoal. Sabe como é, a gente já chega abraçando, sorrindo, perguntando das novidades. Os alunos não sabem, mas os professores também estão cheios de vontade de botar o papo em dia, falar sobre as viagens de fim de ano, sobre qual professora está grávida nesse ano (é, a gente fica de olho nisso também), sobre os novos professores que estão chegando. Somos alunos adultos!

O sino indicando que devemos ir para as filas, para escutar a acolhida do dia, soa e nós ainda ficamos mais um pouco sentados, conversando, até que alguém se levanta e todos seguimos.

Lá fora está um alvoroço. Pais procurando as filas das turmas de seus filhos, as crianças da Educação Infantil chorando por ter que se separar de seus pais e, as turmas dos que já estão acostumados com a escola, rindo, conversando e brincando uns com os

outros. Está terrivelmente quente, abafado, e a pintura das paredes da escola – amarelo berrante - junto com a confusão de corpos, deixa o ar mais quente. É claro que estou acostumada com isso, afinal, nas salas de aula cheias, o calor só aumenta. Sabe como é, os ventiladores estão quebrados. Ou será que foram arrumados? Hum, só quando entrar na sala é que vou saber...

Sigo meu caminho, até a fila do sexto ano. No caminho, vou dando ois e olás, recebo abraços das crianças que já são minhas alunas há um tempo. Isso é gostoso sabe, ver o quanto eles gostam de mim! Atravessando o pátio, depois de esbarrar em vários pais e mães e avós aflitos, identifico a fila do sexto ano B: os mais baixinhos ao redor, todos com olhos brilhantes e um pouco assustados (é a primeira vez que fazem fila no pátio superior, junto com os alunos mais velhos).

A vice diretora Ângela dá as boas vindas a todos, seguida de alguns recados importante e deseja uma boa aula a todos. As salas ficam trancadas nos intervalos entre as aulas, então todos do sexto ano B aguardam meu sinal para que se dirijam à sala de aula. Eu dou a chave na mão do primeiro menino da fila, mais pequeno que os demais, e peço que ele vá abir a sala para nós, ao que ele sai correndo. Assim que ele abre, peço às meninas para que se dirijam para a sala e depois, aos meninos. Entramos na sala, cada um escolhendo seu lugar. Me dirijo até a minha mesa e coloco minha mochila. Aguardo alguns minutos, enquanto eles se ajeitam na sala.

Assim que todos se acomodam, dou as boas vindas e me apresento. Essa é uma hora bem importante: não posso sorrir demais, senão eles não me levam à sério, e nem ser muito brava, senão eles podem ter uma má primeira impressão. É necessário ter um equilíbrio: nem muito boazinha, nem muito má. Depois que eles me conhecerem melhor, posso começar a brincar com eles, a sorrir mais. Ser eu, na verdade. Esse primeiro mês com o sexto ano é uma espécie de aproximação, de conhecer hábitos, ver como eles reagem a mim, como se comportam. Nas demais turmas eu sou eu mesma, brinco bastante, converso bastante com eles, porque eles já me conhecem, já sabem quais são os combinados, sabem como é o gosto de trabalhar. O 6º B ainda não sabe, ainda não me conhece. Tudo é novo para eles: um professor para cada componente curricular, várias trocas de professores em um mesmo dia, vários trabalhos para serem entregues no mesmo período. Sabe como é, eles demoram um pouco para entrar no ritmo, e se eu não tiver o controle da turma logo, esse processo de adaptação pode ser bem difícil, tanto para eles quanto para mim.

Após a apresentação, pego a lista nominal e começo a chamar um por um, para cochecê-los. São 41 alunos matriculados ao todo, mas hoje não vieram todos. Meu Deus! O dia que a sala estiver completa, será um inferno! Quem foi que colocou 41 alunos na mesma sala? Essa pessoa nunca entrou numa sala de aula, só pode! Nesse calor, ninguém vai conseguir respirar! Eles mal vão caber em cinco fileiras, gente!

Ignorando minha descrença, começo a chamar os nomes.

-Ana Júlia?

Uma menina morena, de cabelos longos, logo na fileira próxima à porta, terceira carteira, abre um sorriso e levanta a mão.

-Você já estudava aqui na escola, Ana Julia?

-Sim professora, desde o pré!

-Legal! E você gosta de Matemática? Pode falar a verdade.

-Eu até gosto, mas não sou muito boa. Eu demoro entender. – ela abaixa a cabeça.

- Eu também demoro a entender as coisas, às vezes. Fico perdidinha!

Ana Júlia volta a sorrir e eu devolvo com uma piscadela.

- Andrieli?

-Aqui professora! - responde uma menina de olhos verdes logo à minha frente, na fileira do meio.

-Oi Andrieli! Você já estudava aqui na escola? Gosta de Matemática?

-Eu gosto muito de Matemática, professora, e eu estudo aqui na escola desde o quinto ano.

-Ah, que legal! Danilo?

-Tô aqui professora! – levanta a mão o menino que abriu a sala para nós. Ele é bem pequenino, parece ter menos de 10 anos.

-E você Danilo, estuda aqui há quanto tempo? Gosta de Matemática?

-Olha professora, eu não gosto de Matemática não. E eu estudo aqui na escola desde o pré também.

-Ah sim. Mas você não gosta por quê?

- Eu acho muito difícil. Não consigo entender muito bem.

- Mas nisso a gente dá um jeito! Vamos trabalhar para que você entenda! – Danilo ri. – Agora o Evandro. Está aqui?

- Presente, professora! – responde um menino alto, lá do fundo da sala.

- E você Evandro?

- Eu gosto muito de Matemática, é minha matéria preferida. Eu sou muito bom também, tenho facilidade de aprender Matemática!

- Que bom que você gosta! Vamos nos divertir esse ano! – Percebo que alguns alunos reviram os olhos, ao que Evandro abre um sorriso. Acho que encontrei o sabe-tudo da turma!

Continuo a chamada e, a cada nome, começo a conhecer cada rosto, cada voz e me esforço para já começar a decorar seus nomes.

-Lauanny?

-Aqui professora! - diz a menina que está à minha esquerda.

-Oi Lauanny! E você, o que acha da Matemática?

-Professora, eu gosto muito de Matemática e das outras matérias também! Só não gosto muito de História. Quero ser professora quando eu crescer!

-Olha só, que ótimo! Já sabe do quê?

-Acho que vou fazer pedagogia, como minha mãe. Minha mãe é a professora Joyce!

-Sim, eu sei. Neta da Dona Eva. Sabia que a sua avó foi minha inspetora?

-Sei sim, ela já me contou!

- Pois então, gosto muito de sua avó! E você estuda aqui faz tempo?

-Sim, desde o pré. Eu estudava alí na creche antes. A maioria aqui da sala estudou junto desde o pré.

-É mesmo? Eu já desconfiava disso. Quem aqui não estudava na escola antes?

Cinco meninos levantam a mão. Pergunto seus nomes e eles me respondem um pouco sem jeito. Normal, todos olham para eles quando eles falam, devem estar com um pouco de vergonha. Crianças nessa idade geralmente não gostam muito de conversar com professores. Pergunto de onde vieram e se gostam de Matemática. Eles vieram de outros bairros e não gostam de Matemática. Já esperava por isso também. A maioria não gosta mesmo, acha difícil e chata. Dou as boas vindas e continuo a lista nominal.

-Sérgio?

Todos começam a rir no exato momento em que digo o nome. Hum, lá vem!

-Aqui, presente professora! – diz um menino pequeno e moreno, sentado com os pés em cima da cadeira, logo na fileira da parede à minha esquerda.

-E você, Sergio? O que acha da Matemática.

-Vixe, professora.

-O quê?

-Eu não acho nada não! – os outros voltam a dar risadinhas.

-Deixa eu adivinhar: você não gosta, não é?

-Acertou! Acho um negócio muito chato. – diz ele, apontando um lápis.

-Ele não gosta de nada professora. – diz Lauanny rindo.

-É, ele gosta é de bagunçar! – diz Evandro, ao que Sérgio e os demais caem na gargalhada.

Eis o danado da turma!

-É, bagunçar é bom mesmo. Mas tem que ser na hora certa, né Sérgio!

- Sim, senhora! - ele abafa uma risadinha e os outros riem juntos.

Bom, pelo jeito o Sérgio é o danado da turma e os outros gostam dele. É sempre assim, os danados são queridos pela turma. Nós professores é que penamos com eles! Mas confesso que, pra mim, que um danado dá a graça na turma, faz as aulas serem diferentes a cada dia.

Termino a chamada e faço uma listagem mental: dos que estão aqui hoje, todos parecem estar na idade escolar certa, tirando os repetentes. É, tenho cinco repetentes, infelizmente. Eles não estavam alfabetizados ao final do ano letivo de 2017, e em conselho, decidimos retê-los. É triste? É. É desanimador? É. Mas o que poderíamos fazer? Eles não sabiam ler nem escrever, e não conseguiam somar e subtrair. Tentamos de tudo no ano passado: reforço no contra turno, eu mesma, mesmo sendo de Matemática, a cada aula sentava com eles e tomava leitura, enviava textos, enviava atividades de revisão das operações. Procurei materiais de quarto e quinto ano. Foi uma força tarefa entre os professores mas não conseguimos solucionar o problema. Você deve estar se perguntando: mas como eles chegaram no sexto ano? Ninguém sabe. Bom, na verdade a gente sabe sim. A pressão por aprovação em busca de manter o índice escolar alto em avaliações externas em troca de recursos financeiros, leva à aprovação em massa, mas isso é uma outra história, que nem eu e nem você vamos conseguir resolver tão cedo.

Eles estão aqui na sala hoje. Já se nota que não estão na idade certa, estão grandes demais. É triste e eu me sinto como se tivesse falhado como professora, afinal não consegui auxiliar aqueles que mais precisavam de mim. Impotência é o nome para o que sinto nesse momento. Mas espero que nesse ano as coisas mudem, tomem outro rumo e que eu consiga motivar esses meninos.

Converso um pouco mais com a turma, faço os combinados de início de ano letivo (sabe como é, quando ir beber água e ir ao banheiro, a importância das tarefas e atividades em sala, avaliações escritas, trabalhos), mostro o horário de aulas do sexto ano e peço que

anotem em seus cadernos e começo com uma pequena atividade de sondagem. Alguns exercícios com as quatro operações, para sentir em que nível a turma se encontra. Essa sondagem leva por volta de duas semanas, então já começo hoje senão o primeiro bimestre fica muito curto. Tempo é essencial pra mim, quanto mais melhor. Infelizmente, sempre temos menos tempo do que gostaríamos. Coloco as atividades no quadro e peço para que copiem em seus cadernos. Trazer a atividade impressa faria com que eu ganhasse tempo, porém, no sexto ano, eu preciso ver a caligrafia dos alunos. Alguns tem a caligrafia tão ruim que a gente não consegue entender nem uma letra, então, para que eu possa identificar esses casos e depois possa tentar resolver isso, eu peço que eles copiem do quadro.

O restante da aula transcorre sem problemas, com uma conversa baixa e amigável entre os alunos, com vários me chamando para tirar dúvidas em seus lugares. Percebo que, no geral, a turma parece ser boa, com a maioria conseguindo realizar corretamente as quatro operações. Isso me causa uma pontinha de estranhamento: na semana pedagógica, aquela que precede a volta às aulas, Ivone me alertou que essa turma seria muito fraca de conteúdo e sem limites. Isso porque no ano anterior, houve uma intensa mudança de professores na turma, após o Francisco se aposentar (Francisco era o professor do quinto ano, há muitos anos na escola). A turma teve que lidar com cinco professores diferentes no decorrer do ano. Quando estavam se acostumando com o jeito de um, havia a troca e eles tinham que recomeçar toda a adaptação novamente. Deve ser bem ruim para os alunos, essa falta de continuidade.

Faço uma anotação mental para pensar mais sobre isso depois. Assim que todos terminam, faço a correção dos exercícios no quadro e olho no relógio: faltam 10 minutos para o final da aula. Vou até minha mesa e pego na mochila a sacola com as lembrancinhas que preparei. É, eu sei. Uhum, sei que não é comum. Mas eu gosto de fazer! Todo ano eu faço lembrancinha de início de ano, de despedida para as férias, de retorno, de dia da criança, de dia do estudante. Eu faço. Esse ano montei um saquinho com doces para cada um junto com uma mensagem de boas vindas. Pego a sacola e digo que foi muito bom conhecê-los e que espero que sejamos parceiros e começo a entregar. Eles ficam tão felizes! A carinha de alegria é um presente para mim. E sim, eu faço com todas as turmas, até com o nono ano. Eles só tem cara de grandes, mas na verdade são tão crianças quanto esses daqui. Assim que termino de entregar os doces a cada um, o sino toca e eles saem correndo. Volto à minha mesa, guardo meus materiais, saio da sala e tranco a porta.

Enquanto cruzo o corredor até a sala dos professores penso: “Esse foi um ótimo início! Acho que vamos nos dar bem, como sempre. Os sextos anos são sempre uns amores!”.

Doce ilusão.

Dois meses depois...

O que é isso que estou vivendo? Meu Deus, é um caos total. Não sei mais o que fazer, não sei mais como agir, não sei mais que estratégias usar. Já tentei ser a legal, já tentei ser a bruxa, já tentei ignorar e fingir que não me importo com esse barulho infernal, mas nada resolve!

Eu odeio essa turma. Odeio de verdade, com todas as minhas forças. Essa turma tem algo de errado, só pode! Há semanas eu tento conversar com eles, conhecê-los, mas eles não deixam, só querem gritar, falar alto, brigar uns com os outros. Só tenho uma palavra para eles: selvagens.

Esse foi o pior 6º ano que eu já peguei na vida! Eu amo os sextos anos, são sempre a melhor turma para mim. Adoro o fato de eles ainda serem crianças e se permitir serem crianças, serem afetuosos. Tudo que a gente propõe para um 6º ano eles topam e, com alegria, se empenham. Eu sempre achei estranho os professores que não gostam do 6º ano, que dizem que eles são péssimos, muito infantis e bagunceiros. Nesses anos em que dou aulas, só tive sextos anos maravilhosos! Tive 6 sextos anos até hoje, 5 foram incríveis, tudo o que já falei, mas esse 6º B desse ano veio para eu pagar minha boca. Que turma horrível!

A primeira semana foi ótima. Eles me pareceram tão lindos, tão comunicativos. Jamais imaginei que aquela linda turminha, na verdade, era essa: terrível, intratável.

Já tentei de tudo para tentar ser ouvida nessa turma e nada funcionou. Eles não param de falar um minuto. E conversam entre todos, do que está na frente até os que estão no fundo da sala. Sério, quem está na frente, grita com quem está no fundo da sala, como se estivessem conversando lado a lado. Há 2 meses que saio rouca dessa sala. Sorte que sempre tenho os dois últimos tempos, senão não conseguiria dar aula para as outras turmas. Além da rouquidão tem a dor de cabeça, que começou junto com a perda da voz, devido ao volume alto do barulho que eles fazem.

Resumindo: eu não consigo dar aula para essa turma. O que consigo fazer é por meio de grito e ameaça. Isso está acabando comigo! Eu não trabalho assim, não sou a professora estilo bruxa terrível que só amedronta alunos. Eu gosto de conversar com eles,

de ouvir o que eles dizem, de discutir com eles o que eles pensam, de propor atividades divertidas, de brincar, mas com esse 6º ano nada disso funciona, porque eu não consigo propor nada! É frustrante!

Eu entro em cada aula toda sorridente, na esperança de que hoje dará tudo certo. Meia hora depois já me vejo irritada, brava, descabelada, sem paciência e gritando para todos fecharem as bocas. Às vezes, quando já estou sem voz, bato a porta com força para tentar fazer com que eles fiquem quietos por um minuto, pelo menos.

No início eu pensei que eu tinha perdido o jeito para lidar com alunos do 6º ano. Fiquei com medo de estar me tornando o tipo de professora que eu nunca quis ser, a megera. Comecei sondando a Joyce, que está na sala e vê todas as aulas e o que ela me disse bateu com o que meus outros colegas disseram: para meu alívio descobri que todos estavam passando pelo mesmo que eu. “Relaxa, que não é com você. Eles são assim em todas as aulas”, me informou Joyce, a professora assistente do 6º ano. “Um bando de capetas”, me disse o professor de Educação Física. “Todos sem educação”, me disse a professora de Inglês. “Alí, só ameaçando o tempo todo”, escutei da professora de Língua Portuguesa.

Nas duas últimas semanas desisti de tentar propor atividades interessantes. Agora é só quadro e caderno, exercício, exercício e exercício. Tento deixá-los ocupados o tempo todo, para que não tenham tempo de fazer baderna, mas mesmo assim, eles bagunçam o tempo todo! Eu não me incomodo que os alunos conversem, nunca me incomodei. Acho que não é humano exigir que crianças de 11 anos fiquem sentadas por 4 horas sem falar com ninhuém. Nunca me importei que conversassem ou dessem uma voltinha pela sala, mas com essa turma é diferente, o barulho é ensurdecador, TODOS gritam ao mesmo tempo, além de implicarem uns com os outros e brigarem entre si. Eu passo minhas duas horas de aula evitando que eles se ataquem fisicamente, que se ofendam. É desgastante.

Eu sempre gostei de organizar a sala em grupos, pode ser em duplas, trios, quartetos. Das coisas que já estudei e das experiências que já tive, o trabalho em grupo é mais proveitoso, além de divertido. Logo nos primeiros dias, eu, toda confiante de que seria uma prática de sucesso, falei: “Pessoal, vamos formar duplas, vocês podem escolher seus parceiros. Vamos jogar um domínó da Adição e Subtração”. Era uma ideia para retomar as quatro operações básicas de um jeito que eles se interessassem. Até hoje me arrependo dessa decisão. Foi... terrível. Pior do que as aulas em que estão sentados sozinhos. As duplas começaram a se xingar, jogavam as peças dos dominós uns nos outros, alguns rasgaram as peças que eu levei horas recortando, colando no papel cartão

Luíza

e plastificando. Uma confusão generalizada. No meio da aula eu desisti, pedi para voltarem à formação original e dei aquela bronca. Não era possível continuar com a atividade, pois teve um momento em que a professora que estava na sala vizinha veio pedir para que eles falassem mais baixo, pois estava atrapalhando a aula dela na outra turma. E a porta estava fechada. Das duas salas. Eu queria sumir de vergonha...

Ainda tentei organizar a turma em grupos outras vezes, sempre na esperança de que naquele dia seria diferente, mas a situação se repetia. Até que um dia, falando sobre isso com meus colegas, Keila, a professora de Língua Portuguesa, me disse: “Eu só deixo eles enfileirados e chamo atenção o tempo todo, não deixo abrirem a boca. Só assim que consigo dar aula. Eles não sabem conviver, Luíza.” Depois desse dia, para meu próprio bem, comecei a fazer o mesmo. Não adiantou quase nada, mas pelo menos eu me irrito um pouquinho menos.

O problema mesmo é que eu odeio isso. Eu não sou assim, eu não gosto de trabalhar assim. Eu gosto de inventar, de tentar coisas novas, de fazer com que eles se envolvam com as aulas. Essa situação me deixa muito triste. Às vezes, penso em deixar assim para sempre e continuar meu trabalho normalmente com as outras turmas, mas isso me incomoda demais. Eu sei que é burrice, mas eu vou tentar outras vezes, quem sabe em algum momento funcione e eu consiga capturar a atenção deles.

3. ATÉ QUANDO?

Sexto ano e parece que ainda estamos no quinto. Esse pessoal não cresce, não amadurece, eu hein. Eu gosto do clima da sala, mas na maioria dos dias é um estresse só. Não posso falar nada que já vem a Júlia falar mal de mim para os outros. Garota chata, se acha a melhor, mas não é coisa nenhuma.

Bem, eu sou a Lauanny, acabei de fazer 11 anos e estudo no sexto ano B, da escola Irmão José Raposo Filho. Essa nossa turma é bem difícil viu, tanto pra nós que estudamos nela todos os dias, quanto para os professores que dão aula pra gente. Na primeira semana de aula eu pensei que havia acontecido um milagre, porque estava todo mundo comportado, todo mundo respeitando os professores, nem havia briga entre a gente! Eu senti, naqueles dias, que tínhamos uma esperança de tudo ser diferente nesse ano, mas me enganei. Já estamos em maio, no segundo bimestre, e nenhum professor gosta da gente. Eles entram aqui de cara fechada, não brincam, não conversam com a gente. Tem alguns que nem respondem as perguntas que fazemos. Mas eu sei que não é culpa deles, eles estão de saco cheio da gente. Se até eu estou de saco cheio de nós mesmos, imagina eles!

A gente briga. Briga MUITO. Muito mesmo. A gente discorda uns dos outros por bobeira, só pra implicar. Eu me coloco no meio disso também, porque como todo mundo briga, eu acabo brigando também. Eu não costumo levar desaforo dos outros de boca fechada. É isso aí, se falam algo pra mim e eu não gosto, eu devolvo na mesma moeda. Então quando a Júlia fala alguma coisa na aula, eu acabo provocando ela logo depois, não vou com a cara dela mesmo!

Eu sou boa aluna. Muito boa mesmo. Minhas notas não são menores do que 9, e eu entendo com facilidade os conteúdos que os professores nos ensinam. Gosto da escola, gosto muito de estudar, gosto de todas as disciplinas. Tá bem, não gosto muito de História e o professor desse ano é meio estranho. Ele só passa filme e depois dá a prova, sem explicar nada. E o mais estranho: ele dá a revisão de conteúdo com as questões da prova! E ainda corrige! Eu não acho isso certo. Minha mãe é professora e ela não faz essas coisas. Os outros professores também não fazem isso. Mas quem sou eu pra reclamar? O pessoal até gosta que não precisa estudar para as provas de História. Eu não gosto, mas eles gostam, então não tem nada o que fazer.

Eu quero ser professora quando eu crescer. Eu quero ser pedagoga, igual a minha mãe. Ah, a minha mãe, ela está aqui na sala agora. Ela é a professora da Jéssica. Sabe, a Jéssica tem necessidades educacionais especiais e minha mãe é a professora que auxilia ela a fazer as atividades e a estudar. A Jéssica não fala como a gente. Ela fala, mas do jeito dela. Eu gosto demais dela. Nós todos gostamos muito dela, estamos juntos desde a pré escola. A Jéssica é muito inteligente e engraçada, pena que alguns professores não percebem isso, alguns nem olham para ela. Eu e ela conversamos por meio da linguagem dos sinais. Minha mãe me ensinou, então a gente conversa. Ah e graças a isso, eu também consigo conversar algumas coisas com minha mãe sem ninguém perceber. É complicado ter sua mãe na sala em que você tem aulas, sabe. Os outros alunos acham que ela me protege e que os professores gostam de mim por causa da minha mãe, mas não é isso o que acontece. Minha mãe não interfere em nada na aula. Se algum professor chama minha atenção, ela nem levanta o olhar para ver o que aconteceu. Ali na sala, minha mãe é a professora Joyce, professora auxiliar da Jéssica e só. Mas meus colegas gostam de implicar comigo. É bem chato.

Meus colegas são legais e chatos ao mesmo tempo. Por exemplo, o Sérgio e o Giovani são chatos quando passam dos limites, mas são legais, são engraçados quando estão numa boa. O Giovani é meu amigo, a gente conversa bastante, mesmo quando ele fala bobeira pra mim, ainda assim ele é meu amigo.

O João Carlos, a Ana Júlia, a Andrieli e a Laura são legais com todo mundo. O João é meio nervoso quando alguém implica com ele, a Ana Júlia gosta de uma boa fofoca, a Andriele é bem parecida comigo e às vezes a gente se estranha, mas somos amigas. A Laura é muito tímida, ela quase não fala com a maioria do pessoal, mas comigo ela conversa.

Alguns de nós são bons em Matemática, como eu, a Andrieli e a Laura, outros até gostam, mas não são tão bons, como a Ana Júlia e João Carlos. A Ana Júlia gosta muito da aula de Artes, adora desenhar. Eu não gosto muito. A Laura gosta de tudo.

O Giovani é repetente. Ele é bem maior do que a gente e ele não liga muito para aprender. O negócio dele é brincar. O Sérgio vai na onda dele, mas quando sossega um pouco, ele é bem esperto.

Mas enfim, estamos aqui agora, depois do recreio. O pessoal está muito agitado. Depois do recreio é o nosso pior momento, porque a gente correu e brincou muito, então ainda estamos com muita energia e com muito calor. É a aula de Matemática, com a professora Luíza. Eu gosto dela, gosto muito. Ela é legal, é engraçada. Pena que ela não

pode ser legal todo dia. A professora Luíza é uma das melhores professoras que temos. Ela explica muito bem, fala com a gente de igual pra igual. Bom na maioria das vezes, quando ela pode. Acontece que ninguém deixa ela falar. Quando ela está explicando, ela precisa gritar, ser bem brava com a gente, senão ela não consegue falar, ninguém escuta. Eu que sento na primeira fila, mal consigo escutá-la quando o pessoal tá impossível, imagina quem está lá no fundo! E não é porque ela fala baixo não, ela fala bem alto, mas na maioria das aulas precisa gritar pra quem está no fundo conseguir escutar o que ela diz. Nas duas últimas semanas ela apareceu com um microfone e uma caixinha de som, ela fala por ali para tentar fazer a gente escutar o que ela diz.

É visível a mudança que acontece com ela no decorrer das aulas. Ela entra em nossa sala com um sorriso enorme, fala com a gente, dá boa tarde, faz uma brincadeirinha. E aí o pessoal começa a fazer bagunça. É sempre o Sérgio e o Giovany quem puxam a bagunça. Eles não conseguem se controlar. O Giovany senta do meu lado direito e o Sérgio, do meu lado esquerdo, bem na frente. Os professores colocaram eles ali pra ver se eles melhoram o comportamento, mas não adiantou muita coisa. Só piorou na verdade, porque até a turma da frente da sala entrou na bagunça.

Mas voltando á professora Luíza: já são três e meia e ela já mudou de expressão. Toda a simpatia sumiu do rosto dela, toda disposição de conversar com a gente desapareceu. Daqui uns trinta minutos ela vai ficar rouca. Sério, de tanto gritar para ser ouvida, em todas as aulas, ela fica rouca no final, mesmo com esse microfone. No começo o pessoal achou legal e até que falava mais baixo, agora já está a gritaria de sempre. Ela vai começar a explicar o conteúdo agora, tomara que hoje seja diferente. Ela está na frente da sala, bem no meio do quadro, tentando ser vista e esperando que a gente faça um pouco de silêncio para ela conseguir explicar o que vamos estudar hoje.

-Pessoal, vamos prestar atenção um pouquinho agora? – diz a professora alto. A conversa continua e ela repete a pergunta um pouco mais alto.

-Giovani, você pode prestar atenção em mim agora, por favor? Vou explicar o que vocês precisam fazer hoje, então se você puder colaborar eu agradeço. Depois você volta a bagunçar.

-Tá professora, vou ficar quieto então. – diz Giovani, enquanto disfarça um sorriso. Ele não vai ficar quieto nem dois minutos, se eu o conheço bem.

A professora volta a falar:

-Então, hoje vocês vão fazer um mosaico usando apenas polígonos. Nada de usar figuras que não sejam polígonos. O que é um polígono mesmo?

- Uma figura geometrica fechada com lados retos. Não tem curva! - digo rapidamente.

- Isso mesmo, Lauanny, não pode ter curvas e tem que ser fechada. Quem sabe o que é um mosaico?

- É uma arte feita de vários pedaços, não é professora? - diz Evandro lá do fundo. Droga, eu ia responder mas ele foi mais rápido do que eu...

-Isso mesmo, Evandro! É um tipo de desenho no qual o decoramos, colorimos, com pedaços de coisas. Geralmente os artistas usam vidro, pedras e outros materiais para preencher o desenho, mas eu já ví lindos trabalhos feios com E.V.A. Vocês já viram as janelas de algumas igrejas, que mostram as imagens de santos e de anjos, formadas por pedaços de vidro?

A turma responde que sim. Bom, por enquanto está tudo indo bem na aula. Acho que é porque a professora falou que vamos fazer desenho. A gente ama fazer desenhos e outras atividades diferentes. Apesar dela ficar brava e rouca todos os dias e de ameaçar não fazer nada de legal nas aulas, a professora Luíza não consegue. Ela sempre traz algo diferente pra gente fazer. No começo do ano ela trouxe um dominó sobre as quatro operações, mas o pessoal fez tudo errado e acabou com a aula, como sempre. Começou bem legal, todo mundo envolvido, jogando, pensando e fazendo as contas e competindo, até que os meninos começaram a incomodar os grupos, jogar as peças nos outros, e aí a briga começou e junto a bagunça. A professora recolheu os dominós, tirou a gente dos grupos, colocou nas fileiras um atrás do outro e encheu o quadro de atividade. E ela falou bem brava, que enquanto nós não aprendessemos a trabalhar em grupo, ela não iria mais propor atividades como aquela. Nas aulas seguintes, ela ainda tentou, com outros jogos, como o tiro ao alvo, mas de novo, começou bem e depois desandou. Sempre pelo mesmo motivo: a briga entre nós, nossa implicância uns com os outros.

-Então, aquelas janelas são exemplos de mosaico – diz a professora, me trazendo de volta para a sala de aula. – Eu vou mostrar para vocês um trabalho que uma aluna minha fez há alguns anos atrás. Ficou bem legal, por isso eu guardei. É só para vocês terem ideia de como é a nossa atividade. Vocês vão fazer algum desenho, pode ser de animal, de paisagem, de carro, o que vocês quiserem, porém vocês só podem usar polígonos nesse desenho. Depois de feito o desenho, vocês vão pintar e inserir uma legenda: uma cor só pode ser usada para colorir um tipo de polígono. Por exemplo, se você desenhou vários quadriláteros, você vai ter que escolher uma só cor para pintar todos os quadriláteros.

-Prô, mas e seu desenhar quadrados e losangos e retângulos? Eu vou pintar todos da mesma cor? Mas eles são diferentes! – pergunta o João Carlos.

-Boa, João! Se você for diferenciar os quadriláteros por suas características internas, você pode usar cores diferentes. Por exemplo, vermelho para todos os quadrados e verde para todos o losangos. Mas às vezes você não está se importando com essas características, e sim está pensando que todos tem quatro lados, então são todos quadriláteros. Se for esse o caso, você pode pintar todas da mesma cor, mas na sua legenda, vai aparecer quadrilátero, e não losango ou quadrado ou retângulo.

-Entendi, prô! O mesmo vale se eu desenhar trapézios e paralelogramos, né?

-Isso mesmo, João! Se for classificar como paralelogramos e trapézios use cores diferentes. – diz a professora. – Só se lembre que o quadrado, o losango e o retângulo são paralelogramos.

Boa pergunta essa do João Carlos, hein! Ele está melhorando aos poucos, apesar dessa bagunça da sala que não deixa a gente pensar direito. Mas ele está mais confiante, ele pergunta mais. O João é bem tímido e tem muita dificuldade para aprender as coisa, sabe, mas ele se esforça bastante.

A professora Luíza vai até a mesa dela e abre uma pasta, e pega uma folha.

-Aqui pessoal, esse foi o desenho que uma aluna minha fez e me deu. Não foi o que ela fez no dia da atividade, foi outro que ela fez depois. Ela gostou de fazer mosaicos usando figuras geométricas.

Na mão da professora estava uma folha sulfite toda preenchida com um desenho lindo: era uma moça indígena, com um vaso na cabeça, mas era toda feita de formas geométricas. A pessoa que desenhou escolheu cada figura e pensou no que era cada uma delas antes de pintar, para que formassem um todo fluido, harmonioso. Fiquei encantada com o desenho, e o resto da turma também. Depois de nos mostrar a frente do desenho, a professora mostrou o verso, onde a tal aluna havia feito a legenda com os tipos de figuras que usou no desenho.

-Olha só pessoal, aqui, a Rebeca, é o nome dela. A Rebeca usou figuras que não são polígonos, como os círculos para fazer os olhos. Mas aqui na legenda tem, olha, e ela pintou de verde. No caso da nossa atividade, vocês não podem usar figuras quaisquer, apenas polígonos. Entenderam?

-SIM! – responde a turma

-Ótimo! Vou mostrar para vocês agora, um artista brasileiro chamado Romero Britto. Ele faz quadros super coloridos usando muitas figuras geométricas. Vou mostrar

algumas obras dele para vocês, para vocês terem ideias. Primeiro vou distribuir as folhas. Aqui tem lápis de cor, giz de cera, canetinha, réguas para vocês utilizarem. Podem pegar aqui na minha mesa, mas um por vez! Pega a cor que você quer, usa e devolve, aí você pega outra. Combinado? – diz ela, quanto tira de sua enorme sacola vários desses materiais e os coloca sobre a mesa. Ela sempre anda com uma mochila e uma bolsa gigante.

-Professora, posso entregar as folhas? – pergunta a Ana Júlia. Ela é minha amiga, mas senta muito longe de mim, que pena.

-Eu vou entregar Ana Júlia, senão você já sabe o que vai acontecer. – a professora lança um olhar bem sugestivo para a sala toda: vai dar problema.

A professora entrega uma folha para cada um de nós e, em seguida, passa em cada mesa mostrando as obras do Romero Britto em seu celular. Eu já conheço ele e gosto muito das obras dele. Eu vou fazer um gato todo de polígonos. Isso aí! Ao meu redor, o pessoal começa a falar o que cada um vai fazer, de que cor vai pintar, que figuras vai usar. Por enquanto a conversa está moderada, normal. A professora Luíza não se incomoda de a gente conversar, o que deixa ela muito brava é a bagunça que vem logo depois da conversa. Tomara que hoje a sala coopere, porque a aula está bem legal, a professora ainda está de bom humor.

-Professora, a gente pode fazer dupla? – pergunta a Andrieli lá do fundo.

-Hum... - a professora está pensando na pergunta. Ela olha ao redor, pesando os prós e contras de permitir que a gente faça as duplas. Contamos os segundos enquanto ela não responde. – Tá bom, podem fazer. Mas façam com quem está próximo de vocês. E se começar a virar bagunça, acabou a dupla!

Nesse momento todo mundo solta o ar, pois estávamos segurando a respiração esperando a professora decidir. Logo no começo do ano, ela pedia que a gente sempre fizesse duplas, até que tudo desandou. A gente se envolvia mais na bagunça com as outras duplas vizinhas e esquecíamos de fazer a atividade do dia. Até eu entrava na bagunça... Aí a professora mais resolvia brigas do que explicava o conteúdo do dia. Mas na hora que a ela autoriza as duplas, a turma toda se levanta e começa a arrastar as mesas. A professora faz cara de desanimada, claramente arrependida de ter autorizado, afinal a bagunça já começou. Ela não costuma mudar de ideia durante a aula, ela segue as instruções que nos dá, seguindo até onde é possível, só quando tudo sai do controle e ela não aguenta mais é que ela suspende a ordem do dia. Geralmente ela nos coloca em fileiras e enche o quadro e grita até a gente sossegar um pouco. Nesse momento, a gente

vê que passou do ponto, até o Giovani e o Sérgio percebem isso, e ficam quietos. Por isso a gente sabe que, se ela mudar de ideia, acabou. Ela cumpre o que fala. Mas isso sempre acontece no final da aula, quando a professora já tentou de tudo para ajeitar as coisas e não deu certo. Ela grita com a gente, mas nunca desrespeita ninguém. Não sei como ela consegue, se fosse eu já tinha xingado todo mundo!

Faço dupla com a Ana Júlia. A conversa continua, num tom bem alto, mas quando eu olho ao redor, vejo que, por enquanto, todos ainda estão concentrados na atividade. A professora está andando pela sala, tirando as dúvidas do pessoal e dando dicas de desenho para quem ainda está indeciso sobre o que desenhar. Começo a desenhar meu gato. Não é tão simples quanto imaginei. Preciso escolher os polígonos com cuidado, como a professora falou, senão na hora de pintar vai ficar feio demais. Minha mãe me olha e diz para eu começar com uma cabeça quadrada, mas não quero. Finjo que não ouvi e ela volta a conversar com a Jéssica. Acho que vou fazer uma cabeça com seis lados, um hexágono que se chama. Isso! Mas aí o corpo também tem que ter seis lados, senão vai ser uma gato colorido...

Enquanto eu me concentro no meu desenho, escuto a professora ralhando com alguém. Olho ao redor para identificar o bagunceiro da vez e vejo a professora falando duro com o Guilherme. Ah o Guilherme... Ele é bem pequeno, mas provoca a gente e finge que não fez nada. Ele gosta de provocar falando baixinho, xinga a gente, chama de nome feio e fica rindo, e quando a gente enfrenta ele, ele se faz de inocente. A professora já conhece ele. Só pelo jeito dela falar com ele dá pra ver que a ela ele não engana. Ele provocou o João Carlos. Sorte dele que o João não estourou, senão a aula de hoje estava acabada. O Gabriel já foi lá, fingindo pegar o apontador emprestado, mas na verdade ele foi ver se o João Carlos está bem. É que eles são irmãos e o Gabriel conhece o irmão que tem...

Volto ao meu trabalho e continuo, até que consigo fazer meu gato. Chamo a professora para ver meu desenho.

-Está muito bom Lauanny. Só que agora faça um fundo. Olha só, um mosaico precisa ser todo preenchido, então você precisa preencher a folha com uma paisagem, com um fundo, para que seu gato não fique flutuando na folha. O que você acha? - me diz ela, enquanto me mostra uma tela do Romero Britto.

- É mesmo prô! Sem o fundo vai ficar muito sem graça, só o gato no meio da folha. Vou arrumar!

A professora continua a atender meus colegas e eu continuo meu trabalho. Percebo que a cada momento, a conversa aumenta e a professora começa a pedir pra gente diminuir o tom. Escuto ela falando os nomes do Giovani, do Sérgio e do Guilherme de novo. Ah meu Deus, faça com que hoje eles não estraguem tudo!

Começo a pintar meu desenho e fazer a legenda. Olho no relógio, já são quatro e vinte. Será que dá tempo de terminar? Vou me apressar! Quero terminar hoje e entregar hoje. Não gosto muito de levar tarefa para casa. Como eu termino minhas atividades rápido, sempre consigo fazer as tarefas na escola. Só quando não dá tempo mesmo é que deixo para fazer em casa. Tomara que hoje eu não precise levar pra casa para terminar. Em casa eu gosto é de brincar, de sair, de passear, não de ficar fazendo tarefa.

Ao fundo, a professora volta a ralar com o Sérgio e com o Giovani. Eles estão longe um do outro, mas estão falando alto para se ouvirem, no meio da sala toda. Como eles gritam, os outros também começam a falar mais alto. Eles são legais, só exageram sabe. Até a professora ri com eles, das coisas que eles falam. O problema mesmo é que eles não tem limite. Ao meu lado, Ana Júlia, que até então estava concentrada em sua borboleta, reclama:

-Esses guris não calam a boca! Não consigo pensar direito com eles falando tão alto!

-Eu sei, incomoda né. Mas tenta ignorar. A professora está tentando dar um jeito neles, vai que dessa vez ela consegue. Sua borboleta está bem legal! – respondo.

-Obrigada! Só que agora que vem o problema! Vou precisar da sua ajuda pra pintar e fazer a legenda. Eu me confundo com os nomes desses polígonos.

-Sem problemas. Vamos fazer juntas. Você tem triângulos aí?

-A cabeça da borboleta é um triângulo. Acho que vou pintar de vermelho.

-Tá. As orelhas do meu gato são triângulos. Vou pintar de preto. Pinta os seus aí e já coloca na legenda que o triângulo é vermelho.

-Tô pintando!

E seguimos assim, trabalhando juntas. Às vezes a Ana Júlia tem umas dúvidas bem engraçadas. Coisas que pra mim são bem simples, são um verdadeiro pesadelo pra ela. Minha mãe me explicou, que as pessoas pensam diferente, a professora Luíza fala isso todo dia, que a gente aprende de modos diferentes, mas eu nunca tinha notado isso tão bem como agora. Pra mim os polígonos são naturais, os nomes fazem sentido, mas pra Ana Júlia são um verdadeiro mistério. Ajudo ela no que eu consigo e ela está indo bem!

Quando estamos quase terminando nossos desenhos, a professora já está de cara amarrada, mal responde quando alguém pergunta algo. Ela já brigou muito com os meninos e não conseguiu resultado, a cada minuto ela fala mais alto e a bagunça já começou. Olho ao redor e vejo que quase ninguém está fazendo a sua atividade, estão em pé, em suas mesas, falando alto uns com os outros e rindo. A professora pede silêncio mais uma vez e nada. Então ela vai até a porta, abre e empurra a com toda a força. BAM!

Todos se assustam e o silêncio impera. A professora olha para nós e diz:

-Estou muito decepcionada com vocês. Mais uma vez, quando tento fazer algo legal, vocês não aproveitam, não cooperam. Essa é a última vez que trago uma atividade legal. A partir de hoje é só livro, caderno e lousa, um atrás do outro e de boca fechada. Vocês sabem que ninguém quer dar aula aqui? Que a conversa na sala dos professores é: eu não quero entrar naquele sexto ano B, são muito chatos.

Todos abaixam a cabeça, menos o Giovani e o Sérgio, que continuam dando risadinhas um para o outro. A professora já está bem rouca, a voz dela quase não sai mais. Ela ignora os dois e continua.

- E o pior é que é a sala toda que não sabe se comportar! Vocês reclamam do Giovani e do Sérgio, mas agem como eles! Eu sei que vocês gostaram da atividade de hoje, mas como eu posso continuar se vocês pararam de produzir e começaram a bagunçar, a gritar uns com os outros? Eu já resolvi umas quinze brigas aqui hoje, em meia hora! Uma implicação boba de um com o outro! Vamos ter mais respeito, mais responsabilidade! Só depende de vocês ter aulas mais legais. Falo pela aula de Matemática. Eu sei fazer uma aula legal, mas eu preciso de ajuda! Vocês são tão importantes quanto eu na aula. Mas por hoje chega, porque eu não sou obrigada a aguentar a má educação de vocês! Todos aos seus lugares, de boca fechada e terminando a atividade! Já!

Todos voltamos aos nossos lugares, empurrando as mesas e as cadeiras.. O silêncio dura só uns cinco minutos e logo tudo volta à bagunça de antes. A professora continua pedindo silêncio, para que a gente fale mais baixo, mas de nada adianta.

-Ei, vocês! CALEM A BOCA! – eu grito.

-Fica quieta você, filhinha de mamãe, sabe-tudo! – responde o Guilherme.

Tomo ar e sem pensar respondo:

-Cala a boca você seu esquisito. Ninguém gosta de você!

Me preparo para falar mais, porque quando eu entro numa confusão, eu entro de verdade, mas escuto a professora dizer baixinho, só para mim:

-Deixa prá lá, não vale a pena.

Olho para ela. Ela está com a aparência bem diferente da que entrou na sala. Toda a animação sumiu de seu rosto. Duas rugas se formam entre seus olhos e ela começa a massagear as têmporas: dor de cabeça. Ela sempre reclama de dor de cabeça. Só hoje que ela não falou, mas geralmente ela diz que a gente deixa ela sem voz e com dor de cabeça, todos os dias. Acho que agora ela desistiu, porque sentou. Ela nunca senta, ela está sempre tentando melhorar o clima na sala, tentando conter a bagunça, mas agora ela sentou e está olhando seu caderno, mas sem ver. Seus olhos não se mexem. Nesse momento, sinto pena da professora Luíza. Tão boa professora! A nossa turma não merece ela...

A professora olha seu relógio e olha para minha mãe e cochicha: “Faltam só quinze minutos!”, ao que minha mãe assente. Elas são amigas, a professora Luíza e minha mãe. Minha mãe foi no aniversário dela em março. Eu fui também, foi bem legal.

Eu e Ana Júlia entregamos nossas atividades. Logo depois o João e o Gabriel, depois o Evandro, a Júlia (Eca!) e os demais. Tem gente que não vai entregar hoje, mas geralmente a professora Luíza recebe depois. Ela sempre nos dá uma nova chance. Os minutos se arrastam, com a conversa muito alta ao nosso redor, até que o sinal para a saída bate. Pego minha mochila, que eu já havia arrumado, enquanto meus colegas saem correndo e vou até a professora, que está guardando sua enorme quantidade de materiais.

-Quer ajuda, professora? – pergunto, mesmo já sabendo a resposta que ela vai dar.

-Não, obrigada. Pode ir, querida.

-Prô, eu só queria que a senhora soubesse que a aula de hoje foi muito legal. Pena que os outros não sabem aproveitar.

Ela abre um sorriso e diz:

-Que bom que você gostou! Um dia, espero que os demais gostem também.

-Eles vão. Tchau prê, até sexta!

-Tchau Lauanny, até!

Saio correndo, procurando minha mãe. Ela sai antes, porque a mãe da Jéssica vem buscá-la dez minutos antes de bater o sino, para evitar a confusão que é a saída. Enquanto caminho em direção ao portão, penso no tanto que a aula de hoje foi legal e torço para que a professora não cumpra sua promessa de nunca mais trazer nada diferente. Que mais uma vez ela tente fazer algo de legal nas aulas com o a gente.

4. O ACIDENTE

Mais um dia de aula. Eu gosto da escola, gosto dos meus amigos, gosto dos meus professores. Geralmente.

Veja só, eu sou nervoso. Muito nervoso e esse é o problema. Por isso estou aqui na direção.

Às vezes eu perco o controle de mim. Na maior parte do tempo sou um cara legal, até doce, alguns dizem. Mas tem alguns momentos, aqueles momentos, que tudo muda. É como um apagão, sabe. Numa hora estou bem e depois, bum!

Começa devagar, uma leve irritação que cresce e cresce e aí o apagão. Sempre foi assim, desde que me lembro. Às vezes isso acontece em minha casa, outras na escola, outras na casa de meus parentes. Não consigo controlar, apenas acontece.

À propósito, meu nome é João Carlos, caso você queira saber. Estamos na aula de Matemática. Eu gosto muito, é minha disciplina favorita, mesmo que eu não seja tão bom. A professora é legal, ajuda a gente, explica de um jeito fácil. O problema é a gente mesmo. Somos muito bagunceiros. Eu assumo que também sou, de vez em quando. Sabe aquele dia que a sala está impossível, todo mundo falando alto, a professora gritando para ser escutada, brigando com a turma o tempo todo para tentar conseguir um pouco de atenção, cada um fazendo o que quer? Então, somos assim todo dia. Até que melhoramos um pouco no último mês, mas ainda nos empolgamos em alguns dias.

Hoje é um dos poucos dias em que estamos mais calmos e concentrados. Estamos fazendo atividade sobre frações equivalentes. É bem legal. Confesso que tenho um pouco de dificuldade, mas me esforço bastante. Olha só, eu tenho um tempo diferente para aprender, demoro um pouco mais que meus colegas. Veja bem, meu irmão estuda na mesma sala que eu. Ele reprovou. Eu sei que ele não gosta disso, de estarmos na mesma turma, e eu também não. É algo que faz com que as pessoas fiquem comparando nós dois, e isso é bem chato. Somos pessoas diferentes, temos algumas dificuldades mas tudo bem! Somos esforçados, eu mais que o meu irmão. A gente estuda junto e eu tento dar uma motivada nele, para não ligar para esse negócio de reprovação. Ele diz que não liga, mas eu sei que ele se sente mal por eu ter “alcançado” ele. Por isso eu puxo ele comigo, para ele não ficar pra trás. Às vezes nós dois não temos a menor ideia do que estamos fazendo, mas fazemos mesmo assim e depois, na aula, a gente pergunta para os professores. Bem,

eu pergunto né, porque o Gabriel morre de vergonha e esquece toda a explicação assim que o professor vira as costas pra ele.

Enfim, meu irmão é quem me segura, sabe. Quando ele percebe que estou saindo de controle, ele já me olha, com aqueles olhos grandes e diz “João!”, aí eu volto pra esse mundo. Ele está sempre atento ao que acontece comigo. No início do ano sentávamos perto um do outro, mas por causa da bagunça constante da sala, trocaram todo mundo de lugar para tentar melhorar as coisas, e eu e o Gabriel ficamos bem longe um do outro. Eu sento na segunda fileira próxima à porta, terceira carteira. Ele ficou lá na parede oposta, segunda carteira. Mesmo assim, sempre está de olho em mim. Hoje nessa aula, a professora colocou a gente em U, ela sempre muda a gente, faz novas organizações de sala na aula dela. A gente gosta.

Eu me dou bem com todo mundo, só tenho minhas diferenças com o Guilherme, que senta atrás de mim. Ele é meio chato, faz umas brincadeiras sem graça. Metade da sala não gosta dele também. Eu não ligo muito, converso com ele, mas não é meu amigo, é só meu colega. Ele não estudava com a gente antes. Olha, a turma toda se conhece desde a pré-escola. Às vezes alguém novo chega, como o Guilherme, mas no geral somos a mesma turma desde sempre. Por isso nos damos bem. Sempre fomos mais agitados, mas no ano passado, quando estávamos no quinto ano, pioramos bastante. Acontece que o professor que começou com a gente se aposentou e depois vieram três professoras diferentes para substituir ele. Aconteceu de tudo mudar o tempo todo e nós não tínhamos uma rotina, vivíamos perdidos, com regras diferentes, professores diferentes. Quando estávamos nos acostumando com um, tudo mudava. Isso aconteceu quatro vezes no ano. Chegou um momento que nós não sabíamos mais como reagir e passamos a bagunçar e ficamos assim.

Até antes das férias éramos terríveis, mas agora melhoramos bastante. A professora Luíza que está aqui agora até passou a brincar com a gente e percebemos o quanto ela é divertida. Antes das férias ela sempre estava séria, não brincava. Eu sei que era por causa da gente, que não deixava ela fazer o trabalho dela. Quando voltamos das férias, ela tirou duas aulas só para conversar com a gente sobre nosso comportamento. Olha só, a professora Luíza usa jogos na aula dela. Sério! Os jogos, são jogos de Matemática sobre as coisas que a gente estuda. Ela trouxe alguns para nós no começo do ano, um dominó, um tiro ao alvo, um bingo, sobre as operações, sabe, mas ela parou de trazer porque a gente não se comportou bem. Ela faz esses jogos nas outras turmas e o pessoal só fala o quanto as aulas são legais. Ela explicou pra gente que precisa de

colaboração para que o jogo possa funcionar, e que até então a gente não tinha colaborado e que dependia apenas da melhora do nosso comportamento para que ela começasse de novo os jogos conosco. Desde aquele dia a gente melhorou bastante. Acho que logo, logo ela irá apresentar os jogos para nós.

Hoje por exemplo, estávamos fazendo uma atividade por vez, a professora chamava a gente para colocar nossa resposta no quadro e depois disso a gente conversava sobre a resposta. Cada um falava como ficou a sua, se ficou diferente, se está parecida, se está correta. É bem legal.

Eu estava quieto, fazendo minha atividade quando errei. Eu estou sem corretivo, perdi o meu, então fui pedir emprestado. Dos que estavam perto de mim, só o Guilherme tinha. Me virei e pedi pra ele me emprestar o dele. Ele demorou um pouco, mas estendeu a mão e me deu o tubinho. Quando eu peguei senti uma coisa molhada e quando olhei, vi que tinha corretivo em todo o exterior do tubo. Sujou toda a minha mão direita, a que uso pra escrever. Tive que esperar secar para continuar e ouvi o Guilherme rindo do meu lado. Aquilo me deixou muito bravo. Pensei “Que garoto idiota! Eu podia sentar a mão nele...”, olhei pra ele e falei algo, não me lembro mais o quê. Ele continuou rindo de mim e eu contei para a professora o que ele fez. Ela ralhou com ele e ele tentou negar, mas parou quando a professora viu minha mão. Passado um minuto, quando a professora foi atender a Launanny que estava com uma dúvida, o Guilherme voltou a rir e resmungou “Sujou a mão, foi?”. Como eu já contei, sou muito nervoso e aquilo me deixou muito bravo, principalmente porque o Guilherme continuou rindo. Eu me virei para gritar com ele quando vi meu irmão me olhando daquele jeito que diz “João se controla!” e eu me controlei, virei pra frente e continuei fazendo a atividade. Tentando né, porque eu não conseguia mais me concentrar, estava nervoso. Os minutos se passaram a aula continuou e eu me acalmei um pouco. De repente, errei de novo. Pensei em riscar a palavra e reescrever na frente, mas meu caderno ia ficar feio e eu não gosto disso, gosto do meu caderno bonito. Nesse ponto eu sou caprichoso, como já contei, sou bem esforçado, gosto das coisas certinhas.

Dei o braço a torcer e decise pedir o corretivo para o Guilherme de novo, já que a as outras pessoas que poderiam me emprestar estavam muito longe de mim. Pedi e de novo ele demorou a entregar, e quando eu peguei, lá estava tudo de novo: minha mão toda lambuzada do corretivo que ele passou por fora do tubo e o garoto rindo pra mim, achando a maior graça. Nesse momento minha raiva cresceu rapidamente e quando percebi eu já tinha levantado e estava em cima dele, o empurrei e ele veio pra cima de mim falando

coisas que não escutei, porque pra mim tudo era um borrão de raiva. Ele investiu de novo contra mim e eu comecei a socá-lo em qualquer parte que eu pudesse acertar e ele fazia o mesmo comigo. Acertei um soco em sua cabeça e ele recuou. Vi alí minha vantagem, e comecei a socar a cabeça dele seguidas vezes e ele foi recuando e eu fui avançando pra cima dele. Alguém tentou nos separar, mas foi repelido. Ouvi gritos que eu não sabia o que diziam, eu só queria socar aquele cara!

Foi quando ouvi um grito forte de “Parem!” bem próximo de mim. Nessa hora eu me assustei e parece que o Guilherme também, já que nos afastamos. Eu não me lembro quem empurrou quem, mas fomos jogados contra as mesas e varias caíram no chão e no mesmo instante eu escutei o grito de todos: “Professora!”. Nessa hora eu voltei a mim e olhei ao redor para ver o que tinha acontecido e lá estava a professora Luíza segurando o pé, que já estava enorme e vermelho, e com a expressão de quem estava prestes a chorar e dizendo “Ai, ai, ai...”.

Nesse momento, olhei para o Guilherme e para meus colegas e percebi que nós éramos responsáveis por aquilo. Na hora, toda a minha raiva sumiu e senti medo, principalmente quando olhei a professora segurando o pé e deixando lágrimas rolarem. Professores não choram! Eles são fortes, a professora Luíza é muito forte. Foi então que percebi que ela estava contendo o que estava sentindo para não nos assustar, mas dava para perceber o quanto ela estava sentindo dor, já que deixou que nós a víssemos chorar.

Meus colegas começaram a gritar “Olha o que vocês fizeram! Machucaram a professora!” e foram para perto dela. Eu me mantive no meu lugar, segurando minhas mãos sem saber o que fazer e quando percebi, estava chorando também. Comecei a ir para perto dela e pedir desculpas, mas ela nem escutava, estava tentando tirar a sapatilha do pé e chorando em silêncio, e quando ela conseguiu tirar a sapatilha, vi que seu pé estava inchado e vermelho, começando a arroxear logo acima dos dedos. Tinha uma marca reta mais funda que o resto, onde a mesa bateu quando caiu. Me senti horrível. Meu irmão já estava do meu lado perguntando o que eu tinha feito, com uma expressão assustada.

Foi então que a inspetora Helena chegou na sala. Alguém foi chamá-la no meio da briga, ou depois, não sei. Ela olhou e viu a professora no chão chorando e rapidamente entendeu o que estava acontecendo. Falando ao mesmo tempo, meus colegas contaram o que tinha acontecido. Foi então que a professora se levantou. Ela tentou apoiar o pé no chão, mas quando o fez, soltou um grito de dor. Ela foi pulando em um só pé até a

inspetora, e então elas conversaram alguma coisa e então, ela saiu da sala. Percebi que eu ainda falava o tempo todo “Me desculpa, professora...”, e então parei, quando ela saiu.

Comecei a chorar mais ainda. Olhei ao redor e todos me olhavam com cara de reprovação. Alguns murmuravam que éramos idiotas, irresponsáveis, que tínhamos quebrado o pé da professora. Eu achava que estava quebrado mesmo, pela aparência que o pé dela apresentava. Estava bem feio. A inspetora começou a conversar com alguns de meus colegas, e logo ela chamou a mim e ao Guilherme. Olhei para ele. Ele não chorava, mas estava assustado. Fomos até ela. Ela nos deu uma bela de uma bronca e já íamos saindo quando a professora Joyce entrou na sala. Rapidamente ela soube o que aconteceu e tudo ficou pior. Ela brigou feio com a gente, disse que se acontecesse algo com a professora, a culpa seria nossa. Veja bem, ela e a professora Luíza são amigas, elas se ajudam muito durante as aulas. A professora Joyce acompanha a Jéssica, minha colega que tem necessidades especiais. A professora Joyce auxilia a Jéssica na resolução de todas as atividades que ela precisa fazer. Por exemplo, a Jéssica não consegue ler sozinha, então a professora Joyce ajuda ela com as perguntas, lembrando a ela como se faz para resolver. Os professores também ajudam a Jéssica, mas como ela precisa de mais atenção, a professora Joyce fica com ela o tempo todo. Elas estavam na biblioteca, pois estava muito calor hoje e a Jéssica não aguenta o calor, ela passa mau. Enfim, depois da bronca, fomos levados à direção. E aqui estou eu, caminhando pelo corredor com o Guilherme, indo até a direção, conversar com as diretoras que, com toda a certeza, nos darão uma suspensão, bem merecida afinal. Atrás de nós, o murmúrio de meus colegas, comentando sobre o que fiz.

Ainda não sei o que fazer com minhas mãos, continuo apertando uma na outra e percebo que continuo a chorar.

5. O DIA EM QUE AS COISAS COMEÇARAM A MUDAR

Já faz uma semana desde que o João e o Guilherme machucaram a professora. A coordenadora Ivone disse que foi bem sério mesmo, que a professora Luíza não consegue pisar no chão e sente muita dor. Ela precisou se afastar 15 dias pra sarar o pé, tadinha. Tudo culpa daqueles dois guris bobos!

O João e o Guilherme pegaram uma semana de suspensão por brigar na sala e machucar a professora, o que achei bem feito pra eles. O João está com muita vergonha do que aconteceu, coitado. O Giovani fica zoando ele, que ele é o “quebrador de professor”, e ele fica muito sem graça, não fala nada. O Guilherme nem tá ligando. No primeiro dia que ele voltou depois da suspensão, ele até que ficou na dele, mas agora já voltou ao normal, incomodando todo mundo. Chato, aquele alí sabe ser!

Bom, a professora Luíza está em casa para se recuperar e, para ficar no lugar dela, veio uma moça, a professora Luma.

O que falar da professora Luma? Hum... Ela é... normal. É isso.

Ela chegou se apresentando, falando sobre ela. No começo até que a sala foi legal, mas depois de um tempinho, mostramos quem realmente somos. Olha só, todo mundo ficou assustado com o que aconteceu com a prô Luiza. Foi bem ruim mesmo, então, na semana seguinte a gente ainda estava com medo, afinal, foi a nossa bagunça que causou tudo aquilo. Se a gente fosse menos bagunceiro, talvez a professora tivesse percebido a confusão entre o João e o Guilherme e evitado a briga, e então ela não teria se machucado e ainda estaria aqui com a gente. Mas ela não está.

No começo a professora Luma foi bem legal, e como a gente ainda estava assustado, fomos legais com ela. Mas depois de um tempo, a galera percebeu que ela era só a professora substituta e você sabe: a gente não está nem aí para os professores substitutos, afinal, logo, logo eles vão embora! Então depois da primeira aula, ninguém dava atenção ao que a professora Luma dizia. Até eu mesma me distraía com frequência na aula, e olha que sempre estou ligada em tudo o que acontece.

No segundo dia de aula com a professora Luma, nós fizemos ela chorar. Não é algo legal de se contar, mas nós fizemos. Ela estava tentando explicar o conteúdo e ninguém, realmente NINGUÉM prestava atenção nela. Bem pior do que com a prô Luiza no começo do ano. Então, a professora substituta começou a pedir pra gente escutar, parar

de falar um pouco só para ela poder explicar, mas a gente não ouviu. O Giovani e o Sérgio começaram a zombar de tudo o que ela falava, a imitar tudo o que ela fazia e seu jeito de falar. Ela tentava dizer que eles não podiam agir assim. Se fosse a prô Luíza ou a prô Keila, já tinha dado uns berros e um chega pra lá neles. A gente bagunça, mas respeita muito os professores, até o Giovani e o Sérgio. Ultimamente, na aula de Matemática, a professora Luíza dá umas boas risadas com eles, porque no fundo, eles são engraçados, são gente boa. Mas então, aí depois de muita bagunça, muita mesmo, a Ivone apareceu na sala. Acho que dava para escutar lá de fora a bagunça em que a sala estava, porque para a coordenadora entrar na sala e perguntar o que está acontecendo, algo não está certo! Sei disso por causa das histórias que minha mãe me conta, que coordenador não vem a toa na sala. A Ivone chegou na sala, viu o que estava acontecendo e chamou a professora. Nesse momento, ela já estava chorando, pedindo que a gente escutasse um pouquinho, por favor. A coordenadora disse algo para ela na porta e ela saiu, e então a Ivone deu uma chamada na sala e a gente ficou quieto.

- VOCÊS ESTÃO ACHANDO QUE ESTÃO ONDE? NUMA FEIRA? ONDE ESTÃO AS BOAS MANEIRAS? TODO MUNDO NO SEU LUGAR E DE BOCA FECHADA. AGORA!

Olha só, a Ivone é a nossa coordenadora, qualquer confusão em que a gente se meta, quem resolve é ela. Ela é bem legal, mas quando fica brava, a gente não pode com ela. É só ela falar alto que o povo fica quieto na hora, ninguém quer ir pra diretoria, né!

- Dá pra ouvir essa algazarra lá de fora! Vocês estão atrapalhando as outras turmas! Ou esqueceram que nesta escola não existem apenas vocês? – diz Ivone. – Não é de hoje que essa turma vem nos dando problemas, mas hoje está demais! Vocês viram o que vocês causaram na semana passada. A professora Luíza quase quebrou o pé por culpa de vocês! Pensei que haviam aprendido algo com esse ocorrido, mas me parece que não!

...

Ivone para por alguns minutos, deixando que as crianças sintam o peso de suas palavras. Isso sempre funcionou, seu tom de voz sempre deu a entender que não havia opção a não ser atender ao que ela dizia. Claro que no começo, quando iniciou sua carreira de professora não era bem assim. “Eles vão comer essa professora viva.” – ela pensa consigo, enquanto as crianças se remexem em suas cadeiras, lembrando do dia em que machucaram Luíza.

“Luíza, uma excelente professora, e que faz muita falta” – pensa ela e suspira. Desde que se conheceram há dois anos, Luíza a surpreendeu desde o primeiro encontro. Novinha, franzinha, parecia uma menina de 15 anos, mas a cada palavra, mostrava o quanto era segura de si, e depois de alguns meses de trabalho juntas, se mostrou uma grande parceira de trabalho. E olha que ela conhecia muita gente. Luíza era diferente de outros professores que conhecia: ela era muito segura do que sabia e de como fazer seu trabalho, quais as melhores estratégias. Geralmente ela, Ivone, sempre amedrontava as professoras, mas com aquela menina era diferente. “Gosto dela.”, pensa. Então volta a falar com a turma, olhando em cada olhinho brilhante, cheio de energia a ser gasta.

Aquela turminha era assim desde o ano passado. Eles perderam seu professor, que se aposentou, e depois disso, quatro professoras diferentes assumiram a turma no ano passado. Quando eles estavam se acostumando com a metodologia de uma, a professora precisava sair. Resultado: a turma ficou impossível, não sabia mais o que era rotina, como se comportar e isso trouxe consequências neste ano, o primeiro do segundo ciclo do ensino fundamental. Os professores estavam se empenhando muito em tentar resolver a situação naquela turma, pois todos tinham problemas lá. O estranho era o professor que não reclamava (algo não estava certo), mas aí já é outra história. Luíza começou a organizar a turma em duplas e teve um bom resultado. Ela sugeriu que, se todos os professores concordassem, poderíamos deixar as carteiras já organizadas em duplas, e cada professor poderia montar a dupla que achasse melhor, para não perder tempo tendo que organizar as carteiras em toda aula. Eu gostei da idéia e a repassei aos demais professores. A maioria vem obtendo bons resultados com essa organização. Nada demais, mas já conseguem ser ouvidos, já conseguem explicar os conteúdos, circular pela sala, o que antes era impossível, segundo TODOS eles. Turma difícil.

Assim que ela termina de falar, a professora substituta, aparece na porta recomposta. Ivone dá um último recado à turma e devolve a sala à ela, pensando que depois que o sino tocar, será preciso conversar, restaurar sua auto confiança. A professora entra na sala e Ivone volta para sua sala escutando a conversa começar novamente no 6º ano B enquanto caminha pelo corredor em direção à sua sala. Alguns minutos depois, o sino da saída toca.

...

Dias depois...

Lauanny

O dia em que a professora substituta chorou na nossa frente foi tenso. Depois disso alguns de nós não levaram mais ela a sério. Naquele dia eu até fiquei me sentindo mal, mas agora eu não ligo mais. Ela é só a professora substituta, logo vai embora. Por isso que agora eu nem ligo se alguém presta atenção nela. Ainda bem que semana que vem, na próxima aula, a professora Luíza volta para nós. Até os guris atentados sentem falta da nossa professora...

6. ELA VOLTOU!

São 12:40 quando ouço o pessoal começar a falar alto, dando as boas vindas. Pontual como sempre, nem um minuto de atraso em 3 anos. Segundo atestado (o primeiro foi licença de casamento). Rapidamente me levanto de minha cadeira e vou até a sala dos professores e lá está ela. Luíza, nova em folha, toda sorridente.

Como fez falta! Os alunos estão loucos de saudade, até o 6º B terrorista! Essas duas semanas foram bem complicadas. A professora substituta precisou de muitos conselhos, muita motivação para conseguir fazer seu trabalho. Geralmente é assim mesmo com professores iniciantes. Ela se acostumou com as turmas, mas as turmas não se acostumaram com ela. Alguns alunos vieram perguntar quando Luíza voltaria, pois não aguentavam mais a nova professora. Foi um período bem difícil para todos. Na primeira semana eu tive que conversar com Luma a cada final de dia, pois a garota estava arrasada por não conseguir lidar com os alunos do 6º B.

-Olha ela aí, gente! – digo, me dirigindo à Luíza. – Que bom que você voltou para nós! - e dou um abraço nela.

-Também fico feliz, já estava agoniada de ficar longe, principalmente no meio das avaliações. – Ela me olha, perguntando com olhos como os alunos se saíram.

-Ah, depois teremos que conversar um pouquinho sobre isso. – digo, sem conseguir disfarçar uma careta. -Como está seu pé?

-Olha, naquele dia em que saí daqui, achei que não tinha sido nada. Cheguei em casa e sentei por uma meia hora. Quando levantei, não consegui pisar de tanta dor! Minha mãe me levou ao médico e ele me deu esses quinze dias. No começo eu achei que ele estava exagerando, que era muito tempo pra uma coisa boba, porque não quebrou. Mas de acordo com os exames, machucou bastante o músculo de cima do pé. Pensei que precisava só de um dia, para desinchar, mas você acredita que o negócio ainda está roxo? E dói! Olha só!

Ela levanta o pé, calçado com uma sandália aberta e lá está o hematoma, amarelo e esverdeado, quase sumindo, mas ainda está lá. E também tem uma leve depressão na pele onde a mesa bateu.

Conversamos por mais alguns momentos até que o sinal de início das aulas soa. Vou até minha sala e pego a pasta com as avaliações bimestrais corrigidas e entrego para ela. Ela vai ter um treco quando ver essas notas! Ela pega, se dirige ate sua turma, recebendo vários abrações de alunos e após a acolhida todos entram em suas aulas e eu vou para minha sala, continuar a preencher aquelas atas.

Na saída...

Estou desligando meu computador quando Luíza entra na sala, com cara de quem não está gostando das coisas. Ela geralmente faz cara de paisagem para tudo, o pessoal diz que ela é uma lady, mas agora ela não está preocupada com isso.

- O que é isso aqui, Ivone? O que aconteceu nessas duas semanas? – ela coloca em minha mesa as avaliações corrigidas. Eu já esperava por essa reação, por isso falei mais cedo que precisávamos conversar.

-Estou muito surpresa, assim como você.

-Ivone, olha isso aqui! -ela joga as avaliações em minha mesa. – Você pode me contar o que aconteceu? Todos os alunos estão me falando coisas e eu confio em meus alunos, mas como isso envolve outra pessoa, quero saber de você o que aconteceu nesse tempo em que eu estive fora. Quando saí, eles estavam se desenvolvendo muito bem, e agora eu vejo essa bomba aí.

-Luíza, senta aí um pouco. – ela se senta, afobada. – A professora que ficou no seu lugar teve uma série de problemas, tanto com os alunos, quanto com as aulas no geral. Tive que dar muitos conselhos para ela, pois eu sentia que se não o fizesse, ela iria embora. Geralmente ela fazia substituições de um dia apenas, esse foi o primeiro contato dela com a rotina de uma escola. Tentei aconselhar ao máximo e ela fez o melhor que pôde.

-É, eu imagino que sim.

-Cuidado para não fazer o que fiz com você quando te conheci, lembra? Pela sua idade, eu pensei que você não daria conta, e você deu! – dou uma piscadela.

-Sim, você tem razão. – ela sorri de volta. – Por um momento eu fiquei desesperada com essas notas. Não são as notas dos meus alunos! Eles são bons, bem, a maioria é. – ela faz uma cereta. – Também tem a questão de ser uma professora temporária né, eles devem ter pensado que não precisavam se preocupar.

-É isso mesmo, Luíza. Você sabe como eles se comportam com substitutos, nunca levam a sério. – suspiro. – Mas o que eu queria mesmo conversar com você é para você

não levar essas notas em consideração. Faz uma recapitulação com eles, propõe uma atividade para complementar essa nota aqui, assim você aproveita o que já tem. A professora Luma trabalhou bem, apesar do embate que teve com o 6ºB, principalmente, mas os alunos estão acostumados com você. Em 15 dias eles não conseguiram, e também não quiseram, se adaptar ao modo como a professora que te substituiu trabalha..

-É, nem todo mundo teve a sorte que eu tive de conhecer uma professora de Matemática muito boa em meu primeiro ano de trabalho. Tudo que aprendi foi com ela. Todo mundo deveria ter essa oportunidade né, de trabalhar com alguém experiente e disposto a compartilhar suas experiências com quem quer aprender por um tempo, antes de enfrentar uma turma. Mas e com o 6º, como foi? – ela corta o assunto.

-Ah o sexto B... Eles ficaram bem quietinhos no primeiro dia, ficaram com medo. Eu entrei lá com a Andreia no dia seguinte e dei um susto neles, disse que você tinha quebrado o pé. – a lembrança me faz rir. – Você tinha que ver a carinha deles! Funcionou, eles ficaram uns amores. Dois dias depois já voltaram ao normal. O João e o Guilherme foram suspensos por 3 dias. O João ficou muito sentido com o que fez com você, sempre que eu toco no assunto ele quase chora. Olha, eles pegaram pesado com a professora que te substituiu, muito mais do que com vocês todos no início do ano. Pirraçaram mesmo. No último dia, a Luma me entregou seu material e as avaliações e disse que não aguentava mais ouvir “Quando a professora Luíza volta?”. Eles gostam de você. Parecia que não, mas gostam. Tirando o que você sentiu, talvez tudo isso que aconteceu tenha sido bom para eles valorizarem os professores que eles tem.

-Acho que valorizam sim, porque o tanto de abraço que recebi de guri suado, não foi brincadeira. – ela ri. -Amanhã tenho aula lá, vamos ver o que eles dizem. Só pra você ficar ciente, eu vou fazer um drama para eles, vou aproveitar que a coisa é recente e vou usar contra eles. Não é muito justo, mas se me ajudar a chegar até eles, está valendo! A gente usa as ferramentas que tem! – ela devolve com uma piscadela.

-Hahahaha! Isso mesmo! Mas eu acho que vale a tentativa. O tanto que vocês professores estão lutando com essa turma desde fevereiro não é pouca coisa. Vocês já tentaram de tudo, acho que se valer disso é um modo, porque nada tem funcionado.

-E você me falou que vinha um sexto ano pauleira no final do ano passado, lembra?

-É verdade, eles já davam sinais, com todo aquele troca-troca de professores o ano todo. Mas vai pra casa menina! Deixa essa avaliação de lado e vamos fazer aquilo que

Ivone

combinamos, propõe umas atividades avaliativas para complementar essa nota. E se Deus quiser, vamos colocar essa turminha nos eixos!

Luíza concorda, com uma expressão de quem não acredita muito no que eu digo, se despede e vai para casa. Verifico se tirei tudo da tomada, pego minhas coisas, desligo as luzes e também vou para casa. Mais um dia que termina e tenho a esperança de que as coisas vão começar a funcionar naquele sexto ano.

7. UÉ! QUE TURMA É ESSA?

Mas que coisa mais surpreendente, não é? Quem diria que me machucar faria tanta diferença em minhas aulas! Se eu soubesse disso no começo do ano, teria dado um jeito de me machucar antes! Hahaha! Brincadeira, foi horrível... Mas eu não sei o que aconteceu no período em que não estive aqui na escola, não sei o que se passou na cabecinha deles, mas agora eu não reconheço mais o 6º B. Nas duas primeiras semanas de minha volta, eu pensei que fosse saudade ou alívio de ter a professora que eles já conhecem de volta, então eu esperava que eles estivessem mais calmos. A questão é que eu jurava que isso ia durar no máximo duas semanas, mas para minha surpresa, já faz um mês desde que retornei da licença médica e eu sinto que estou em outra turma, com outros alunos completamente diferentes daqueles que deixei!

Não que agora não tenha bagunça e conversa alta, ainda tem, mas agora eles me escutam quando peço para prestarem atenção, eles ouvem o que eu proponho para a aula e estão entrando na dinâmica das aulas. Tem dias que tudo dá errado? Tem sim, e são vários, mas agora eu tenho dias em que tudo vai bem. Acho que posso dizer que agora existe um “caos controlado”. Há uma certa harmonia no caos em que estamos inseridos.

No dia em que retornei às aulas com eles, após a licença médica, dediquei as duas horas de aula a conversar. Expliquei tudo o que aconteceu comigo, o que passei no período de recuperação. Claro que aumentei um pouco, para dar mais impacto!

Conversei muito com eles, pedi que me contassem o que aconteceu no período em que estive fora, como eles se sentiram após o que aconteceu e deixei bem claro que toda aquela confusão era fruto do comportamento da turma. Se não fossem Guilherme e João a brigar, seriam outros. Se não fosse eu a professora machucada, seria outra. E tudo por conta da bagunça, da implicância que eles tinham uns com os outros. Pela primeira vez, eles realmente me escutaram e conversaram comigo. Agora, como eu disse, as coisas mudaram.

Eles ainda gritam? Sim. Ainda brigam uns com os outros? Sim. Mas agora já consigo ter aulas em que não saio mais com dores de cabeça e sem voz. Claro que ainda grito, fico brava, mas são momentos pontuais, afinal eles são crianças e crianças saudáveis bagunçam mesmo! Como eu já disse, não me importo com barulho e conversa, desde que eles estejam ativos, produzindo significados, imersos no tema em que estamos naquele

período, e é isso que está acontecendo! Ainda não me arrisquei a fazer duplas. Não quero que todo esse progresso, que para mim é gigantesco, se perca. Prefiro continuar com eles enfileirados e produzindo. Tem dias que deixo virar a cadeira para trás para fazer uma espécie de dupla com os colegas, é o máximo que me permito arriscar. A maioria faz essa organização e gosta. A conversa aumenta um pouco, é claro, mas enquanto caminho pela sala para auxiliar os que precisam, percebo que apesar de a conversa e brincadeiras rolarem soltas, eles estão fazendo as atividades propostas.

Eu voltei com as correções das atividades feitas por eles. Nem todos se sentem a vontade para ir até o quadro e mostrar como resolveram uma questão e eu não obrigo os que não querem ir, mas os que gostam, sempre vão. Eu gostaria que eles perdessem a vergonha de mostrar aos outros o que aprenderam, que eles pudessem perceber que errar uma questão é normal. Eu sempre falo isso para eles, desde o início do ano, que a gente aprende errando, falando o que estamos pensando para os outros. Alguns, uns 3, como o João Carlos, o Gabriel, a Letícia, já se arriscam a mostrar suas respostas para os colegas. Vão com timidez, escrevem rapidinho e correm para seus lugares envergonhados, não é sempre que isso acontece.

Sérgio e Giovani continuam impossíveis! Continuo na batalha para tentar fazê-los prestar atenção nos momentos importantes, para tentar ajudá-los a compreender os conteúdos. Agora que a turma, de modo geral, se acalmou, consigo pensar em algumas estratégias para tentar chamar a atenção dos dois. Com o Sérgio, descobri que preciso ficar no pé dele. Quando ele faz uma gracinha, eu me meto na conversa e começo a perguntar coisas para ele, desde o que ele está falando até coisas da atividade do dia. No começo ele se assutou e ficava quietinho por uns 5 minutos. Agora ele percebeu que eu não estou brigando com ele e nem dando bronca, apenas que quero saber sobre o que ele está falando. Para minha surpresa, ele passou a falar e brincar comigo, até tirando dúvidas algumas vezes. E também ele desenvolveu o hábito de se concentrar na atividade quando entro na conversa dele com alguém, pois assim que a gente termina a pequena conversa eu digo: “Já terminou, Sérgio?”. Ele responde: “Tô terminando professora.” E em seguida grita para a sala: “Vamos produzir, gente! Produção, produção!”. Com isso, ele tem conseguido terminar suas atividades.

Já com o Giovani é mais complicado. Ele é repetente, já tem 14 anos. É um bom menino, mas muito agitado, ele não consegue ficar parado. Ele se senta na frente, na fileira do meio, ao lado da Lauanny. Já tentei de várias maneiras me aproximar dele para ajudá-lo com os conteúdos, mas ele sempre me diz que não consegue entender, que ele já

desistiu de tentar aprender e que só está indo na escola porque é obrigado. Isso me deixou muito triste, sabe? Uma criança, com tão baixa auto-estima, que se sente inferior e desistiu de tentar. Adotei com ele a mesma estratégia com a qual lido com o Sérgio: estou sempre atenta ao que ele diz, às brincadeiras que faz com os colegas e me intrometo nelas. Assim como Sérgio, ele estranhou no início, mas agora sinto que estamos mais próximos, que ele conversa mais comigo e que tenta se controlar quando eu preciso explicar algo. Ele ainda não me deixa ajudá-lo com os conteúdos, mas pelo menos, já brinca comigo, conversa comigo, o que já é um avanço. Até o final do ano eu consigo chegar até ele!

Estamos na última semana de junho, as férias de meio de ano se aproximam. Espero que no próximo semestre, as coisas continuem evoluindo. Parece que as coisas começaram a dar certo, finalmente!

No outro dia...

Hoje é dia de minha hora-atividade, aqui chamamos de horário de planejament, ou PL. Estou na parte burocrática da profissão: preenchendo os diários de classe para enviar à secretaria. Tenho 5 turmas para fazer o diário de cada uma, preencher a planilha, anular os espaços em branco. Leva um tempinho. É um trabalho fácil, mas entediante e repetitivo.

Estou finalizando a primeira turma quando Ivone entra na sala e diz:

-Luíza, você pode vir até minha sala um minutinho? Tenho umas coisas para conversar com você.

-Posso ir daqui 10 minutos? Estou terminando o diário do sexto ano.

-Pode sim. Te espero lá. Vou só pegar um café aqui.

-Combinado – respondo. -Daqui a pouco já vou.

Ela vai até a cafeteira, que fica numa prateleira em cima da pia, pega uma caneca e a enche de café e volta para sua sala. Nossa escola tem uma copa, fica dentro da sala dos professores, para nosso uso. Tem uma geladeira, um microondas, a cafeteira e um armário. Como a escola fica em uma das saídas da cidade, alguns professores moram longe e não conseguem ir e voltar do almoço à tempo de ir e voltar para o segundo período de aulas, então essa copa é para nosso uso. Eu uso apenas a geladeira para guardar meu lanche e o bebedouro, que fica ao lado da pia. Detesto café! Ugh...

Finalizo o diário do sexto ano, salvo em meu computador e me dirijo até a sala da coordenação. Atravesso o corredor, somente com as monitoras cuidando e alguns alunos

indo até o banheiro ou ao bebedouro. Entro na sala da coordenação, cumprimento todos os coordenadores e me sento diante de Ivone.

-Estou aqui. Então, o que queria conversar?

-Eu só queria te dar alguns avisos antes de as férias começarem. O primeiro é que eu fico muito contente que você tenha conseguido ter uma melhor convivência com o 6ºB. Você viu no conselho de classe que essa melhora não se deu em todas as componentes curriculares. Percebo que a melhora aconteceu nas suas aulas e nas da Keila. Mas é o perfil do professor, né. Você e a Keila passam mais tempo lá, tem mais aulas com eles, convivem mais. E também são mais firmes com eles.

-É, pode ser, mas eu acho que foi tudo graças a briga do João e do Guilherme. Se não fosse aquilo, eu ainda estaria enlouquecendo.

-Eles ficaram muito sentidos com o que aconteceu com você, e sentiram a sua falta. Eles sabem valorizar os professores que tem. Mas não era só isso. Eu recebi uma visita da técnica da SEMED, e ela me disse que a Universidade Federal quer fazer uma parceira com nossa escola. Uma pesquisadora, doutora, quer trabalhar conosco no próximo semestre. A proposta é que ela acompanhe um de nossos professores em suas aulas com uma turma do sexto ano, propondo atividades diversas. Ela é pesquisadora em Educação Matemática. Nós aceitamos o convite e então a técnica da SEMED pediu que escolhessemos um professor que estivesse aberto a participar dessa experiências, que tivesse um bom posicionamento e que topasse enfrentar coisas novas. Eu escolhi você para ser essa professora. Você está conosco há alguns anos, já se mostrou apta a enfrentar desafios e a se dedicar ao máximo nos projetos que nós propomos a você.

-Sei...

-E é um docinho de limão também! – Ivone começa a rir

-Um limão bem azedo, que reclama quando as coisas estão erradas.

- Isso mesmo. Por isso que pensei em você. Nós sabemos que esse pessoal de universidade vem para a escola cheios de sonhos, achando que tudo é possível, afinal eles não conhecem como uma escola realmente funciona, a maioria só pisou na escola quando era aluno, então eles não tem ideia do que é uma escola pública, ainda mais a nossa, que é de periferia. Acho que você, que tem mestrado, é efetiva e tem uma boa experiência na educação básica vai saber lidar com ela de igual para igual.

-Ah Ivone, tem como dizer que não quero?

-Hahaha, não. Não tem como. A Andréia já fez a parceria. Acho que vai ser bom para a nossa escola e para você. Você já tem esse transito com a pesquisa acadêmica, sabe

como é, sabe como são os “senhores doutores”. Acho que vai ser uma ótima experiência para você. E para a pesquisadora também, que vai descobrir o que realmente é uma escola pública, vai conhecer a nossa realidade, as nossas condições. Acho que vocês duas vão crescer juntas e ganhar muito uma com a outra neste trabalho.

-Olha, você não pode escolher outro professor? Já é bem difícil lidar como 6ºB sozinha. Agora que as coisas começaram a dar certo, será que uma pessoa nova na sala não vai atrapalhar?

-Acho que não. Pelo que entendi, ela não estará em todas as aulas. Ela vai estar com você em seus PL e vai planejar com você. Esporadicamente é que ela vai acompanhar a aula em sala, ou não. Mas a questão é que eu escolhi você, que dá conta disso. Os outros professores são convocados, podem sair a qualquer momento. Você está e estará conosco por muitos anos, se Deus quiser. É a escolha perfeita. Ah não me olha desse jeito, meu docinho de limão. Eu me arrisco a dizer que você vai adorar. Você já gosta de dinâmicas diferentes de aula, haja visto seus jogos o sucesso que são. Diz que sim, vai!

-Fazer o que? Não posso dizer não... - suspiro. -Mas quando vou conhecer essa pesquisadora?

-Ela virá nos conhecer na primeira semana de agosto, após a volta às aulas. Quando vier, irá se apresentar à toda a nossa equipe, inclusive a você e aí vocês poderão conversar e resolver tudo o que for necessário para iniciar o trabalho.

-Tá bom. Vou aguardar ansiosamente. – Reviro os olhos.

-Ah vai, nem vai dormir de ansiedade. – Ivone dá uma gargalhada. – Mas você vai gostar, tenho certeza.

-Tomara. Mais alguma coisa?

-Não, já tomei demais seu tempo. Pode ir, vai terminar seus diários e entrar em clima de férias. – Ivone volta a olhar seu computador e me manda embora com um aceno, como sempre.

-Então tá.

Me levanto e volto para a sala dos professores. Que coisa, mais essa! Já não basta o Projeto Tabuando que tenho que desenvolver em todas as turmas e lidar com o 6º B, agora mais essa... Quero ver só se vou dar conta de tudo isso! Nem vou pensar muito nisso agora, vou terminar meus afazeres, curtir esses últimos dias de aula, aproveitar minhas férias e descansar. Quando as aulas voltarem, aí eu me preocupo com essa novidade.

8. A VISITANTE

Bom, já estamos na segunda semana de aulas do segundo semestre. O tempo voa a partir de agora, quase não dá tempo de fazer nada. Tudo vai bem, as turmas estão bem tranquilas e animadas. Até o 6º B continua no clima mais ameno, graças a Deus! Estou na sala dos professores, em meu PL, aguardando a pesquisadora chegar. Ela entrou em contato comigo por e-mail semana passada e marcamos de nos encontrar aqui na escola hoje. Ela já deve estar chegando.

Enquanto não chega, estou aqui, elaborando meus planos de aula. Bom, na verdade estou conversando com o pessoal que também está em PL. Sempre assim, eu até tento, mas nunca consigo fazer minhas atividades aqui, acabo sempre levando trabalho para casa. E não é só pela conversa com o pessoal, é pela falta de recursos mesmo. Por exemplo, aqui eu não tenho acesso a uma impressora e papel sulfite, então mesmo que eu termine de elaborar as atividades, eu não consigo imprimí-las. Eu acabo gastando do meu bolso mesmo, afinal a escola não tem uma impressora que funcione, e se eu pedir para imprimir minhas atividades, preciso esperar de duas a três semanas para que as impressões fiquem prontas! Então para meu próprio bem estar, eu prefiro imprimir em minha casa.

Não são apenas as impressões, mas todo o resto. Por exemplo, aqui na escola não temos acesso a tinta para os marcadores de quadro branco. Acredita? A administração acha que um vidrinho de 1 litro é suficiente para que 40 professores usem durante o ano todo! É isso mesmo! E quando a gente (eu né, que vivo reclamando) vai falar com a Andréia, a resposta é sempre a mesma: estamos sem recursos financeiros. Além da tinta, os outros materiais também estão em falta, como por exemplo cartolina, papel cartão, fita adesiva. Temos o projeto Tabuando aqui na escola, dentre outros, mas o Tabuando é o de Matemática e a premissa é que devemos incorporar o uso de jogos em nossas aulas. Está lá, escrito no projeto “confeccionar jogos”, mas o que não estava escrito era que todo o material envolvido nessa confecção sairia do meu bolso! Pois é!

São pequenas coisas que me mostram o quanto é complicado ser professor e querer fazer um trabalho de qualidade. Por exemplo, uma vez solicitei papel sulfite para fazer uma atividade com o 6º ano, em que eles criariam mosaicos com polígonos e a Andréia me perguntou se eu não poderia cortar as folhas no meio, porque 40 folhas era muito

material. Ou quando precisei plastificar as cartas de um baralho de multiplicação que eu queria usar com os alunos e também escutei a célebre frase “é muito”. É por esse motivo que muitos professores não fazem atividades diferentes e aqueles que fazem, preferem usar seu próprio dinheiro a escutar coisas desse tipo. E eu sei que não é só comigo, porque você sabe: professor é igual aluno, adora conversar entre si! E conversando com professores de outras escolas, isso é bem comum. Engraçado né, se faltar material em um hospital, ele não funciona, mas a escola deve funcionar.

De repente, me tirando de meus pensamentos, entram na sala dos professores Ivone e uma mulher mais ou menos da minha altura, cabelos castanhos, longos e lisos, de pele morena. Só pela roupa eu sei que não é professora do ensino fundamental: camisa, calça social, sapato com salto baixo. Não é implicância, é só porque a gente que está na educação básica gosta mais de uma calça folgada, uma camiseta folgadinha para aguentar o calor que faz aqui na escola, que não tem ventilador em todas as salas. Não que a gente não tenha professores que gostem de um estilo mais formal. Por exemplo, aqui nós temos o Davi, que usa camisa social manga longa todos os dias, além das diretoras e equipe da coordenação, mas não é comum. Mas enfim, Ivone me localiza na segunda mesa gigantesca da sala dos professores, bem ao fundo (meu lugar de sempre) e se dirige até mim.

-Luíza, bom dia. Esta aqui é a professora Lavínia, da Universidade Federal. Ela é a pesquisadora sobre quem conversamos antes das férias.

Me levanto e aperto a mão de Lavínia.

-Olá Lavínia, tudo bem? É um prazer conhecer você pessoalmente! Já nos falamos por e-mail. – Digo para Ivone.

-É claro. Vou deixar vocês duas conversarem, se conhecerem. Luíza, mostre nossa escola para a professora Lavínia. Qualquer dúvida, estarei em minha sala.

Ela acaba de dizer isso e sai porta afora. Deve ter algum problema envolvendo algum aluno acontecendo. Ivone só fica apressada assim quando tem alguma coisa difícil de resolver nas mãos. Me viro para Lavínia e digo:

-E então, achou a escola muito distante?

-Achei sim, bem longe de onde moro. Não costumo vir para esse lado da cidade. E o GPS ainda me mandou lá para o outro lado do bairro, próximo à rodovia.

-Isso acontece mesmo. No GPS as localizações nesse bairro estão invertidas. Todo mundo se perde na primeira vez que vem aqui.

-Eu só consegui achar a escola porque perguntei para as pessoas que estavam na rua e elas me indicaram o caminho. Se não fosse por isso, ainda estaria perdida!

Concordo com a cabeça e lembro de convidá-la a se sentar.

-Então, podemos conversar aqui. Acho que é o melhor lugar, mesmo com os demais professores aqui. É só aqui que tem ar condicionado e lá fora o clima está muito quente.

-Se não for incomodar ninguém, por mim tudo bem. Você escolhe o melhor local. – diz Lavínia, olhando para os demais professores que estão ali trabalhando.

Ouvindo isso, Ana Paula, Márcia e Paola dizem que não tem problema, que podemos ficar à vontade. Agradeço a elas e então nos sentamos na mesa em que eu estava. Lavínia coloca sua bolsa sobre a mesa, se ajeita na cadeira e começa:

-Bom Luíza, como conversamos por e-mail, eu vou me apresentar agora a você pessoalmente. Eu sou Lavínia, sou professora do programa de pós-graduação em Educação Matemática da Universidade Federal, integrante de um grupo de pesquisa voltado para avaliação e formação de professores. Nos últimos anos, nós devolvemos um trabalho com professores da educação básica lá na universidade. Os professores vão em seu dia de PL até a universidade e nos reunimos quinzenalmente para discutir questões da sala de aula. Neste ano nós pensamos em trabalhar com professores dentro do ambiente de trabalho deles, ou seja, na escola em que atuam. Nós enviamos um comunicado à secretaria de educação e ela repassou para as escolas da rede municipal de ensino a nossa vontade em manter esse contato mais próximo. Algumas escolas nos responderam, e o Irmão José Raposo Filho foi uma das escolas que se interessaram pela nossa proposta.

Aceno com a cabeça, concordando com o que ela diz e aguardando mais informações. Lavínia continua:

- A nossa intenção é estar perto do professor que se dispuser a trabalhar conosco, neste caso, com você. Vamos pensar em ações que podemos implementar em suas aulas, visando o desenvolvimento dos alunos, é claro, mas também o seu. Para que essas ações sejam possíveis, eu estarei trabalhando com você em seus dias de PL. Minha proposta é realmente trabalhar com você, participar realmente do planejamento de suas aulas, pensando em atividades que poderemos desenvolver com seus alunos. Essas atividades serão baseadas num modelo de aulas que chamamos Grupo de Trabalho.

-Certo, mas essas reuniões entre nós acontecerão em todos os meus PL? É que eu tenho obrigações extra-classe que são desenvolvidas nesse horário de planejamento. Se a gente for trabalhar em todos os meus horário de planejamento eu vou acabar levando

trabalho dobrado para casa e isso é algo que não quero. Meu horário de descanso é horário de descanso, é o único momento que tenho para mim mesma, entende? – Até parece que vou fazer mais trabalho extra classe em meus PL, emendo mentalmente.

-Entendo perfeitamente. Mas não se preocupe, podemos nos reunir de 15 em 15 dias, por exemplo. E quando você estiver em período de fechamento de notas esse intervalo pode ser maior. Não quero que você fique sufocada com a quantidade de trabalho a ser feita. A ideia é que você não faça nada muito além daquilo que já faz, entende? Nosso trabalho não precisa ser mais uma jornada de trabalho para você. O que acha?

-Assim eu fico mais tranquila. – Graças a Deus! – Não é desinteresse e nem preguiça, é só que a gente tem muitas coisas para fazer que vão além das aulas. Por exemplo, eu preciso enviar relatório de como andam os alunos que tiveram baixo aproveitamento no bimestre passado. Então meu horário de planejamento quase todo é gasto com esses relatórios e não com o planejamento da aula em si. Então ficar sem ele é muito complicado. Aqui no município houve muita luta para eu nós professores tivéssemos direito a essa hora-atividade. Mas voltando ao assunto principal, o que caracteriza essa aula como Grupo de Trabalho?

-O Grupo de Trabalho, ou GT, como o chamamos, funciona como um espaço de troca de ideias e vivências. Ao longo de alguns anos, os Grupos de Trabalho foram realizados somente com professores e agora queremos trabalhar com alunos. A intenção é criar um ambiente no qual os alunos se sintam a vontade para falar abertamente com o professor, neste caso, você, sobre tudo o que eles quiserem. Então o ponto principal é valorizar a interação entre os alunos e você. Nós sabemos o quanto essa comunicação entre alunos e professores é complicada, muitos alunos não dizem o que pensam sobre aquilo que estão aprendendo, e com isso o professor fica no escuro, sem saber como lidar com essa situação. Com tudo isso, a ideia é trabalhar em grupo, promover o diálogo entre os alunos e você.

-Nossa, essa é uma ideia que parece ser muito legal. Eu costumo trabalhar sempre em grupo com os alunos, porque eu vejo que quando estão juntos, eles falam uns com os outros sobre a atividade que estão desenvolvendo e existe uma troca muito boa nessa ação. E realmente, como você falou, é bem difícil eles se comunicarem comigo, principalmente no sexto ano, que é quando eu os recebo pela primeira vez. Eles são um pouco assustadiços, tem medo de dizer o que estão pensando. Até eu conseguir ter acesso a todos, o ano letivo já está no final.

-Isso é ótimo! Você já trabalha nesta dinâmica de grupo, então o que faremos é explorar ainda mais esta dinâmica, ver o que acontece quando trabalhamos essa dinâmica propositalmente. Essa é a ideia principal. Uma coisa que você precisa ter em mente desde já é que os Grupos de Trabalho não são, simplesmente, um grupo de pessoas que se reúnem. Existe mais coisa envolvida. Conforme formos trabalhando, vamos disponibilizar materiais de leitura para que você compreenda todas as características que caracterizam um GT, nesse molde que estou te apresentando, e definiremos as ações a serem tomadas, em conjunto. O que me diz?

-Acho que será muito produtivo. Gosto dessa dinâmica de trabalho em grupos, como já falei. Mas tenho uma pergunta: esse trabalho será feito com todas as minhas turmas?

-Não, nós iremos escolher apenas uma turma e esse trabalho será feito com essa turma específica durante dois anos. Eu tenho uma sugestão, mas você pode discordar dela, afinal é você quem conhece seus alunos. O que me diz do sexto ano?

-Ah! O sexto? Tem certeza? – Sem me conter, me remexo em minha cadeira.

-O sexto ano está iniciando essa segunda fase do ensino fundamental, tudo é novo para eles, além da carga horária de 5 aulas semanais de Matemática, tempo suficiente para implementarmos atividades. Acredito que seria interessante iniciarmos esse trabalho come essa turma e acompanhá-los nos demais anos. Eu sei que a proposta é trabalhar com a turma escolhida por dois anos, mas se escolhermos o sexto ano, podemos fazer esse acompanhamento até o nono ano. Poderíamos observar essa caminhada, como eles agem e se comportam com o passar dos anos nesta perspectiva de aulas como um Grupo de Trabalho.

Ouvindo essa fala, todo o meu ser quer gritar para Lavínia: NÃO! Será que eu vou sobreviver a uma onda de testes com o 6ºB mais uma vez? E se essa calma aparente for passageira? E se tudo voltar a ser como era? O que vou fazer? Se eu concordar com isso, não poderei mudar por dois anos! Será que terei que ficar insistindo em algo, mesmo que isso me deixe maluca?

-Olha, eu vou ser bem sincera com você: o sexto ano deste ano, 2018, é muito cansativo. Já tivemos muitos problemas com eles. Foi uma turma atípica, sabe? Geralmente os sextos anos são ótimos, mas o de 2018 veio com tudo. Agora as coisas estão indo bem, mas o primeiro semestre foi bem difícil para mim e para todos os professores. Então, não me agrada muito a ideia de trabalhar come esta turma... - Caramba, eu preciso me livrar dessa!

-Eu entendo. Mas mesmo assim, gostaria que você pensasse por algum tempo na possibilidade de escolher essa turma, acho que seria muito produtivo ao longo do tempo. Mas como eu já disse, você é quem conhece os alunos melhor do que ninguém.

-Sim, vou pensar. Eu compreendo que isso seria ótimo para a investigação, na verdade, seria o “ideal”. O que me prende é o medo de reviver tudo o que já passei no primeiro semestre. Vou te contar: eu nunca tive uma turma tão terrível quanto essa! Era a turma toda, nenhum ficava de fora. Eles não sabiam nem fazer duplas! Eu passava as aulas gritando para tentar manter algum controle da turma, não conseguia dar aulas. Foi terrível, eu saía todos os dias sem voz e com dor de cabeça. Mesmo assim, como eu sou teimosa, não desisti de vez, sabe. Continuei insistindo com eles, tentando dar minhas aulas do jeito que eu gosto. Eu gosto que os alunos conversem, gosto que eles falem uns com os outros, e por isso a sua proposta me deixou bem interessada. Mas eu tenho muito medo de que a pequena melhora que a turma teve seja passageira. Uns 20 dias antes das férias de julho houve uma briga na sala e eu acabei machucada quando tentei separar os meninos que brigavam. Eles não me machucaram de propósito, foi sem querer, mas mesmo assim, acabei pegando licença médica por 15 dias. Quando voltei, eu notei uma mudança no comportamento deles e essa mudança perdura até hoje. Meu medo é que tudo isso acabe e eles voltem a ser como eram antes. Se isso acontecer, não sei se aguento sustentar a investigação. Sei que, para a investigação, essa seria a turma dos sonhos, uma sala de aula real, com alunos reais, mas o problema é que era extremamente exaustivo trabalhar com o 6º B no primeiro semestre....

-Eu imagino o quanto é difícil trabalhar com turmas assim. Você disse que houve uma melhora após o seu acidente, você sabe porquê?

-Não. Eu não tenho ideia do que causou a mudança. Talvez tenha sido saudade. Eles não tiveram uma boa experiência com a pessoa que me substituiu, então talvez seja isso. Mas é só uma suposição.

-Interessante.

-E como!

Lavínia passa alguns segundos em silêncio, pensando no que eu disse sobre o 6º B, até que responde:

-Então, eu quero que você pense com carinho se está disposta a trabalhar com o 6º ano. Um ponto que pode te ajudar a decidir é: de qualquer modo você terá que trabalhar com eles pelos próximos 3 anos, então quem sabe, com uma abordagem diferente, esses anos de trabalho sejam mais agradáveis? Ou pode ser um pesadelo, a gente não sabe!

Lávínia ri ao dizer essa última parte e eu acabo rindo junto com ela. Pior do que estava não pode ficar, não é? Ou pode?

-Esse é um bom argumento. – respondo.

-Você tem mais alguma dúvida sobre a proposta? Eu vou te enviar alguns textos que falam sobre Grupo de trabalho e no nosso próximo encontro, podemos conversar sobre.

-Ótimo, assim estarei por dentro da ideia e poderei contribuir quando formos montar as propostas de atividades.

-Certo. Então nos encontramos aqui daqui a 15 dias?

-Combinado! Se houver algum imprevisto aqui na escola eu te aviso. Agora vamos ao passeio? Vou te mostrar a escola.

-Vamos! A escola parece ser bem grande. – diz Lavínia, enquanto pega sua bolsa.

-Eu diria que é média. Temos escolas gigantescas na rede. – respondo, me levantando também.

-Eu já ouvi falar do Licurgo, dizem que é enorme.

-E é mesmo! Você entra pelo portão e parece que os corredores não tem fim...

Sáímos da sala dos professores e continuamos conversando, enquanto mostro todo o terreno da escola para Lavínia, a apresentando aos colegas que passam por nós nos corredores, afinal ela estará conosco por um bom tempo.

Após mostrar o espaço físico da escola, levo ela até o sexto B. Keila está lá. Peço licença a ela, explico quem Lavínia é, e digo aos alunos que em breve, teremos uma parceira nas aulas, a professora Lavínia. Eles acenam e fazem o maior barulho. Sáímos e deixamos para trás uma barulheira sem fim. Hum... Keila deve estar me amaldiçoando nesse exato momento.

-E essa é a nossa escola, e esse é o 6º B! – digo, simplesmente.

-Me pareceu ser uma boa escola. – responde ela.

-É sim, tem seus problemas, mas é boa.

-Quais problemas? – pergunta ela.

-Bom, a comunidade na qual a escola está inserida é bem carente. Temos famílias numerosas com grandes dificuldades financeiras. É normal nós, professores e funcionários da escola, fazermos algumas doações de alimentos. Grande parte dos alunos não possui o material básico para estudar, como lápis, borracha e caderno. Temos muitos casos de gravidez na adolescência, mesmo com todo o trabalho que fazemos todos os anos. Nem toda a população reconhece o trabalho que fazemos aqui... - respondo.

Luíza

-Entendo. -diz ela, sem acrescentar nada.

-A estrutura do prédio também é bem antiga. A fiação elétrica precisa ser trocada, porque sempre queima qualquer aparelho eletrônico que seja instalado. O telhado e as janelas também precisam ser trocados. Para você ter ideia, em dias de chuva, algumas salas alagam. E nos falta recurso financeiro para fazer toda essa obra. – digo.

-Nessas horas, a gente se pergunta: onde está a preocupação com a educação, não é? É uma pena que isso aconteça, mas é bem comum em escolas mais afastadas. – diz ela.

-Isso mesmo. Já trabalhei em uma escola central. Outra realidade. – digo.

Continuamos conversando, e depois a levo para conhecer as diretoras.

9. COMPLICAÇÕES

Como essa escola é longe! Levo 40 minutos para chegar, e isso sem trânsito. Imagino que percorrer esse caminho todos os dias para trabalhar não deve ser fácil. Mas que bom para mim e para o grupo de pesquisa que essa escola topou participar do projeto. Essa é uma escola bem diferente das que estou acostumada a visitar em parcerias com escolas. Geralmente as parcerias são feitas em escolas públicas centrais, as mais próximas da universidade na verdade, e os encontros são sempre realizados na universidade. Já fizemos vários Grupos de Trabalho com professores na universidade, mas essa é a primeira vez que vou até a escola, formar um Grupo de Trabalho com alunos. A dinâmica de funcionamento dos Grupos de Trabalho se mostraram muito positivas quando conseguimos formar o grupo com os professores, então é possível que com os alunos também apareçam pontos positivos. Ou não.

Hoje vou discutir com Luíza sobre isso, as características que fazem de um grupo de pessoas um Grupo de Trabalho. Enviei o texto por e-mail para ela na semana passada, após nosso primeiro encontro. Espero que ela tenha conseguido ler, pensar a respeito. Também vamos traçar as primeiras estratégias para o contato com a turma do sexto ano. Estaciono o carro em frente à escola Irmão José Raposo filho e me dirijo até a sala dos professores, onde sei que Lúíza ainda não está: cheguei antes de seu horário de planejamento. No caminho, sou envolvida por uma gritaria de crianças correndo por todo lado: é o recreio “dos pequenos”, como dizem aqui. Vou até a sala dos professores e, para minha surpresa, o barulho dentro da sala é maior que o lá de fora: os professores rindo e conversando todos ao mesmo tempo. Cumprimento os que percebem a minha presença e me sento no mesmo lugar em que nos sentamos na semana passada e aguardo. Em pouco tempo o sino indicando o final do recreio toca e os professores vão em busca de seus alunos. Quase no mesmo momento o sino bate novamente e a gritaria dos alunos recomeça e os demais professores começam a entrar um por um, procurando desesperadamente um lugar para sentar e um copo de café. Luíza entra na sala, carregada de materiais, como sempre. Escolhemos o dia de hoje, quinta-feira, pois ela tem os dois últimos tempos “livres”. Assim que me vê, ela sorri.

-Oi Lavínia, tudo bem? Achei que ainda não estaria aqui. Quer um café?

-Oi Luíza! Não, obrigada. Não gosto de café. Está carregada hoje, hein! – digo olhando para sua mochila nas costas e a grande bolsa ao lado do corpo.

Ela se aproxima de onde estou, coloca seus materiais em cima da mesa e diz:

-Eu também odeio café! O gosto e o cheiro são ruins. – diz ela com uma careta. – E isso. – ela dá palmadinhas na mochila que está em cima da mesa. – eu carrego muita coisa porque tenho preguiça de andar até aqui para buscar, então levo tudo o que preciso comigo

-É claro! – digo e dou risada. -E como foi hoje?

-Ah foi tudo bem, o nono ano é um amor! Estou com eles desde pequenos, então sou suspeita para falar. É minha turma favorita. – diz ela com um sorriso bobo.

-Sempre temos nossa turma do coração.

-É mesmo. Lavínia, me dá um momentinho? Preciso ir ao banheiro, tomei muita água hoje por causa desse calor. Já volto.

-Claro, fique a vontade. – respondo.

Rapidamente ela se dirige ao banheiro, que fica num corredor atrás da copa. No caminho ela brinca com alguns colegas. Quando sai, vai até o bebedouro, toma água e conversa com uma outra professora, Keila, se não me engano. Enquanto isso, ela pega seu lanche na geladeira e, no caminho até a mesa em que estou, para e conversa com outra professora. Observo todos ao meu redor e percebo que todos estão nesse mesmo ritmo acelerado, conversando, rindo, comendo, bebendo, tudo ao mesmo tempo, aproveitando os poucos minutos de descanso que restam. Percebo que esse é um comportamento constante, foi assim na semana passada e é hoje também. É bem corrido para os professores.

Luíza finalmente se senta ao meu lado, comendo. Ela fica por alguns minutos em silêncio, respondendo ocasionalmente seus colegas que lhe fazem perguntas ou brincadeiras. O sino indicando o fim do recreio soa e os professores vão saindo da sala. Quando todos se vão, ficamos só eu, Luíza e mais três professores que também estão em seu horário de planejamento.

-Bom, vamos lá? – me diz Luíza, abrindo sua mochila e pagando alguns materiais.

-Vamos começar. E então? Você conseguiu ler o material que te enviei? Fiquei com medo de que fosse muito corrido para você.

-Sim, eu li. A semana desde que nos encontramos foi bem tranquila, ainda não estamos em momento de avaliação, então as coisas estão calmas. E por falar no texto, eu gostei muito da dinâmica do Grupo de Trabalho. Me pareceu ser uma proposta bem interessante.

- Você sabe que eu gosto muito da proposta, afinal é com isso que venho trabalhando há alguns anos. Fico feliz que tenha gostado. Mas vamos lá, o que achou mais interessante ou que você acha que tenha algum potencial para as suas aulas?

-Eu fiz mestrado em Educação Matemática em 2016, estudei bastante coisas relacionadas à formação de professores e também aos processos de ensino e aprendizagem. Até hoje eu sempre busco ajuda em artigos, dissertações e teses para elaborar atividades. Além é claro da experiência que já tenho em sala de aula, que não é muita, mas já conta alguma coisa. Com isso, eu percebo que várias das questões que foram levantadas no artigo em relação ao GT com professores também se aplicam aos alunos. Como por exemplo, sobre o isolamento que o professor sente em relação ao seu trabalho, de não ter com quem compartilhar suas angústias e frustrações, ou seus sucessos, suas dificuldades, o aluno também sente! Eles não costumam falar com a gente ou com os colegas sobre o que estão aprendendo. É tão difícil descobrir o que eles estão pensando que leva um tempo bem grande até eles se sentirem confiantes e falar com a gente.

-Isso mesmo, essa é uma característica em comum entre a vivência do professor e a vivência do aluno. Essa dificuldade de comunicação entre professores e alunos não é de hoje, é algo que sempre aconteceu e acontece até hoje. Os alunos estão isolados dentro de si mesmos, não compartilham suas vivências de sala de aula com ninguém, nem mesmo com os colegas. É raro o aluno que fala abertamente com um colega sobre isso, quem dirá com o professor. Esse é um dos motivos pelos quais fiz essa proposta a você. Será que a dinâmica de Grupo de Trabalho implementada em suas aulas não podem contribuir para a quebra desse isolamento do aluno?

-Pode ser que sim, ou pode ser que não, né. Mas eu acho uma ótima proposta para tentar com o 6ºB. Como eu te falei nos encontros anteriores, a turma é muito difícil. Deu uma melhorada nas últimas semanas, mas bem pouco. O caos continua, a diferença é que agora eu grito mais baixo. – Luíza sorri. – Eu já tentei de tudo naquela turma e não tinha mais nenhuma estratégia nova para tentar intervir, então quando eu li esse seu texto eu percebi que essa é uma estratégia que vale a pena investir nessa turma que, para todos os efeitos, não tem mais jeito.

-É, você tem razão. Talvez, por já ser uma turma agitada, a dinâmica de grupo tenha um efeito positivo para o andamento do trabalho. Como você bem sabe, pode dar certo, ou pode dar tudo errado, é um risco que vamos correr. – digo, olhando para ela.

-Eu espero que dê certo, senão minha função como professora vai por água a baixo!

-E essa é uma característica que será própria do Grupo de Trabalho com alunos: você precisa de algum tipo de resultado, precisa cumprir o conteúdo programático, precisa que eles apresentem notas acima da média.

-Exato! Vai eu fazer toda essa dinâmica e a turma toda zerar a prova! Coordenação no meu pé o bimestre inteiro! Pesadelo total. – diz Luíza, fazendo uma careta. – Mas então deixa eu ver se entendi bem: um Grupo de Trabalho é formado por pessoas que se reúnem com o objetivo de trocar experiências de sala de aula, compartilhar vivências, dificuldades que encontram ao trabalhar com seus alunos, coisas que deram certo e coisas que deram errado, um lugar no qual se pode conversar a respeito das demandas que a profissão professor levanta.

-Isso. É um espaço-formação para troca de vivências, histórias de sala de aula, entre outras coisas. Nada impede que vivências pessoais entrem em discussão, desde que sejam uma demanda dos indivíduos que compõem o Grupo. Uma coisa importante é que esses grupos não são Grupo de Trabalho logo de início. Leva-se um tempo até que ele se torne um GT. Afinal, para que se fale abertamente sobre suas vivências, suas frustrações, dificuldades e sucessos é necessário ter confiança nos membros do grupo, ter confiança de que ali, naquele lugar, se pode dizer efetivamente o que se está pensando, o que está sendo vivenciado. – digo, folheando as páginas do texto.

-E pensando nesse grupo com alunos, essa confiança já existe, só precisa ser trabalhada. Eles estudam juntos desde muito pequenos, muitos se conhecem bem, então com o devido incentivo, acredito que a comunicação entre eles será bem mais fácil. Pelo que percebi no texto, a chave de tudo é a comunicação entre os participantes do grupo, sem ela o grupo não se forma. – diz Luíza, pegando sua garrafinha que estava no bolso da mochila à sua frente e tomando um gole.

-Isso, a interação entre os participantes é primordial. Por essa razão, o trabalho em grupo pode ser um aliado na constituição do nosso Grupo de Trabalho com alunos. Veja só, organizados em fileiras eles conseguem interagir, mas não conseguem ver todos os colegas. Se lançarmos mão de novos modos de organizar a turma, podemos ter um ganho no qual eles poderão ver todos os colegas e interagir. Podemos pensar em grupos grandes e pequenos, dependendo da atividade que iremos propor.

-Claro. Eu sempre gostei de trabalhar com grupos, acredito, assim como você, que compartilhar ideias com um ou mais colegas é mais produtivo do que pensar sozinho. Eu tentei no início do ano trabalhar em duplas e foi um horror! Menina, quase enlouqueci. Parei por um tempo senão eu é quem iria ficar doente. Mas como eles estão relativamente

mais tranquilos, acho que podemos tentar de novo. Podemos iniciar com duplas e, a partir do que acontecer, formar grupos maiores, organizar a sala em roda, em U. – diz Luíza, rabiscando numa folha distraidamente.

-Certo. – digo enquanto anoto em minha folha o primeiro passo a ser dado. – Então vamos iniciar com o trabalho em duplas. Mas uma coisa que eu queria reforçar sobre o Grupo de Trabalho é o seu papel. No GT com professores, com o passar do tempo, o pesquisador passa a ser visto como um membro do grupo. A autoridade que ele exerce como uma espécie de líder do grupo é atenuada, e os demais professores passam a vê-lo como um “igual”. Isso não vai acontecer com você. Para os alunos, você é e sempre será a professora, aquela que coordena e conduz as aulas. E tudo bem, essa já é uma característica que esperamos em um GT com alunos. O que vai acontecer é que o seu papel dentro desse grupo é o de sempre questionar os alunos sobre o que eles estão pensando. Por exemplo, se alguém der uma determinada resposta para uma pergunta que você fizer, você deve perguntar como ele chegou nessa resposta, o que ele pensou para dizer o que disse, entende? Com isso, você terá acesso ao que eles estão pensando quando estão produzindo um conhecimento e terá como intervir, caso seja necessário. E a partir disso, eles vão começar a naturalizar esse comportamento e provavelmente vão começar a repeti-lo com os colegas.

-Humm, entendo. Eu é quem preciso manter eles em interação, fazer com que sempre estejam falando sobre o que estão aprendendo, sobre o que estão produzindo. Certo. – diz ela, enquanto também faz uma anotação.

-Acho que o mais importante é isso. Vou te enviar mais alguns textos sobre Grupo de Trabalho e você vai lendo, conforme for possível. O principal você já entendeu. Tem mais alguma pergunta? – digo, olhando para ela.

-Por enquanto não. Como eu disse, eu gostei muito da proposta, por ser simples de compreender. Se vai ser simples de implementar eu já não sei, mas estou confiante! – diz ela dando uma piscadinha com o olho direito.

-Vai ser legal. Mas qualquer dúvida que você tenha, me ligue, mande mensagem, ok? – ela concorda, acenando positivamente com a cabeça. – Então agora vamos planejar nossas ações para a próxima semana? O que você acha de começarmos na próxima aula? É na terça-feira, certo? Que tal iniciarmos na terça? – pergunto a Luíza.

-Pode ser! Como eu disse, não estamos em época de avaliação bimestral, então podemos começar.

-Ótimo! Qual conteúdo você está trabalhando com eles?

-Estamos estudando frações. Estamos no início. Apresentei a eles o conceito de fração, como nomear frações e representá-las com desenho. Para este mês, acredito que chegaremos até as frações equivalentes. Deixa só eu olhar meu planejamento aqui. – diz Luíza, abrindo sua mochila e consultando um caderno. – Isso, na próxima semana iniciamos o estudo das frações de quantidade, depois os números mistos e então as frações equivalentes, se não tivermos nenhuma surpresa.

-Certo. E nesse trabalho para iniciar as frações, como você fez? – pergunto, enquanto anoto a informação sobre os conteúdos a serem trabalhados no futuro.

- Bom, eu trabalho com jogos. Aqui na escola nós temos um projeto que tem como objetivo implementar jogos nas aulas de Matemática. Originalmente esse projeto tinha como objetivo principal fazer com que os alunos aprendessem a tabuada, tanto que o nome é Projeto Tabuando. Eu particularmente achei bem bobo, afinal existem coisas mais importantes para se aprender do que decorar a tabuada, então como eu tinha que executar esse projeto, porque veio da SEMED e o que vem de lá deve ser feito sem questionamentos, eu já mudei trazendo ele para trabalhar a multiplicação e o cálculo mental, isso em 2016, o primeiro ano desse projeto. No ano passado, eu inseri a divisão no projeto e nesse ano estou trabalhando as operações básicas, incluindo potenciação e radiciação. Eu dei um jeitinho sabe, para trabalhar um assunto que permeia todas as séries e é útil aos alunos, porque vários têm dificuldade com essas operações. Claro, eu só consegui fazer isso porque a Ivone me apoiou nessas mudanças.

-Ah que legal! E você chegou a fazer esses jogos com o 6ºB? Como foi?

-Sim, eu fiz com eles. Bom, eu não estava fazendo jogos com o 6º B desde março, quando eu trouxe um dominó de adição e subtração e eles rasgaram todas as peças. Mas agora que eles se acalmaram um pouco, eu fiz um bingo da multiplicação com eles, entre as aulas sobre o conteúdo de frações. Foi meio bagunçado, eles se agitaram muito, e eu consegui jogar com eles por uns 40 minutos. Foi bom até, em comparação com o início do ano. – diz Luíza.

-E geralmente você usa esses jogos de que maneira? Para iniciar um conteúdo, para finalizar? – pergunto.

-Bom, assim que o projeto chegou pra mim, eu fui atrás de material que falasse sobre o uso de jogos em aulas de Matemática. Eu já tinha lido sobre, mas não me lembrava de muita coisa. Então na maioria dos materiais que encontrei, o jogo é usado para iniciar um conteúdo. Eu uso dessa maneira em poucas ocasiões, porque, tirando o sexto ano, os demais anos têm poucas aulas de Matemática, e para usar um jogo para iniciar um

conteúdo você precisa deixar o aluno jogar, deixar ele experimentar o jogo, deixar ele conjecturar, criar estratégias, jogar várias vezes, questionar nas horas certas, dar pistas na hora certa. Mas infelizmente, o tempo de aula que eu tenho não condiz com a quantidade de conteúdo que eu tenho que cumprir. Então, ou eu deixo eles experienciando o jogo e fico sem tempo de cumprir o currículo, ou proponho o jogo e corto no meio da coisa, entende? Então eu optei por inserir os jogos de modo a fazer com que os alunos treinem aquilo que estão aprendendo. Eu apresento o conteúdo, fazemos atividades e o jogo vem junto ou em seguida das atividades, fazendo com que eles utilizem aquele conteúdo que estão aprendendo. Tem funcionado bem. Percebo que os alunos que tem mais dificuldade acabam tirando suas dúvidas durante o jogo, porque para jogar eles precisam saber aquele conteúdo, no caso, as operações básicas.

-Entendo. Realmente, é muito conteúdo e pouco tempo para se trabalhar. Mas então, pelo que entendi, essa questão de utilizar jogos nas aulas é algo que você precisa cumprir, é um projeto da escola. Vamos pensar em jogos para trabalhar com o sexto ano. Mas agora, neste primeiro momento a gente deve fazer uma apresentação sobre o projeto. Um marco inicial, entende? Acho que seria interessante fazermos uma assembléia, na qual apresentamos a ideia do Grupo de Trabalho para eles, podemos apresentar todo conteúdo do bimestre e, então, como uma assembléia, eles podem decidir como querem aprender esses conteúdos que serão trabalhados. Uma ideia é que, como eles já estão de certo modo habituados com o uso dos jogos, mesmo você tendo feito poucas vezes com o sexto ano, que eles criem jogos. Você já apresentou a eles a ideia central do trabalho com jogos? Aquilo de não ser o jogo pelo jogo?

-Já sim. Sempre que inicio o trabalho com jogos com uma turma, eu explico que o jogo na aula de Matemática não é só diversão, que tem sempre alguma coisa a se aprender, a se exercitar. Eu até brinco: se fosse jogo por jogo, a gente ia correr lá na rua. – Luíza ri.

-Ótimo. Então podemos reforçar essa ideia, e então eles podem escolher determinado conteúdo apresentado na assembléia e criar um jogo sobre ele, com regras e tudo mais. Com isso, eles já podem começar a perceber que são ativos, que podem participar do processo. O que acha?

-É uma boa ideia. Eles já perceberam que para estudar com os jogos, eles precisam seguir as regras, eles já conhecem a dinâmica. Ainda mais depois que jogamos o Bingo e deu certo, eles viram a importância de cooperar, de seguir as regras. Além de terem achado super divertido, é claro.

-Sim, para eles torna tudo bem mais interessante. Já para o professor... - digo, olhando para ela.

-Não vou dizer que seja fácil. Dá trabalho confeccionar os jogos, pensar nas regras e depois coordenar. Olha, no dia que trabalho jogos em todas as turmas eu saio daqui morta de cansada. Mas eu gosto muito. Acho que hoje, mesmo se não fosse exigência da escola, eu trabalharia com jogos mesmo assim. Além da diversão, eu percebo que, como resultado, o trabalho com jogos faz com que eles se interessem mais sobre o que estão aprendendo, dá a eles a motivação para aprender, porque eles não querem perder quando jogam, então eles acabam se dedicando mais para entender o conteúdo e ganhar quando eu levo os jogos. Como eu costumo dizer, tudo que faça com que eles gostem de estudar Matemática já me agrada muito! – responde Luíza.

-Você vê o resultado. Nós professores temos muito disso, de gostar de ver os resultados daquilo que fazemos. É uma característica dos professores. Mas quando a gente está lidando com pesquisa, nem sempre é possível ver esses resultados. Por exemplo, esse nosso projeto, pode ou não ter resultados positivos, e se tiver, será a longo prazo. E também pode ser que nada dê certo. – digo a ela, desejando que ela não se prenda a essa frase.

Veja bem, eu não posso dizer a ela que tudo será perfeito, que teremos ótimos resultados. Eu espero que sim, mas não tenho garantias. Percebo que Luíza preza muito essa parte de obter resultados positivos com determinadas práticas e se isso não acontecer, não quero que seja traumático para ela.

-É, eu sei. Vocês, pesquisadores, só estão preocupados em ter o que investigar. Se der tudo certo, ótimo. Se as coisas não dão certo, ótimo também. A pesquisa está feita, independente dos resultados. É a “escola real”, que vocês chamam. – diz ela, me olhando nos olhos.

Eu confesso que já esperava por isso. Em geral, os professores não nos veem com bons olhos. É bem comum alguns pesquisadores irem até a escola, executarem suas ações e irem embora e nunca mais voltar. Por isso respiro fundo e, olhando em seus olhos, respondo:

-Sim, isso acontece muito. Por esse motivo nosso objetivo é estar com você e com sua turma por dois anos. E quem sabe podemos estender esse período para mais dois, fazendo esse acompanhamento até eles chegarem no nono ano. Minha intenção é vivenciar o dia a dia da escola, em alguns momentos, de um certo modo. Quero estar com vocês, compartilhar com vocês momentos de sala de aula.

-Certo. – Luíza fica pensativa por alguns momentos. -Mas voltando à atividade de quinta que vem: você não acha que, antes de tudo isso, de propor que eles criem jogos, não seria legal para a investigação ter um registro sobre eles? A intenção é fazer esse acompanhamento a longo prazo, então não seria interessante ter um registro deles em cada fase? Uma foto, uma frase? Assim ao final do processo, você e eu teríamos uma espécie de dossiê deles, sei lá...

-Boa ideia! – como não pensei nisso? – Que tal se a gente fizesse algumas fichas, com as fotos deles em cima e a frase “Quem sou eu?” em cima. Assim eles escreveriam, em poucas palavras, quem eles são. Assim teremos o registro do que eles falam sobre si mesmos e, conforme os anos forem passando, podemos fazer essa atividade de novo. Teremos esse registro de como eles falam sobre si mesmos ao longo do processo.

-Certo. Durante a semana eu tiro as fotos deles e monto as fichas. Na quinta, após a apresentação, entregamos as fichas e eles escrevem. – responde Luíza, fazendo uma anotação em seu caderno. – Eles são rápidos em executar tarefas, então, caso eles terminem essa atividade rapidamente, podemos fazer a proposta da criação de jogos. Se não terminarem, na outra aula podemos apresentar o conteúdo programático do bimestre novamente e eles finalizam.

-Ótimo! Então resumindo: durante a semana você tira as fotos e monta as fichas do “Quem sou eu”. Na quinta eu venho aqui, me apresento a eles, converso com eles e nesse meio apresentamos a ideia da aula como Grupo de Trabalho. Em seguida propomos a atividade do “Quem sou eu” e, se der tempo, a criação de jogos. Certo?

-Certo. Só uma coisa que esqueci de perguntar: pelo que eu entendi do texto, as aulas como um todo serão o Grupo de Trabalho, né? Não vai ter um dia em que vamos parar a aula normal e fazer a aula do Grupo. Como é com alunos, teremos momentos diferentes, nos quais a gente pode propor aulas tradicionais, certo? – questiona Luíza.

-Isso mesmo. O Grupo de Trabalho é mutante, ele muda conforme as demandas dos participantes. Como você mesma disse, em período de provas talvez seja necessário organizar a aula em fileiras e trabalhar com quadro, livro e exercícios. Essa é a realidade desse grupo, eles precisam alcaçar a média no boletim, e tudo bem com isso. – respondo.

-Bom, então acho que está tudo certo. Vou ler mais uma vez o texto e se você tiver mais material sobre isso, pode me mandar. Quero fazer as coisas direito, pelo meu trabalho e pelo seu. – diz ela, mais uma vez me olhando nos olhos.

-Claro que sim. Assim que eu chegar em casa e envio mais algumas coisas. Vou te enviar uma dissertação de mestrado de uma professora. Ela fez um Grupo de Trabalho

diferente, ela e outra professora, e trabalhou com alunos. É um pouco grande, mas você pode olhar só as partes que falam explicitamente sobre o trabalho com os alunos. Elas planejavam juntas e então a professora regente implementava as atividades com os alunos e a professora pesquisadora se comunicava com os alunos por meio de cartas. É bem interessante a dinâmica que acontecia entre elas.

-Combinado. E pode me mandar materiais, eu gosto de ler, não é problema para mim. Gosto mais de fantasia, é claro. – diz Luíza sorrindo. – Mas é importante que eu saba mais sobre a dinâmica dos Grupos de Trabalho, para saber como lidar e conduzir as interações.

-Pode deixar que te envio ainda hoje, sem falta. Acho que é isso. Alguma pergunta? Algo que queira saber e que não falamos? – pergunto.

-Não. Acho que falamos sobre o mais importante. Caso surja alguma dúvida, posso te mandar uma mensagem?

-Claro, a hora que quiser. Pode me ligar também ou mandar e-mail. O mais fácil para você, Luíza.

-Então, tudo certo! – diz ela, enquanto guardo minhas coisas na bolsa. -Ah, vou solicitar autorização aos pais para participar do projeto, assim teremos autorização para uso de áudio e imagem deles. Vou pedir para a Ivone agora mesmo.

-É verdade! Nossa, até esqueci de comentar, mas faremos gravações em áudio e vídeo de algumas aulas do Grupo, então as autorizações são muito importantes! – como deixei isso passar?

-Eu imaginei que faríamos gravações. Na verdade, no ato da matrícula os pais já autorizam o uso de imagens dos filhos em projetos da escola, mas como essas gravações podem aparecer em outro lugar, é importante termos uma autorização só nossa. – diz ela, se levantando. – Além disso, serve como uma espécie de motivação para eles. Desde que a Ivone me falou sobre suas intenções, eu já comecei a falar para eles que teríamos uma outra professora trabalhando com a gente, participando das aulas e que faríamos atividades diferentes. Eles já estão ansiosos para te conhecer. Pode ter certeza que na quinta, quando eu for recolher as autorizações, vários irão esquecer, mas aí a gente diz que quem não tiver autorização não vai participar da aula, vai ficar sozinho em outro lugar. – Luíza sorri. – Criança sempre quer participar de tudo!

- Ótima estratégia! - sorrio de volta.

Olho no relógio, já são 16:30 horas. Nossa, nem parece que ficamos uma hora e meia conversando. O bom é que o trânsito ainda está bom nesse horário, senão ia demorar uma eternidade para chegar em casa.

Lavínia

-Bom Luíza, então eu já vou indo! Vou aproveitar que ainda não estamos em horário de pico. Vou atravessar a cidade!

-É mesmo! Vai logo senão o trânsito vira um caos. – diz ela.

-Então, até quinta. Qualquer coisa, só me mandar uma mensagem. – me levanto e aperto sua mão.

-Tudo bem. Tchau, tchau! – responde Luíza, sorrindo.

-Tchau.

Me despeço dos demais professores que estão na sala e saio, em direção ao portão. Luíza é bem firme no que se refere ao seu trabalho. Acho que ela não vai topa realizar atividades diferentes, precisarei saber como lidar com ela. Esses dois anos serão um longo período de negociação.

Entro em meu carro e dou a partida. Espero que isso não seja uma complicação...

10. QUE MARAVILHA!

Na semana seguinte...

Luíza está lanchando neste momento e conversando com seus colegas de trabalho, se preparando para o próximo período de aulas. Essa equipe de professores parece ter uma boa relação, já que sempre estão brincando uns com os outros. Isso é muito bom, caso precisemos de parceria. Hoje iniciaremos o trabalho com o sexto ano B, pois Luíza acabou concordando em escolher essa turma para investigação, o que me deixou muito satisfeita.

Estou bem animada para conhecer essa turma e iniciar o trabalho. É uma nova perspectiva para mim e para nosso grupo de pesquisa, como um todo. Se esta investigação der certo, teremos uma ótima estratégia para ser empregada em aulas de Matemática, com alunos. Ou pode dar tudo errado e não acontecer nada... Luíza me deixou um pouco ansiosa em relação aos alunos do 6º B, pois seus relatos sobre o primeiro semestre foram bem desanimadores. Mas, quando me encontrei com ela pela primeira vez, ela me disse que havia uma mudança de comportamento ocorrendo entre os alunos. Espero que as ações que tomaremos no decorrer deste semestre possibilitem que essa mudança se consolide.

Eu venho trabalhando nisso há muito tempo. Eu fiz minha graduação em Licenciatura em Matemática na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e nesse período comecei a fazer Iniciação Científica. Depois fiz Mestrado em Educação Matemática, com bolsa. Durante o curso de mestrado é que comecei a trabalhar com Grupos de Trabalho. Depois do mestrado eu dei aula por alguns anos na educação básica, ingressei no doutorado, onde continuei estudando sobre os Grupos de Trabalho e então passei no concurso para Trabalhar na Universidade. Me lembro que durante meu curso de doutorado, eu dava aulas, estudava e fazia o trabalho de campo e era uma loucura. Não tive bolsa como no mestrado, então eu me dividia em duas, ou até mais! Era muito cansativo.

Mas voltando ao presente, cheguei na escola uns 5 minutos antes de o recreio iniciar. Aqui, o recreio é dividido em duas partes: das 14:45 horas até as 14:55 horas o recreio é para os alunos da educação infantil até o 4º ano. Após esse período, às 15 horas se inicia o recreio dos alunos do 5º ao 9º ano. Perguntei o porquê desta divisão e me disseram que

a escola, apesar de grande, não tem pátio suficiente para abrigar todos os alunos fora da sala ao mesmo tempo e que além disso, os maiores podem machucar os menores, devido ao corre corre que se inicia quando toca o sino. Fiquei no pátio durante o recreio das crianças menores, observando como elas se comportam nesse momento. As coordenadoras e monitoras participam do recreio criando brincadeiras para quem quiser brincar, como corda, queimada, pega-pega, teatro de fantoches, entre outras. A maioria se envolve nestas brincadeiras, já outros correm uns atrás dos outros rindo e gritando. Alguns correm e lancham ao mesmo tempo, aproveitando ao máximo seus dez minutos de folga.

Às 14.55 horas o sino bateu e todos se encaminharam para as filas, organizadas no pátio a céu aberto, logo após o primeiro portão da escola. Turma a turma, seus professores vão até as filas formadas, e levam seus alunos para as salas de aula. Enquanto isso, os brinquedos são guardados e as mesas de pebolim são colocadas no centro do pátio em frente à sala da coordenação. Pude observar que nesse momento, vários alunos das salas no corredor à direita já estão nas portas, apenas aguardando o sino tocar. Quando toca, eles saem em disparada para as mesas de pebolim, tentando serem os primeiros a jogar. O lanche também é servido neste momento e o mesmo acontece: vários andam, correm, jogam pebolim e comem ao mesmo tempo. Após essa corrida, pude ver os professores trancando as alas de aula e se dirigindo à sala dos professores para o tão esperado intervalo. Luíza vem nesse momento, me avista e acena, se aproximando de mim. Hoje ela está vestindo calça jeans, o uniforme da escola, tênis e cabelo preso em um rabo de cavalo, seu estilo de sempre. Ao chegar onde estou sentada, no banco em frente à sala da direção, ela me cumprimenta e me chama para a sala dos professores.

Entramos juntas na sala dos professores, com Luíza à frente. Me sento próxima ao lugar onde ela coloca seus materiais e espero. Ela vai até seu armário, guarda algumas coisas e pega outras. Em seguida vai até a geladeira e pega seu lanche, então se senta ao meu lado e começa a comer rapidamente, ao mesmo tempo em que conversa com os colegas e comigo.

-E então, animada para conhecê-los? – me pergunta Luíza.

-Estou. Hoje inciamos o trabalho prático com sua turma e espero que seja um ótimo começo. – respondo.

-Uhum. Keila!- fala Luíza , olhando para uma moça morena, com o cabelo escuro preso em um coque alto, na outra mesa. – Como está o 6º B hoje?

-Hoje eles estão impossíveis. Tive que dar uns berros em alguns momentos. – responde a professora enquanto verifica seu celular.

-O de sempre então. -diz Luíza para Keila e então se dirige a mim. – Vamos ver o que eles fazem com alguém diferente participando da aula. Espero que não me matem de vergonha. – diz ela fazendo uma careta.

Dou uma risada, enquanto ela termina de comer e me avisa de que precisa ir até o banheiro. Enquanto isso, verifico minha mochila, me certificando de que trouxe a câmera e o tripé. Luíza retorna e me diz:

-Vou alí na sala de tecnologia pegar o projetor e a extensão. O computador já está na minha mochila. Já volto.

Ela sai e retorna rapidamente. Nesse exato momento o sino toca, anunciando que o recreio terminou. Nossa, nem dá tempo de descansar um pouquinho! Luíza se levanta, pega sua mochila e bolsa e eu a sigo. Antes de sair da sala, ela pega a chave da sala atrás da porta e seguimos em direção ao corredor. No caminho, um menino e uma menina se aproximam e perguntam se Luíza quer ajuda com seus materias. Luíza diz que sim e entrega a chave da sala para o menino e a bolsa com seus materias para a menina. Ambos saem correndo em direção à sala de aula. A sala do 6º B é a primeira, da direita para a esquerda, no final do corredor em frente à sala dos professores. Assim que a porta se abre, Luíza entra e eu a sigo. Imediatamente sou envolvida por um ar quente e abafado. Observo a professora ligar o ventilador e percebo que dos quatro que estão instalados na sala, apenas um funciona. Bem que ela me disse em nossa reunião da semana anterior que a sala era quente!

Enquanto isso, Luíza se posiciona na porta, aguardando os alunos entrarem na sala. Diferente dos alunos menores, quando o sino que indica o final do recreio toca, os alunos do 5º ao 9º ano se dirigem para suas salas de aula e esperam seus professores destrancarem as portas. Assim que todos entram, Luíza vai até o centro da sala e começa a falar.

-Boa tarde, pessoal! Como avisei na aula passada, hoje nós temos a visita da professora Lavínia. -diz ela, apontando para mim.

Vários alunos começam a dizer oi, ao que eu sorrio e respondo. Nesse momento, entra uma mulher na sala, juntamente com uma menina de cabelos cacheados. A menina corre e abraça Luíza e em seguida começa a fazer sinais e gestos, apontando para o tênis de Luíza. Devem ser a professora Joyce e a Jéssica, a aluna com necessidades especiais.

Luíza rinica com Jéssica e em seguida me apresenta à professora Joyce.

Lavínia

-Joyce, essa é a professora Lavínia. Ela que vai trabalhar com a gente pelos próximos meses.

-Oi, tudo bem? – diz Joyce para mim.

-Tudo bem! Essa é a Jéssica? – pergunto à Joyce.

-É sim. Olha Jé, essa é a professora Lavínia, amiga da professora Luíza. – diz ela, se dirigindo à menina e apontando para mim.

Jéssica sorri e acena para mim. Em seguida aponta para meu sapato e para o seu.

-Ela adora sapatos. -me informa Luíza.

Em seguida, Joyce e Jéssica se dirigem à sua carteira, logo à esquerda da mesa de Luíza e se sentam.

Enquanto eu conversava com as duas, pude perceber a conversa entre os alunos aumentando de volume e quando observo a sala, posso ver vários brincando uns com os outros, alguns fora de seus lugares, rindo e falando alto.

-Pessoal, vou montar a câmera com a professora Lavínia para gravar essa nossa reunião, como eu avisei para vocês na aula passada. Enquanto isso, os que trouxeram a autorização para participar do projeto, entreguem para a professora Joyce, por favor.

Nisso, os alunos começam a remexer em suas mochilas em busca da autorização e enquanto isso, eu e Luíza montamos os aparelhos. Eu monto e posiciono a câmera e ela liga o computador e o projetor. Enquanto isso, há um corre correr até a mesa de Joyce, vários alunos entregando suas autorizações e a conversa só aumenta. Bem que Luíza me disse que eles falavam alto! Em cinco minutos tudo está pronto e Luíza volta a falar:

-Pessoal, a aula vai começar. Vamos fazer um pouco de silêncio?! -diz ela em tom elevado.

Um a um, os alunos se sentam em seus lugares e a conversa diminui. Não pára por completo, mas Luíza recomeça a falar mesmo assim.

-Como falei para vocês na última aula, hoje estamos recebendo a professora Lavínia, que vai estar conosco em algumas de nossas aulas. Hoje, ela vai falar um pouquinho com vocês a respeito do que faremos, dar mais informações sobre o projeto sobre o qual já conversamos e que vocês trouxeram as autorizações para participar. Por falar nisso, todos trouxeram?

Alguns alunos dizem que esqueceram e perguntam se podem trazer na próxima aula.

-Podem sim, só não esqueçam de novo, senão vocês não poderão participar. Todo mundo participando e vocês de lado, chupando o dedo! – diz ela e olha rapidamente para mim, dando uma piscadela.

Luíza retoma sua fala e apresenta aos alunos o que definimos na semana passada.

-Bom pessoal a partir de hoje, nós iremos trabalhar muito em grupos, fazer várias atividades diferenciadas. Quando a gente estuda em grupo com um colega ou com mais de um, vocês acham que é melhor ou pior? – pergunta Luíza aos alunos, olhando de um para o outro.

-É melhor! A gente pode conversar mais! – diz o aluno logo em frente à mesa da professora. Ele é pequeno, moreno, com cabelo curtinho. Percebo que uma das pernas está apoiada no assento de sua cadeira.

- É Sérgio, tem essa parte boa sim. Mas e em relação a estudar junto? Ter um colega pra fazer uma atividade junto é melhor ou pior?

-Ah aí é bem melhor né, professora. Com o colega a gente consegue aprender mais. – responde o menino, Sérgio.

-É mesmo, professora, quando a gente tem um colega junto, a gente tem ajuda! – Diz a menina ao lado de Sérgio, de cabelos longos presos em um rabo de cavalo.

-Isso mesmo, pessoal! Quando a gente tem um colega para estudar junto, a gente consegue trocar idéias. Esse é o ponto principal do nosso projeto: nós vamos trabalhar em grupo, buscando aprender uns com os outros. – responde Luíza. – Mas para isso acontecer, o que é que nós precisamos ter? Nós conversamos sobre isso!

- A gente precisa trabalhar em conjunto, sem brigar! – responde um menino ao lado da menina de cabelos longos. Ele é alto, parece mais velho que os demais, com um topete louro.

-Isso aí, Giovani. Vamos aproveitar nossas aulas, com respeito com o colega, sem xingar, sem arrumar confusão. – diz Luíza.

Ela continua apresentando as ideias do que a ver o Grupo de Trabalho, mas sem dar nomes, apenas frisando a dinâmica das aulas. Em seguida ela apresenta os conteúdos a serem trabalhados no bimestre e faz mais algumas observações sobre o trabalho em grupo.

-Agora a professora Lavínia vai falar com vocês. – Luíza encerra sua fala, olha pra mim e vai para perto da porta.

Me dirijo até o meio da sala e começo a falar.

-Oi pessoal! Meu nome é Lavínia. Tudo bem com vocês?

-Tudo! – respondem os alunos em coro.

-Como a professora Luíza já conversou com vocês, a partir de hoje eu estarei aqui com vocês em algumas aulas, para trocar ideias com vocês sobre as nossas aulas de Matemática. Eu também sou professora de Matemática, assim como a Luíza.

-E você trabalha em outra escola? – pergunta o aluno do topete loiro, Giovani.

-Sim, eu trabalho em outra escola, mas lá só estudam pessoas mais velhas do que vocês. Eu trabalho na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Eu sou professora de professores. – respondo.

- E você deu aula para a prô Luíza? – pergunta o pequenininho, Sérgio.

- Não, para a Luíza não. Mas ela já estudou lá na universidade. Ela fez a graduação em Matemática e depois fez um mestrado. – respondo.

-Ué, mas ela já não vira professora na faculdade? Precisa desse outro, o mestrado? – pergunta Giovani.

Antes que eu responda, a menina de rabo de cavalo responde:

-Ah mas a professora já explicou pra nós, Giovani. Você faz a faculdade, depois mestrado e doutorado, igual a gente faz creche, depois ensino fundamental e depois o médio.

-É, a prô Luíza falou que ela fez mestrado e que a professora Lavínia já fez doutorado. A cada nível aprende mais a ser professor. A prô Luíza pode fazer doutorado se quiser. – responde um menino no fundo da sala, na fileira da parede, oposta à porta.

-Qual o nome de vocês?-pergunto aos dois.

-Lauanny. – responde a menina.

-Eu sou o Evandro, prazer em conhecer a senhora. – responde o menino.

-Oi Evandro, oi Lauanny, prazer em conhecer vocês dois, também. Mas é isso o que vocês falaram. Vocês fazem o ensino fundamental, depois o ensino médio, depois vem a graduação, que é a faculdade que vocês falam, e depois, se quiserem, podem fazer mestrado e então o doutorado. Eu por exemplo, dou aula para professores e, às vezes, também trabalho nas escolas, como agora também sou professora de vocês. E sabem do que eu mais gosto nisso? De conhecer e conversar com pessoas! A cada ano eu conheço pessoas novas, converso com várias pessoas e aprendo muito com elas. – respondo.

-Eu trabalho de segunda a sexta na universidade, e agora estarei com vocês em algumas aulas. – continuo.

-Todo dia? – pergunta Giovani.

-Não né, Giovani, quando ela estiver livre. – responde Luíza.

-Ahhhh! – responde o menino.

- Isso, eu estarei com vocês a cada 15 dias, nas aulas de quinta-feira, como hoje. Nós vamos conversar sobre nós, sobre as aulas de Matemática. Mas hoje, eu quero conhecer vocês. De alguns eu já descobri o nome, como a Lauanny, o Sérgio, o Giovani e o

Evandro. Agora eu quero conhecer os outros. Você! – aponto para uma menina de cabelos curtos e sardinhas. – Qual é o seu nome?

-Letícia. – responde ela, com timidez.

-Letícia, você gosta da aula de Matemática? – pergunto a ela, chegando mais perto.

-Eu gosto, mas não sou muito boa. – diz a menina, baixinho.

-Fala mais alto aí no fundo! – grita Giovani.

-Sossega, Giovani! – escuto Luíza ralar com o garoto, atrás de mim.

-A Letícia disse que gosta. – falo para a turma. -Mas ela acha que não é boa. Alguém mais se sente assim?

Algumas mãos se levantam.

-Isso é muito normal, a gente achar que não é bom em algo. Mas Letícia, e se você tivesse alguém pra estar com você, para estudar como você, o que você acha que iria acontecer? – pergunto a ela.

Letícia Levanta a cabeça e diz:

-Eu acho que eu ia conseguir fazer mais coisas, porque ia ter ajuda.

-Eu também penso assim, como você. Alguém mais pensa o mesmo que a Letícia? – pergunto, olhando a todos. Vários respondem que sim, ao mesmo tempo. Continuo:

-Então, a professora Luíza também pensa assim, e por isso nós pensamos nessa dinâmica que ela apresentou a vocês. Nós poderemos trabalhar em grupo, discutindo nossas ideias, pensando sobre o que estamos fazendo, conversando com o colega sobre aqueles conteúdos alí!- indico a imagem do projetor no quadro atrás de mim. – Só que para isso, para trabalhar em grupo, nós vamos envolver jogos nisso, vamos aprender jogando e fazendo outras atividades mais.

Percebo que vários alunos estão se virando nas cadeiras e conversando com os colegas enquanto falo. Bom, são crianças não é! Não vão ficar quietos enquanto eu fico aqui falando.

-Mas pensem comigo: se eu quero soltar pipa e você jogar bolita, como a gente faz para brincar? – continuo.

-A gente tem que conversar e decidir. – responde Giovani.

-Um tem que jogar o jogo do outro – diz um menino que está no meio da sala, de cabelo arrepiado.

-Isso mesmo! Qual é o seu nome? – pergunto ao menino de cabelo arrepiado.

-Thalisson.

-É isso mesmo que você e o Giovani falaram, Thalisson. A gente precisa conversar, decidir e um deve jogar o jogo do outro, senão ninguém brinca, ou brinca sozinho, mas brincar sozinho é muito chato. Isso também vale para as aulas. O que vocês acham de jogar jogos que os outros colegas fizeram?

Eles começam a se olhar e falar ao mesmo atempo, até que Lauanny fala mais alto:

-Como assim? A gente vai inventar jogos?

-Exatamente! Só que não é qualquer jogo, são jogos sobre aquilo ali. – aponto o quadro. – Afinal, nós estamos na escola e precisamos estudar esses conteúdos que estão no quadro. Então essa, será uma de nossas primeiras atividades: vocês poderão pensar em jogos para estudar esses conteúdos sobre fração!

-Mas qualquer jogo?- pergunta Giovani.

-Sim, vocês podem. Por exemplo, a professora Luíza já trouxe alguns jogos para vocês. O que tinha naqueles jogos? – pergunto, olhando um por um.

-Multiplicação!

-Soma!

-Conta de menos!

-Isso, tinha algo de Matemática no meio. E podia jogar de qualquer jeito? – pergunto novamente.

-Não! Tem as regras.

-Isso! Então quando vocês forem pensar em jogos, vocês tem que pensar no quê de Matemática ele vai ter e nas regras. Entenderam?

-Sim!!!- eles dizem em coro.

Há alguns minutos começou a ficar difícil conversar com eles. Existem vários grupinhos de conversa, que riem e conversam entre si. Tento falar mais alto, gestualizar mais para chamar a atenção deles, mas não está funcionando. Escuto Luíza e Joyce pedirem aos alunos para prestar atenção, mas eles param só por alguns instantes. Bem, parece que Luíza tinha razão, afinal. Pensei que fosse exagero, mas esse deve ser o começo do caos, como ela diz. Olho rapidamente em meu relógio, está quase acabando. Graças a Deus. Não sei o que fazer se eles saírem de controle! Respiro e continuo:

-Pois bem, é isso que faremos nas aulas, no nosso Grupo de Trabalho: vamos trabalhar juntos, pensar juntos em como estudar o que temos para estudar. Vocês podem opinar e decidir em conjunto como serão as aulas, o que faremos nas aulas e como faremos. E faremos tudo isso juntos, em grupo. O que acham?

-Muito legal! – diz um aluno no fundo da sala.

-Eu gostei! – diz outro.

-Parece que a gente vai é ter mais trabalho. – diz uma menina do lado direito da sala.
Com o tempo eles entram no ritmo. Assim eu espero!

-Mas então, agora alguém tem alguma pergunta? – digo.

O burburinho só aumenta e tenho a impressão de que ninguém me ouviu, já que eles continuam falando uns com os outros sobre o que acabei de dizer sobre o grupo. Faço a pergunta mais uma vez e ninguém me responde. Olho para Luíza, sem saber o que fazer. Não estou acostumada a isso, a ter alunos que não prestam atenção em mim. Em minhas aulas na graduação há silêncio, todos estão ali concentrados no que digo, no que mostro, quando pergunto algo, todos respondem. Agora aqui não. Começo a ficar nervosa.

Assim que encontra meu olhar, Luíza parece entender o que está acontecendo e rapidamente toma o controle da situação.

-PESSOAL! – diz ela, quase gritando.

Imediatamente todos olham para ela e param de falar. Como ela fez isso?

-Pessoal, como a professora Lavínia disse, e nós já havíamos conversado bastante sobre isso, essa será nossa primeira atividade. Nós vamos entregar a cada um uma folha de sulfite, e nela vocês vão escrever seu nome, a data de hoje, e o nome do jogo que querem fazer. – ela rapidamente pega um marcador de quadro branco e começa a escrever no quadro, continuando a conversa. – Essas são as condições: vocês vão escolher um jogo e um conteúdo destes que estão no quadro. Assim que escolherem, vocês vão criar as regras para este jogo. Lembrem-se, não pode ser o jogo pelo jogo, vocês precisam aprender algo de Matemática com ele. Vocês já sabem como funciona.

-Mas professora, se eu escolher fração equivalente, como vou fazer o jogo se eu não sei o que é isso e como resolver? – pergunta um menino atrás de Sérgio.

-Bom, você não precisa saber ainda como resolver. Você sabe que isso tem que estar presente. Pensa assim: no Bingo que nós fizemos, quais as regras? – questiona Luíza.

-A gente ia marcando as pedras que a senhora cantava, quem completasse ganhava. – diz o menino.

-Isso Mikael, mas eu cantava o mesmo número que você tinha na cartela?

-Não, a senhora cantava a multiplicação e a gente marcava o resul... Ahhh! Entendi!

-É! Eu falava a conta e vocês tinham que resolver para marcar o resultado, ou seja, eu cantava a multiplicação e você resolvia. Se fosse com essa tal de fração equivalente, como seria?

-A senhora perguntaria sobre a fração equivalente e a gente responderia. – diz Mikael.

-Uhum. Precisou saber, agora, como resolve? -diz Luíza.

-Não. Entendi professora! – responde Mikael.

-Pessoal, é isso. Agora é só uma ideia. Vocês não precisam saber como resolver essas coisas que nós estamos mostrando aqui no quadro. Quando chegar o momento nós iremos aprender e aí poderemos melhorar esse jogo que vocês estão criando. O que faremos agora é um esboço, uma ideia inicial da coisa. – fala Luíza para a turma.

-E o que a gente vai fazer com todas essas ideias? – pergunta Lauanny.

-Se forem bons e bem feitos, poderemos jogar os jogos criados por vocês, ou como disse o Thalisson, jogar o jogo do outro! – responde a professora.

-Que demais!

-O meu vai ganhar!

-Eu vou caprichar!

-Agora eu gostei!

A conversa alta retorna, com todos aparentemente empolgados. Novamente Luíza toma o controle da situação.

-EI! – grita ela. -Deixa eu terminar!

Eles voltam a se concentrar nela.

-Então é isso. Entenderam a tarefa?

-Ué, não é pra fazer aqui? – pergunta Sérgio, rindo com Giovani, e a turma toda ri junto.

-Sim, Sergio. Mas tarefa significa algo a ser feito. Na escola geralmente é usada como sinônimo de atividade para casa, mas eu já uso essa palavra com vocês há tempos né, então pare de gracinha! – fala Luíza seriamente, sem sorrir, em tom firme.

-Eu, a professora Lavínia e a professora Joyce estaremos auxiliando vocês. Assim que acharem que conseguiram montar a ideia completa do jogo, nos chamem e mostrem para nós. Combinado? – pergunta Luíza à turma.

-Combinado! – respondem os alunos ao mesmo tempo.

Imediatamente a conversa retorna, mais alta do que nunca. Calmamente Luíza pega as folhas de sulfite e entrega metade a mim, para distribuir entre os alunos. Ela segue pelo lado esquerdo da sala e eu vou para o lado direito. Alguns alunos dizem obrigada, outros não falam nada, mais preocupados em conversar com os colegas sobre suas ideias. Volto até a mesa onde Luíza já deixou o que sobrou do papel.

-Então é assim em toda aula? – pergunto.

-Assim como? – pergunta ela de volta.

-Essa conversa.

-Agora é. Antes era pior. Imagine esse barulho aumentado em dez vezes. – Ela olha pra mim com uma careta.

-Nossa. Não imaginei que pudesse ser assim... - respondo.

-Você desacostumou com o ensino fundamental. Para mim isso aqui está normal e maravilhoso. Não gosto de turma quieta, então agora está bom. Pode melhorar, mas em relação ao semestre anterior, isso aqui é o paraíso. – diz ela, observando a turma.

-Eu... Eu já não me lembrava como era lidar com crianças. Faz muito tempo que trabalho com adultos lá na Universidade...

Luíza olha para mim e sorri.

-Bom, você já sabe do que eles são capazes!

Em seguida um aluno a chama e ela faz sinal para que eu vá junto com ela.

-Pronto professora, olha aqui, terminei. – uma menina alta, de cabelos lisos, entrega uma folha para Luíza.

-Certo, Ana Júlia. Deixa eu ver. – ela lê rapidamente e devolve o papel à menina. – Gostei da ideia, Penalti da Adição de Frações. Como ele funciona?

-A pessoa chuta o pênalti. Se ela acertar, a senhora faz a pergunta sobre a adição das frações. Caso acerte a resposta, ganha o ponto que fez de pênalti. – responde Ana Júlia.

-Hum, muito bom. E se errar o pênalti, o que acontece? – questiona Luíza.

-Nada.

-E se você usar a pergunta para quem erra também? Não ficaria mais legal? Se a pessoa erra, ela tem que responder uma pergunta também...

-E se ela errar, o ponto vai para o adversário! – responde a menina, batendo palmas.

-Pode ser. – responde Luíza sorrindo.

-Vou arrumar aqui professora. Já te chamo!

Voltamos para a mesa a frente da sala.

-Viu só, é como você faz com os professores, só que eles são pequenos. Pode questionar, apertar. Nem todos respondem, mas pelo menos ficam pensando no que você disse. – Me diz Luíza, e vai em direção a outro aluno que chama seu nome.

Um aluno olha para mim e me chama. “Vamos lá, é a mesma coisa”, digo para mim mesma.

Conforme o tempo passa e converso com os alunos, percebo exatamente o que Luíza disse: não é muito diferente de conversar com adultos ou jovens adultos. Basta adaptar o

vocabulário. Converso com quase toda a turma e me surpreendo com as propostas que surgem: queimada de frações, corrida de frações, jogo da memória. Eles são criativos!

A partir de um momento, a conversa começa a ficar ainda mais alta, chegando ao ponto de eu não conseguir escutar o que um aluno que está ao meu lado me diz. Percebo Luíza e Joyce dando broncas, pedindo para alguns sentarem em seus lugares, já que estão passeando pela sala.

Observo ao redor e vejo Luíza me chamar. Ela está com a testa franzida. Vou até ela.

-São 16:50 horas. Vamos finalizar. Vou recolher as propostas porque se eu deixar eles levarem, alguns nunca mais trazem de volta. Já deu por hoje.

-Certo. – concordo.

-PESSOAL! – ela grita mais uma vez. – Vou recolher a atividade. Mesmo se não terminaram ainda, eu trago na próxima aula e vocês finalizam.

Então começamos a recolher as folhas. Assim que todas são recolhidas, Luíza volta ao centro do quadro e diz:

-Bom, eu trouxe umas fotos para vocês!- diz ela sem sorrir.

Então ela projeta no quadro várias fotos dela com a turma em uma festa dentro da sala.

-É da Páscoa! Olha só a gente! – anuncia ela à turma.

A conversa diminui e os alunos começam a achar seus rostos nas fotos e a lembrar sobre o dia. Até Luíza começa a sorrir. Observo o quadro e vejo que as fotos são a recordação de uma aula feliz.

-E então, vamos começar nosso Grupo de Trabalho? -pergunta Luíza após um tempo.

-VAMOS! – respondem os alunos em coro.

-Então combinado! – diz Luíza, com um sorriso. – Agora a última coisa: olha o chão dessa sala. O que eu falei de sujeira para vocês? Quem faz sujeira e não limpa é o que?

-Porco!

-Um bando de suínos!

-Suíno!

Gritam os alunos ao mesmo tempo, e dando gargalhadas.

-Então todo mundo pegando esses papéis, essas cascas de lápis do chão e jogando no lixo! – Luíza ordena, batendo palmas.

Rindo e brincando os alunos se levantam e começam a pegar as bolas de papel do chão e levam na lixeira que fica próxima à porta da sala. Quando o trabalho está

terminando e todos estão retornando aos seus lugares, Sérgio joga seus papéis no lixo e diz:

-É isso aí seu bando de suínos, vocês tem que limpar a sala!

Imediatamente os alunos começam a rir. Incapaz de me segurar, começo a rir e, olhando para meu lado, vejo Luíza rindo também.

-Vai para o seu lugar, Sérgio! – diz ela ao menino.

-Sim senhora, professora! – ele diz enquanto se senta em seu lugar. Percebo que ele estava descalço.

Os alunos voltam a conversar e observo que faltam apenas 5 minutos para o final da aula. Olhando para Luíza, digo:

-Vou desmontar a câmera, guardar os materiais. O sino já vai bater, não?

-Vai sim. Por falar nisso, preciso devolver o projetor!- responde.

Juntas, guardamos os equipamentos. Quando estou prestes a interromper a gravação, os alunos começam a dar tchau para a câmera. Deixo que a cena fique gravada por alguns segundos e aperto o botão parar. Desligo e tiro a câmera do tripé e a guardo na bolsa e, quando estou guardando o tripé, o sino bate. Imediatamente um mar de crianças começa a correr desesperadamente e a gritar dentro da sala, gerando uma aglomeração na porta da sala para ver quem sai primeiro. Um verdadeiro empurra-empurra de mochilas e corpos.

-NÃO CORRAM! – grita Luíza, mas os alunos já estão lá fora, a aula acabou, liberdade.

Observamos juntas enquanto o aglomerado de mochilas se dissolve, com Luíza olhando e balançando a cabeça como se não soubesse mais o que fazer, e ficamos quase sozinhas na sala, com poucos alunos ainda saindo calmamente. Quando o corre-corre começou, escutei vários “Tchau professora Lavínia!” e respondi sem saber para quem era. Agora, com tudo mais calmo, vejo uma aluna ir até Luíza, a abraçar e entregar um papelzinho dobrado, enquanto um menino aguarda para se despedir também. Logo em seguida ele também abraça Luíza e os dois dizem “Tchau prô!” e se vão, passando por mim e dizendo “tchau” também.

-Eu venho falando há seis meses para não saírem desse jeito, mas eles gostam. Já fiz eles voltarem lá de fora, sentarem novamente em seus lugares e sair calmamente, mas só resolveu o problema por uma semana. – Luíza me diz, fechando sua mochila. – Cansei de lutar batalhas que não vou vencer. Eles gostam de ir para casa! – ela dá de ombros. -Eu gosto de ir pra casa, imagina eles então!

-É verdade. Às vezes acabamos esquecendo que eles são crianças. – respondo.

-Sim. Imagina ficar sentado 4 horas nessas cadeiras aí. – diz ela, apontando com a cabeça a mesa à sua frente. – É um pesadelo! Por isso eles gostam tanto do recreio e da saída, é quando podem se levantar, correr a vontade, brincar!

-É quando podem ser crianças.

-Exatamente!

Luíza vai até as mesas da parede oposta à porta e sobe em uma das cadeiras. Em seguida pega uma folha da janela e puxa. Parece bem pesada.

-Esqueci de pedir para que eles fechassem as janelas. Geralmente o Giovani e o Evando que fecham. Hoje é minha vez. Essa primeira janela aqui é terrível para fechar, fica enroscando.

Nesse exato momento a janela trava, ecoando o que Luíza acabou de me dizer. Ela então puxa a janela com as duas mãos e, com um tranco, a janela se fecha. Ela desce e vai até a outra janela e faz o mesmo processo, mas nesta última, a janela se fecha com facilidade. Ela desce e pega seus materiais em sua mesa.

Nos dirigimos juntas até a porta da sala. Luíza pega a chave que deixou na beira do quadro, quando entramos na sala após o recreio, apaga as luzes e desliga o único ventilador da sala. Fechando a porta, ela tranca o cadeado e se dirige até a sala dos professores. No caminho, me lembro de uma coisa:

-Luíza, vou deixar a câmera com você, para que grave a próxima atividade, a do “Quem sou eu”. Você descarrega essa gravação de hoje no seu computador e em nosso próximo encontro eu copio para o meu. Pode ser?

-Claro! – diz ela, sem acrescentar mais nada.

Chegamos à sala dos professores. Luíza coloca seu material em cima da mesa. Aproveito para me despedir.

-Bom, acho que vou indo. Acho que começamos bem nosso projeto!

-É, foi bom hoje. Tirando a gracinha de alguns, foi bom. – responde Luíza.

-Achei que eles foram tranquilos, até. Esperava algo pior, pelo que você contou. Achei que eles são bem participativos.

-São sim, até demais. – responde Luíza.

-Então até semana que vem! Vou indo porque o caminho é longo! Tchau Luíza! Foi muito legal!

-Tchau! Espero que continue assim!- responde ela, acenando para mim.

Lavínia

Saio da sala dos professores em direção ao meu carro. Agora pouquíssimos alunos continuam na frente da escola. O silêncio reina. Bom, começamos com o pé direito! Embora eu tenha que me preparar melhor para as próximas atividades, acho que foi um bom começo, os alunos parecem promissores.

Que maravilha!

11. A REALIDADE DA ESCOLA

Estamos na Universidade. É terça-feira, dia de reunião do nosso grupo de pesquisa. Já estamos reunidos e aguardamos até as 14 horas para iniciar nossas discussões. Ao todo somos 10 pessoas. Nossos encontros acontecem em todas as terças feiras, e vão das 14 às 17 horas. Aqui, temos um espaço para dialogar sobre nossos trabalhos, nossas pesquisas, nossas vivências. Hoje vou apresentar ao grupo meu trabalho na escola.

Olho em meu relógio e vejo que está na hora de começar, então digo:

-Vamos começar? Acho que estamos todos aqui, certo? – observo as pessoas ao meu redor, procurando um rosto que falta. -Sim, estamos todos aqui. Boa tarde a todos!

-Boa tarde. – respondem as pessoas presentes na sala, sentadas em roda.

-Como enviei no e-mail de vocês, hoje vamos começar com a discussão acerca do trabalho que venho desenvolvendo na escola José Raposo Filho. Como todos sabem, um mês atrás iniciei o trabalho na escola, com a professora Luíza. De lá para cá, já me reuni com a professora três vezes, sendo duas em conversas particulares e uma no acompanhamento de uma de suas aulas.

-E como foi estar lá na escola? – me pergunta Eduardo. Ele está em seu segundo ano de doutorado. Ele foi professor da educação básica por alguns anos, mas agora está trabalhando com educação superior em uma das universidades aqui da cidade.

-Olha Eduardo, não vou mentir: é bem diferente do que eu imaginava. Eu imaginava um outro ambiente. Eu já visitei várias escolas próximas daqui, todas com bastante infraestrutura e boa localização. A escola José Raposo fica no último bairro antes de uma das saídas da cidade. Após esse bairro, já estamos em região de fazendas e rodovia. A escola em si não é ruim, quando você entra no pátio está com pintura recente, está limpa, mas dá para ver que é uma construção antiga. – respondo.

-E as salas de aula? Se você quer conhecer uma escola, vá nas salas de aula. O pátio sempre é bonito porque todo mundo vê, então não conta. – rebate Eduardo.

-Agora eu sei o que quer dizer! Bom, as salas de aula são bem mais precárias. Eu não visitei todas, mas a professora me disse que são todas iguais, tirando as salas da Educação Infantil, onde as professoras pintam as paredes todos os anos, com seus próprios recursos, acreditam? Mas a sala em que estive, a do 6º ano, está com a pintura

descascando, paredes um pouco amareladas do tempo, janelas emperradas com vidros quebrados e os ventiladores não funcionam. Olha, eu suei muito alí naquela sala. Quando as crianças voltaram do recreio e se sentaram, um ar quente envolveu a sala, que já estava abafada. O único ventilador que funciona não dá conta de uma sala lotada, com 41 alunos! As crianças se espremem dentro daquele ambiente. – digo, já sentindo o calor só de me lembrar de quinta-feira passada.

-Isso é bem comum, Lavínia. Em todos esses anos ouvindo professores e até mesmo nos tempos em que eu mesmo estava nas escolas, esses problemas de infraestrutura acontecem. As escolas que estão em periferias sentem muito mais esse descaso do governo. – responde Jorge, calmamente.

Jorge é professor há mais de 30 anos. Ele foi meu orientador em meu doutorado. Desses mais de 30 anos de experiência, ele coleciona 20 destinados à educação básica. Depois que decidiu mudar de ares e trabalhar com ensino superior e pós-graduação, ele tem feito várias pesquisas em parceria com escolas. Inclusive, a parceria com a escola José Raposo Filho partiu de um projeto seu. Ou seja, na verdade ele nunca deixou a educação básica.

-É isso mesmo Jorge, e só agora me dei conta disso... Depois de quinta feira, não me surpreende mais o que a Luíza me contou, que os alunos são terríveis. Imagina ficar alí, naquele calor, quatro horas por dia! Deve ser terrível. – suspiro.- Mas continuando: a professora Luíza tem 29 anos e trabalha na rede municipal há 5 anos. Ela é jovem, mas me parece muito preocupada com seus alunos. Ela me recebeu muito bem e prontamente aceitou participar do projeto. Luíza fez graduação e mestrado aqui em nossa universidade e começou a dar aulas após concluir o mestrado. Você deve conhecê-la, Jorge! – digo, olhando para ele.

- São tantos alunos que já passaram por aqui! Mas esse nome não me é estranho. Luíza... - diz ele, procurando um rosto em seus pensamentos. – Ela é magrinha, de cabelos longos e lisos? – pergunta após algum segundos.

-Isso mesmo, o mestrado dela foi na área de formação de professores. – respondo, animada.

-Acho que foi aluna do João. Dei aula para ela em uma disciplina, se não me engano. Muito competente. – responde Jorge.

-Sim, ela me passou essa impressão também, e somente neste pequeno período em que estamos trabalhando juntas. Ela discute muito bem, fez tudo conforme combinamos e também é muito sincera, não esconde suas opiniões. – digo.

-Ela perguntou o que você estava fazendo lá na escola e o que iria dar em troca, não é? – pergunta Sara, aluna de mestrado e professora da educação básica também.

-Isso mesmo! Ela afirmou isso quando estávamos planejando a primeira atividade, que nós, pesquisadores, só nos preocupamos com nossas pesquisas e não com a escola. E ela não está errada, isso acontece a todo momento, nós sabemos. – respondo, olhando para meus colegas, que aquiescem.

“Acredito que o trabalho com Luíza e sua turma será muito bom, mesmo. Pelo nosso primeiro dia de aula juntas, os alunos me pareceram muito participativos, já estão dispostos a fazer parte do grupo. Mas confesso que não foi nada fácil lidar com eles.”

-Eles são mesmo terríveis? – pergunta Sara.

-São. No início tudo ia bem, Luíza me apresentou, falou um pouco sobre o projeto e quando chegou minha vez de falar com eles, não me saí muito bem. Eles nunca ficam quietos. Estão sempre conversando e rindo uns com os outros. Luíza disse que no semestre passado era bem pior, mas depois de uma briga entre eles em que ela cabou se machucando, eles ficaram mais tranquilos. Antes da aula, eu pensei que Luíza estivesse exagerando mas, depois, eu vi que não. Quando comecei a conversar com eles, tudo ia bem, conversas e brincadeiras ao acaso, com Luíza e a professora assistente, a Joyce, sempre chamando a atenção deles para prestar atenção no que eu dizia. Mas chegou um momento em que ninguém mais olhava para mim e a conversa estava muito alta. Eu me vi em uma posição em que nunca estive.

“Ali, naquele momento, vi que a experiência que tenho com o ensino superior não seria suficiente para lidar com aquelas crianças. É uma outra lógica envolvida. Fiquei um pouco apavorada. Mas Luíza me ajudou muito, sem dizer uma única palavra. Acho que ela percebeu que eu não sabia o que fazer. Então hoje, eu gostaria de conversar com vocês sobre a escola, sobre a sala de aula da educação básica, sobre os alunos.”

-Olha Lavínia, será que vale a pena você se preocupar tanto com isso? Deixa isso prá lá, você só vai lidar com essas crianças a cada 15 dias por duas horinhas, quase não estará na escola. – diz Carlos, aluno de doutorado.

-Eu sei que não estarei lá todos os dias, que o contato com os alunos será pequeno, mas quero fazer o melhor possível. A professora merece isso, as crianças merecem isso. Se eu não me preocupar em aprender a lidar com os alunos, só vou confirmar que tudo o que Luíza me disse sobre o objetivo da universidade na escola está correto! – respondo um pouco irritada.

Carlos é aluno de doutorado e professor em uma universidade particular da cidade. Antes disso, ele trabalhava em uma escola particular especializada em cursinhos pré-vestibulares. É uma das escolas mais caras da cidade. Não me espanta que ele pense desse modo, afinal, nessa escola, a preocupação é exclusivamente com aprovação. A cada 15 dias, após um simulado, as turmas são reorganizadas de acordo com a nota dos alunos. Os professores atuam como especialistas, preocupados em iniciar os alunos em procedimentos que são padronizados para a produção e avaliação de conhecimentos. É um verdadeiro mercado educacional.

-A Lavínia está correta. – diz Jorge, olhando para todos nós. – De que adianta este grupo se propor a fazer uma parceria com a escola se a pessoa que vai até lá não está preocupada com a escola? É muito comum pesquisadores irem até as escolas, fazerem suas pesquisas e depois nunca mais voltarem. A escola não gosta da universidade por isso e com toda a razão! É por esse motivo que só esta escola aceitou trabalhar conosco. Muito me espanta que, após tanto estudo sobre Grupos de Trabalho você ainda pense assim, Carlos – afirma Jorge, olhando para ele.

-Eu entendo o que está dizendo e concordo, mas a Lavínia não pode parar e se dedicar a isso em todo o seu tempo livre. Ela tem as demandas da universidade, o trabalho dela. – responde ele.

-Mas o trabalho na escola é o meu trabalho. – digo, olhando em seus olhos. Nunca gostei muito do Carlos...

-Você é quem sabe, mas eu não sei se vale a pena por tão pouco contato. Você nem sabe se essa professora vai realmente fazer o que vocês combinarem. – rebate ele.

-É por isso que sou eu quem está fazendo essa investigação, e não você. – respondo, sem nenhum disfarce de que não gosto de seu posicionamento.

Ele apenas assente e não diz mais nada. Após alguns segundos de desconforto, Jorge quebra o silêncio.

-Pelo que vejo, estudar a escola se faz necessário neste grupo de estudos. Para começar vamos falar sobre nossas experiências na escola. Existe A Escola? – pergunta ele, olhando um por um.

-Existem escolas. Cada escola é uma escola diferente, com regras diferentes, contextos distintos. O que faz delas “escola” é a característica comum de ser um local onde pessoas se reúnem, envolve saberes, corpos, procedimentos, linguagens, materialidades em um tempo e espaço separados do cotidiano. – diz Sara. – Lavínia viu

o que eu já estou cansada de ver: mudando de bairro, você muda completamente de escola. É como se fossem planetas diferentes.

-Cada escola é uma escola, como a Sara acabou de dizer. – responde Jorge, olhando para ela. – Uma mesma escola é completamente diferente em cada um de seus períodos de funcionamento, porque as pessoas que estão ali são distintas das que estavam antes, a rotina que existiu de manhã já não é a mesma da tarde, os alunos, professores e funcionários que estavam de manhã são distintos dos que ocupam este espaço a tarde. Pessoas diferentes, pensamentos diferentes, relações diferentes, interações diferentes. Nós não somos os mesmos que fomos hoje de manhã! Se isso acontece em uma mesma escola, imagine em escolas diferentes, em localidades diferentes, com públicos diferentes que são de contextos sociais diferentes.

“Então nós devemos parar de pensar na escola como uma única instituição, com as mesmas características. Como Sara bem disse, o que faz uma instituição ser chamada de escola é o fato de ser um local no qual pessoas se reúnem e que envolve uma materialidade, tempo e espaço distintos do cotidiano dos sujeitos envolvidos.”

-A ideia de escola nasceu na Grécia, e tinha como principal objetivo fornecer tempo livre para aqueles que não tinham, para aqueles que precisavam trabalhar, eram de classes menos favorecidas e não tinham tempo para reivindicá-lo. Desde então, a escola vem sendo atacada e desprezada pela elite econômica e social, pois a escola era um local de rebeldia. – diz Sara.

-Isso mesmo. A escola foi concebida como sendo um local no qual era oferecido tempo livre, onde o local que o indivíduo costuma habitar é suspenso temporariamente, e então o mundo é apresentado de uma forma diferente e envolvente. – diz Jorge.

“A escola oferece a possibilidade de se conhecer outras coisas, lugares e mundos, olhar para o mundo que já se conhece de um modo diferente. Com isso, o olhar que aluno tinha sobre as coisas é suspenso e colocado em confronto com o novo mundo apresentado. Isso permite que um novo olhar aconteça. A essa transformação, chamamos de formação.”

-Masschelein e Simons dizem isso. – afirmo.

-Exatamente. – concorda Jorge, olhando para mim. – Ainda hoje podemos conceber a escola desse modo, mas o que acontece é que hoje em dia a escola foi e está sendo domada. Domada pela mercantilização do ensino. Nos dias atuais, a escola é vista como uma empresa que fornece um produto. É dever da escola apresentar resultados, utilizar novas ferramentas que ajudem a apresentar o resultado esperado por seus clientes,

os alunos, e rapidamente. Não se tem mais o tempo livre para experimentar o mundo, para conhecer mundos outros. Com isso, professores são vistos como profissionais que vendem suas habilidades. Não há tempo a perder, o bom professor é aquele que faz com que seus alunos se destaquem em avaliações, que sejam aprovados em testes e exames, que reproduzem procedimentos corretamente.

-Luíza sempre fala sobre a necessidade de cumprir o currículo, o conteúdo programático. Em nossos encontros ela sempre menciona esse fato, sempre fala das avaliações, sobre o que ela precisa trabalhar com os alunos. Inclusive, tem um projeto que envolve jogos que ela precisa executar. Existe em sua fala essa preocupação em ser a boa professora que apresenta resultados. – digo, me lembrando de nosso primeiro encontro.

-E com essa mercantilização do ensino, todos os problemas que acontecem não são culpa do professor. Se os alunos não se saem tão bem em avaliações, a culpa é do professor. Se o professor tenta um novo modo para suas aulas e esse modo não traz resultado nas avaliações, a culpa é do professor que inventa moda. – completa Jorge. - Com isso, eles estão sempre estressados, sempre em alerta para qualquer perigo contra si. Quando nós, pesquisadores, vamos até a escola, eles nos vêem com desconfiança. Somos pessoas que podem ajudar a trazer o resultado desejado ou então botar tudo a perder.

“Então Lavínia, não estranhe que a professora discorde de você, que ela não aceite tudo o que você propuser, que você encontre dificuldade em realizar o trabalho com ela na escola. Tudo isso que falamos é o mundo no qual ela está imersa. Ela não tem tempo livre para se dar a conhecer outros mundos, outros olhares para o próprio trabalho. Veja só, vocês têm um espaço só para vocês duas, onde podem planejar as atividades e ações a serem desenvolvidas no grupo?”

-Não, não temos. Nos reunimos na sala dos professores, entre conversas, brincadeiras e assuntos sérios. Nem podemos falar em voz alta, pois podemos atrapalhar os outros professores que ali estão planejando suas aulas. – respondo.

-Pois bem. Agora pense: se vocês não tem esse espaço e tempo para se encontrarem, imaginem os alunos. Você me disse que há 41 alunos na turma. Imaginem isso. – diz Jorge, olhando para todos nós. – Imagine você, sozinho, responsável por 41 crianças, todas amontoadas em uma sala, em um calor sufocante. Não me espanta que a turma seja considerada terrível! Agora imagine o quanto você, sendo professor, se esforça para atender as expectativas da direção e coordenação em relação aos resultados que eles solicitam. Imagine você, sem tempo para sua própria formação, para pensar em possibilidades outras. Você simplesmente faz o que todos fazem, repete coisas que deram

certo com outros alunos na esperança de que funcione dessa vez, e também para ter um pouco de paz.

“Essa é a realidade da professora Luíza. Nós temos nossos problemas com o ensino superior e com a pósgraduação, mas os problemas da educação básica são mais acentuados. Além de tudo isso, alguns enxergam a escola como extensão de suas casas, de suas famílias e delegam funções que são da família para a escola. Então desse modo, a escola, em vez de fazer seu papel de oferecer tempo livre, suspendendo os laços familiares temporariamente para que os alunos se dêem a conhecer mundos outros, precisa assumir o papel de família.”

“Não quero, com isso, dizer que a escola não educa. Educa, mas não a educação a que a família espera. A educação fornecida pela escola deveria ser aquela capaz de fazer o aluno pensar, questionar, enxergar possibilidades outras.”

“Seu trabalho na escola, com o Grupo de Trabalho, levanta essa bandeira. Possibilitar que as aulas da professora Luíza sejam um local de tempo livre, no qual os alunos do sexto ano podem experimentar novos mundos. Nesse espaço, rotinas e necessidades diárias ficam para trás e os alunos podem então, refletir sobre si mesmos, fora daquele contexto que os liga a determinado lugar a determinada posição e função na sociedade. Esse Grupo pode propiciar que os alunos saiam de seus mundo cotidianos e habitem mundos outros. Assim como a professora.”

“Entendendo isso, você entenderá como lidar com os alunos. Quando você me diz que a professora é competente, que é atenciosa em relação ao trabalho que estão fazendo juntas, podemos perceber então, o amor que ela apresenta em seu ofício. Vocês podem me perguntar: “O que amor tem a ver com isso, Jorge?”. Pois eu digo: tudo. Hoje em dia, com a profissionalização do professor, é muito perigoso falar sobre amor. Nem ousamos falar essa palavra na frente de outros colegas, quem sabe, só lá em nossos quartos, sozinhos, quando ninguém pode nos ouvir. “

“Mas o professor amador nada mais é aquele professor que tem cuidado e atenção com seu trabalho. É o professor que apresenta interesse em conhecer seus alunos, que tem interesse, em se dar a conhecer, que está sempre na busca de despertar a atenção dos alunos para o novo mundo que ele apresenta nas aulas. A função do professor deveria ser a de estimular a atenção, o interesse do aluno por determinado assunto. De conseguir fazer com que o aluno saia de sua realidade e adentre aquele mundo que ele está propondo, naquele momento e de manter o aluno lá, pensando sobre as implicações daquele mundo.”

Jorge para e respira por alguns segundos, olhando para cada um de nós.

-Percebo sinais desse amor ao ofício em Luíza quando a vi interagir com os alunos. O modo como fala com eles, o modo como se porta em relação aos seus pensamentos. Ela questiona. Ela está sempre questionando, apresentando possibilidades. Só tive a oportunidade de vê-la em ação na quinta passada, mas mesmo com a atividade proposta, sobre criar jogos, foi possível observar seu modo de agir.

-Pois então, trabalhe cada vez mais esse amor. Trabalhe para que ela perceba que esse amor é importante, quem sabe essencial. Que ela entenda que o papel dela é de máxima importância, pois é ela quem criará dispositivos para a invenção de novas ideias por parte dos alunos. É ela quem pode conduzir e fazer com que a sala de aula seja um Grupo de Trabalho, um local para se inventar mundos. E nesse processo, não se exclua disso. Você, em conjunto com ela, também inventará dispositivos outros que permitam a você e a ela pensar em mundos outros, possibilidades outras, fazer com que os alunos criem e habitem mundos outros, distintos dos seus. Entenda que você, agora, também é professora do sexto ano, assim como Luíza, e não se esqueça de que assim como ela aprenderá com você, você aprenderá com ela. Afinal, um Grupo de trabalho é um espaço de todos para todos, onde todos aprendem e desaprendem juntos, onde criam novos mundos e novos modos de habitar esse e outros mundos.. – diz Jorge, com um suspiro.

Fico em silêncio, pensando no que acabo de ouvir, e meus colegas fazem o mesmo. Finalmente quero o silêncio, dizendo:

-Você pode me enviar alguns materiais sobre tudo isso? Preciso muito mergulhar nesse mundo da escola e toda ferramenta que fale sobre esse mundo, que pra mim é novo, é importante.

-Claro. Você já sabe por onde começar, mas te enviarei alguns materiais que tenho. Vivencie, experiencie essas leituras. Se permita mergulhar nelas, como você mesma disse. – diz Jorge.

Assinto com a cabeça.

-Eu também gostaria desse material, Jorge! – diz Sara.

-Eu também! – diz Eduardo, levantando a mão.

Outros também se manifestam, solicitando o material.

-Mas, sabe o que seria interessante, Lavínia? – pergunta Sara. – Você deveria estudar o Modelo dos Campos Semânticos com a professora. Não tudo, mas as principais noções, aquelas que são centrais para o funcionamento do Grupo de Trabalho. Por exemplo, o fato de que a gente precisa que os participantes falem, não é porque nós

simplesmente queremos, mas é porque esse é o modo pelo qual temos acesso ao que eles estão pensando, aos seus processos de produção de significado. Se a interação não acontecer, o Grupo não acontece!

-Essa é uma boa estratégia, Lavínia. Você precisa trabalhar com a professora a noção de leitura plausível, para que ela escute com atenção o que o aluno diz e não procure nessa fala nada além do que foi dito. É um exercício que vai levar um tempo, mas é extremamente importante. A professora Luíza está tão envolvida com essa escola que cobra resultados imediatos que pode ser que ela não se permita ouvir o que os alunos dizem. Ela pode estar a todo momento querendo que eles repitam o que está no quadro e acabe não aproveitando o que os alunos já trazem consigo para as aulas. – diz Jorge.

-Certo, é uma ótima ideia! – faço uma anotação. – Acredito que trabalhar as noções de conhecimento, objeto, significado e leitura plausível é o mais importante. Posso mandar o material para a professora, discutir com ela em seu horário livre e depois praticar com ela durante as aulas com os alunos, para ela ver que não é tão complicado, na prática..

-Então agora, você já tem muito no que trabalhar. Mãos a obra! – diz Eduardo.

-Mas e então, o que você e a professora planejaram? – pergunta Fernando, aluno de mestrado.

-E que projeto é esse que a professora precisa executar? – pergunta Sara.

-Ah, claro! Então, nós planejamos para as primeiras atividades...

Continuo minha apresentação, contando aos grupo tudo o que já aconteceu na escola e quais são os planos futuros.

12. A QUEIMADA

UAU! Nem acredito que meu jogo foi o escolhido para a gente jogar! Eu fiz dois, o Pênalti das Frações e a Queimada das Frações Equivalentes, e as professoras escolheram a Queimada!

Eu sou a Ana Júlia, e não sou boa em Matemática porque eu converso muito e me distraio, mas desde que o projeto começou, eu tenho conseguido participar mais das aulas do que cuidar da vida dos meus colegas.

No primeiro dia que a professora Lavínia veio aqui na aula e explicou como seriam as aulas a partir de agora, tudo ficou bem mais legal. Parece que o pessoal entendeu o que a professora Luíza sempre quis fazer e topou participar. Depois da aula de inventar os jogos, a professora fez uma atividade que a gente tinha que contar quem a gente era. Foi difícil escrever, porque eu nunca parei para pensar em quem sou eu. Eu sou eu, ué! Mas depois de um tempão pensando eu consegui escrever. Escrevi sobre as coisas que eu gosto de fazer, como jogar futsal. Eu amo! Até treino no time da escola.

Agora, já faz um mês que começou o grupo. A gente está melhorando bastante. A professora já consegue fazer as aulas sem precisar gritar o tempo todo e a bagunça vem diminuindo também. Ainda não ficamos quietos e acho que nunca vamos ficar, mas agora eu já consigo pensar. Mesmo quando a professora Lavínia não vem, a prô Luíza faz coisas legais. Últimamente ela vem chamando a gente pra responder no quadro. Eu sempre vou. Pego o caderno da Lauanny para responder na maioria das vezes, mas vou. Ainda não tenho coragem de colocar a minha resposta quando eu acho que está errado. A prô não pergunta quem escreveu aquela resposta, se estiver errada ela explica o porquê de estar errada e a gente faz junto o certo, a sala toda. É assim, a professora Luíza pergunta quem quer ir responder e sempre diz: “Tem 5 canetões aqui!”, aí a gente sai correndo pra pegar um e responder. Por enquanto só eu e mais 3 pessoas vão no quadro, o resto ainda tem um pouco de vergonha. Alguns estão pensando em ir, o João, por exemplo. Eu adoro ir lá e escrever, é muito legal!

Agora nas aulas sempre tem alguma coisa diferente. Às vezes a gente chega e a profesora manda a gente arrumar as mesas em U, outras manda fazer duplas ou trios. E muito de vez em quando, ela pede para fazer um grupão de 5 pessoas. Tem dia que a gente senta e estuda normal. A professora fala que é preciso, um dia a gente sentar e fazer a

atividade, estudar, porque a prova vem aí. Nesses dias a gente se senta e faz. Bom, a maioria faz. Quando a gente vai bem, a professora deixa a gente brincar no final da aula, 10 minutos antes de bater o sino de ir embora. As aulas de Matemática são sempre depois do recreio, então dá certo. A gente gosta de brincar de Brincadeira do Silêncio. É assim, a gente não pode falar nada e nem rir alto. Aí a gente caminha pela sala e escolhe um colega, que precisa levantar pra eu sentar no lugar dele. Assim vai até não ter mais com quem trocar de lugar e essa última pessoa perde. Ah, e também não pode falar. Se falar, quem está em pé pega seu lugar.

Tem outras brincadeiras também, mas essa é a que a gente mais gosta. Tem aquela brincadeira chata, Buchuda. Só os meninos brincam daquilo. Eu não gosto. Quando eles chegam perto um do outro, se alguém não falar “buchuda”, os outros cobrem o coitado, que não falou, de porrada. E eles riem igual uns bobões. Meninos...

Mas voltando para a aula de Matemática, agora as coisas estão começando a dar certo e já era hora né! Agora a professora Luíza sempre pergunta pra gente porque a gente respondeu a questão daquele jeito, ou o que a gente está pensando. Antes de a professora Lavínia vir aqui dar aula pra gente, a prô Luíza tentava fazer isso, mas ninguém falava com ela. Sem falar da bagunça, né! Ela também tentava fazer jogos, mas não conseguia. Agora as coisas estão mudando, o pessoal participa mais das aulas, responde o que a professora pergunta. A gente está perdendo a vergonha de falar o que a gente pensa. Pelo menos eu estou. Antes eu tinha muita vergonha de perguntar, então quando eu não entendia, eu deixava pra lá e ia fofocar com a Laura. Agora eu parei de fazer isso, porque eu contei uma coisa que a Juliana disse para a Lauanny e elas brigaram na hora da saída e foram até suspensas por 3 dias. Elas não se dão bem.

Mas o que importa é que hoje vamos fazer o primeiro jogo do projeto, que é o meu! Estou tão animada! Eu me esforcei bastante para conseguir criar os dois jogos e estudei bastante sobre as frações equivalentes para poder jogar e ganhar com meu time. Eu ainda tenho bastante dificuldade, mas como o time pode ajudar a responder as questões, acho que vou conseguir. Na semana passada a professora Luíza começou a ensinar as frações equivalentes para a gente, e disse que escolheu um dos jogos que nós criamos para a gente jogar. Ai ela fez o maior suspense, até que revelou que o jogo era o meu, a Queimada das Frações Equivalentes!

Ela disse que nessa etapa, ela mesma iria organizar o jogo, mas que chegaria um dia em que a gente é quem iria fazer tudo, desde inventar até organizar e executar o jogo. Eu

achei bom, porque acho que eu não conseguiria criar as perguntas, perguntas boas, como diz a professora.

O legal do meu jogo é que a gente vai lá para fora pra jogar, não é dentro da sala. A turma toda está animada. É daqui a pouco!

Termo de comer meu lanche e o sino toca. Acabou o recreio. Hora do jogo! Corro e tomo água antes de entrar na sala. A professora já está na porta esperando a gente. Passo por ela e digo oi. Ué... cadê a professora Lavínia? Ela disse que viria hoje. Deve estar chegando.

A professora Luíza espera todo mundo entrar na sala e espera a gente se acalmar, enquanto ela arruma sua mesa. Ela sempre faz isso. Entra na sala, cumprimenta a gente e espera. Uns 10 minutos depois ela começa a aula. Depois que o tempo passou e todo mundo parou de suar (porque todo mundo fica correndo no recreio) e está mais calmo ela começa a aula.

-Bom pessoal, hoje, como combinado, vamos jogar a Queimada das Frações Equivalentes.

Todo mundo solta um grito animado.

-É, vai ser legal. Só depende de vocês. O que conversamos na aula passada? – pergunta a prô.

-A gente não pode brigar e precisa escutar as regras do jogo. – diz a Laura .

-Isso mesmo. E além de escutar as regras, vocês precisam seguir as regras do jogo, que eu vou explicar agora. Todos prestando atenção! – a professora fala a última parte mais alto.

“O jogo de hoje é a Queimada das Frações Equivalentes, como vocês já sabem, e foi criado pela Ana Júlia. É um jogo de queimada que vocês já conhecem, porém tem uma coisa a mais: as frações equivalentes. Vocês vão se dividir em quatro times, sendo que vão se enfrentar dois a dois. Ei! Depois vocês fazem o time, agora prestem atenção! – a professora dá uma bronca porque o pessoal começou a formar os times no meio da explicação. – Então na hora do jogo, teremos duas competições acontecendo ao mesmo tempo e eu serei a juíza das duas partidas.”

-E cadê a professora Lavínia? Ela não vinha hoje para ser a juíza também? -pergunta o Sérgio.

-Sim, era pra ela estar aqui. Mas ela teve um imprevisto lá na universidade e não pôde vir. Ela pediu desculpas a vocês e prometeu que virá no próximo. – diz a prô, meio desanimada.

“Então por esse motivo, eu preciso mais do que nunca da colaboração de vocês para que tudo dê certo e seja um dia legal, de se divertir e descobrir o que você aprendeu, ao mesmo tempo. Como eu estou sozinha para arbitrar as duas partidas, vocês precisam estarem tentos a mim e ao jogo.”

-E como que a fração vai entrar? – pergunta a Lauanny.

-Já vou explicar. Então retomando: vocês vão se dividir em quatro times. Chegando lá, eu vou colar cartazes nas costas e no peito de vocês, com várias frações diferentes. Quando alguém for queimado, essa pessoa terá que dizer se a fração que ela carrega é ou não equivalente à do colega que a queimou e por quê. Se acertar, ela permanece no jogo e o colega que a queimou é que será o “queimado”. Entenderam? Não é muito difícil. – explica a prô Luíza.

-Ah, então se a gente errar a pergunta, o feitiço vira contra o feiticeiro! – diz o João Carlos.

-Isso mesmo! Quem queimou se torna o queimado. Se a pessoa errar, ela realmente foi queimada e vai para o fundo da quadra do adversário para continuar o jogo. - responde a professora. Alguma dúvida?

-NÃO! – respondemos juntos.

-Então ok. Agora vocês podem formar os times e então fazer duas filas aqui na frente da sala. Uma das meninas e outra dos meninos. – orienta a professora.

Rapidamente formamos os quatro times e correndo formamos as filas. A professora já está na porta, só nos aguardando. Assim que as filas estão arrumadas, vamos até o pátio de entrada, e lá vemos duas quadras marcadas a giz no chão e a câmera gravando tudo o que vai acontecer. A professora Joyce já está lá com a Jheni, que ficará no meu time. A professora Luíza vai até uma cadeira, pega um monte de folhas de sulfite e nos chama.

-Agora eu quero quatro filas aqui, cada uma de um time.

Rapidamente a gente forma as filas e a professora começa a pregar as folhas em nossas costas e peito. Nessas folhas estão escritas várias frações em canetinha, em tamanho bem grande para todo mundo ver. Depois que todo mundo está arrumado, a professora pede que a gente vá para a quadra feita de giz e então a professora Joyce dá uma bola para cada equipe de adversários. A professora Luíza fala algo com a professora Joyce e então elas se dividem: a professora Luíza fica com a gente e a professora Joyce vai para a outra quadra. Então a prô pede que a gente escolha um capitão de time. O do meu é a Lauanny e do time adversário é a Laura. Tomara que elas não briguem hoje e estraguem tudo.

A professora pede que elas tirem no par ou ímpar quem vai começar e o time da Laura ganha. Nós nos organizamos e a partida inicia. Vejo pelo canto do olho que o pessoal na outra quadra também começa o jogo. Agora vamos lá. Vou ganhar esse jogo!

Laura começa arremessando a bola em direção da Lauanny. A bola quica no chão e então o Luíz a pega e correndo, arremeça na direção do outro time, mirando no Gabriel. Por pouco, Gabriel desvia e a bola passa por ele, quicando no chão sem acertar ninguém. Miguel corre, pega a bola e correndo arremeça em nossa direção. Eu corro para o lado, mudando de direção no caminho e a bola acerta em cheio as costas do José, que se virou para correr do ataque do Miguel. O outro time começa a gritar, e a professora anuncia que José foi queimado e então o chama para o lado da quadra.

-José, olha só para a fração do Miguel. Ela é ou não é equivalente à sua? – pergunta a professora.

José olha sua fração e a do Miguel e começa a pensar. Eu olho para Lauanny e falo sem emitir som “Vamos ajudar ele!”. Ela faz que sim e corremos para junto de José. Ele está para responder, quando chegamos e perguntamos:

-O time pode ajudar?

-Pode! – diz a professora. – Mas vocês terão, no máximo, 20 segundo para responder.

-TÁ! -eu grito, sem perceber, a ansiedade de vencer tomando conta de mim.

Começamos a pensar e José diz:

-Eu sou três quartos, ele é dois sextos. Não somos equivalentes.

-Não é mesmo. Não dá para multiplicar a sua e chegar no dois em cima. – responde a Lauanny, olhando para a fração do Miguel.

-E nem na de baixo, né! – digo eu, pensando o mais rápido que consigo. – Olha lá, quatro pra virar seis não dá. Na tabuada do quatro não tem seis!

-Isso! – diz José, quase gritando. -Não sou equivalente! – diz ele para a professora.

-E por quê? – rebate ela.

-Porque não dá, não tem tabuada que dê esses números. – responde o José.

-É, não dá pra usar o mesmo número em cima e embaixo! – responde a Lauanny.

-Isso aí. José salvo! Miguel queimado! Vai para o outro lado, Miguel! – diz a professora, e meu time explode em gritos. – Leva a bola, você recomeça.

E o jogo continua. Sou queimada e na minha vez de responder entro em pânico e acabo me enrolando e respondo antes de meus colegas de time me ajudarem. Erro e vou para o outro lado. Lá vejo que eu era equivalente à fração do Carlos. Eu era sete doze avos e ele era vinte um trinta e seis avos, Era só multiplicar por três! Ahh eu sempre faço

isso, entro em pânico e acabo errando, igual nas provas. Triste, reinicio a partida. Meu time está com a vantagem e após varias tentativas, acabamos ganhando a partida! Corremos e nos abraçamos, comemorando a vitória.

-Podemos jogar de novo? – pergunta Miguel, correndo para a professora.

Ela olha no relógio e diz que sim, mas que devemos misturar os times. Rapidamente nos organizamos, tomamos nossos lugares, tiramos o par ou ímpar para começar. Meu time ganha dessa vez, e começamos novamente a partida.

A cada jogador queimado, a professora refaz as perguntas. Alguns erram, outros acertam, alguns dizem que não sabem, alguns demoram para responder e então a professora começa a contagem regressiva e todos contamos juntos, fazendo pressão. Sou queimada novamente, e de novo eu erro minha pergunta. De novo erro por ficar nervosa e de novo, lá do fundo da quadra do time adversário, encontro a resposta correta. Dessa vez eu não era equivalente, mas disse que era.

Estamos perdendo dessa vez e quando meu time está com metade dos jogadores em campo, Jonas começa a jogar a bola forte, só para machucar a gente. Ele é repetente há uns três anos, mais falta nas aulas do que aparece. Nunca faz nenhuma atividade e não aceita ajuda de ninguém. Ele é muito chato. Em tudo o que acontece ele quer brigar, xingar. Ele não sabe nada de frações equivalentes, errou todas as perguntas até agora. Na verdade ele só fala que não sabe. Nem o time dele ajuda, porque ele é muito chato. Agora ele começou a jogar a bola forte, só para machucar o pessoal do meu time. Ele acerta a Heloísa forte, na barriga. Imediatamente a professora para o jogo!

-Jonas!- ela grita com ele, indo em sua direção. – Eu já falei para você parar com isso! Isso não se faz! Está todo mundo se divertindo e você começa com essa brincadeira sem graça. É o último aviso que te dou, se fizer de novo, sai do jogo!

-Eu só tô jogando, professora. – responde ele.

-Então joga direito e com respeito aos colegas! – devolve ela.

Ele concorda e voltamos a jogar. Nem cinco minutos se passam e ele pega novamente a bola e joga com toda a força na direção da Andrieli, que se vira e a bola acerta suas costas. A bola faz um barulhão quando bate nela. Ela grita de dor, se vira e vai na direção dele e começa a chutá-lo. A professora imediatamente corre até eles e segura a Andrieli, que está furiosa.

-Professora, esse guri não está jogando! Ele só quer machucar a gente. Guri idiota!

-Eu sei! – diz a professora olhando para a Andrieli. Então se vira e olha para o Miguel.

– Você pode sair do jogo, agora! Pode sentar lá! – diz ela, indicando o palco de teatro.

Miguel sai irritado, xingando baixo e se senta no palco. Tentamos retomar o jogo, mas a confusão começa a acontecer e Andrieli, ainda irritada, chuta outras pessoas do time adversário. A professora dá mais broncas na gente, até que a professora Joyce vai até ela e diz:

-Luíza, não dá mais não. O Giovani e o Sergio não sabem responder nada e só estão tacando a bola nos outros para machucar! Esses guris não sabem aproveitar uma aula legal! Estragaram tudo! – diz ela, olhando para os meninos, que estão num canto atrás dela.

-Vamos levar eles para a sala! Aqui também começaram a se bater! Não sabem se comportar – diz a professora Luíza, irritada. -TODO MUNDO FAZENDO AS FILAS! VAMOS PARA A SALA, JÁ!

Obedecemos, e enquanto nos organizamos em fila, reclamamos, irritados com aqueles guris chatos. Estava tão legal... Eles sempre estragam tudo no final. Quando as filas já estão organizadas, a professora nos manda para a sala. No caminho, vemos a câmera de novo. Deve ter gravado tudo o que aconteceu. Quando passo por ela digo:

-Foi muito legal, só não gostei desses guris bestas!

Atrás de mim, os outros começam a imitar.

-Esse jogo foi muito legal, ganhei duas vezes!

-Não gostei desse jogo, eu perdi!

-Da próxima vez não deixa esses guris jogarem!

-Que jogo legal!

-Foi o jogo mais legal que fizemos.

13. O BOLICHE

Desde que a professora Lavínia começou a vir dar aulas com a professora Luíza, a gente tem feito mais coisas legais. A professora Lavínia só vem a cada 15 dias mas, mesmo sem ela, a professora Luíza faz atividades diferentes, igual ela prometeu que seria se a gente se comportasse melhor. Tem dias que a professora Lavínia não vem, acontece alguma coisa lá na universidade e ela não pode vir dar aula pra gente. Quando isso acontece, a professora Luíza faz a atividade do mesmo jeito.

A gente melhorou bastante desde o começo do ano. Ainda tem muita bagunça, muita briga, mas é sempre no final da aula. Antes era o tempo todo.

Depois que eu machuquei a professora, eu pensei que ela nunca mais fosse gostar de mim, mas ela ainda gosta! Nada mudou no jeito que ela me trata. Eu ainda tenho muita vergonha do que eu fiz, de não ter conseguido ficar na minha mas, desde aquele dia, eu fico me vigiando para não perder o controle de novo.

Mas voltando às aulas, tem sido muito legal tudo o que a gente está fazendo. No primeiro dia que a professora Lavínia veio dar aula pra gente, ela explicou como seriam as aulas a partir de agora, que a gente pode ajudar a escolher como serão as aulas, dar nossa opinião. Eu achei bem legal! No começo do ano ninguém prestava atenção na professora Luíza, mas agora todo mundo fica bem quieto quando ela vai explicar alguma coisa.

Naquele primeiro dia da professora Lavínia aqui, ela e a prô Luíza pediram pra gente inventar jogos que a gente tivesse vontade de jogar, mas que tivessem matemática no meio. Eu adorei! Eu inventei a Corrida das Frações. É bem assim: a gente faz times de 5 pessoas e aí, em cada rodada um de nós vai correr no saco, até chegar na linha de chegada. Mas antes de entrar no saco e correr, a professora faz uma pergunta sobre multiplicação de frações e a gente precisa responder. O time pode ajudar. Quem responder certo, sai correndo no saco. Se chegar antes do time adversário, faz um ponto. A gente faz isso até todos do time terem corrido. Vence quem fizer mais pontos. As professoras gostaram muito do meu jogo. Espero que ele seja o escolhido para a gente jogar quando a gente for estudar a multiplicação das frações!

Foi muito legal pensar no jogo, nas regras. É bem o que a professora Luíza sempre diz, a gente tem que pensar em como vai colocar a Matemática no meio pra não ficar só

um jogo de corrida, sem ter o que a gente aprender. A gente está estudando adição e subtração de frações. Depois daquele jogo de Queimada das Frações Equivalentes, da Ana Júlia, o pessoal ficou bem mais animado em participar das aulas, porque foi tão legal!

Claro que no final não foi legal, o Giovani e o João Pedro começaram a chutar a gente e jogar a bola para machucar só porque eles não sabiam responder as perguntas. A professora Luíza ficou bem brava no final, mas antes ela estava gostando muito, igual a gente.

Quando não fazemos jogos, as aulas também são legais. Até quem não gosta de Matemática acha a aula legal. Ainda não gosta de Matemática, mas pelo menos a aula ficou mais divertida. A gente sempre está formando grupos. Pode ser dupla ou trio. Só nos jogos de equipe que a gente faz grupos grandes, com 5 pessoas ou mais. A professora conversa muito com a gente, sempre pergunta o que a gente está pensando, como pensamos para responder uma questão. Até quando a gente vai tirar dúvida ela pergunta como que a gente está pensando. Aí ela usa o que a gente falou para explicar. Eu que tenho dificuldade em Matemática estou me saindo bem melhor, estou conseguindo entender. Agora eu até explico o conteúdo para o meu irmão e ele entende!

Semana passada eu tomei coragem e fui no quadro responder uma questão. Depois fui de novo. Acertei quase todas!

Ontem, na aula de Matemática a professora Luíza chegou, colocou alguns exercícios no quadro para a gente responder e pediu que a gente se sentasse em duplas. Foram 5 exercícios sobre multiplicação de frações por um número. Ainda não aprendemos a multiplicar fração com fração. Respondemos bem rápido, ainda mais com ajuda do colega. Eu me sentei com a Lauanny hoje. Ela me ajuda muito e é por isso que eu gosto de fazer grupo. A gente sempre se ajuda. Eu faço grupo com ela, com meu irmão, com o José, com quase todo mundo. Só não faço mais grupo com o Guilherme.

Enquanto a gente respondia, a professora ficava andando pela sala, ajudando a gente, explicando. Quando terminamos, ela chamou para corrigir no quadro. Eu fui. Estou cada dia mais confiante. Erro sempre, mas acerto também. Agora eu já não tenho vergonha de errar. A professora sempre fala que errar é normal, que até ela erra. E erra mesmo, vai não vai alguém acha um erro dela, e ela fala assim: “Viu só, até professor erra! Tratem de me corrigir!”.

Com isso, quase todo mundo se arrisca a ir no quadro. Até o Sérgio vai! Um dia a professora falou pra ele ir que ela ajudava ele a responder e aí ele foi. E ela ajudou mesmo, mas daquele jeito dela, só perguntando, até ele conseguir responder.

Depois da correção, ela foi lá na sala dos professores rapidinho e voltou com uma sacola enorme. Nós ficamos curiosos e logo alguém perguntou o que era aquilo. E então ela falou:

-Hoje nós vamos fazer um jogo! - anunciou a professora com um sorriso.

A sala toda começou a comemorar. Ela continuou:

-Então o jogo de hoje será o Boliche das Frações. Vou montar a pista e logo depois eu explico as regras e como jogar. Agora, vamos empurrar todas as carteiras para o lado esquerdo da sala, alí na parede da janela. Todos ajudando! – ordenou.

Rapidamente a turma toda começou a empurrar as mesas e então um grande corredor foi aberto no lado direito da sala, próximo à porta. A professora foi até lá com uma fita crepe grossa e começou a colar no chão, fazendo duas linhas retas até a parede do fundo da sala, com o Giovani ajudando a colar a fita e a gente esperando e conversando, animados.

Quando terminou de colar as duas fitas, ela uniu as duas com outra fita, formando uma pista. Depois ela pediu para alguém pegar a sacola e levar até ela. Eu corri até sua mesa e peguei a sacola que estava bem pesada. Levei até perto dela, então o Giovani pegou e começou a desamarrar a sacola e tirar o que tinha lá dentro. Eram garrafas de refrigerante decoradas com papel brilhante e colorido, numeradas de 0 a 10.

-Professora, o que a senhora colocou aqui dentro? Está pesado. – perguntou o Giovani.

-Pedra brita. – respondeu ela.

Eu nunca joguei boliche e metade das crianças daqui também não, então esperamos para descobrir o que teremos que fazer para jogar. Eu só sei que tem a ver com derrubar as garrafas.

Depois de organizar as garrafas em forma triangular no final da pista, a professora se levantou e pegou a bola que estava com o Giovani, que já estava fazendo embaixadinhas com ela.

-Agora vamos lá! Prestem atenção: esse jogo é uma espécie de boliche. Vocês tem três arremessos para derrubar todos os pinos. Mas vejam só, vocês não podem jogar a bola assim. – ela joga a bola de cima para baixo, como se estivesse jogando queimada. A bola atinge as garrafas e derruba quase todas. – Pega a bola pra mim Giovani, e levanta os pinos, por favor.

Ele vai correndo fazer o que a professora pede, com Thalisson e Felipe ajudando. Rapidamente ele traz a bola e entrega para a professora.

-Vocês vão fazer esse movimento. – ela faz com o braço um movimento circular, vindo de cima ,passando pelas costas e indo rente ao chão. -Uma meia lua. Se alguém jogar do outro jeito será desclassificado.

“Então agora vocês vão formar oito equipes de quatro pessoas. Depois vocês formam as equipes, agora prestem atenção! – diz ela, quando começamos a chamar quem queríamos para formar time. – Vamos sortear a ordem em que vocês vão jogar. Vamos fazer cinco rodadas. A cada rodada, um integrante do grupo vai arremessar a bola e tentar derrubar os pinos, mas antes de arremessar, o grupo vai pegar um papel que está dentro desse potinho aqui. – diz ela, mostrando um potinho que estava dentro da sacola. – Aqui tem várias frações. A equipe deve multiplicar essa fração pelo valor que está registrado no primeiro pino que derrubar. Enquanto isso, o membro que está arremessando a bola continua com suas outras duas tentativas. Após as três tentativas a equipe precisa responder qual o resultado da multiplicação. Se a resposta estiver correta, a equipe ganha a quantidade de pontos do total de pinos derrubados. Por exemplo, se a equipe derrubou 8 pinos e acertou a questão, ganha 8 pontos.”

“Outra coisa: se no primeiro arremesso todos os pinos forem derrubados, a equipe faz o chamado strike, e aí ganha os 11 pontos, sem precisar responder a questão.”

Imediatamente todo mundo começa a falar que vai fazer stike, e a professora só dá uma risadinha.

-Alguma dúvida? – pergunta ela.

-Não! – respondemos, todos juntos.

-Então vamos começar! – anuncia a professora.

Apressados, começamos a formar nosso time, assim como todos os outros colegas da sala. Eu rapidamente olho para a Lauanny, que já está conversando com a Ana Júlia. Elas olham para mim e rapidamente nos juntamos. Falta só mais uma pessoa para completar a equipe. Vou até elas.

-Podemos chamar a Andrieli. – digo para as duas meninas à minha frente.

-Ou a Laura. – diz a Ana Júlia.

-Acho que a Andrieli é mais rápida para ajudar a responder as questões. Vamos chamar ela. -diz Lauanny,

Concordamos e Lauanny corre para falar com a Andrieli, que está sentada atrás dela. Elas se falam e Andrieli concorda em formar time com a gente e vem para o nosso lado.

-Espero que dessa vez aqueles guris não estraguem tudo. – diz ela, olhando de lado para o João Pedro.

-O problema é o João Pedro. Ele que é sem graça. – fala Lauanny, olhando para ele, que está rindo feito um bobo, junto com o Giovanni e o Sérgio.

-Gente, nós precisamos de uma estratégia! Quem vai jogar primeiro? – pergunta Ana Júlia.

-Eu jogo primeiro e vocês respondem. Depois a gente troca. Vai eu, a Ana Júlia e por último a Andrieli e a Lauanny. – falo, olhando para cada uma. – Vocês duas são melhores, respondem no começo, assim a gente tem mais chance. – digo, olhando para a Lauanny e a Andrieli.

-Tá, pode ser! -responde Andrieli.

-Certo. Mas gente, se a gente não ganhar não tem problema. A gente está aqui para aprender. – diz Lauanny.

-É, é legal ganhar, mas perder faz parte também. – diz Ana Júlia olhando pra gente.

-Mas eu quero ganhar! –digo, rindo para ela, que riem comigo.

Ao nosso redor, os outros já formaram seus times. Aguardamos a professora começar o jogo. Com a animação, a conversa é muito alta. Estamos empolgados e a expectativa para começar é grande. Alguns olham seus cadernos, lembrando como multiplicar frações, outros estão no quadro, resolvendo algumas multiplicações inventadas, treinando para ganhar.

Alguns minutos depois, a professora faz o sorteio da ordem em que vamos jogar. Ela fez papeizinhos numerados de 1 a 8, colocou em sua mão e foi passando de time em time, que escolhia um papelzinho e ela marcava em uma folha de sulfite o número sorteado. Nós pegamos o número quatro, então seremos a quarta equipe a jogar. Após o sorteio, ela vai até o quadro e faz uma tabela com nove linhas e seis colunas. Na primeira linha ela coloca os números das equipes e o nome de um de nós. Para minha surpresa, as meninas dizem meu nome para representar a equipe. Achei que seria a Lauanny. Elas realmente confiam em mim! A professora continua a preencher a tabela e, na primeira coluna, ela coloca as rodadas, de 1 a 5.

-Preciso que sempre tenha alguém aqui, para anotar os pontos que as equipes fazem a cada rodada. Vocês podem trocar quando for sua vez de jogar. – diz a professora.

-Eu fico aí, professora! -diz Giovani.

-Ótimo! Quando for a vez de seu time jogar, você pede para outra pessoa ficar no seu lugar. – diz a professora para ele, que se aproxima do quadro.

Ela entrega um canetão a ele e então diz:

-A equipe que for responder, pode utilizar o quadro para fazer algum cálculo, caso queira. Os canetões vão ficar aqui. – ela mostra quatro canetões, dois em cada mão, e os coloca na mesa. – Então vamos começar! Só lembrando, quem for jogar não pode pisar na linha. Se pisar uma vez, terá uma nova chance. Se pisar duas vezes, perderá a rodada.

-Professora, cadê a professora Lavínia? Hoje é o dia que ela vem. – pergunta Evandro.

-Parece que ela está com muito trabalho lá na universidade e não conseguiu vir hoje. – responde a professora.

-Ela quase não vem mais aqui. – diz Giovani.

-Ela tem que dar aulas lá também, igual eu faço aqui com vocês. Imagina se eu tivesse que ir em outra escola, não ia dar conta. – responde a professora, olhando para nós. – Assim que as coisas lá folgarem, ela vem.

A professora chama a primeira equipe que é o time do Evandro. Ela entrega a bola para o Felipe, e então pega o potinho com as perguntas que estavam no chão, ao lado das garrafas. Eles sorteiam a pergunta e correm para o quadro. Nisso, a professora autoriza o Felipe a começar e ele faz o primeiro arremesso. Com o movimento de meia lua que a professora ensinou, ele derruba duas garrafas.

-Ué, só duas? – diz o Felipe.

-Você achou que as pedras dentro das garrafas eram a toa? É pra complicar! – diz a professora, com um sorrisinho.

-Ah professora, a senhora é muito espertinha! – responde Evandro, lá do quadro.

-Se fosse muito fácil, não teria graça! – responde ela, dando de ombros.

-O primeiro pino que vocês derrubaram tem o número dois. A fração que vocês sortearam deve ser multiplicada por ele. – responde a professora. – Vamos continuar!

-Agora eu vou derrubar todas, já estou preparado! – responde Felipe. Recebendo a bola das mãos do Sérgio, que se posicionou ao lado da professora para ajudá-la.

A professora tira as garrafas derrubadas e então Felipe faz suas segunda e terceira tentativas, derrubando ao todo 7 garrafas. Após as três tentativas a professora pergunta:

-Time do Felipe, vocês têm 10 segundo para responder a questão. Contagem regressiva: dez, nove, oito...

Todos começamos a contar com ela, e quando estamos no seis, Evandro grita:

-É seis oitavos!

A professora confere o papel sorteado pelo time.

-Pessoal, três quartos multiplicados por dois é quanto?

-Seis quartos! – grita Evandro, novamente.

-Certa resposta! Oito pontos para a equipe 1. Giovani, marca aí. – fala a professora para ele, enquanto o time de Evandro comemora.

-Agora a equipe 2! – chama ela.

A equipe dois faz suas jogadas e derruba 10 garrafas, mas responde a pergunta errado e acabam ficando com zero pontos. A equipe três joga e consegue 9 pontos. Então chega a nossa vez. Vou até a pista e pego a bola que Sérgio me entrega, enquanto a professora organiza as garrafas. Agora quem está com o potinhos com as questões é o Thalisson. Ele vai até as meninas e Andrieli sorteia a fração. Ela corre e mostra para as outras meninas e então elas correm para o quadro e aguardam a professora autorizar que eu faça a primeira jogada.

Após levantar todas as garrafas, a professora autoriza e eu faço a primeira jogada, conforme ela ensinou. Derrubo 4 garrafas.

-O número que vão multiplicar a fração é o 7. – diz a professora para nosso time.

Sérgio me entrega novamente a bola e então jogo mais uma vez, derrubando mais 5 pinos. Agora só faltam dois, mas eles ficaram muito separados, não vou conseguir derrubar os dois. Escolho o que está mais para a direita e faço minha última jogada, acertando em cheio a garrafa.

-Time, quanto é oito nonos multiplicado por sete? Dez, nove...

-É cinquenta é seis sessenta e três avos! -gritam as meninas juntas, lá do quadro.

-Certa resposta! 10 pontos para o Time 4! – diz a professora, e Giovani escreve nossa pontuação na tabela.

O jogo continua e na segunda rodada, quem faz os arremessos é a Ana Júlia.

-As garrafas são pesadas, então pode jogar forte, senão elas não vão cair. – digo para ela, que assente e vai até a pista.

Ela faz sua jogada, derrubando três garrafas. A fração que sortecemos é cinco sextos e o número para multiplicá-la é 5, a primeira garrafa que ela derrubou.

Começamos a resolver, com Andrieli escrevendo a fração no quadro.

-Vamos lá gente, o de cima com o de cima e o de baixo com o de baixo! – fela Lauanny rapidamente.

-Tá, não tem nada embaixo do 5 então a gente coloca o 1. Pronto, virou uma fração. – diz Andrieli, escrevendo um traço e colocando o um embaixo do cinco.

-Cinco vezes cinco é 25! Não é? – digo, com o coração acelerado.

-É! E seis vezes um é seis! Rápido, Andrieli! – diz Lauanny, pulando.

-Tá! Pronto, a resposta é vinte e cinco sextos! Está certo? – diz ela.

Olhamos rapidamente, cada um refazendo os cálculos. Olho na parede, atrás da porta, que está fechada e confiro a tabuada. Tem uma ali que a professora fez para nós no começo do ano. As multiplicações estão corretas. Lauanny e Mracela refazem os cálculos mentalmente e concordamos que está correto. Ana Júlia faz sua última jogada, derrubando ao todo 9 garrafas.

-Time 4, qual é a resposta? – pergunta a professora e começa a contar junto com a turma.

Antes que falem “dois”, gritamos nossa resposta:

-Vinte e cinco sextos!

-Certa resposta! – diz a professora, e nós começamos a pular, comemorando nosso acerto.

Giovani marca o nosso ponto e o jogo continua. Ana Júlia vem até nós.

-Ótima joga Ana! - digo, levantando minha mão em palma, ao que ela bate, sorrindo!

-É difícil né! As garrafas são pesadas. Tive que jogar forte. Ainda bem que você me falou! – responde ela.

O jogo continua. Na terceira rodada, quem arremeça é a Andrieli, que derruba 7 garrafas. Acertamos a pergunta, e ganhamos sete pontos. Estamos com 26 pontos. O time do da Laura está com 27 pontos, um a mais que o nosso, Todos os outros estão atrás. Podemos ganhar!

Na quarta rodada, o barulho ao nosso redor é enorme. Estamos todos empolgados! A professora pede para fazermos menos barulho mas não conseguimos, é mais forte que nós. Nesta rodada, Lauanny joga e derruba 8 garrafas. Estamos com 34 pontos. Assumimos a liderança.

Os times 3, 6 e 7 estão bem atrás de nós, com 10, 5 e zero pontos. É vez do time 6, do João Pedro é ele quem vai jogar. Até agora eles só acertaram a pergunta da segunda rodada, e erraram as demais. Ele vai até a pista e faz sua jogada. Mas em vez de jogar como todos estamos jogando, com movimento de meia lua, ele vai para trás, toma distância e então corre até o início da pista e joga a bola com toda força, como se estivesse jogando queimada. A bola bate com tudo na parede, sem acertar nenhuma garrafa.

Todos nos assustamos e então a professora briga com ele:

-João Pedro, o que foi isso? Já disse para não jogar assim. Se jogar desse jeito de novo você sai do jogo!

-Ele finge que não escuta e faz sua segunda jogada, enquanto Sérgio, Guilherme e Giovani olham para ele sem entender, esquecendo de responder a questão.

Enquanto isso, os times que não estão jogando estão conversando, brincando uns com os outros, sem prestar atenção no que está acontecendo. O barulho das brincadeiras é cada vez mais alto, e a professora volta a pedir silêncio.

-Pessoal, se continuar assim, vamos ter que para o jogo. Esse barulho vai atrapalhar a aula nas salas ao lado! E se continuar nós vamos parar esse jogo! – grita ela.

A conversa diminui um pouco e então João Pedro faz sua segunda jogada. Para nossa surpresa ele faz a mesma coisa, jogando a bola com toda força, mas só acerta uma garrafa, do lado em que a professora estava, quase acertando ela.

Visivelmente irritada, a professora vai até ele e diz:

-Você está fora do jogo! Pode ir para o seu lugar e terminar a atividade que você não me mostrou. Eu disse que você poderia jogar mesmo sem terminar, mas já que você está cheio de graça, vou te dar uma coisinha para brincar. Já para o seu lugar!

Nesse momento, a sala toda faz silêncio. João Pedro responde:

-Eu só estou jogando.

-Não, você está querendo estragar tudo, como sempre. Vai para o seu lugar e não atrapalha seu time. -responde a professora.

-Você é um bobão, João Pedro! – diz Giovani, lá do quadro.

-É, um bobãozão! – emenda Sérgio.

-Vocês é que são bobões! Não estão vendo que já perdemos? Pra quê jogar isso aí? Nenhum de vocês sabe a resposta. – responde o João Pedro.

-Pode fechar a boca e sentar no seu lugar, agora! – diz a professora, bem alto.

Ele vai, resmungando e se senta em seu lugar, sem abrir o caderno. A professora olha pra ele, brava, mas não fala nada.

-Vamos continuar! E eu espero que a bagunça que estava antes diminua, senão vou terminar esse jogo sem ter um vencedor! – diz ela, olhando séria para cada um de nós.

Ela está bem brava. Reconheço essa expressão. A professora Luíza tem duas ruguinhas entre as sobrancelhas. Quando ela está feliz, essas ruguinhas são bem finas. Quando ela se irrita, essas duas ruguinhas ficam bem fundas e aparentes, e ela para de sorrir. Percebi que ela parou de rir na terceira rodada e agora nem está mais fazendo a

contagem regressiva. Ela faz a pergunta para o time e, se a resposta não sair imediatamente, ela considera como errada e o time não pontua. Não faz muita diferença, porque todo time tem o tempo das três jogadas, então não fica ruim.

O jogo continua e o barulho volta com tudo. Continuamos a jogar e então a equipe 1 nos ultrapassa, fazendo 37 pontos. Se erramos nessa rodada ou se derrubarmos 3 garrafas empatamos com eles. Precisamos deddubar 4 garrafas e acertar a questão.

Os times 2 e 3 fazem suas jogadas mas estão atrás de nós e então chega nossa vez novamente. Eu sou o último a jogar. Vou até a pista e Sérgio faz o sorteio com as meninas. A professora autoriza e eu faço minha primeira jogada. Estou tão nervoso que jogo errado e nem acerto as garrafas, a bota batendo na parede acima delas.

Meu coração dispara. Preciso derrubar 4 garrafas! Respiro fundo e faço minha segunda tentativa. Mais uma vez meu braço treme, e solto a bola antes do momento certo. Então a bola rola bem lentamente até atingir a garrafa do lado esquerdo, derrubando-a. É a que contém o número 0. Olho nervoso para a minha equipe, que já resolveu a questão e está torcendo por mim.

-Vai João! Só depende de você. O resultado é zero! – diz Andrieli.

-Você consegue! – emenda Lauanny.

-Mira bem no meio! – grita Ana Júlia.

Ao meu redor, os times se aglomerraram, todos gritando ao mesmo tempo, colocando pressão. Varios gritam “Vai errar!” e começam a bater palmas. Mais nervoso do que nunca, respiro mais uma vez. Pego a bola e então faço minha última jogada. A bola sai da minha mão como se em câmera lenta e vejo quando, para meu desespero, ela bate na parede acima das garrafas, sem derrubar nenhuma.

Imediatamente o time de Evandro começa a comemorar a vitória, pois ninguém mais pode alcançá-los.

-De virada! De viradaaaa! – grita Felipe.

-UHU É CAMPEÃO! UHU É CAMPEÃO! – gritam eles, em coro.

-Calma, calma, vamos finalizar a jogada do time 4. -diz a professora, interrompendo a comemoração. – Qual é a resposta, time 4?

-Zero. – diz Andrieli, nitidamente decepcionada.

-Certa resposta! Um ponto para o Time 4! – responde a professora.

O time 1 volta a comemorar e mais uma vez a professora interrompe:

-Vamos esperar um poquinho? Ainda precisamos definir o pódio! Temos disputa para o segundo e terceiro lugares!

Nesse momento, olho para minha equipe. Andrieli está bem decepcionada. Olha para mim e balança a cabeça, e depois vai se sentar. Lauanny e Ana Júlia sorriem para mim. Vou até elas.

-Eu fiquei muito nervoso. – digo, olhando para baixo.

-Não tem problema, é só um jogo. – diz Ana Júlia.

-Vamos ficar em segundo lugar! – responde Lauanny.

-Mas a Andrieli está brava comigo. – digo, desanimado.

-Ela é muito competitiva. Lembra que foi ela quem chutou todo mundo no dia da queimada. – lembra Ana Júlia.

-Daqui a pouco ela volta ao normal. – diz Lauanny, colocando a mão em meu ombro.

-Estraguei tudo! A gente podia vender! – digo, olhando para elas.

-João, a professora sempre diz que não importa vencer, o que importa é participar e aprender. Você ajudou a responder todas as questões e foi muito bem. Não foi? – diz Lauanny.

-É, foi mas... - respondo.

-Não tem “mas”. Jogamos, foi legal e pronto! – diz ela.

-É, chega disso. -diz Ana Júlia. Agora olha ali. -ela aponta para o quadro.

Giovani está apagando a pontuação dos times e colocando outros números.

-Professora, o Giovani tá mudando a pontuação! – grita Lauanny, indo até ele.

A professora desvia a atenção que estava na jogada do time 5 e olha para ele, que começa a empurrar Lauanny, que foi até ele tentar pegar seu canetão.

-GIOVANI! Pode parar! Agora! – diz ela, se levantando e indo até ele. – Me dá esse canetão.

Ele dá um último empurrão na Lauanny e entrega o canetão para a professora.

-Eu nem fiz nada. Essa guria que está mentindo. – responde ele.

-Mentira! – grita Ana Júlia. Ele está mudando a pontuação!

-Ei, ali na segunda rodada fizemos 10 pontos! – diz Felipe.

-E nós fizemos 6, na quarta rodada. – diz Thalisson.

Giovani começa a rir.

-Pode se sentar no seu lugar, junto com o João Pedro! – diz a professora. – Vamos arrumar aqui, diz ela para o resto da turma.

Enquanto tentam arrumar a tabela da pontuação, João Pedro se levanta e vai até a pista. Rapidamente ele toma a bola das mãos da Laura e joga nas garrafas, derrubando algumas. Ao ouvir o barulho a professora se vira.

-João, no seu lugar. – diz ela.

-Tô indo! – responde ele.

Antes de voltar para seu lugar, ele vai até as garrafas que ainda estão de pé e chuta todas elas. Todos começam a gritar com ele e antes que a professora faça algo, a coordenadora Ivone aparece na porta da sala, que estava uma verdadeira confusão.

-Oi Luíza, está tudo bem? – pergunta ela.

A professora leva quase um minuto para perceber que ela está na sala, em meio a confusão que se instala, já que ela está repreendendo o João. Assim que a avisamos de que a coordenadora está na porta, ela vai até ela e então elas conversam rapidamente. Enquanto isso, a confusão continua, com várias outras pessoas brigando com o João Pedro.

-Você é um chato!

-Por sua causa a gente nunca mais vai fazer nada!

-Você só sabe estragar tudo!

Ele simplesmente ignora a todos, dando risada. Então a professora retorna, sozinha e grita:

-TODO MUNDO SENTADO! ACABOU O JOGO!

Tentamos protestar, mas ela só repete a ordem. Ela está furiosa, dá pra notar. Instantaneamente todos percebem a mudança em seu modo de falar e em sua expressão. O silêncio recai na sala, enquanto ela começa a tirar as fitas do chão. Vou até as garrafas e começo a guardá-las na sacola. Laura traz a bola e o potinho com as questões. Guardamos tudo e colocamos no chão, ao lado da mesa da professora.

Alguns tentam conversar, mas a professora diz:

-Eu quero silêncio, agora! Já! Arrumem essas fileiras. E laventes as mesas, sem arrastar.

Organizamos as fileiras e nos sentamos em nossos lugares. Assim que tudo está arrumado, a professora diz:

-Mais uma vez vocês conseguiram estragar uma aula legal. Estou pedindo para diminuir o barulho desde o início e vocês não me escutaram. A Ivone veio aqui ver o que estava acontecendo, porque os outros professores estavam reclamando do barulho.

“Vocês tem ideia do barulho que estavam fazendo? A porta estava fechada e ainda assim as pessoas nas outras salas estavam ouvindo vocês. Estou decepcionada. Eu esperava mais colaboração de vocês.”

“Aham que é fácil fazer uma aula dessas? Aham que é fácil coordenar todo o jogo e ficar de olho em vocês? Eu sou uma só e vocês são 41! Eu sou mesmo uma boba por ficar insistindo em fazer atividades com vocês, porque sempre estragam tudo no final.”

Ela olha para cada um de nós.

-E sempre são os mesmos. Toda vez. Estou decepcionada com todos vocês. Porque os que não arrumaram confusão, estavam gritando, achando que estavam num parque de diversões.

Ela fica olhando para cada um de nós por alguns minutos, sem falar nada. Pela primeira vez a sala toda faz silêncio. A maioria de nós está com vergonha de nosso comportamento. Alguns estão achando graça, mas a professora os ignora.

-Ainda faltam 25 minutos para o fim da aula.- anuncia ela, olhando em seu relógio.
– Abram o livro na página 175 e respondam as questões que estão ali. Quem não responder, ficará comigo após o sino tocar.

- Isso não é justo. – diz Giovani.

- Se você não terminar, ficará meia hora comigo. Ou quer ficar 40 minutos? Pode escolher. Eu não tenho nada para fazer depois da aula. – diz a professora, olhando diretamente para ele.

Giovani fica quieto e abre seu livro. Todos fazemos o mesmo. Me apresso para terminar, pois não quero ficar aqui depois que o sino tocar. Ainda bem que as questões são fáceis, sobre o que acabamos de jogar. Me concentro e termino minha atividade, com a ajuda da tabuada que a professora colocou na parede. Vou até a mesa da professora e entrego o caderno para ela corrigir.

-Terminei professora! – digo.

-Ótimo. -ela olha rapidamente e dá o visto, marcando em seu caderno que eu já terminei. – Pode guardar seu material. Na próxima aula faremos a correção.

-Tá bom. Obrigado, professora.

Pego meu caderno e vou para meu lugar. Agora que terminei, vejo que vários colegas já terminaram. O silêncio já não é total, mas a professora não diz nada, olhando para todos com aquelas duas rugas bem aparentes em sua testa.

João Carlos

Pergunto a hora para a Ana Júlia, que está próxima de mim e ela diz que falavam 5 minutos. O sino bate e sem dizer nada, a professora se levanta, apaga o quadro e só então se vira e diz:

-Os que terminaram, podem sair.

Eu e quase todos os meus colegas nos levantamos e saímos. Alguns ficam para trás, desesperados para terminar e ir embora. Os de sempre, como disse a professora: Sérgio, Giovani, João Pedro, Cristian, Karina.

Arrumo minha mochila nas costas e espero meu irmão, Gabriel, que vem logo atrás.

-Toda vez alguém estraga a aula. A professora vai desistir qualquer dia desses. - diz ele.

-Espero que não. – respondo.

-Imagina se a profesosra Lavínia estivesse aí, a professora Luíza ia morrer de vergonha da gente. – responde ele, olhando para mim.

-É, ainda em que ela não estava aqui nas últimas aulas. – respondo, concordando com ele.

14. NO QUE FOI QUE EU ME METI?

- Olha Lavínia, vou falar sério com você: isso não está funcionando. – digo à mulher que está sentada à minha frente, que está toda feliz com o andamento de sua pesquisa.

Ela fica alguns segundos sem entender sobre o que estou falando. Afinal, para ela, tudo está perfeito.

- Como assim, Luíza? – pergunta ela, hesitante.

- Tudo isso que estamos fazendo, esses planejamentos... - pego a folha que está à minha frente com as anotações que eu estava fazendo e jogo novamente na mesa. – Isso aqui não funciona! Esses alunos continuam do mesmo jeito, não avançam. As notas na avaliação bimestral ficaram na mesma do bimestre anterior. Bom, tive uma pequena melhora com alguns alunos, mas é insuficiente!

Lavínia suspira e larga a caneta na mesa.

- Luíza, você precisa lembrar que esse trabalho que estamos fazendo demanda tempo. Não é assim, que em um bimestre as coisas mudariam da água para o vinho. – diz ela.

-Eu entendo, mas acontece que não temos esse tempo! Poxa, eu preciso de resultados agora. – digo, frustrada.

Lavínia para por alguns segundos, talvez pensando no que dizer. Eu sei o que ela vai me dizer. Será algo como “Não se preocupe, Luíza, os resultados chegarão a longo prazo. Temos que pensar em uma nova forma de avaliação.”

Após quase um minuto, ela volta a falar:

- Talvez a dinâmica que estamos implementando não possa ser avaliada da mesma forma que o ensino dito tradicional. Talvez uma avaliação escrita seja incompatível com o que estamos propondo.

Bingo!

- Eu entendo o que está dizendo, Lavínia. O grande problema é que, na realidade em que vivo nesta escola, eu preciso de resultados a curto prazo. Para você, que está fazendo uma pesquisa, as coisas podem correr no seu devido tempo, mas aqui, na escola da vida real, eu não tenho esse tempo! – digo, levantando um pouco o tom de voz sem querer. – No regimento escolar está escrito que a avaliação bimestral deve ser uma avaliação escrita, com 5 questões abertas e 5 questões de múltipla escolha. Eu não posso fugir dela.

É claro que eu não avalio só com a prova escrita, mas ela é peça fundamental e, feliz ou infelizmente, preciso que apareça algum resultado nela.

-Certo... - diz Lavínia, pensando. – Mas vamos deixar a avaliação escrita de lado por um momento. Vamos pensar no processo e o que ocorreu até agora. Como você vê a interação entre os alunos e você?

Penso por alguns instantes. Me forçando a deixar minha frustração de lado.

-Bom, a interação é boa. Eles estão mais soltos, parecem se sentir mais confortáveis na aula. Já consigo que vários mostrem suas resoluções no quadro. Até o Sérgio já foi resolver uma atividade no quadro, com a turma toda olhando. Mas sempre tudo desanda no final da aula. E você nunca está aqui para perceber isso. – digo, olhando em seus olhos.

Ela precisa ouvir isso. Veio aqui, me fez aceitar fazer esse trabalho e agora nunca aparece! Tenho feito tudo sozinha.

-Eu tive vários imprevistos, mas vou me esforçar para participar mais das aulas. – responde ela, sem graça.

-Pois então. Eu estou com trabalho dobrado! É muito difícil confeccionar os materiais necessários para as aulas que planejamos e mais difícil ainda, coordenar 41 crianças empolgadas para participar da aula! O Joyce me ajuda quando dá, mas ela precisa cuidar da Jheni, não dá pra ela ajudar o tempo todo. Você sabia que quando a bagunça é muito alta, a Jheni tem convulsões? Ela teve na aula do boliche, porque aquela aula virou uma verdadeira loucura. – respondo, desistindo de esconder as coisas que estou vivenciando.

-Eu não sabia... - diz ela.

- Aquela queimada foi até legal, no começo, mas do meio para o final, virou um pesadelo. Eles começaram a se chutar, a se empurrar, tentar machucar uns aos outros com a bola. Chegou um momento em que não tinha mais nada de conhecimento envolvido, só vontade de descontar boladas nos outros. -digo, me lembrando daquele dia.

“Se não fosse a Joyce, naquele dia eu não teria conseguido fazer a atividade. Era muita coisa pra um só controlar. Alí, naquele dia, eu precisava de umas 4 pessoas para coordenar tudo, duas para cada jogo. Um arbitraria e a outra faria as questões. O mesmo no dia do boliche: eu precisava de mais duas pessoas: uma para arbitrar as jogadas, uma para sortear e verificar as questões e outra para cuidar dos times que não estavam jogando! Graças a Deus os meninos me ajudaram, mas chegou um momento em que eu precisava de professores alí.”

“É muito difícil ser professora da turma, cumprir meus deveres de professora e ao mesmo tempo cumprir os deveres de ser sua parceira. Dá muito trabalho... Você sabia

que todo o material que uso para fazer as atividades sai do meu bolso? A escola não fornece, porque não tem. Nos últimos anos, mesmo com o projeto escrito do Tabuando, tive que brigar para que tivesse a premiação escolhida, e ainda precisei complementar, porque o que a direção forneceu era bem sem graça para a final de um projeto de um ano!”

-Eu posso imaginar. A ideia não era essa, a ideia era que você não fizesse nada a mais do que já faz, apenas fazendo algumas adaptações... E sobre o material, pode me passar o que você precisa, vou ajudar. – responde Lavínia, me olhando.

- Isso de fazer nada além do que faço é impossível, Lavínia. Não é assim que funciona. Veja bem, eu fazia coisas diferentes nas aulas, mas não era uma obrigação. Um dia eu fazia a atividade diferente, no outro não. Às vezes eu passava o bimestre em uma dinâmica, mas se eu quisesse, poderia mudar. Agora não, eu preciso manter certos hábitos para que o Grupo de Trabalho aconteça. Eu posso sim, fazer nada além do que já faço, na prática, mas na minha cabeça não é assim que funciona. Me vejo sobrecarregada, com dois papéis a cumprir e sem auxílio nenhum. – digo, sem rodeios.

Lavínia fica em silêncio. Não digo mais nada, deixando que ela entenda o que acabei de dizer. Após um minuto, volto a falar:

-Sabe, talvez para voce, que está fora dessa processo, que não está qui todo dia, as coisas esejam indo bem, conforme o planejado. Mas para mim, que estou aqui todos os dias, três dias na semana com o sexto ano, não é assim que parece. Está parecendo que esse processo é um verdadeiro caos, que não temos nenhum objetivo, que está tudo solto. Com todo o respeito que tenho por você e pelo seu trabalho, a sua ausência só confirma o que eu já desconfiava, a universidade está muito longe da escola.

Pronto, falei o que eu queria!

- Luíza... - ela suspira. – Eu não tenho o que dizer sobre minha ausência. Sei que o combinado era eu estar aqui, mas não foi possível. Aconteceram coisas que eu não previa em meu trabalho. Mas a partir de agora, estarei presente o máximo possível, conforme combinamos lá no início. Sobre essa sensação de estar tudo dando errado, é algo comum. Você esta no meio de um processo de mudança de perspectiva. Até você entender o que está acontecendo, esse não saber o que vai acontecer vai te assombrar. Eu conversei com um amigo meu, o Jorge...

Sem conseguir me conter, começo a bufar. Lá vem ela com esse pessoal que nunca sentiu o cheiro de criança depois do recreio e quer dar opinião sobre o que acontece na escola.

-Ele foi professor da educação básica por 20 anos. – ela continua, fingindo não perceber meu mau humor. – Hoje ele está na universidade. Mas eu conversei com ele sobre essa sua sensação de ter que cumprir seu papel de professora e ele me disse uma coisa muito interessante: você está imersa numa rotina que faz com que você se sinta na obrigação de dar conta de tudo, de fazer com que tudo dê certo, como se a educação fosse um mercado e você vendesse um produto, as suas aulas. Mas não é isso! – ela sorri. – Você deve pensar que o seu papel é abrir caminho para que esses alunos enxerguem outras possibilidades, que eles percebam que há mais mundos do que aquele em que eles vivem. Seu papel é permitir que eles trilhem outros caminhos, que eles pensem sobre as coisas. Luíza, você está tão próxima que não vê, mas nos vídeos que gravou das aulas, eu percebo uma mudança. Não sei se é boa ou ruim, mas existe mudança. Eles fazem duplas, fazem grupos! Você mesma disse que isso era impossível há alguns meses atrás, e olha só pra hoje! Os efeitos e afetos dessa perspectiva de aula como Grupo de Trabalho são sutis, acontecem aos poucos. Não se cobre tanto, se permita experienciar esse processo junto com eles, pois você também faz parte do grupo.

Hum... até que esse tal de Jorge não é tão insensato. Realmente, hoje a gente vende um produto na escola.

- É, ele tem razão. Aqui, eu vendo uma “educação de qualidade”. – faço o sinal de aspas no ar com os dedos.

-Exatamente. Mas o que vem a ser essa educação de qualidade: Ensinar procedimentos e regras que são aplicadas em exames de verificação de aprendizagem? – pergunta Lavínia.

-Isso mesmo. – respondo.

-E não seria interessante que, além de fazer isso, pois é o que a escola exige de você, você levasse os alunos a pensar no por que de fazer isso? Por que eles precisam aprender essas coisas? Porque fazem o que fazem? Luíza, o fato de eles conversarem com você, de se permitirem perguntar coisas a você já é incrível! Quantos alunos morrem de medo de falar ao professor o que pensam e agora, eles vão no quadro mostrar o que fizeram. Quantos não apagavam suas respostas quando você chegava perto, quantos fingiam entender tudo, quantos descartavam seus pensamentos só porque a resolução que você apresentou era diferente da que ele fazia. – diz Lavínia. – Hoje, eles falam para você quando fizeram algo diferente. Lembra na aula sobre as frações de quantidade? Aquela aula em que eles estavam em duplas e que você gravou, um deles perguntou se o que ele

tinha feito estava correto, porque você vem trabalhando com eles a ideia de que as pessoas pensam diferente.

- É, pensando por esse lado, houve uma mudança mesmo. Realmente eles já me questionam mais e não tem vergonha de ir ao quadro. Por exemplo o Giovani; ultimamente ele tem feito as atividades porque a Lauanny ajuda ele. Eles são amigos, muito amigos, na verdade. Eu tentei a todo modo chegar até ele, tentar fazer com que ele deixasse eu ajudá-lo nas atividades, mas ele se sente velho para estar ali, no meio dos colegas de 6º ano. Ele me contou que ele não consegue aprender e que ele já desistiu, que só vai à escola porque é obrigado. No dia em que ele me contou isso, a Lauanny escutou e logo depois, perguntou se ele queria a ajuda dela. Ele aceitou e hoje, só faz as atividades com a ajuda dela. Ela se tornou uma espécie de ponte entre mim e o Giovanny.

“Quando eu quero explicar, ele escuta, mas tem vergonha de dizer que não entendeu, e eu percebo que quando a Lauanny o ajuda, ele faz mais perguntas para ela. Eu fico atenta, escutando tudo. Quando Lauanny não consegue responder uma dúvida que ele tem, eu entro em cena, e ele deixa eu explicar. Além disso, eu achei um jeito de fazer com que ele se envolva nas aulas: agora ele é meu ajudante. Ele monta a câmera, ele confere se está gravando, ajuda nas atividades. Ele está mais sociável com os colegas, já não há tanta confusão entre ele e os colegas.”

-Então, olha só! Isso já é algo grande. Como eu disse, você que está nesse processo diariamente não consegue ver o que está acontecendo, mas eu que estou mais longe, consigo. Converse com seus colegas, veja o que está acontecendo. Não vou dizer para você que isso é por causa do Grupo de Trabalho, vamos fugir desse negócio de causa e efeito, mas está acontecendo algo e não podemos ignorar. Acho que isso pode te fazer bem, te deixar mais tranquila. – me diz ela, olhando para mim.

-Vou tentar enxergar desse modo. – respondo sem muita convicção.

-Ótimo! Mas agora que você está mais calma, eu queria te apresentar a ideia que eu tive para nossa próxima atividade. Na verdade é mais uma ação. Lembra que no dia em que estávamos planejando a atividade da Queimada, nós discutimos um pouco sobre aquele material que te enviei e eu te elogiei, porque você tem facilidade em conversar sobre textos acadêmicos, o que não é comum, e você me respondeu que lia muito, desde criança e que até tem sua própria biblioteca? – pergunta ela.

-Lembro sim. – respondo.

Como não lembrar? Foi o dia em que ela achou que estava em uma escola central, com alunos de classe média e que cada um teria um celular para fazer vídeos apresentando

suas ideias de jogos, para que a gente fizesse um espécie de concurso para escolher o jogo que seria realizado. Ela não acreditou em mim quando eu disse que eles não tinham celulares, só acreditou depois que mandei a gravação da aula seguinte, na qual fiz questão de perguntar quem tinha um celular e poderia usar na aula. Cinco mãos se levantaram dizendo que tinham: três não poderiam usar porque os pais levavam para o trabalho, e dois tinham, mas a memória não deixava que gravasse vídeos longos pois o celular não era novo.

- Pois então, o que acha de fundarmos o Clube do Livro do 6ºB? – pergunta ela, ignorando meu monólogo interior.

-Um clube do livro? Com livros mesmo? – pergunto.

Olha, vou confessar, gostei disso. Até que enfim uma ideia incrível!

-Isso, com livros que a garotada gosta: Harry Potter, Percy Jackson, Eragon... Andei pesquisando livros infanto-juvenis para te apresentar essa ideia e confesso que eu já li vários deles. Gosto de uma boa fantasia, também. – diz Lavínia, com um sorriso.

-Eu acho genial! - digo, com sinceridade. – Você leu meus pensamentos, só pode! Eu sempre quis fazer isso, um clube nas aulas de Matemática, mas só para eles lerem coisas legais. Na nossa biblioteca temos alguns, mas algumas coleções estão incompletas, ou sempre alguém já emprestou algum, sabe.

-É exatamente isso, um clube do livro só do sexto ano B, os livros serão só para uso deles. Um clube de leitura nas aulas de Matemática. Não para aprender algo de Matemática, mas para que eles possam adentrar e habitar o mundo da leitura, para que eles conheçam esse outro mundo. O que acha? – pergunta.

-Maravilhoso! Mas e os livros: - pergunto, já imaginado quanto isso vai me custar. – Eu já tenho alguns, venho comprando há algum tempo, pois eu sempre quis fazer isso. Eu já tenho uma grande coleção de gibis, mas os livros ainda são poucos.

-Pode deixar os livros comigo! Faça o seguinte, escolha os livros que você acha que são bons e me envie por e-mail. Eu compro e mando entregar na sua casa. Quando todos chegarem, fazemos uma espécie de evento solene: uma caixa gigante, fechada e então colocamos eles ao redor e abrimos a caixa. Tenho certeza de que será uma experiência incrível para eles. – me diz Lavínia, com um sorriso, provavelmente imaginando a cena.

-Sério? – pergunto, só para confirmar se ouvi direito.

-Sério. Tenho um dinheiro guardado para gastos com a pesquisa. – responde ela, dando uma piscadinha para mim.

-Então pode deixar! Mando em seu e-mail sim. Ahhh! - dou um gritinho. – E se eles escreverem quais são os livros que gostariam de ler, de quais gêneros? Por exemplo, será que eles não gostariam de ler algo de terror, ou aventura, ou romance?

-Perfeito! – Lavínia bate palmas, animada. – Faça isso, pergunte a eles. Peça que eles escrevam e guarde esses registros. A partir daí você me manda que já providencio. No máximo em uma semana podemos fazer o Clube do Livro acontecer!

-Podemos fazer esse clube uma vez na semana. Aqui temos a Parada da Leitura, um projeto transversal no qual a gente para por um tempo, todos os professores, em qualquer componente curricular, e propomos que os alunos leiam. Posso justificar o Clube do Livro aí, para ninguém falar a célebre frase: “Ah mas o que tem a ver livro de literatura com a aula de Matemática?”. porque sempre tem um pra criticar. – digo, pensando no professor do período matutino. – E posso dizer também, só para ninguém encrencar, que é para que eles aprendam a interpretar situações-problemas.

- Isso mesmo. O clube é algo que pensei que poderia fortalecer seu vínculo com eles e com o Grupo em si. Você lê muito, sempre leu, então porque não compartilhar essa vivência com seus alunos? É ler por ler, para ter outras experiências, para habitar mundos outros. Mas se vai te ajudar com a burocracia, pode justificar desse modo mesmo. – responde ela.

-Combinado, amanhã mesmo já te envio a lista de livros que a garotada gosta, que eu gosto, pelo menos. Existe uma pessoa juvenil dentro de mim! - brinco.

-Perfeito! – responde ela.

Olha, tenho que dar o braço a torcer: nessa atividade Lavínia me surpreendeu. Quem sabe a pesquisa na escola não seja assim tão ruim. Quem sabe, me meti em algo bom...

Continuamos nosso planejamento, definindo quais outras atividades serão feitas nesta quinzena.

...

15. O CLUBE DO LIVRO

Hoje é o grande dia! Eu estou super ansiosa para ver a reação deles. Acho que vão simplesmente adorar! Os livros chegaram na semana passada. Comprei uma caixa organizadora bem grande e coloquei escrito na tampa, com letras de E.V.A. “Clube do Livro 6ºB”. Ficou bem legal, a caixa é roxa e as letras são todas coloridas.

O que eu não imaginava é que seria um trabalhão trazer essa caixa para a escola. Ficou muito pesada devido a quantidade de livros. Quase morri para colocá-la no carro sozinha. Tenho que pensar num jeito de guardá-la aqui na escola, em algum lugar onde ninguém mexa. Porque a gente nunca sabe, vai que alguém acha que pode mexer e que os livros são de uso comum. Sempre tem...

Há duas semanas atrás, eu sondei os alunos para descobrir quais livros eles gostariam de ler e que na biblioteca da escola não tem, ou tem mas está sempre emprestado. Saiu muita coisa que eu já esperava: Harry Potter foi o campeão, seguido de Jogos Vorazes e Diário de um Banana. Já em relação os gêneros, eles pediram muito por livros com histórias de terror.

Com base nos pedidos, eu escolhi alguns títulos e enviei para a Lavínia. Engraçado que, até ela ter essa ideia, eu estava muito cética em relação à esse nosso trabalho mas agora eu consegui me envolver completamente. Não estou dizendo que tudo está perfeito, ainda não, mas essa foi uma atividade que eu sempre quis fazer! E ainda mais, naquele dia em que conversamos sobre o Clube do Livro, descobri que ela também gosta de fantasia. Geralmente as pessoas me olham torto quando eu digo que gosto de livros de fantasia, de aventuras distópicas, histórias bem longe da realidade. Existe uma ideia de que a gente não pode ler esse tipo de coisa, que a gente que é professor tem que ler somente os livros que falam sobre metodologias para a sala de aula, dos teóricos mais usados. Não que eu não leia sobre isso, mas para mim a leitura também é uma diversão, é algo que sempre fiz, desde criança, para me distrair, me divertir. E o que é melhor do que um bom livro de ficção fantástica para isso? Eu não sei! E a Lavínia também pensa assim. Mais um ponto em comum: odiamos café, gostamos de fantasia, enfrentamos o 6ºB.

Lavínia achou melhor não participar da aula de hoje. Não é quinta feira, o dia em que ela consegue participar das aulas aqui na escola, mas o motivo não foi esse. Ela achou

que seria um momento entre eu e os alunos e que, talvez, sua presença ali pudesse tirar o foco da surpresa. Eu tentei convencê-la a participar, mas ela disse que não. Então aqui estou eu!

Agora é hora do recreio, eles estão lá fora, correndo o máximo que podem para gastar um pouco de sua energia. Enquanto isso, estou aqui na sala do 6ºB, organizando as mesas e cadeiras. Coloquei minha mesa que é maior bem no meio da sala e virei todas as demais para ficarem em círculo ao redor dela. Nessa mesa central, coloquei a caixa de livros. Quando eles chegarem, vou fazer um suspense e depois abri-la. Já montei a câmera para registrar tudo e agora estou terminando de organizar as mesas.

Eu estava no ano antes do recreio e pedi para o Nicolas me ajudar com a caixa. Ele já está acostumado pois na escola é assim: os meninos maiores do nono ano sempre recebem pedidos de ajuda de nós, professoras, para carregar alguma coisa.

Assim que coloco a última mesa no círculo, o sino bate. Lá vem eles!

Vou até a porta que estava encostada, abro e me posiciono na porta, como de costume, esperando que eles voltem.

-Oi Prô! – dizem eles ao passar por mim.

Assim que entram, eles começam a falar:

-Ué, o que tem nessa caixa?

-A professora já organizou a sala hoje.

-O que vamos fazer hoje?

-Nossa, hoje tem algo legal para acontecer!

Um a um, eles entram na sala, corados e suados de tanto correr e a reação é sempre a mesma: o que tem nessa caixa?

-Já já você vai descobrir. – respondo para todos com um sorriso.

Após 5 minutos, todos já estão em seus lugares, curiosos. Vários se levantam para tentar ver o que tem lá dentro. O Sérgio finge passear pela sala para chegar perto da caixa. Sorrio para mim mesma, imaginando a reação que está por vir. Vou até o meio do círculo e começo:

-Bom pessoal, todos vocês estão se perguntando o que tem dentro dessa caixa, não é?

-SIM! – respondem eles, juntos.

-Eu já vou abrir, mas antes quero falar algumas coisas com vocês. Bom, como vários de vocês já sabem, eu estudei aqui quando tinha a idade de vocês. Eu estudei aqui no Irmão José Raposo da pré escola até o nono ano, que antes era a oitava série. – digo a eles.

-E a escola já era assim, professora? – pergunta Giovani.

-Era. Só não tinha aquela parte da educação infantil lá embaixo, após a segunda grade. E a quadra só foi coberta quando eu estava na quinta série, que é o mesmo que o sexto ano de hoje. – respondo.

-E onde ficava a sala do pré? – pergunta Ana Júlia.

-Aqui na sala da frente, onde é o nono ano. Sabe o banheiro das meninas? - as meninas da sala concordam. – Então, tinha uma porta que dava para o último box, assim a gente não precisava sair da sala para ir ao banheiro. Hoje em dia aquela porta foi fechada e isolou o banheiro das meninas.

-A professora Neuzenir te deu aula? – pergunta João Carlos.

-Não, ela sempre deu aulas para meus colegas, mas não foi minha professora. – digo a ele. – Mais alguma pergunta?

Eles fazem sinal que não, então continuo.

-Mas de todas as salas desta escola, o local que eu mais gostava de passar o tempo era na biblioteca. A Tina já trabalhava aqui naquela época. Eu vivi ali: na hora da entrada, na hora do recreio e em qualquer tempo vago que eu tivesse. Eu gosto muito de ler...

-Isso a gente sabe, Prô, a senhora sempre traz um livro e deixa na sua mesa. Nunca vi a senhora lendo na sala, mas porque a gente não deixa! – diz Lauanny, sorrindo.

Rio com ela.

-Então. É isso mesmo. Ler me ajudou muito a pensar, a escrever, a conversar com as pessoas, e eu gostaria de compartilhar isso com vocês. Então, para isso, apresento a vocês o Clube do Livro do 6ºB!!! – anuncio, elevando a voz e abro a tampa da caixa.

Nesse momento, vários se levantam de suas cadeiras, sem sair do lugar, mas tentando ver o que tem ali dentro.

-Podem vir aqui para olhar! – convido.

Imediatamente sou envolvida por uma mar de pessoas que batem em meus ombros, todas encantadas com a quantidade de livros dentro da caixa. Começo a tirar todos e colocar em cima da mesa, enquanto eles olham encantados.

Se isso acontecesse há três meses atrás, eles já estariam pulando em cima da mesa e lutando para ver quem pegaria os livros primeiro! Mas hoje não, eles olham, animados, falando todos ao mesmo tempo, mas sem tentar pegar os livros que tiro da caixa. Assim que tiro todos, coloco a caixa no chão.

-São os livros que a gente pediu? - pergunta Miguel, olhando para mim com olhos grandes e ansiosos.

-São! – respondo.

-A senhora comprou Harry Potter? – pergunta Evandro, aparecendo do meu lado.

-Comprei. Olha aqui! – digo a ele, pegando a coleção de livros.

Os sorrisos aumentam e então começo a mostrar alguns dos livros, quais são coleções, quais são volume único. Encantados, eles ouvem, perguntam e sorriem. Quando termino de mostrar anuncio:

-Em toda semana, teremos uma aula dedicada à leitura. Vocês poderão escolher qualquer um desses livros, sentar onde quiserem e ler. Por enquanto, ainda não vou deixar vocês levarem para casa, a leitura será em aula. Mas em breve, poderão levar para casa e trazer na outra semana!

Ao mesmo tempo, todos começam a falar com os colegas o quanto estão ansiosos para que esse dia chegue logo. Continuo:

-Agora, assim que eu terminar de falar, vocês podem vir até aqui e escolher qual livro querem começar a ler. Também tem bastante gibi aqui, porque sei que vocês gostam muito e até pediram por eles. Então, esse é o nosso Clube do Livro! Esses livros são só de vocês, nenhuma outra sala terá acesso. Vocês trocarão os livros e gibis entre vocês! Aproveitem. Agora, todos escolhendo!

Na mesma hora, eles avançam para a mesa, na busca por um livro que os interesse. Vários tentam pegar o mesmo livro, mas acabam cedendo ao que chegou primeiro. Confesso que estou surpresa com esse comportamento. Eu esperava que eles fossem se amontoar em cima da mesa, se empurrando para ver quem pegava o livro primeiro, mas não. O que vejo são crianças brincando e conversando animadas, escolhendo o livro que querem ler e de olho no próximo que irão escolher.

Fico parada, na frente da sala, apenas observando. Um a um, eles voltam aos seus lugares, admiram as capas dos livros, leem as contracapas e finalmente começam a leitura. Em minutos a sala entra em um silêncio absoluto, algo que nunca presenciei em todos esses meses de trabalho com o 6º B. O ocasionalmente, ao chegar em algo marcante, eles chamam o colega mais próximo e mostram o que está escrito e, logo em seguida, voltam à leitura individual.

Estou completamente encantada. É mágico o que está acontecendo! Fico esperando que o silêncio seja quebrado a qualquer momento, mas não é isso que acontece. Após algum tempo, acabo me sentando em uma mesa mais afastada, e fico observando a mágica acontecer.

Isso é simplesmente incrível! Jamais imaginei que isso poderia acontecer! Consigo escutar o barulho do ventilador! Olho no relógio e vejo que já se passaram 50 minutos desde que eles começaram a leitura. Uau!

Continuo observando e então, alguns começam a levantar, ir até a mesa e escolher outro livro. Conto por volta de 5 alunos que fazem isso. Após escolher o novo título, eles voltam aos seus lugares e recomeçam a leitura. O tempo passa e quando olho no relógio novamente, vejo que mais 40 minutos se passaram. Nossa! Uma hora e meia de silêncio absoluto! É simplesmente inacreditável. Faltam 25 minutos para o sino indicando o final da aula soar. Vou até a caixa e começo a guardar os livros que restaram na mesa. Após mais uns 10 minutos, peço a todos que anotem em seus caderno o nome do livro e em que página pararam, para que possam continuar na semana seguinte. Eles rapidamente fazem o que peço e, em seguida, devolvem os livros. Vou organizando cada um na caixa e quando terminamos, fecho a tampa.

-Bom, agora vamos organizar as mesas e cadeiras. Faltam 10 minutos para bater o sino. – aviso.

-Mas já?

-Passou muito rápido!

-Tem certeza professora?

-Tenho certeza sim! – respondo. – Vocês nem viram o tempo passar!

Rapidamente eles organizam as fileiras e então, começo a conversar com eles.

-Pelo que vi, acho que vocês gostaram muito do Clube do Livro! – digo.

-É muito legal, professora! – diz Miguel.

-Os livros são só da gente! – diz Evandro.

-Vai ter toda semana mesmo? – pergunta Ana Júlia.

-Sim, toda semana, no mesmo dia, terça-feira. – respondo.

-Legal! – diz João Carlos.

-Mas eu quero só comentar algo com vocês: percebi que alguns de vocês desistiram dos livros que escolheram e trocaram por outro. Eu só quero avisar que livros com histórias mais longas, como Jogos Vorazes, por exemplo, demoram um pouco para a história ficar legal. Geralmente os primeiros capítulos são de apresentação dos personagens, do cenário, e depois é que a aventura começa. Então se vocês acharam o começo parado, tentem de novo no próximo dia do Clube, vocês não vão se arrepender! – digo, olhando para todos.

-É isso mesmo, professora. Eu achei meio parado e aí troquei. Mas eu vou pegar ele de novo na semana que vem. Peguei Harry Potter. – diz Evandro.

-É, demora um pouquinho. Você leu a parte em que eles está com os tios, que não são legais com ele, não é? – pergunto.

-É. Achei que era só isso, por isso troquei. – responde Evandro.

- Daqui uns três ou quatro capítulos ele vai descobrir que é bruxo, aí você vai gostar mais. – digo a ele. – Mas é isso, não desanimem! Leva em média uns cinco capítulos para a história ficar legal de verdade.

Brincamos um pouco mais, enquanto Giovani me ajuda a desligar e desmontar a câmera. O sino bate, indicando o final da aula. Eles se levantam calmamente e saem, dizendo tchau. Peço a Giovani que me ajude com a caixa, para levá-la até o carro. Quando dou a partida, ainda estou sem palavras para descrever o que acabou de acontecer no 6ºB!

16. REVELAÇÕES

-Olha, esse final de ano foi pesado! – digo, olhando para Lavínia, que está à minha frente, tomando um chocolate quente e comendo uma coxinha.

-E como foi! Final de ano em escola é muito trabalhoso, eu já tinha até me esquecido disso... - responde ela.

Estamos numa doceria aqui da cidade que nós duas adoramos. Ao longo desses seis meses percebi que temos mais em comum do que eu pensava.

-Se você não estivesse trabalhando comigo, não sei se eu teria dado conta. E sorte a nossa que o Armando ajudou com a decoração! – digo, mordendo a coxinha que eu também pedi.

Hoje foi a final do Projeto Tabuando. Esse último mês foi uma loucura. Todo ano, na primeira semana de dezembro, acontece a final: durante o mês de novembro são feitas as competições eliminatórias para encontrar três representantes de cada turma, para concorrer ao prêmio de Campeão do Tabuando. Durante o mês de novembro, faço uma espécie de quiz na sala, com perguntas sobre as quatro operações. Os alunos se enfrentam por sorteio, dois a dois. Eles vão até a mesa preparada, na qual existe um apito para cada um, e ficam um de frente para o outro. Eu fico no meio e sorteio uma pergunta, que fica em uma caixinha. Leio e mostro aos adversários a pergunta e então conto até três. Quem apitar primeiro, após eu dizer “Já!”, ganha o direito de responder. Se responder corretamente, continua na competição e o adversário é eliminado. Se responder errado, o adversário tem a chance de responder e, se acertar, continua no jogo, eliminando seu oponente.

Essa fase leva em torno de 4 semanas, porque no meio disso tudo, preciso fazer as revisões de conteúdo para as provas finais do bimestre, trabalhar na recuperação dos alunos que apresentaram baixo rendimento, preparar os exames finais e enviá-los à coordenação. Com isso, o mês de novembro é uma verdadeira pedreira. Neste ano, Lavínia me ajudou muito nessa fase final do Projeto Tabuando. Como prometeu em outubro, ela conseguiu estar presente na escola com mais frequência e, com isso, o Grupo de Trabalho foi acontecendo e as tarefas do Grupo e da escola foram se fundindo.

Hoje foi o dia da “Grande Final do Tabuando”. Doze alunos se enfrentaram em fases eliminatórias até restar o campeão. Como no ano anterior, a campeã desse ano foi a Geisa, do 7ºB. Mas o mais legal foi que os alunos do 6º B chegaram em peso na final! Dos três classificados (Lauanny, Felipe e Miguel) dois foram bem longe: Miguel, foi eliminado na semi-final e o Felipe, enfrentou a Geisa na rodada final, mas estava muito nervoso e acabou sendo mais lento do que ela na hora de usar o apito.

A diferença da fase eliminatória, para encontrar os representantes de sala, e a final do projeto é que as eliminatórias são realizadas em sala, durante as aulas. Já a final é um grande evento da escola. O pátio central é decorado, existem jurados para julgar se a resposta está correta, premiação e torcida: os alunos do sexto ao nono saem de suas salas e vão torcer para seus colegas que representam a turma. Na final os adversários que estão competindo têm como auxílio uma lousa para realizar cálculos, caso sintam necessidade. No fundo, o Projeto Tabundo trabalha cálculo mental, então a maioria dos alunos que estão competindo nem utiliza o quadro, de tanto que estão acostumados a fazer cálculo mental devido ao trabalho ao longo do ano. Para a decoração do pátio, Armando, o professor de artes me ajudou, como sempre ajudou ao longo desses anos, ainda bem!

Mas confesso que fiquei bem surpresa com o desenvolvimento dos alunos do sexto ano. Apesar de não ser o meu objetivo, foi muito legal ver os três representantes do 6º B enfrentando os alunos maiores de igual para igual, com segurança. Geralmente, nos anos anteriores, por serem pequenos, eles acabam ficando nervosos e rapidamente são eliminados.

Eu acredito que o Grupo de Trabalho contribuiu para isso. No último mês eu notei mudanças em relação à postura dos alunos nas aulas. Desde o primeiro dia do Clube do Livro, eu comecei a prestar atenção no que estava acontecendo nas aulas. A bagunça continuou? Sim, do mesmo jeitinho: tudo vai muito bem, mas no final da aula desanda. Porém, o que acontece antes de tudo desandar é o que é interessante. Eles falam comigo, eles me questionam. No último bimestre letivo, todos quiseram mostrar suas respostas e saber por que está correta ou por que está errada. Sérgio vai, Lauanny vai e a Laura vai! A Laura é muito tímida, quase não fala, mas agora ela vai até o quadro e explica o que fez, o que pensou! É incrível.

No dia em que eu estava fazendo a revisão para a avaliação bimestral, a turma estava organizada em U. Eu fazia uma pergunta e então dava um tempo para que eles respondessem e, logo em seguida, fazíamos a correção. A lembrança do que aconteceu naquele dia é clara, como se estivesse acontecendo agora...

...

Então, o que são frações? – pergunto à turma, após todos terem respondido em seu caderno.

Para minha surpresa, Laura se levanta, pega seu caderno e lê:

-Elas são números. Frações são partes iguais. Os números são denominador e numerador e também tem um traço. O traço está na horizontal e elas representam partes de um todo.

Estou impressionada! Laura quase não respondia a chamada diária e agora apresenta sua resposta para todos os colegas! Me concentro e dou continuidade, tentando esconder minha satisfação em vê-la participando da aula com tamanha naturalidade.

-Estão vendo que a resposta da Laura tem várias elementos sobre o que são as frações equivalentes. Mas vocês não acham que está um pouquinho confuso?

- Sim! – respondem os alunos.

- Por quê será que temos essa impressão? -pergunto, olhando ao redor. - Porque ela colocou as informações em uma ordem diferente da que estamos acostumados a ver! Então que tal se a gente tentar organizar a resposta da Laura? Querem ver só: Lauanny, fala como ficou a sua.

-Frações são partes de um todo. Elas são formadas por dois números, o numerador e o denominador, separados por um traço horizontal. Elas são números. – responde Lauanny rapidamente.

- E essa resposta, está correta? – pergunto.

- Sim! – respondemos alunos.

- E a da Laura? – pergunto mais uma vez.

- Não! – dizem eles, em coro.

- Mas vamos analisar as respostas das duas. – Peço que as meninas leiam novamente suas repostas em voz alta. Assim que terminam, continuo. - Agora vamos lá. A parte de que as frações são partes de um todo tem na resposta da Laura?

-Tem sim. – dizem os alunos.

-E na da Lauanny? - pergunto a eles.

Após pensar um pouquinho eles dizem:

-Também tem, professora!

-Mas então, tem alguma coisa na resposta da Lauanny que não tem na da Laura? - pergunto, esperando que eles percebam o que está acontecendo.

-Não. – dizem eles.

-Professora, a resposta da Laura está igual a da Lauanny, só que a da Laura tá bagunçada. – responde Miguel, ficando de pé, ansioso.

- É professora, se a gente ajeitar a resposta da Laura, tem tudo o que a da Lauanny tem, e fica quase igual, só colocar as informações na ordem. Tá igual a minha também: frações são partes de um todo, formadas por dois algarismos, um embaixo do outro separados por um traço. O de cima se chama numerador e indica quantas partes foram utilizadas. O de baixo chama denominador e indica em quantas partes o inteiro foi dividido. A minha só tem uma informação a mais, o que é o denominador e o numerador. – responde Marcela.

- Isso mesmo. A resposta da Laura tem todas as informações que são necessárias para o leitor saber o que é fração, só que essas informações estão em uma ordem diferente da que estamos acostumados. Então vou perguntar de novo: a resposta da Laura está correta? – falo alto, olhando para os olhos que me observam.

- Sim, só está numa ordem diferente. – dizem eles.

- E o que a gente aprende com isso? – questiono.

- Que a gente não pode sair falando que está errado, sem pensar. -diz Miguel.

- Que a gente tem que pensar primeiro pra dizer se uma resposta está certa ou errada. Às vezes ela só é diferente. Igual a da Laura! – diz João Carlos.

Finalmente!

-Isso mesmo! As respostas não precisam ser todas iguais, elas podem ser diferentes. Cada um pensa de um jeito, como todas as respostas seriam iguais? Não dá né! Precisamos estar atentos a quais são as informações mais importantes que uma resposta precisa ter. Será que o que eu escrevi é suficiente para alguém entender, será que tem todas as informações necessárias? Como está a ordem das minhas informações? E quando ouvimos uma resposta de um colega temos que pensar nisso também, antes de dizer que o que ele disse está errado. Na maioria das vezes, só está escrito de um jeito diferente do seu, mas as informações são as mesmas!

Volto ao presente, quando Lavínia diz:

-Me falta a habilidade de decorar coisas!

-A mim também! – sorrio. Mais um ponto em comum! – Mas Lavínia, falando sério agora. Eu estava tão envolvida com o 6ºB, preocupada, que só consegui enxergar efeitos da dinâmica de Grupo de Trabalho após o primeiro dia que fizemos o Clube do Livro. Acho que eu estava cega, não queria ver o que estava acontecendo de bom. Eu só via as coisas ruins. Eu estou há cinco anos imersa nesse mundo de cobrança por resultados imediatos que não conseguia ver um processo acontecendo. E olha só agora, todo esse nosso trabalho rendeu algo! Eu nunca imaginei que um dia a Laura iria se levantar e falar a sua resposta para toda a turma! – digo, lembrando mais uma vez daquele dia. -E o João Carlos e o Gabriel que eram tão inseguros! O João ajuda o Gabriel e eles estão se saindo tão bem. Até o Giovani, que tirava meu sossego, se sentiu parte da turma, algo que ele achava que não era pra ele.

-Pois é! Como eu tinha dito lá no começo, os afetos da dinâmica de Grupo de Trabalho em uma sala de aula demoram a acontecer. Não é imediato. É um processo, leva tempo, precisa de paciência. Para mim também foi uma experiência incrível ver tudo o que aconteceu. – diz ela.

-Por falar nisso, agora você vai ter que me contar uma coisa: afinal de contas, qual é o seu trabalho? Qual seu objetivo com esse nosso trabalho na escola? Você sabe tudo sobre mim, sobre o que eu faço, sobre o que eu penso, mas e você? O que você quer realmente na escola? – pergunto.

Ela toma outro gole de seu chocolate quente e diz:

-Bom, estou fazendo uma investigação para meu doutorado. Como nós discutimos durante esses seis meses, a dinâmica de Grupo de Trabalho vem sendo realizada há alguns anos pelo grupo de pesquisa do qual faço parte, o FAEM, que é o grupo de pesquisa em Formação, Avaliação e Educação Matemática. Só que, até então, os Grupos eram realizados apenas com professores. Produzíamos e ainda produzimos um espaço para que professores troquem “experiências” sobre suas salas de aulas, sobre suas práticas, sobre suas demandas. Prefiro falar de vivências, histórias, narrativas, ao invés de experiência. Mas sobre isso, conversamos outra hora. O GT, como costumamos chamar, é um local, mais que geográfico, no qual eles podem falar o que quiserem, podem aprender, desaprender, conviver. Os professores estão sozinhos em suas práticas profissionais, eles não tem com quem falar delas, então “criamos” os Grupos de Trabalho, um espaço de todos e para todos, onde professores podem partilhar suas vivências de sala de aula.

-Isso é verdade! Até você chegar aqui na escola, eu nunca tinha conseguido falar com ninguém sobre o que eu estava passando com o 6ºB, sabe... A gente comenta com os colegas de trabalho, mas não é muito agradável. Alguns tendem a dizer que a gente não sabe dar aula, ou que sou muito nova e não sei controlar uma turma. Isso aconteceu muito comigo no meu primeiro ano de trabalho. Então tudo o que eu faço, tudo o que eu planejo, minhas conquistas e meus fracassos ficam só para mim, porque ninguém está interessado em ouvir. Como eu venho dizendo, a única preocupação que existe é que eu ofereça resultados positivos regularmente e rapidamente. - respondo.

-Exatamente. Nós vimos essa lacuna em todos os cursos de formação que geralmente são propostos: são cursos preparados previamente, com objetivos já definidos e práticas já definidas. O que vai ser tratado nesse tipo de curso não é negociável e, em muitas vezes, nem é uma necessidade do professor que está em sala de aula. Então, com todo esse contexto já existente, o FAEM desenvolveu os Grupos de Trabalho. É um espaço onde professores se encontram para falar sobre suas demandas de sala de aula e quaisquer outros assuntos que queiram. Durante as reuniões dos Grupos de Trabalho existem algumas ações que são definidas previamente, mas elas não são fixas e servem de mote para que a interação entre os participantes aconteça. Ao longo do Grupo, os professores participantes definem quais ações serão realizadas, quais temas serão discutidos. Em algumas vezes, os próprios professores definem que querem implementar em suas aulas algum tipo de atividade e depois trazer para discussão, mas tudo parte dos interesses deles. É um espaço de troca, no qual eles não se sentem pressionados. – responde Lavínia. O grupo sempre é mais que as duas horas ou três horas que estamos juntos, digo fisicamente. Ele atravessa a vida dos participantes, ele se desdobra. Por isso que cada grupo é único.

- E a chave para o funcionamento dos Grupos de Trabalho é a interação entre os participantes, certo? – pergunto.

-Isso mesmo. É interação que permite a troca de vivências, de “experiências”. Por esse motivo é que o pesquisador que participa do grupo inicia aquele comportamento de sempre questionar o que um professor diz, de pedir para que o professor fale mais sobre o assunto. A ideia é que a interação sempre aconteça. No começo os professores se sentem um pouco desconfortáveis com tantas perguntas, pensam que estão sendo avaliados e escolhem suas palavras com cuidado. Com o passar do tempo, eles percebem que os questionamentos não são um modo de avaliação, mas sim um modo de tentar conhecer o modo como eles pensam sobre determinados assuntos, para então construir repertório para manter a interação no grupo. Afinal, se não houver interação, como poderemos ter

acesso ao que o outro está produzindo, como ele opera, aos modos de produção de significados? – diz ela.

-É, como eu percebi tão bem nesse último semestre, faz uma diferença muito grande ter essa interação. Saber como o outro está pensando para então falar com ele é muito mais fácil, principalmente quando estamos lidando com alunos em sala de aula, que precisamos intervir. – digo a ela.

-Exato. Então com todo esse contexto de Grupo de Trabalho com professores, eu pensei em desclocar essa noção para trabalhar com alunos. Como seria um Grupo de Trabalho na escola, com alunos do ensino fundamental? Quais as características desse Grupo? Quais conhecimentos são produzidos? Em meu trabalho de mestrado eu formei um grupo com uma professora, na escola em que ela trabalhava. Eu ia até lá toda semana em seu momento de hora-atividade e nós conversávamos sobre a prática profissional dela. Aliado a isso, planejávamos atividades a serem implementadas com uma turma que ela tinha. Ela escolheu o sexto ano, porque era a turma que tinha uma quantidade maior de aulas semanais. Foi durante essa investigação que eu me interessei pelo trabalho com alunos e então tive a ideia de tentar formar um Grupo de Trabalho com alunos. – responde ela. – Tentar, porque a gente nunca tem certeza se um grupo de pessoas se tornará um Grupo de Trabalho. Pode ser que a interação não aconteça, pode ser que os integrantes desistam, pode ser que ele se torne um grupo de estudos. Nada garante que um grupo se torne um Grupo de Trabalho. Até hoje, os Grupos de Trabalho produzidos pelo FAEM se tornaram realmente Grupos de Trabalho, mas pode ser que não aconteça. E quando eu meu joguei nessa investigação com alunos, eu não tinha a menor ideia do que iria acontecer!

-É, se os alunos ou eu mesma não entrássemos no jogo, não teria dado certo. Por tudo que conversamos, por tudo o que estudei sobre Grupos de Trabalho com você, acredito que o 6ºB se tornou um Grupo de Trabalho, sempre em processo. Claro, ele não tem as mesmas características de um Grupo com professores, mas a questão da manutenção da interação, a postura questionadora adotada por mim e, agora no final do ano, pelos alunos, a confiança que eles agora têm uns com os outros me mostram o quanto o Grupo de Trabalho com alunos se constituiu. No começo, apesar de já se conhecerem, eles não aceitavam falar sobre o que estavam pensando, não queriam participar das decisões sobre o que iria acontecer na aula, não confiavam o suficiente uns nos outros para dizer o que estavam pensando. Já hoje... - digo, tomando um gole de meu suco de laranja.

-Isso mesmo. Temos indícios de que o Grupo de Trabalho do 6ºB se constituiu, e já temos algumas demarcações do que é um Grupo de Trabalho com alunos. E meu trabalho é esse, investigar a constituição desse grupo, caracterizá-lo, analisar os conhecimentos produzidos nesse espaço formativo de todos para todos. Somente neste ano, com sua ajuda, eu consegui cumprir dois momentos da investigação: conhecer os alunos e implementar propostas de trabalho. Aqueles dois meses após as férias, foram o momento de conhecer vocês, de conhecer a comunidade escolar, o contexto social em que a escola está inserida e conhecer os integrantes do grupo, me aproximando de você, tendo acesso às suas aulas, que acabaram se tornando nossas aulas. O segundo momento, foi quando começamos a implementar propostas de trabalho, onde começamos a promover a interação entre os integrantes, com você sempre questionando o que eles diziam, mostrando a eles que eles poderiam questionar também e que eles poderiam decidir o que fazer. Foi quando mudamos a organização da sala de aula, que pode parecer algo irrelevante, mas que não é. A organização da sala em grupos é essencial para que a interação entre os participantes aconteça e se mantenha. Em grupo eles conversam, trocam ideias sobre o que estão fazendo, se ajudam, pedem sua ajuda, você pode questioná-los, tem acesso a uma maior quantidade de alunos de uma só vez. E também pedimos que eles criassem modos de se estudar o conteúdo programático, e eles tiveram poder de decisão no que acontece no Grupo de Trabalho. Além do Clube do Livro. – Lavínia respira fundo e dá o último gole em seu chocolate quente.

-E todas as gravações, tanto das aulas, quanto dos nossos planejamentos, são seus dados. – afirmo, olhando para ela.

-Isso. Ao final desse processo, que vai durar dois anos, esses dados permitirão que eu construa o relatório de pesquisa que a academia exige que eu apresente. – diz ela.

-Eu sei como é. E para o ano que vem, o que vamos fazer? – pergunto.

-No próximo ano continuaremos com essa dinâmica do Grupo de Trabalho e então espero que possamos viver o terceiro momento, no qual os alunos constituirão projetos próprios. Eles é quem irão elaborar as atividades que eles mesmos irão executar no Grupo. Claro, tendo em vista o contexto de estarem no 7º ano, de precisarem estudar os conteúdos previstos para esse ano, de participarem dos projetos que a escola determina. A ideia é que, como eles já estarão habituados à dinâmica de Grupo de Trabalho, já sabem como funciona, então eles mesmos irão criar atividades para serem realizadas por eles mesmos. E o Clube do Livro, que foi tão incrível, vai continuar. Podemos comprar mais livros, aumentar a biblioteca deles. – responde ela.

-Entendo... No próximo ano eles podem ficar mais ativos no Grupo. – penso por alguns segundos no que isso vai dar e desisto. – Mas o Clube do Livro foi a experiência mais extraordinária e impactante que nós tivemos. Ver aqueles alunos, tão agitados, que nunca ficaram quietos, ficarem uma hora e meia em silêncio absoluto por vontade própria. Naquele primeiro dia, quando cheguei em casa, eu assiti a gravação da aula para ter certeza de que eu não tinha imaginado tudo. Depois, na outra semana, pensei que não ia acontecer de novo e aconteceu! E por todo o bimestre a cena se repetiu, todos muita vontade com seus livros e gibis, lendo tranquilamente, mostrando aos colegas uma parte legal, indicando leitura aos colegas, trocando livros. E eles perguntam todo dia quando é a aula do Clube do Livro, ansiosos pelo dia. Já teve dia em que teve algum evento na escola no dia do Clube e eles ficaram muito bravos, não queriam ir, queriam ficar na sala para ler! Você viu como eles ficam, é incrível! – digo, animada.

-E esse é meu trabalho aqui na escola. – afirma ela, dando de ombros.

-Muito legal a sua pesquisa. Sabe, eu estou em sala de aula há cinco anos. Já fiz um mestrado, mas eu ainda não trabalhava na época. Eu terminei a graduação e fiz o mestrado. Foi no meio do meu segundo ano de mestrado que eu comecei a dar aulas. Desde então, eu passo meus dias cheia de tarefas. As aulas são meus momentos mais tranquilos, mas os trabalhos administrativos é que são um pesadelo. Os relatórios, os planos de aulas escritos em detalhes, os projetos que preciso executar, os trabalhos e provas que tenho que corrigir, isso sim é o complicado. Minhas horas “livres” são insuficientes para que eu planeje uma boa aula e ao mesmo tempo faça todos os demais afazeres burocráticos. Acabo levando trabalho para casa todos os dias, e uso os fins de semana para planejar, confeccionar materias. Hoje, se eu quisesse fazer um doutorado, não sei se eu conseguiria. Eu não tenho tempo para estudar! – digo, um pouco desanimada.

-Eu te entendo completamente. Sabe, esse trabalho aqui na escola com você e com os alunos não tem sido fácil. Estou na mesma situação que você: meus fins de semana são de trabalho! Você viu que no começo, até eu me adaptar, eu não consegui estar aqui com você e você teve que fazer várias coisas sozinha. Fazer um trabalho de pesquisa, na escola, sendo professora, é muito cansativo. Eu me vejo como duas pessoas o tempo todo: assim como você, também quero que seus alunos tenham bons resultados na prova, e percebo que em alguns momentos, com a dinâmica que estamos implementando, eles precisariam de mais tempo, mas devido ao cronograma escolar, nós precisamos correr com as coisas. Então, eu sempre me vejo como duas pessoas: a pesquisadora que veio aqui para

investigar um processo e a professora que trabalha com você e quer as mesmas coisas que você. – admite, ela.

Fico alguns segundos sem dizer nada, apenas olhando para ela, então dou uma risada:

-Nossa, você sabia que eu me sinto exatamente igual a você? Em alguns dias, a única coisa em que eu consigo pensar é que estar com você nessa investigação só me atrapalha, só dificulta meu trabalho como professora, que eu tenho que fazer muito mais do que as minhas obrigações e que o Grupo de Trabalho não ajuda em nada. Já em outros dias, eu percebo o quanto o Grupo de Trabalho é importante para os alunos, o quanto eles estão se desenvolvendo e o quanto eu aprendi nesse período. Eu não estudava uma teorização, um artigo, uma dissertação, uma tese com tanto empenho há tempos! Eu tive que aprender sobre a teorização do Modelo dos Campos Semânticos pra entender quais seriam minhas movimentações nesse Grupo de Trabalho e o que era um Grupo de Trabalho. Apesar da sensação de ser duas pessoas diferentes, de ter tanto trabalho, de ter esses sentimentos conflitantes, hoje eu vejo que gosto disso. - admito.

-Pois então, respondendo sua pergunta indireta, se você quisesse fazer um doutorado, seria assim. Você se sentiria uma pessoa múltipla, com trabalho dobrado! – diz ela. – Veja só, você faz o mesmo que faz com o 6º B em suas outras turmas?

-Não. Eu não daria conta! A única coisa que eu não consigo mais deixar de fazer é questionar os alunos. No início, eles não gostaram muito, mas agora já se acostumaram. Acabo usando mais a dinâmica de organizar as outras turmas em grupo, mas lá é assim: quando dá, eu faço. Não é como no 6ºB, onde eu preciso sempre agir de uma determinada maneira. Claro, a gente sabe que tem dias em que eles se sentam um atrás do outro e fazem a atividade, porque vai ter prova em breve, mas nos outros dias, sempre estamos planejando outros modos de aula para o 6º ano. Então assim, nas outras turmas eu reproduzo coisas que se tornaram um hábito para mim, no caso, minha postura questionadora, de tentar fazer com que eles falem mais sobre o que estão pensando. Mas na maioria das vezes, eu dou a aula tradicional mesmo, senão eu não dou conta. – falo, olhando para ela.

-É isso mesmo. Nós fazemos o possível. Eu entendo o quanto é trabalhoso implementar a dinâmica de Grupo de Trabalho durante as aulas, que os resultados, caso apareçam, demoram a dar as caras, ou nem aparecem! E é por isso que essa investigação se faz necessária, porque precisamos pensar na escola que temos hoje, na educação que oferecemos para nossos alunos, e quais possibilidades outras existem. Os grupo de de Trabalho podem ser uma opção? Podem. Mas existem outras também. Ao final desse

Lavínia

processo, espero que a gente tenha uma ideia do que é um Grupo de Trabalho com alunos, na escola, quais suas características. Mas até lá, temos muito trabalho pela frente! – diz Lavínia.

-Então vamos aproveitar as férias que estão chegando, porque no ano que vem, teremos um problemão: nesse ano tínhamos cinco aulas semanais, no ano que vem, quando eles estiverem no 7º ano, teremos apenas três. Tempo reduzido, conteúdo programático em dobro! – digo, fazendo uma careta.

-Vamos deixar para pensar sobre isso no ano que vem, não é Luíza! – diz ela, franzindo os lábios.

Lavínia fica em silêncio por alguns segundos, visivelmente pensando na notícia que acabei de dar. Então seus olhos focam meu rosto e ela diz:

-Droga, Luíza, você tinha que estragar as minhas férias, não é?

Caímos na gargalhada, e continuamos conversando, mas sobre outras coisas. Depois de uma hora nos despedimos. Quando entro em meu carro, um pensamento me invade:

O que é que vai acontecer no próximo ano?

17. COMEÇAR DE NOVO

E não é que retornei? Mais um ano aqui nesta escola, trabalhando com os alunos e com Luíza. Eu pensei muito durante esse período de férias e tive algumas ideias para propor a eles.

A escola não é como a gente espera. Ela muda a cada dia. Ordens da direção e até mesmo da secretaria de educação alteram totalmente o andamento do trabalho. Claro, eu sabia que isso acontece numa escola, mas viver isso diariamente é bem desconfortável. O mais engraçado é que eu não percebia isso quando eu fazia minhas pesquisas com uma visita à escola a cada 15 dias ou quando nós, do grupo de pesquisa, oferecíamos formações aos professores na universidade. São situações que só fazem sentido quando a gente vive a rotina escolar. No decorrer do último ano eu me aproximei muito de Luíza e pude entender porque ela é tão resistente a aceitar algumas propostas de trabalho. A cobrança em cima dela e dos demais professores por resultado é imensa. Em uma conversa que tivemos, ela me disse que torcia muito para a minha proposta de trabalho dar certo e que ela conseguisse apresentar resultado nas provas bimestrais, que são obrigatórias na escola. Caso a turma apresentasse baixo rendimento, um técnico da secretaria passaria a acompanhar o trabalho dela diariamente, verificando planejamentos e atividades. Seria como ter um cão de caça nos calcanhares, tudo teria que passar pela aprovação dessa pessoa.

Eu só posso imaginar o quanto isso seria cansativo, para nós duas.

Acredito que se eu mesma vivesse nesta situação de pressão constante, eu também seria mais combativa, resistente a propostas que me tirassem de minha zona de conforto, zona essa construída por mim e na qual eu sei que o que me é exigido seria cumprido. O tempo que passei na companhia de Luíza e dos demais professores desta escola no último ano me fez abrir meu olhar para a escola real, com situações reais, que são imprevisíveis. Pude ver o lado que muitas vezes nós, pesquisadores, deixamos de olhar. É fácil entender porque os professores, em geral, não nos vêem com bons olhos quando chegamos na escola querendo mudar suas rotinas de trabalho: pessoas de fora, que não conhecem a rotina da escola, a comunidade escolar, as regras de funcionamento internas (que não são tão faladas mas que estão sempre presentes), a pressão por bons resultados que está

sempre à espreita dos professores e que se mostra sutilmente a cada conversa com o coordenador.

No início de nosso trabalho em conjunto tive minhas dúvidas em relação a Luíza. Para ser bem franca, tive certa antipatia por ela e por suas atitudes e falas tão resistentes, tão descrentes ao trabalho que iríamos começar. Com o passar das semanas, fui compreendendo a razão por trás de tal comportamento e pude conhecê-la mais de perto e confesso que hoje apoio totalmente seu modo de agir. Hoje me coloco em seu lugar e penso que se essa situação ocorresse comigo, eu agiria da mesma maneira.

E por falar nela...

-Oi Lavínia, tudo bem? – diz Luíza, vindo pelo corredor.

-Oi, Luíza, tudo certo! Alguma novidade? – pergunto.

-Nada demais. O de sempre. Tivemos dois dias de formação aqui na escola. Formação no sentido de dar recados e orientações sobre prazos, avaliações e eventos para esse ano. Hoje estamos livres para fazer o planejamento da primeira quinzena, por isso pedi para que viesse. – responde.

-Foi ótimo ter me ligado, assim já começamos desde o primeiro dia. Acho que assim poderemos retomar a dinâmica que as férias podem ter afastado da rotina dos alunos. – digo.

-Então, pensei o mesmo... Vamos lá na sala do oitavo ano, é mais fresco e poderemos conversar sem atrapalhar ninguém. Mas já vou te adiantando: você não vai gostar nadinha das orientações que eu recebi nesses dois dias. – Luíza me olha como quem pede desculpas.

-Hum... Então vamos logo começar.

-Você pode ir pra lá, eu só vou falar com a Ivone rapidinho e te encontro. – diz ela, já a caminho da sala da coordenação.

Me dirijo até a sala e aguardo. Após alguns minutos ela retorna.

-Vou falar de uma vez: nesses primeiros quinze dias, na verdade nesse primeiro mês, será um pouco difícil fazer qualquer coisa. Devido ao que aconteceu no ano passado, não consegui trabalhar o conteúdo sobre números decimais, então terei que fazer isso neste ano, neste primeiro mês. Ivone me pediu para focar nos procedimentos para que os alunos pelo menos tenham noção do que são os números decimais e como realizar as operações básicas com eles. Ela sugeriu uma avaliação a cada semana, sobre cada operação. – diz Luíza.

-Entendo. Será uma espécie de intensivão dos Números Decimais. – digo.

-Isso mesmo. – responde ela.

-Então não poderemos planejar nada que fuja disso. – comento.

-É. Eu acho que podemos voltar com o trabalho em duplas ou trios durante a realização dos exercícios. Porque nesse período curto de tempo teremos que trabalhar com conteúdo, exemplo, explicação e atividade. Vou usar o tempo que geralmente é destinado à revisão de alguns conteúdos para trabalhar com os decimais, então para pelo menos resgatar o que fizemos no ano passado, recorreremos aos grupos para realização das atividades. O que acha? Seria muito forçado? – pergunta Luíza.

-Acho que é o melhor a ser feito, para que você não seja sobrecarregada e os alunos não fiquem sem ter contato com esse conteúdo. Depois desse período, eu pensei em realizar uma assembléia com eles, para que eles exponham o que acharam do ano passado, o que foi bom e o que foi ruim, o que precisa melhorar. Acho importante ter esse momento para que eles possam se lembrar de que são ativos nas aulas. E com isso, podemos pedir que eles pensem em projetos que queiram relatar nas aulas. Podemos apresentar a eles quais conteúdos devem ser trabalhados durante o ano letivo e pedir que eles pensem em modos de trabalhar esse conteúdo. Lembra que essa era um momento do trabalho, no qual eles começariam a implementar projetos? – pergunto.

-Sim, me lembro. A assembléia é uma ótima proposta, já que eles irão trocar informações e impressões sobre o que aconteceu no ano passado. Além disso, é muito legal que a gente já deixe claro que eles terão a responsabilidade de pensar em projetos a executar sem esquecer que temos que estudar o conteúdo programático deste ano. Olha Lavínia, acho que neste ano será bem mais confortável realizar esse trabalho com você. No ano passado tivemos muitos problemas de comportamento no início do ano e no começo desse nosso trabalho eu fui muito cética quanto ao que poderíamos obter com isso. Confesso que em vários momentos eu me irritei e quis desistir. Você mesma presenciou alguns momentos nos quais eu me perdia a paciência na frente dos alunos. E depois de muito insistir nesse trabalho de formiguinha, eu pude ver meus alunos mais a vontade nas aulas. Hoje, olhando para trás, eu vejo o quanto esse trabalho com você me fez bem, poder dividir a carga com alguém, dividir os problemas diários de uma sala de aula, de uma escola, com alguém que está todo dia vivenciando os acontecimentos comigo é um apoio e tanto. Eu já disse isso para você no ano passado, mas quero dizer mais uma vez: obrigada por me aguentar naquele início do ano passado. Sei que sou bem difícil de lidar às vezes, mas é porque a gente aprende a ser assim.

-Deixa isso para lá. – digo.

-Não, é importante que você saiba. – diz ela. - Quando eu comecei a dar aulas, eu tive um coordenador terrível. Ele não dava orientação de como eu deveria agir, apenas dizia que eu não sabia de nada porque eu era muito jovem. Ele inventava recados para dar aos alunos só para entrar na minha aula e ver o que eu estava fazendo, vigiando, sabe? E depois ele me chamava na sala dele e acabava comigo. Minha sorte foi ter conhecido a professora com a qual trabalhei no mestrado. Ela me dava dicas do que fazer, de como agir e me sugeriu começar a responder meu coordenador de modo firme. Foi o que eu fiz. Tive que bater de frente com ele, até que ele começou a respeitar meu trabalho. Acho que foi bom, porque depois de alguns meses de conflito ele não questionava mais o que eu sugeria e no ano seguinte me ligou para retornar à escola por mais um ano. – Luíza me diz, com o olhar perdido.

-Eu estava pensando nisso antes de você aparecer. Todo esse tempo aqui na escola, com você e com os outros professores, me permitiu entender porque a maioria dos professores é resistente a ter alguém de fora em suas salas de aula. É desconfortável ter alguém que você não conhece se metendo em seu ambiente de trabalho, uma pessoa que não conhece a rotina de uma escola real. E fique tranquila, é perfeitamente normal perder a paciência às vezes. Por mais profissional que sejamos, em alguns momentos nos desestabilizamos com as situações. E se tem um lugar que desestabiliza alguém é a escola! Eu mesma me lembro muito bem o primeiro dia que eu conduzi a aula com o sexto ano, foi muito estressante! – digo, me lembrando daquele dia.

-E era bem no início do ano, eles estavam com a corda toda! – diz ela, com um sorriso.

-Uhum! – concordo. – Eu entendo o que você está dizendo. Acho que todos nós cruzamos com um coordenador terrível no início de nossas carreiras. São poucos o que encontram pessoas que querem ajudar, e não mostrar o quanto somos imaturos em sala de aula. Mas voltando ao que estávamos falando: vamos fazer conforme você sugeriu: retornamos com o trabalho em grupo nesse período de um mês, tentando resgatar a rotina do ano passado. Volte com os questionamentos, abra espaço para que eles se manifestem. Acho que isso acontecerá de modo natural, mas é interessante reforçar. Assim que você terminar essa parte dos números decimais, fazemos a assembléia para decidir quais rumos tomar a partir do que os alunos disserem. Minha ideia era já iniciar com a assembléia e nela propor que eles criassem jogos a partir de um conteúdo, já que o projeto com jogos da escola continua, certo?

-Sim, continua. É um projeto fixo, todo ano deve ser trabalhado. Eu havia conversado com Ivone sobre estender o objetivo do projeto e abordar quaisquer conteúdos, não apenas

a multiplicação, como era a ideia inicial. Ela concordou, até mesmo para não se tornar algo repetitivo para os alunos. – responde Luíza.

-Então, ótimo! Próprio do sétimo ano, o primeiro conteúdo abordado seria o de números inteiros, certo?

-Isso. Após os números inteiros entramos em equações, depois no estudo dos triângulos, regra de três e, por fim, áreas e volumes. Raramente conseguimos entrar no campo de tratamento da informação.

-Ainda mais com a redução de aulas do sexto para o sétimo... - comento.

-Exato. Essa redução é bem complicada, ficamos com apenas 3 aulas neste ano. A lista de conteúdos é imensa e o tempo é curto. Acabamos por priorizar os conteúdos que mencionei, que são muito cobrados nas avaliações. É muito ruim, não dá tempo de fazer nada. Você vai ver, apesar de reduzir apenas duas aulas semanais, a sensação que dá é que só temos uma aula semanal. Eu pensei muito sobre isso nessas férias, em como dar um jeito de continuar esse nosso trabalho sem deixar os conteúdos para trás.-diz ela.

-Imagino que não será nada fácil... - respondo.

Continuamos conversando, acertando os detalhes das próximas semanas e o que faremos ao final deste mês, após a revisão dos números decimais terminar.

.

18. ADAPTAÇÕES

A revisão acerca dos números decimais levou mais tempo do que o planejado. Já estamos em meados de abril, final do primeiro bimestre, e ainda estamos trabalhando nisso.

Venho acompanhando Luíza semanalmente como combinamos e acabo atuando como professora da turma também. A redução da carga horária de matemática, de cinco aulas semanais para três, é brutal. Não temos o tempo necessário para dar aos alunos a chance de pensar sobre o que estão aprendendo. Luíza sugeriu no primeiro dia em que nos encontramos, neste ano, em trabalhar de maneira mais tradicional para dar conta de cumprirmos o conteúdo programático. Inicialmente, pensamos que conseguiríamos implementar propostas de trabalho, mas é impossível. Acabamos por optar em fazer uma discussão a respeito de cada conteúdo e em seguida utilizar atividades impressas para que os alunos resolvam, aumentando o tempo para discussão e troca de ideias.

Um fato que me chamou atenção foi o de que os alunos, sozinhos, se organizaram em grupos no momento de realizar as atividades, sem necessidade de que eu ou Luíza pedíssemos. Eles simplesmente pegaram suas mesas e nos perguntaram se poderiam fazer duplas, como no ano passado. Ao atendê-los, tanto eu quanto Luíza percebemos uma troca de ideias entre os grupos, compartilhando estratégias de resolução. É cedo para afirmar, mas me parece que a dinâmica de grupo de trabalho que implementamos no ano passado pode ter ajudado. Outro fato interessante é o momento da correção das atividades: vários alunos sempre estão dispostos a compartilhar com os colegas os seus modos de resolver os exercícios. Me lembro que no início, Luíza me dizia que nenhum deles queria fazer parte deste momento, e hoje o que acontece é o contrário.

Conversando nas reuniões do grupo de pesquisa, percebo uma certa distância entre mim e os demais integrantes. Enquanto as preocupações deles vão na direção de como o trabalho de pesquisa está correndo, eu me vejo a cada dia mais imersa na realidade do 7º ano B da escola José Raposo Filho. É impossível me distanciar de todos os acontecimentos que permeiam o dia a dia escolar. Me vejo sempre em uma posição dupla: pesquisadora/professora. Luíza e eu estamos tão entrosadas que que nossas ações em sala de aula se confundem: em alguns momentos é ela quem está procurando, planejando,

ensaiaando nossos próximos passos, em outros, me vejo rodeada de alunos, focada em suas resoluções, em seus modos de lidar com as questões que propomos.

A cobrança que se assoma sobre Luíza a cada dia na busca por resultados se abate também sobre mim. A cada conversa com Ivone, existe sempre em sua fala a necessidade de que os alunos alcancem bons resultados em avaliações, e essa cobrança vem de cima para baixo: a secretaria de educação cobra da direção escolar, que por sua vez cobra dos coordenadores, que por sua vez cobram dos professores.

Hoje é nítido para mim o quanto esse sistema de avaliação poda o desenvolvimento dos alunos. Muitas vezes é necessário tomar mais aulas com determinado assunto, mas se optamos por isso, em algum momento teremos que resumir outro conteúdo programado para os meses que virão. É cruel.

Na última semana estive estudando um pouco e percebo que, mesmo com todo o amparo teórico que tenho, algo ainda falta para lidar com a escola real, real no sentido de ser uma escola que cobra por resultados em provas e avaliações externas. A escola, acho que posso chamá-la de Escola, com E maiúsculo, é um ser que não pode ser controlado nem previsto. Todas as coisas que estudei, o que planejei, ao se depararem com a Escola são colocadas em cheque, em suspensão. Nada funciona exatamente como na teoria, tudo precisa ser repensado, transformado de acordo com as exigências da Escola. A escola, com e minúsculo, pensada pela universidade, vista muitas vezes de fora, é a escola previsível, que obedece um padrão. Muitas vezes, as duas se entrelaçam e é possível me utilizar de minhas ferramentas teóricas em nossas práticas, mas sempre algo escapa.

Quanto mais ensaiamos e nos preparamos para despertar momentos de inspiração nos alunos durante as aulas, mais nos vemos presas nas amarras do conteúdo programático e objetivos da escola. Após todos esses meses, começo a perceber que, talvez, a dinâmica de grupo de trabalho seja incompatível com os objetivos impostos pela escola como um todo. Novamente, a Escola que exige resultados quase que imediatos. Nosso trabalho se volta para aquela escola que acontece, naqueles momentos específicos de aula. Uma escola mutante, que se forma e transforma a cada minuto de aula, mas que a todo momento é aprisionada e moldada pela imediatista.

Como avaliar a imersão dos alunos no grupo de trabalho? Como mediar a participação de cada um em discussões? Como comparar e quantificar com uma nota o desenvolvimento individual de cada um, se não temos nenhum parâmetro? Nem eu e nem Luíza fizemos essa dinâmica de aulas antes, não sabemos o que esperar. Tem dias que tudo dá certo e tem dias que tudo dá “errado”. Tem dias que são comuns, no sentido de

que nós e os alunos começamos a entrar numa rotina de trabalho em sala de aula. Em outros, todos os nossos planos são frustrados.

Dentro de tudo isso e apesar de tudo isso, temos que, ao final de cada bimestre, elaborar uma avaliação com 10 questões, sendo 5 objetivas e 5 dissertativas sobre o conteúdo estudado. São regras da escola, disponíveis no Projeto Político Pedagógico e Regimento Escolar. E se o aproveitamento nesse tipo de avaliação não for satisfatório, significa que algo não está indo bem. Não se observa, por exemplo, o quanto Gabriel está mais confiante em perguntar, mostrar o quê e como resolveu determinada questão, questionar os colegas acerca do que eles fizeram, sem chorar. Me lembro dele chorando abraçado a Luíza no ano passado, quando após mais um ano de reprovação, ele não conseguia dizer como tinha pensado para resolver determinada atividade.

Não se leva em consideração o fato de que hoje o sétimo ano B age bem em grupo, em harmonia. Há brincadeiras, há risadas e um pouco de bagunça durante a aula. Sim. Porém, ao mesmo tempo em que agem como as crianças que são, os alunos estão concentrados nas tarefas que propomos e empenhados na discussão para apresentar uma ou mais resoluções. Hoje, quando há duas ou mais respostas ou modos de fazer diferentes no mesmo grupo, ninguém apaga o que fez, mas nos chamam para a discussão, para encontrar um possível erro, ou um entendimento distinto da questão.

Isso tudo é consequência de nosso trabalho? Não sei. Não estou interessada em buscar causa e consequência, mas não posso ignorar que houve uma mudança, que algo aconteceu. Talvez, eu sinto que atualmente eles agem de maneiras diferentes daquelas que eles agiam a um tempo atrás. Talvez, mudança neste modo de pensar. Se isso se deve ao nosso trabalho ou não, não é a questão. A questão é que algo está acontecendo, um processo está se desenrolando e estamos imersas nisso, a todo momento, todos os dias da semana. O que acontece, acontece, é imprevisível.

Muitas vezes percebo que o grupo de trabalho acontece

Em alguns momentos é difícil focar em meu papel: sou a pesquisadora ou a professora? E Luíza se sente da mesma forma. Os papéis se confundem, se fundem, se separam. É um processo vertiginoso, no qual me sinto extremamente desconfortável, sem saber o que acontecerá em seguida.

Só podemos nos preparar a cada semana, a cada dia e esperar que nenhum evento surpresa, indesejado, aconteça nos momentos de nossas aulas/encontros. Quando isso acontece, acabamos por limitar ainda mais o tempo dos alunos, tempo esse que já é bem curto.

Lavínia

Escola, pesquisa, pesquisa, escola. O que separa uma da outra? Há separação? Uma pesquisa na escola permite que o pesquisador seja apenas pesquisador? Quando o professor toma o lugar do pesquisador? E quando acontece o contrário? Essas são questões que nem eu e nem Luíza conseguimos responder. E será que precisamos respondê-las?

19. PENSAMENTOS

- Preciso da ajuda de vocês. – Digo, sem rodeios, logo no início de nossa reunião.-
- Vamos começar com a Lavínia, então. – diz Jorge, o líder do grupo de pesquisa.
- Obrigada, Jorge. Estou um tanto incomodada com alguns acontecimentos que vivencio na escola e preciso de ajuda para tentar entender o que está havendo. – explico aos meus colegas.

- Então nos conte o que esta acontecendo. - Diz ele, com sua calma.

Respiro fundo.

- Vou iniciar contando para vocês o que já fizemos até aqui. Iniciei o trabalho com a professora na escola na qual ela trabalha 20 horas no ano passado. Entrei em contato com ela no início das aulas, mas o trabalho mesmo começou em agosto, após as férias de final de ano.

O que causou esse adiamento? – pergunta Jorge.

- A turma escolhida. A professora não conseguia conversar com eles, trabalhar os conteúdos. Uma turma agitadíssima, era quase impossível capturar a atenção deles por mais de 10 minutos. De acordo com a professora, foi uma turma atípica, no sentido da agitação. Eu me vi numa situação desconfortável na primeira vez que conversei com eles, como já contei a vocês da última vez. – digo, lembrando aquele dia. – Então, até a professora conseguir implementar algo, já havíamos passado as férias de julho.

“Conseguimos implementar muitas práticas, fizemos os registros e hoje, temos uma turma com a qual conseguimos conversar. A relação entre eles e nós, as professoras, tem se desenvolvido e amadurecido a cada dia, principalmente a relação da Luíza com eles. Hoje, a turma é um sétimo ano e as aulas de matemática se reduziram 3 aulas semanais. Já era complicado elaborar e implementar nossas atividades com 5 aulas semanais, agora é muito mais difícil.”

“Mas o que vem nos angustiando não é isso, não somente isso. Coisas aconteceram neste tempo em que trabalhamos com os alunos, a turma se tornou interessada em participar de nossas ideias, Luíza se sente mais confortável com as práticas mas eu me sinto mais desestabilizada a cada momento. Em alguns momentos, sinto que tudo o que

estudamos, tudo o que já aprendi, toda a minha prática na universidade não me serve de muita ajuda para lidar com crianças de 12 anos.”

“Claro que sei que não é assim, obviamente que todo esse aparato teórico que adiquiri nesses anos tem sido útil nesta investigação, tanto para mim, quanto aquilo que estudo com a professora, porém, essa sensação está sempre à espreita.”

É isso. Consegui dizer isso aos meus colegas de pesquisa. Não foi fácil admitir isso pra mim mesma, assumir essa sensação enomeá-la.

- Romulo, acredito que essa seja uma ótima oportunidade para você conversar com Lavínia. – diz Jorge. – E conosco também.

Romulo já trabalhou muito com educação básica e hoje é professor universitário e pesquisador. Ele levanta seu olhar até mim e com sua calma de sempre, pergunta:

-O que você acha que está acontecendo, Lavínia?

Penso por alguns instantes e respondo:

- Eu acredito que tudo o que estudamos até agora me dá condições de me adaptar ao que acontece na escola. São conhecimentos teóricos oriundos da academia, que visam uma escola do ponto de vista da academia. Aquela escola que é mais ou menos previsível, que não foge de um padrão. Aquele padrão de ter bagunça, mas nem tanto, de ter mutável, mas nem tanto. A escola imaginada pela universidade é aquela que fica feliz quando um pesquisador aparece. O que acontece, é que esse tipo de escola pode existir e existe, como muitos de nós sabemos e conhecemos. O que é incomum, é que existem escolas que não seguem esse padrão. São escolas muito mais instáveis, mutantes. Escolas que estão tão acostumadas a resistir, que resistem a tudo.

“Veja só, a escola na qual estou trabalhando é localizada na periferia da cidade. Lá a comunidade escolar vive na busca por alunos que simplesmente deixam de ir à escola. Em um dia eles não vão mais, por motivos variados: falta de interesse em estudar, necessidade de trabalhar para ajudar nas despesas de casa, gravidez na adolescência... São inúmeros motivos. Além disso, existe a falta de materiais para o trabalho, como impressões, tinta para marcador de quadro branco, coisas básicas para o andamento do trabalho docente. Em meio a tudo isso, a secretaria de educação exige resultados quase que imediatos.”

Paro por alguns instantes.

- Mais alguma coisa? – pergunta Romulo.

- Sim. O que mais me incomoda é que o que aconteceu não pode ser medido pelas avaliações escolares que constam no Regimento Escolar. Como avaliar um processo por

meio da avaliações, nas quais constam questões objetivas e discursivas? Esse é o maior obstáculo que enfrentamos e que Luíza mas se apegar. A escola exige dela, de nós, resultados imediatos que são ranqueados com notas de zero a dez. A cada dia, percebo que essa avaliação é incompatível com o que estamos fazendo. – digo.

Romulo me olha por alguns instantes e então começa a falar:

- Essa preocupação em avaliar não é só da professora Luíza, mas de toda a comunidade, no geral. Percebo que se criou no imaginário das pessoas que o professor de Matemática deve “ensinar bem Matemática” e que avaliar é “avaliar o que se aprendeu de Matemática”. Esse senso comum é perigoso pois, ao pensar nesse tipo de avaliação, deixamos de lado outras coisas tão importantes quanto. Esse é um exemplo claro do que vocês estão fazendo e a tensão que enfrentam: “certo, muito bom o trabalho que vocês estão fazendo, mas e a Matemática, todos tiraram dez?”. E esse trabalho que vocês estão propondo vem na contramão disso, dessa busca por resultados que podem ser quantificados. Vocês avaliam esse processo dia a dia, observando quais ações foram interessantes, quais podem ser remoldadas e retomadas de acordo com a interação dos alunos. Vocês estão avaliando, porém não por meio de uma prova escrita. Os alunos são o termômetro de vocês, a participação e interação deles nas atividades que vocês implementam mostram quais são aquelas que, de algum modo, trazem algo que fica para eles.

“Quais são os afetos que vocês querem “causar”, digamos assim de maneira grosseira, nessas crianças? Inicialmente, se me lembro bem, era que eles se socializassem, que interagissem com vocês. Com paciência, respeitando o tempo deles, esse afeto movimentado. Mas pense comigo: vocês conseguem dizer em que momento isso aconteceu? – Romulo para por alguns segundos, me olhando. – Penso que não. Quando perceberam, as coisas estavam acontecendo. Obviamente que não era um conto de fadas, mas a interação aconteceu. O trabalho que vocês estão desenvolvendo acontece e ponto.”

“Sempre que penso no seu trabalho com a professora Luíza, na escola, me vem a mente uma escola-produção, uma escola do que acontece, uma escola viva, não a escola instituição com degraus que devem ser escalados em um determinado espaço de tempo. Essa escola instituição que mede o aluno com um número de zero a dez, de acordo com os critérios já impostos por uma instituição maior, sem se importar com quem é esse aluno, quais as suas necessidades, qual é seu tempo de desenvolvimento. Jogam-se 40 alunos numa mesma sala, com um só responsável por eles, com 3 horas semanais para dar conta de conteúdos que muitas das vezes são incompreensíveis para muitos de nós.

No meio desse furacão estão vocês, indo à margem, resistindo a essa correnteza, procurando maneiras outras de flutuar e seguir nessa correnteza.”

Olho para Romulo. É isso. Estamos à margem, buscando meios de seguir nessa correnteza sem nos afogarmos.

-E quanto a sensação de que as teorias são insuficientes, é muito simples. Pense nisso como a ideia da Matemática da Rua e da Matemática da Escola: vocês, professoras, tem suas “maletas da universidade”, com as teorias de conhecimento, didáticas, práticas que “funcionam” na escola instituição que temos. Mas vocês estão produzindo uma escola que acontece, uma escola mutável e então, muitas das vezes, as ferramentas que possuem na maleta da universidade parecem incompatíveis. Porém, ao olhar com atenção, vocês podem notar que não é bem assim. Foi com as ferramentas da universidade que puderam criar essa escola-produção, são com essas ferramentas da universidade que vocês conseguem ler os processos de produção dos alunos, manter uma interação com eles e intervir, quando acham pertinente. Mesmo sendo diferentes, a escola como instituição de ensino tem suas interseções com a escola-produção, são um espaço que permite interação e produção de conhecimento. Acredito que essa sensação venha da natureza do acontecimento que estão vivenciando. Pense nisso como um manual de instruções: ele te dá ideia de como fazer, porém, na prática, a depender da situação, precisamos saber escolher a ferramenta que irá nos atender. Nem sempre é fácil e nem sempre funciona. A ideia é não parar e sempre se colocar em movimento.

Nossa reunião continua, e me pego pensando a todo momento nessa fala. Estamos produzindo uma escola do que acontece, uma escola-produção...

20. O QUE FOI QUE EU FIZ?

Hoje vivenciei na escola um acontecimento que me deixou abalada.

Estava em aula com o oitavo ano e tudo corria bem: os alunos fazendo suas atividades, eu atendendo aos que solicitavam ajuda. Foi quando começamos a escutar vozes alteradas vindas do corredor, alguém gritando. Em meio aos gritos, uma porta fechada com violência.

Rapidamente fui até a porta de minha sala, pronta para agir caso algum problema estivesse acontecendo. Com cautela, olhei pelo corredor e tudo estava bem. Foi quando ouvi novamente os gritos e percebi que a confusão vinha da sala do nono ano. Comuniquei aos alunos que tudo estava bem e discretamente, deixei a porta meio aberta e fiquei escutando o que acontecia na sala vizinha.

Em poucos segundos a gritaria voltou e pude escutá-la.

“CHEGA! Eu já estou cansado disso tudo! Vocês nunca ouvem, nunca aprendem. Em toda aula acontece a mesma coisa, essa falta de educação! Vocês já não são mais crianças, já sabem as consequências de suas atitudes, mas agem sem nenhum respeito para comigo! Eu não escolhi esta profissão para ser desrespeitado diariamente, todo tem limite...”

E o professor continuou, mas nesse ponto eu desisti de escutar. Era o Marcelo, professor de História. Meu primeiro pensamento foi: “Para o Marcelo ficar nesse estado de descontrole, algo muito sério aconteceu. Ele é sempre tão calmo.” E logo em seguida pensei: “Ele não deveria se exaltar assim na frente dos alunos”.

No momento em que tive esse pensamento, me vi há um ano atrás, na frente destes mesmos alunos, indo até a porta e a fechando com violência, para então começar a gritar com crianças de 11 anos de idade. Gritei, briguei, as chamei de selvagens. Imediatamente um enorme desconforto me atingiu, algo como um soco no estômago, uma sensação de vergonha quase insuportável. Onde eu estava com a cabeça quando disse aquelas coisas para crianças que apenas estavam agindo como crianças agem quando ficam presas por quatro horas em uma sala? A adulta alí era eu, quem deveria manter a calma e lidar com a situação era eu, quem deveria encontrar um modo de conversar com aquelas crianças era eu, a professora. O que essas crianças pensaram de mim, sua professora, perdida em um acesso de raiva, naquele momento?

O que foi que eu fiz? Quem sou eu para tecer qualquer julgamento acerca da atitude do Marcelo? Eu, que me referi à crianças com uma palavra que foi usada como argumento para gerar sofrimento e dor a tantas pessoas...

Selvagem, sinônimo de primitivo, bruto, não domesticado, ignorante, grosseiro, que não convive com seus semelhantes, intratável, bárbaro... Naquele momento eu usei a palavra selvagem para tentar dizer que eles eram incontroláveis, imprevisíveis, forças impossíveis de serem contidas, mas hoje, vejo o quanto essa palavra carrega consigo significados inaceitáveis. E se algum aluno escutou isso e tomou para si esse selvagem como ignorância, incivilidade, falta de cultura, ou quaisquer dos outros que já passaram pela minha cabeça e que foram usados contra outras pessoas num passado não tão distante?

Isso lá é jeito de se referir a uma criança ou a qualquer outra pessoa? Minha nossa, eu sou uma professora, não uma descontrolada! O que isso causou naquelas crianças, naquele dia? Quais as consequências dessa atitude? Talvez, essas coisas infelizmente acontecem mesmo e o que nos resta é ter tempo e possibilidades de pensar sobre elas e construir outras narrativas com essas palavras, ações, modos de se relacionar com os outros.

Mais tarde naquele mesmo dia...

-Lavínia, você está com tempo? Queria conversar algo com você.

-Oi Luíza, como vai? Estou com tempo sim, pode falar. – responde la.

-Podemos nos encontrar na Doçurinha daqui meia hora?

-Podemos sim. – diz Lavínia. -Está tudo bem?

- Mais ou menos. Tem uma coisa me incomodando muito e gostaria de conversar com você sobre isso. É sobre a escola.- digo.

-Tudo bem, te encontro lá logo mais.

-Combinado. E obrigada. – agradeço.

21. DOÇURA OU AMARGOR?

-Hoje eu presenciei uma coisa que aconteceu na escola e isso me afetou bastante. Lembra no ano passado, quando a nossa turma era muito agitada? Então, em um dos piores dias eu me descontrolei completamente. Mas a questão não é essa, a questão é que somente hoje eu percebo o quanto foi ruim a atitude que eu tive com aquelas crianças. – digo, tentando controlar meu tom de voz para não incomodar os outros clientes da confeitaria.

-O que aconteceu? – pergunta Lavínia.

Conto a ela o que se passou com Marcelo hoje e como eu me lembrei do que ocorreu comigo e com o sexto ano, no ano anterior.

- Eu estou me sentindo péssima. Até hoje eu não havia percebido como eu fui destrutiva naquele dia. Eram apenas crianças sendo crianças. Olhando de hoje, percebo porque eles ficaram tão queitos após o meu show, eles ficaram completamente assustados! – digo.

-Luíza, eu entendo o que você está sentindo. Foi algo que aconteceu e que não pode ser mudado. Mas veja por outro lado: mesmo que seja somente agora, você está percebendo o que aconteceu e tentando descobrir os desdobramentos daquela atitude. – diz ela.

-O que me preocupa mais é: quantas vezes eu fiz isso? Quantas vezes deixei as emoções me tomarem e acabei por assustar crianças? E se todo esse comportamento que eles desenvolveram forem consequência de uma atitude terrível? – pergunto.

-Uma coisa você precisa entender: professores são seres humanos e seres humanos possuem emoções, são emoções. Até começar a trabalhar com você eu não tinha dimensão do quanto o ambiente escolar é pesado para os professores. Vocês sofrem muita pressão, muita cobrança por resultados que muitas vezes não dependem de vocês. No ano anterior, vocês não tiveram nenhum apoio para lidar com a turma do sexto ano, vocês tentaram de tudo, na busca para encontrar uma solução para o caos que rondava as aulas naquela turma. Após meses sem nenhum progresso, você teve um momento de descontrole. Foi ruim? Foi. Mas você está pensando sobre isso agora, você percebeu o que aconteceu naquele dia, mesmo que seja somente agora. Veja como você está! Quantos professores

já estão tão exaustos que nem conseguem mais perceber o que está acontecendo, se suas atitudes foram positivas ou negativas? A escola tem um lado do qual não se fala: ela não é tão bonita quando se pensa. A escola tem faces que são feias, são desagradáveis, faces que as pesquisas não mostram, faces que a direção quer esconder, faces que os próprios professores tentam camuflar. Só é possível perceber essas faces quando se mergulha de cabeça no funcionamento de uma escola. – diz ela. O que você fez não é tão diferente do que, infelizmente acontece. Isso não só na escola, mas na vida também.

-Mas Lavínia, eu sou uma professora, não uma pessoa que acabou de conhecer o ambiente escolar! É isso o que me deixa mais chateada com a atitude que tive. Poxa, eu não comecei a dar aulas ontem! Eu deveria estar preparada para esse tipo de situação...

-Eu entendo sua frustração, concordo com você que o que aconteceu não foi bom, que poderia ter causado sérios problemas. Mas a questão aqui é: você está em uma escola real, com alunos reais, com problemas reais. Não é uma escola camuflada, maquiada, na qual só acontecem coisas boas e felizes. Usando a palavra que tanto te incomoda hoje: a escola em que você está é selvagem. Selvagem no sentido de ser incontrolável, mutável, que não se sujeita aos desejos de ninguém. Ela reage a uma série de fatores externos a você. Luíza, você lida com histórias terríveis aqui! Abusos familiares, desigualdade social. Acha que não vejo vocês contribuindo com o que podem para ajudar algumas famílias da comunidade? Acha que eu não percebi a caixa para doações na sala dos professores? Pensa que eu não vejo, na hora do intervalo, cada um de vocês professores, pegar um maço de lápis, outro de borrachas e levar para a aula para os alunos usarem? Se cobre sim, pense sobre o que aconteceu, reflita no que isso pode te ajudar daqui pra frente. Use a potência daquele sentimento, daquele descontrole, para algo construtivo. – diz Lavínia.

-O que pode sair de positivo daquilo? – pergunto.

-Só o fato de você ter percebido isso já é alguma coisa. Vamos tentar nos afastarmos dessa ideia de binaridade: positivo e negativo; bom e ruim; dia e noite; e por aí vai... - responde ela.

-Espero que sim... - respondo.

-Vamos conversar sobre isso, certo? Pense no que isso pode te ajudar, o que você pode tirar de proveito dessa situação. O que existe no descontrole? – pergunta ela.

- Nada. – digo.

- Certo... Estive conversando sobre nossas aulas no grupo de pesquisa. Romulo, um professor e colega, me disse algumas coisas que talvez possam ajudar. Dividi com eles a nossa preocupação em relação a como avaliar as coisas que estamos fazendo, da nossa

sensação de estarmos soltas, principalmente sua, por ser seu trabalho. E se você pensasse em uma escola que acontece, uma escola que está viva de algum modo. Nessa escola acontecem coisas que não cabe a nós controlar, conter, segurar. As coisas simplesmente acontecem. E quando coisas acontecem, trazem consigo rupturas, como está sendo essa questão do selvagem para você. Juntamente com um acontecimento dessa escola, você produziu um afeto, algo que te tocou de alguma forma e te fez pensar sobre algo que tinha passado despercebido. Veja, até então, o modo com o qual você conseguiu lidar para sobreviver àquelas aulas do ano passado tinham sido comuns a você, só mais um acontecimento cansativo. Ao se identificar com o colega, que inicialmente você julgou descontrolado, você foi afetada. Luíza, nesse momento você está vivenciando uma ruptura, inesperada, dolorosa, e até mesmo vergonhosa para você. E tudo bem. Agora, em meio a essa ruptura você está produzindo coisas outras, está repassando várias atitudes e práticas em sua memória e acredito que com o tempo, produzirá práticas outras.

- Acho que vergonha define o que estou sentindo. E sim, eu realmente estou repassando cada atitude, fala, gesto que tive ao longo do ano passado. Muito do que me recordo não me agrada. – digo, simplesmente cansada.

- É isso que acontece ao viver uma escola-produção. Coisas acontecem e com elas produzimos outras coisas. Em momentos de rupturas produzimos outras, em participações, produzimos participações outras, em disponibilidades, produzimos mais disponibilidades, tudo isso em uma escola produção, uma escola do que acontece. E nesse sentido, como avaliar o que acontece? Avaliando quando acontece, repensando, retomando, fazendo e refazendo, como estamos agindo durante todo esse período. E essa escola produção são consegue ser mensurada apenas com uma prova objetiva sobre conteúdos ao final de um bimestre. Muitas outras coisas estão em jogo: como avaliar a interação entre essas crianças? Sem pensar em um comparativo, mas não consigo fugir disso, pense nessas crianças quando iniciamos esse trabalho e nessas crianças agora. Algo aconteceu. Sabemos o que foi? Não. Foi devido ao nosso trabalho? Não sabemos, mas algo aconteceu. Hoje temos alunos que estão disponíveis para participar, alunos que aceitaram entrar nessa dinâmica e tudo isso talvez porque, mesmo relutante, você se disponibilizou a participar e criar esses momentos.

- “Em disponibilidades produzimos outras disponibilidades”. – repito o que ela disse. Lavínia sorri. – Obrigada Lavínia. Essa conversa era muito necessária para mim. Realmente é um momento de ruptura esse que estou vivenciando. Confesso que me

desesperei um pouco quando percebi o que aconteceu há tanto tempo atrás, e mais ainda ao perceber que só vi isso agora. Obrigada mais uma vez.

“E essa questão de como avaliar o que fazemos também me preocupa. Estou tão imersa nessa escola instituição, como você disse, que me estranha muito essa escola do que acontece. Por não conseguir controlar os acontecimentos, às vezes penso que nada está acontecendo. Quando vejo as notas nas provas, também tenho a sensação de que todo esse trabalho não está dando resultados.

-Sim, e é completamente compreensível essa sensação. Veja, você está num ambiente no qual é preciso avaliar um aluno e classificá-lo com um número a partir de uma resposta que ele coloca em uma folha com questões de matemática. Não estou dizendo que isso é certo ou errado, bom ou ruim, mas que esse tipo de avaliação deixa de lado outras coisas, tão importantes quanto. Veja, como avaliar o processo pelo qual percorreu o João Carlos durante todo esse período, sem comparar com o antes e o agora? Ele simplesmente participou de um processo, se permitiu participar do grupo e com isso produziu. Agora, qual a nota que atribuímos a essa produção? – pergunta ela.

- Não sei, não consigo mensurar. – respondo.

- Exatamente! Venho pensando há alguns dias sobre isso, e um livro me chamou atenção novamente: O mestre ignorante, de Jacques Ranciere. Conhece? – me pergunta Lavínia.

-Não, não conheço. – respondo.

- Esse livro traz a história de um professor que nada sabe sobre o conteúdo que precisa ensinar. – diz ela.

-E como é um professor? – pergunto eu, já interessada.

- Aí é que está o ponto chave: ele cria um ambiente e condições para que os alunos busquem pelo que querem aprender. Ele procura, a todo momento, manter o interesse do aluno altíssimo para que ele sempre esteja buscando aquilo que precisa aprender. Além de manter o interesse, ele oferece ferramentas para que o aluno consiga, por si só, aprender. A missão dele é questionar sempre. A maior questão é: ele se valia do método da vontade, ou seja, desde que se mantenha o aluno interessado, com vontade, ele pode aprender o que quiser, mesmo sem um mestre explicador, a partir do próprio desejo ou mesmo das contingências das situações vivenciadas. É um livro bem interessante. Conforme ele avança, percebemos que ele não está defendendo que o professor não saiba nada, mas que não se ensina ninguém. O que o mestre deve fazer é criar oportunidades de aprendizagem para os alunos, questionar e manter o interesse e entusiasmo do aluno

sempre elevado. O mestre ignorante também é um mestre emancipador, no sentido de que procura a todo momento fazer com que seus aprendizes confiem em si mesmos, que saibam que são capazes de aprender, mesmo sem um explicador.

“Acredito que, em parte, o que estamos fazendo aqui é isso, criando um ambiente de interação no qual os alunos podem se desenvolver, se envolver nas dinâmicas, participar naquilo que os interessa. Pense no jogo: o jogo foi a ferramenta que estava na caixa da escola instituição que você conseguiu utilizar para criar um local/momento de escuta. Veja, naquele início, a maior tensão que tínhamos era fazer com que eles ouvissem algo e que prestassem atenção. Após inúmeras tentativas, após um momento de ruptura, aquele no qual houve o acidente com seu pé, o jogo se tornou um local de escuta. Ali, na preparação para o jogo e na execução do jogo, eles começaram a escutar, a conversar com você e comigo, foi quando a interação se estabeleceu. Inicialmente, nenhuma dinâmica em grupo era possível, e a partir desse local, dos jogos, os grupos menores se formaram e em seguida, naturalmente, o grupo de trabalho começou a acontecer. Por estar numa escola-produção, numa escola do que acontece, nada é previsível, nada é linear. Algumas práticas são satisfatórias para nós, professoras impregnadas da escola instituição e outras nem tanto. Porém, todas as nossas ações são pensadas com o que acontece, conforme as coisas vão acontecendo, na medida do possível, vamos criando e implementando outras e por aí vai. Oportunidades criando oportunidades, produção criando produções.”

Paro por alguns momentos, me permitindo pensar em tudo isso. Com isso, com essa perspectiva, resistir à tentação do certo ou errado, do bom e ruim se torna mais agradável. Pensar na escola-produção, no grupo de trabalho com jogos como uma ferramenta para a manutenção da interação entre os participantes, o peso da cobrança da coordenação por um resultado de zero a dez se torna mais leve.

Olho para a mulher à minha frente. Quando nos conhecemos eu só sabia reclamar de tudo o que ela propunha, achava desnecessário, coisa “de quem tá longe da sala de aula”, como dizemos. Hoje vejo o quanto fui rude. Todo esse trabalho até aqui me abriu portas para perspectivas que eu jamais estaria aberta antes. Não foi e nem será fácil continuar esse trabalho, mas a cada semana que passa, a cada conversa e reunião que temos, a cada prática que implementamos, vejo o quanto está sendo libertador para mim. Além do trabalho prático, todo o conhecimento que ela compartilha comigo é incrível. Há alguns meses atrás eu jamais pensaria isso, mas hoje sim. Hoje eu já consigo ver.

-Lavínia, isso era o que eu precisava escutar, saber. Mais uma vez, obrigada. – sorrio para ela, que retribui. – Acho que precisamos conversar mais sobre o que você estuda,

Luíza

sobre o que você faz na universidade. Sempre que traz à cena uma de suas leituras, parecem que elas cabem perfeitamente na situação que estou vivendo.

-Claro que podemos. Já estudei algumas coisas bem interessantes durante todos esses anos. Interessantes para mim, é claro. – ela ri. – Mas podemos sim, se você quiser.

-Eu quero. Já aprendi muito com os textos que me forneceu, com as discussões que realizamos. Gostaria de saber mais. O que trouxe hoje me interessou muito.

-Então vamos estudar! Olha só, quem sabe você não faz um doutorado, hein? Poderia até mesmo pesquisar algo com seus alunos! O que me diz? – pergunta ela, sorrindo.

-Ah aí já é outra história, beeeem mais difícil de realizar. – respondo. – Quem sabe um dia! – “Quem sabe?”, penso comigo mesma.

22. ASSEMBLEIA

- Então, agora nós vamos começar a nossa sessão solene! Todos estão confortáveis?
– pergunto aos alunos ao meu redor, sentados em roda.

Eles assentem e então continuo:

- Como a professora Luíza já conversou com vocês, hoje faremos a nossa assembleia. Uma assembleia é uma reunião na qual os participantes decidem sobre direitos e deveres dos envolvidos, na qual se decide algo em conjunto. É isso o que vamos fazer hoje: definir o que faremos com nosso grupo de trabalho, discutindo nossos deveres, o que podemos tirar de proveito do que aconteceu no ano passado, o que não deu certo e devemos ajustar. – digo.

-E para isso, trouxemos esse cartaz que está aqui no chão, no qual colocaremos aquilo que a gente decidir e, ao final da reunião, colaremos na parede para que sempre possamos nos lembrar do que combinamos e também para fazer alterações, caso necessário. – diz Luíza, revelando aos alunos para que serve o imenso papel desenrolado no chão.

-Então a gente vai poder escolher o que vamos fazer nesse ano? – pergunta Lauanny.

-Isso mesmo. Claro, pensando em tudo o que não podemos deixar de lado: os conteúdos a serem estudados e todos os eventos escolares. – respondo.

-Vai ser igual a gente fez no ano passado! – diz João Carlos. -Só que agora a gente já consegue pensar em mais opções do que fazer.

-É, porque no ano passado a gente mais brigou do que outra coisa. – diz Lauanny, o que faz os outros rirem.

-Você que o diga, hein, Lauanny! -diz Ana Júlia.

-Bom, vocês já sabem como funciona: cada um fala na sua vez, dá sua opinião e justifica e a gente decide juntos o que fazer. – diz Luíza.

-A primeira coisa que vamos debater é: o que foi bom e o que não foi tão bom no ano passado? – digo a todos.

Um silêncio se espalha entre nós, todos evitando contato visual para não chamar atenção para si.

-Vamos começar pelo que foi bom. O que vocês acham? – pergunta Luíza.

-O Clube do livro foi muito bom! – diz Ana Júlia.

-É, era muito legal. Vai continuar esse ano, né? – pergunta João Carlos.

-Verdade. A primeira vez que a gente ficou quieto foi no primeiro dia do Clube do Livro. – comenta Lauanny.

-Os jogos também! – diz Gabriel.

-E fazer os grupos para estudar. Eu acho muito bom! - diz João Carlos.

-É mesmo, os grupos que a gente faz nas aulas são muito bons. Para mim é muito bom, porque agora eu tenho ajuda. – comenta Ana Júlia.

-Que tipo de ajuda, Ana Júlia? – pergunto.

-Ah professora, no começo do ano passado não tinha grupo, dupla. Eu sempre tive muita dificuldade com Matemática, não conseguia entender direito. Depois que a gente começou a fazer os grupos eu sempre tenho ajuda de alguém pra fazer os exercícios. A gente se ajuda, um explica para o outro. – responde ela.

-E antes ninguém explicava? – pergunto de novo.

-Explicava, a professora Luíza sempre explicava e muito bem, mas quando eu ia fazer a atividade eu tinha dúvida e ficava com vergonha de perguntar pra ela de novo, vai que alguém me chame burra! – ela ri e os colegas acompanham. – Mas no grupo, varias pessoas explicam e eu consigo entender.

-E quando a gente não consegue entender, a gente pede ajuda da professora de novo! – diz João Carlos.

-É, agora a gente entende que ter dúvida é normal, ninguém fica rindo da gente. Antes, era muito chato. – responde Lauanny.

-E o que era chato? – pergunta Luíza.

- Ahh aquela briga todo dia! – diz Ivanilson.

-Credo, ninguém aguentava ficar na nossa sala. Os professores ficavam todos bravos. – comenta Ana Júlia.

- A gente brigava por tudo, lembra? – diz Lauanny, olhando os colegas.

-Tinha um pessoal que não sabia ficar quieto e a gente ainda dava corda pra eles. – diz Gabriel.

-Era muito ruim. Ninguém conseguia entender nada do que os professores explicavam, de tanta bagunça que tinha na sala. Lembram quando os professores se uniram e mudaram a sala toda? Funcionou só no começo, depois... - diz Lauanny.

-Só mudou quando machucaram a senhora, professora. – diz Ana Júlia, olhando para Luíza.

-É mesmo! Acho que naquele dia a gente percebeu que não tava certo o jeito que a gente estava se comportando. – diz Ivanilson.

- A gente fez a professora chorar, num dia. – diz Lauanny. – Hoje a gente sabe que não foi legal, mas na época, nem ligava.

-Ainda bem que a senhora e a professora Luíza não desistiram da gente. – diz João Carlos, de cabeça baixa.

-E o que vocês tiram de proveito dessa situação, de todo esse caos que foi o começo do ano passado? – pergunta Luíza.

-Ah, que a gente precisa escutar mais os outros. Porque a gente falava todo mundo ao mesmo tempo, e aí a professora Luíza começou a fazer a gente levantar a mão antes de falar. Com isso, a gente começou a se ouvir mais e se entender. – diz Ana Júlia.

-Acho que a gente brigava tanto porque a gente escutava muita fofoca. – diz João Carlos.

-É, eu mesma estava mais interessada na fofoca do que na aula. – ri Ana Júlia.

-Eu até bati na colega.... – diz Lauanny.

Os colegas riem baixinho após a fala.

-Pensando em tudo isso que vocês disseram, o que será que é preciso para que um grupo de trabalho funcione? – pergunto.

Alguns segundos se passam em silêncio.

-Acho que respeito. Ter respeito com os outros. Porque antes a gente não se respeitava. – diz Ivanilson.

- Escreve no cartaz essa palavra, Ivanilson, bem grande. – pede Luíza.

Enquanto ele se levanta para escrever, João Carlos se manifesta:

-E saber escutar os outros também.

-Pode escrever também, João. – digo.

-Ter paciência. Se a senhora e a professora Luíza não tivessem paciência com a gente e continuado, nada teria acontecido. – diz Ana Júlia.

-E entre a gente também, ter paciência pra gente mesmo se entender. – diz Gabriel.

-Ótimo, podem escrever no cartaz. E o que mais? – pergunta Luíza.

Os alunos continuam citando quais as atitudes que precisam ser constantes para que o grupo funcione. Palavras e expressões como empatia, parceria, ajudar o colega, ouvir o colega, união, diálogo, amizade, participação, foco e companheirismo são mencionadas por muitos. Ao final de alguns minutos, o cartaz está cheio.

-O que acham de a gente colar esse cartaz ali na frente, para que a gente sempre possa lembrar quais atitudes podem contribuir para a nossa convivência diária? -pergunta Luíza.

Os alunos concordam e juntos, colam o cartaz.

-E agora nós temos uma notícia que vai deixar vocês bem satisfeitos. – comento.

Todos os olhares se voltam para mim.

-Vocês podem colocar quatro mesas juntas aqui no centro da roda, por favor? – pede Luíza. -Enquanto isso, vamos ali buscar uma coisa.

Rapidamente vamos até a sala dos professores e pegamos os livros. Ao entrarmos na sala, começam os comentários:

-O clube do livro!

- Até que enfim!

-Eu já tava achando que não ia ter mais!

Em meio ao burburinho, colocamos a caixa de livros nas mesas e pedimos que os alunos se aproximem.

-Nós demos uma renovada no acervo, de acordo com o que vocês pediram no ano passado. Tem até alguns de terror! – diz Luíza.

-Agora, no tempo que resta, vamos fazer o primeiro Clube do Livro deste ano. E temos uma novidade: agora vocês poderão levar para casa! – digo.

O entusiasmo toma conta da turma.

- Podem abrir, escolher qual querem ler e fiquem a vontade! – informa Luíza.

Assim que nos afastamos, os alunos tomam conta da caixa, tirando os livros, olhando quais os novos títulos, escolhendo qual querem começar a ler. Conforme cada um escolhe o seu, procura um lugar confortável para se acomodar e ler, o barulho vai diminuindo, até que o silêncio se instala.

Eu e Luíza permanecemos em silêncio, apenas observando. Alguns alunos fazem um pequeno grupo, no qual um lê e os outros escutam. Outros leem sozinhos, e outros conversam sobre o livro que escolheram. Os minutos se passam e quando percebo, já está na hora de terminar. Luíza pega um caderno e começa anotar quais alunos querem levar os livros para casa e qual título escolheram. Percebo que todos entram na fila do empréstimo.

Com a ajuda dos alunos, organizamos a sala e Luíza acompanha um aluno até a sala de uma colega, na qual guardava a caixa de livros no ano anterior e na qual ela ficará esse ano.

Lavínia

Nos minutos que restam, os alunos se distraem conversando em um grande grupo, até que o sinal de saída toca. Apagamos as luzes, fechamos a sala.

Foi um bom (re)começo.

23. MINHA PRIMEIRA IDEIA

Segundo bimestre, hein! E eu no sétimo ano!

Sou o Felipe, tenho 12 anos e essa é a primeira vez que estudo de tarde. Tive que mudar porque só tinha vaga de tarde para minha irmã estudar e eu a acompanhei.

No começo eu achei que seria muito ruim ter que fazer novos amigos, me acostumar com os professores, mas não. Acabou que eu encontrei aqui vários colegas com os quais estudei quando éramos menores.

Os professores da tarde são muito legais. Parece que é tudo mais leve de tarde, mais divertido. Eu gosto muito de Matemática e quando tive que mudar de professores, eu fiquei muito sentido de deixar o professor Roger. Ele é muito divertido. Mas quando cheguei aqui e conheci a professora Luíza, eu adorei o jeito que ela dá aula!

A gente só estuda em grupo. No começo eu achei estranho. Eu gosto de trabalhar em grupo, mas geralmente sempre tem aqueles colegas que só querem copiar da gente, sem nem tentar fazer a atividade. Mas eu me surpreendi quando fiz grupo pela primeira vez e ninguém quis copiar o que eu tava fazendo. O pessoal me perguntava como eu tinha feito e me mostrava o que eles tinham feito. Quando estava diferente, eles tentavam me convencer de que a respostas deles estava correta e se não conseguissem, eles chamavam a professora para perguntar. A professora está sempre pela sala, em todos os grupos, conversando com a gente. Conversando não, ela mais pergunta do que fala alguma coisa. Eu ficava confuso com tantas perguntas sobre o que eu tinha feito, como eu tinha pensado, eu não estava acostumado a falar tanto com um professor. Mas agora é bem normal. Eu descobri que eles chamam esse jeito de ser das aulas de grupo de trabalho e todo mundo se ajuda.

E outra coisa legal é a professora Lavínia. Pelo que entendi ela e a professora Luíza estudam juntas na universidade e a professora Lavínia vem aqui dar uma mão para a professora Luíza toda semana. Tem dias que ela não consegue vir, mas pelo menos em uma aula da semana ela está com a gente. Elas duas se complementam e são muito parecidas. Quando as duas estão juntas, a aula é diferente. Igual, mas diferente. Parece que tem mais tempo, dá tempo de fazer mais coisas. Acho que é porque a gente fica com duas professoras pra ajudar a gente e aí não precisa ficar esperando tanto para tirar uma dúvida.

Mas isso não é o mais legal. O mais legal é o clube do livro! Eu nunca imaginei que poderia ter um clube do livro na aula de Matemática. Eu pensava que não tinha nada a ver, mas tem tudo a ver! O pessoal fala que o clube os ajudou muito a conseguir entender as atividades, o que cada problema dizia, que antes eles não conseguiam entender o que fazer com o problema e agora já conseguem. Outros gostam só por ter um clube do livro na aula. E o clube é só nosso, nenhuma outra turma usa os livros. A gente tem uma biblioteca bem boa na escola, com muitos livros legais, mas é difícil encontrar o livro que a gente quer, porque está sempre emprestado. No nosso clube não, e gente acaba fazendo uma fila entre nós para decidir quem vai pegar qual e quando. Eu quase desmaiei quando vi Harry Potter naquela caixona, a coleção completa! Eu já estou no 5º livro, que é enorme, mas estou conseguindo ler, porque é muito legal.

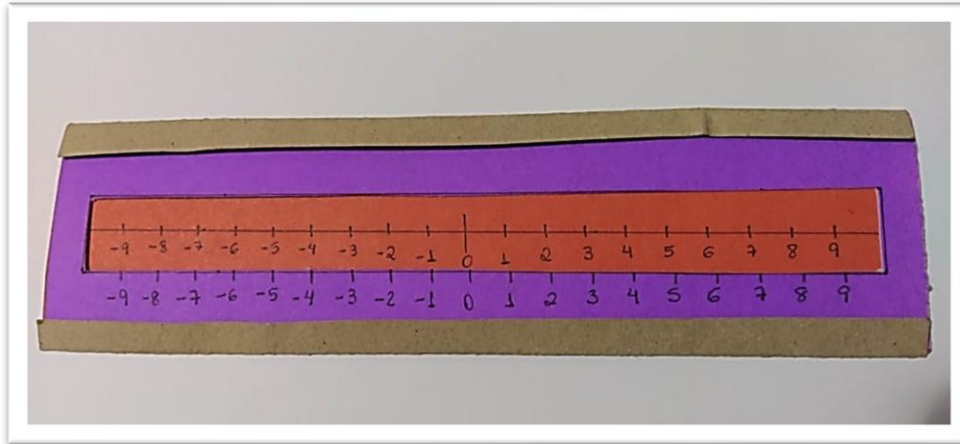
E sabe o que mais é legal? A gente poder dar nossa opinião sobre as aulas. Aquela assembleia que as professoras fizeram foi demais. Eu nunca imaginei que a gente poderia decidir o que fazer na aula, dizer o que era chato e o que era legal, sem a professora fazer cara feia. E todo mundo entende isso! Eu entendi que a gente precisa estudar certos temas, mas não precisa ser só no quadro e exercício, pode ser de outros modos! Claro que quando vai ter prova a gente implora pra professora fazer uma revisão e encher o quadro de perguntas que podem cair na prova. Quanto mais, melhor, é o que sempre digo!

Eu acho engraçado que tem um pessoal que também não estudava a tarde no ano passado e que não liga para todas as coisas que a gente pode fazer na aula de Matemática. Por exemplo, o Érico não aproveita nada, ele só quer ficar fazendo atividade, atividade, atividade, não gosta de fazer grupo, não gosta de conversar. Quando faço grupo com ele é um pouco ruim, porque ele só fala que terminou e mostra o que fez, não explica pra gente. Uma vez, ele falou que o clube do livro era coisa de criança. Eu não acho, livro é coisa de todo mundo! O mesmo acontece com o Paulo, a Valéria. Não entendo, não...

Mas o que eu quero mesmo é contar sobre aula de hoje. A gente está aprendendo sobre números inteiros, e a primeira atividade que as professoras fizeram foi um jogo que tinha no livro didático e uma atividade sobre as partidas de um jogo. No jogo a gente fez trios e na atividade a gente fez quartetos. Foi bem legal, porque a resposta não existia para a gente até então e com as perguntas que as professoras iam fazendo, a gente descobriu os números negativos! Eu achei o máximo, porque a gente foi fazendo a atividade e jogando e a resposta que a gente precisava não existia, porque a gente nunca tinha visto número negativo, até que eles apareceram.

Felipe

Mas a atividade que eu quero contar foi a da régua dos inteiros. A professora Luíza estava sozinha nesse dia e o tema da aula era a adição com os números positivos e negativos. Ela distribuiu pra cada um de nós uma régua com duas retas numéricas, feita de papel cartão colorido e nos deu uma lista com algumas adições que a gente deveria fazer.



-Pessoal! – disse ela - Hoje vocês vão aprender a resolver uma adição com números inteiros utilizando essa régua que eu entreguei para vocês. Ela se chama régua dos inteiros. Observem que a parte roxa se move. Olha só! - E começou a movimentar a parte roxa da régua para a esquerda e para a direita, segurando nas bordas.

-Vou dar um exemplo de como utilizar a régua: quanto será que é $-1 + 3$? – anota no quadro e continua. – Vamos fazer o seguinte: o -1 roxo vocês vão posicionar abaixo do zero laranja. Façam aí. – E todos fazemos conforme diz a professora.

-Agora, olhem na parte laranja: que número está abaixo do $+3$? – pergunta.

-Ahhh! Diz Lauanny do meu lado.

-Professora, é sério? – Pergunta Ana Júlia.

-Que magia é essa?- me vejo perguntando em voz alta.

-Qual é o número que está embaixo do $+3$? -Pergunta a professora mais uma vez.

- Dois positivo! – respondemos juntos.

-E está correto? – pergunta de novo a professora.

-Tá sim, professora. – digo. – Olha só, se eu devo 1 real e tenho 3 reais, quando eu pago minha dívida, sobram 2 reais para mim. Então a resposta é $+2$.

-Professora, faz outro exemplo. Quero ver se dá certo mesmo! -diz João Carlos.

-Certo. Então vamos fazer agora $+9 - 4$. Façam vocês sozinhos. – diz ela. – O primeiro número da adição deve ser o da parte roxa e deve ficar embaixo do zero. Depois disso, o

segundo número da adição deve estar na parte laranja. O resultado estará em roxo, embaixo dele.

Animado pego minha régua e posiciono os números de acordo com o que a professora explicou, e encontro +4 como resposta. Rapidamente faço a adição pensando em dívida e a régua está correta!

-Professora, o que tem nessa régua? Que magia é essa? Como assim? Deu certo de novo! – digo.

-É mesmo!

-Porque a senhora não trouxe essa régua pra gente antes?

-Bom, estamos vendo várias maneiras de se pensar a adição com números inteiros. Vocês viram a adição com a ideia de ganho e dívida, viram o deslocamento na reta numérica, viram pensando na ideia de variação de temperatura e agora usando a régua. Qual a ideia por trás da apresentação de todos esses modos de se pensar a adição? – pergunta ela.

-A gente ver qual a gente acha mais fácil de pensar. E também saber que existem outras formas de pensar a mesma coisa. – diz Lauanny – A gente faz isso o tempo todo.

-Exatamente. Todos esses modos de pensar uma mesma coisa são válidos, estão corretos. Cabe a mim como professora apresentá-los a vocês e então, vocês escolhem com qual se sentem mais a vontade. – responde a professora. -Agora que já aprenderam a manusear a régua, resolvam a lista de exercícios que eu entreguei, e eu vou dar uma tarefa extra: enquanto resolvem e utilizam a régua, vocês devem tentar descobrir como ela funciona. O que está por trás que faz com que essa movimentação forneça os resultados corretos? É magia?

A gente ri quando a professora diz isso. Alguém pergunta se podemos nos reunir em grupos e então eu, Ana Júlia, Lauanny e João Carlos unimos nossas mesas, como de costume.

Rapidamente terminamos nossa atividade. A régua é incrível!

-Agora temos que descobrir como isso funciona. – diz Lauanny, abanando a régua na nossa frente.

-Então, eu não tenho ideia. – diz Ana Júlia.

-E nem eu. – emenda João Carlos.

Ficamos alguns segundos em silêncio e então eu lembro de algo:

Felipe

-Lembram naquela primeira aula sobre adição que a professora mostrou como fazer a conta na reta numérica? Olha pra essa régua, tem duas retas numéricas. Será que não tem algo a ver?

- Humm, pode ser. Será que faz a consta duas vezes e a gente não percebe? – diz Lauanny.

-Mas como vai fazer duas vezes? Na reta a gente anda em cima dela de acordo com os números da conta. – diz João.

-Então, João. Mas na reta a gente anda para um lado só. Aqui na régua a gente mexe nas duas retas, anda com as duas. – respondo, já entendendo o que Lauanny quer dizer.

-É! Olha só, pega essa primeira conta aí, $-6+2$. Deu -4 . Vamos fazer aqui na régua e ver o que acontece. – diz Lauanny.

Refazemos todas as contas da lista, observando como a régua se move, até que percebo uma coisa:

-Nossa! Gente, não é magia. Olha só!

Pego meu caderno e desenho uma reta numérica.

-Fazendo a conta na reta, o que a gente precisa fazer? Marcar o -6 e andar 2 unidades para a direita, não é? – pergunto.

-Uhum. – respondem meus amigos.

-Onde que a gente vai parar? No -4 . Agora olha a régua! A gente coloca o -6 embaixo do zero e depois olhamos qual o número que está embaixo do $+2$, certo? É o -4 . Agora pensem comigo: colocar o -6 embaixo do zero é só para, marcar que a gente vai começar a andar a partir do -6 ! Então a régua funciona igual a reta numérica! – respondo animado.

-Humm, não entendi, Felipe. Explica de novo. – pede Ana Júlia.

- Tá. Quando a gente está usando a reta numérica, a gente colocaria o lápis em cima do -6 , certo? - todos concordam. – Então essa parte corresponde a colocar o -6 embaixo do zero, usando a régua. Voltando para a reta: de cima do -6 a gente andaria 2 unidades para a direita e pararia em cima do -4 . Agora olha aqui a régua: do zero que está em cima, quantas unidades precisa andar para chegar no $+2$?

-Duas – respondem eles.

-Então, só andamos duas unidades para a direita e embaixo do $+2$ está o -4 , que é o resultado. A régua é a reta numérica, só que a gente não precisa andar com o lápis em cima dela, porque ela já tem as marcações e a gente acaba olhando para os números da conta! – respondo.

Felipe

-Ahhhh! Agora eu entendi. Deixa eu ver aqui. – diz Ana Júlia e começa a mexer em sua régua, enquanto os outros dois fazem o mesmo. – Entendi! É mesmo! A régua deixa a gente ver os números da conta e na reta a gente só enxerga o primeiro número. O segundo fica meio que oculto, sendo a quantidade de casas que a gente anda, aí se não prestar atenção, parece que ele some. Gostei mais da régua.

-Eu também, porque aparecem os três números da conta de mais. – diz João Carlos.

-E assim não causa confusão em ninguém. Muito bom Felipe! – diz Lauanny, olhando para mim. – Vamos chamar a professora e contar que a gente descobriu como a régua funciona. PROFESSORA! – chama, em voz alta.

Juntos contamos para a professora o que descobrimos. Ela nos pede para fazer dois exemplos na reta e na régua e por fim pede para que a gente escreva no caderno o que descobrimos e que não contemos aos demais colegas, até o final da aula. Poucos minutos depois, mais grupos descobrem o segredo da régua e então a professora revela a todos o que já sabemos.

Assim que ela começa a falar, outra ideia me surge: porque não mostrar essa régua para mais pessoas? Pela força do hábito, levanto a mão e digo:

-Professora, e se a gente fizesse umas régua dessas bem grandes e apresentasse para a escola? Ia ser muito legal.

-Uma mostra? – pergunta ela.

-Sim, e a gente poderia explicar como ela funciona. Porque com a régua, qualquer um pode fazer conta de adição com números inteiros, até quem é mais novo que a gente. Fica sendo um experimento. -completo.

-É professora! Aposto que ninguém viu isso antes. Ia ser legal mesmo mostrar para a escola toda. – diz Gabriel lá do fundo.

-Cada grupo pode montar a sua, bem grande e explicar como funciona, do lado colocar sugestões de contas para a pessoa fazer com o resultado escondido, aí a pessoa faria a conta usando a régua gigante e depois conferia se estava correta. A galera vai ficar igual a gente no começo, achando que tem algum truque. – sugere Eric, pela primeira vez.

Todos olhamos para a professora, esperando sua resposta.

-Bom, eu não vejo porque não. Vamos fazer isso, será uma experiência ótima para vocês. – diz ela.

Juntos, comemoramos a ideia.

Vou providenciar o material necessário e acredito que podemos começar na próxima semana a confecção das réguas. Enquanto isso, verei com a direção qual a melhor maneira de fazer a apresentação do trabalho de vocês para toda a escola. – responde a professora.

Animados, aguardamos o sinal de saída. Que legal, minha primeira ideia e todo mundo gostou. Fico até emocionado. Quem diria que um dia eu ia dar a ideia do que fazer numa aula e que a professora e meus colegas iriam concordar. Demais!

Três aulas de Matemática depois....

Bom, levamos dois dias para fazer as réguas para a mostra. Acabou que não teria como fazer uma apresentação do tipo feira de ciências e a solução que a professora encontrou foi a gente construir as réguas e um manual de instruções de como usar, além das contas com resultados tampados, pregados com velcro. A gente espalhou pelas paredes do corredor da escola, onde o pessoal fica durante o recreio.

A régua foi fácil de construir, mas o manual de instruções foi bem difícil. Nunca imaginei que ensinar algo a alguém fosse tão difícil, ainda mais porque tudo de importante tinha que estar escrito, afinal nenhum de nós estaria presente para explicar como usar a régua. Foi bem difícil, mas conseguimos. Ainda bem que a professora Lavínia estava junto nas duas aulas, porque só a professora Luíza não daria conta de atender todo mundo e a gente ia acabar precisando de outra aula para terminar.

Mas o mais legal foi que no dia que fizemos a exposição, vários alunos se interessaram e começaram a mexer nas réguas. Eles liam o manual e iam fazendo os movimentos na régua e a cara deles quando descobriam que o resultado estava correto, era de surpresa, assim como nós ficamos naquele primeiro dia.

Acho que agora comecei a entender o que as professoras disseram naquele dia da assembleia: a gente pode escolher o que queremos fazer nas aulas, desde que esteja de acordo com o que estamos estudando. Esse lance da régua me fez pensar nisso. Se a gente não pudesse escolher, a professora teria dito que não, que tínhamos outras coisas para estudar. Mas não, quando dei a ideia e os colegas gostaram, a professora pensou por um momento e concordou. Era isso o que elas queriam dizer com “vocês podem decidir quais são nosso projetos, quais coisas podemos fazer para estudar determinados conteúdos”.

Felipe

Estou começando a entender o que é esse grupo de trabalho e parece que meus colegas também. Eu gosto. Gosto muito.

24. PLANOS

- O que você acha? Com essa iniciativa que eles apresentaram, creio que podemos propor essa atividade. – me diz Lavínia.

- Com isso atenderíamos o projeto da escola ao mesmo tempo em que incentivamos outra iniciativa por parte dos alunos. – respondo.

-Isso. Podemos propor a criação de jogos que envolvam o que foi estudado no bimestre. Eles ficariam livres para escolher o conteúdo envolvido, criar as regras e tudo o mais. Pensei nisso porque assim evoluímos no projeto da escola, afinal agora são eles que estão produzindo os jogos e não mais você, e ganhamos no nosso grupo de trabalho pelo fato de que eles serão os responsáveis por todo o processo de criação, teste e exposição do que criaram. – responde ela.

-Mas a idéia não é a de que eles criariam as propostas de trabalho? – pergunto.

-Sim, queremos chegar nesse ponto. Essa atividade da exposição das régua dos inteiros para a escola foi o primeiro passo, partiu de uma demanda deles. Agora podemos aliar o projeto Tabuando, que é da escola, com o nosso grupo de trabalho, dando essa ideia inicial de que eles devem criar um jogo baseado nos conteúdos estudados. Minha expectativa é que, depois dessa atividade, eles se sintam mais autônomos em criar a propostas de trabalho, entende? Esse nosso incentivo é só um empurrão para que eles mergulhem de vez nessa proposta de tomar para si a responsabilidade de criar projetos de aulas. – responde Lavínia.

-Entendi. A proposta de agora é para consolidar essa autonomia que eles começaram a desenvolver com a atividade das régua. - afirmo.

-Isso mesmo, Luíza.

-Então, vamos nessa! Eles já sabem como aliar o jogo às aulas. Acho que vai ser bem interessante. – digo.

-Ah, com certeza vai! – responde Lavínia.

Algumas aulas depois...

Quando anunciei que eles deveriam criar jogos com os conteúdos que estávamos estudando, eu esperava algumas propostas, mas não tantas e tão rápidas!

Assim que demos as orientações, imediatamente os alunos se reuniram em grupos pequenos e começaram a escolher conteúdo e jogo a ser criado. Em menos de 30 minutos, vários grupos já tinham suas propostas definidas e já trabalhavam nas regras do jogo a ser desenvolvido: trilha com as operações envolvendo números inteiros, quiz de potenciação, bingo de raiz quadrada com inteiros, queimada da potenciação, cilindro mágico dos inteiros.

O final do 2º bimestre se aproxima e precisamos finalizar um ciclo antes das férias de julho. Uma coisa que nos atrapalha muito são os ensaios para a festa junina que se aproximam. Nas duas semanas que antecedem a festa, as turmas são liberadas para ensaiar suas apresentações e essas aulas se tornam, de certo modo perdidas, já que não podemos propor nenhuma atividade “mais séria”, digamos assim, pois mais da metade dos alunos participam dos ensaios e ficamos com os que não querem participar dos ensaios, geralmente com atividades de revisão. Temos apenas uma semana antes de os ensaios iniciarem.

Hoje é o dia da apresentação dos grupos. Vamos filmar as apresentações e os jogos confeccionados. Devido a proposta ser parte do Projeto Tabuando, Ivone assistirá a apresentação. Durante as aulas nas quais os alunos estavam desenvolvendo regras e ajustes em seus trabalhos, eles fizeram uma proposta: após a apresentação, a turma votaria no melhor jogo inventado e a turma poderia jogá-lo na aula seguinte. Quando concordamos com a proposta, os ânimos de acirraram e cada grupo estava disposto a ser o vencedor da votação.

Câmera pronta, Ivone já está aqui, os alunos já estão prontos. Vamos começar!

-Então é hoje que vamos descobrir qual o jogo que iremos jogar na próxima aula, hein! – diz Lavínia, chamando atenção de todos. – Como a gente combinou, vamos gravar a apresentação de vocês para nós, prometemos não postar nada nas redes sociais. – os alunos agradecem.

- Durante a apresentação, vocês podem dizer o nome do jogo que criaram, qual o conteúdo envolvido, quais as regras, quantidade de jogadores. Enfim, tudo o que precisamos saber para jogar. Combinado? – pergunto.

A turma assente e então Lavínia continua:

- Quem quer começar?

-A gente vai! – diz Felipe.

Rapidamente o grupo de alunos se dirige para a frente da sala e começa sua apresentação.

-A gente criou a Trilha das Operações. É um jogo de tabuleiro, uma trilha como a gente está acostumado, com várias armadilhas no percurso. – diz Lauanny.

-Esse aqui foi a tabuleiro que fizemos. – Felipe aponta para o tabuleiro que Ana Júlia e João Carlos seguram. - Na semana passada nós tínhamos feito um no tamanho da folha de sulfite, mas ficou muito ruim de jogar, então melhoramos e aumentamos o tabuleiro para o tamanho de uma cartolina. .

-A gente também criou peças para representar os jogadores e precisamos de um dado para jogar. Funciona assim: após um par ou ímpar para decidir quem começa, cada jogador, na sua vez, joga o dado para descobrir quantas casas vai andar. – explica Ana Júlia.

-E o conteúdo matemático entra onde no jogo de vocês? – pergunto.

- Aqui! – diz Felipe, mostrando um monte com cartinhas. – Nessas cartas a gente colocou várias perguntas sobre as operações com os números inteiros. Tem todas as que a gente aprendeu: adição, subtração, multiplicação, potencia, divisão. Atrás, bem pequenininho, tem a resposta, para a gente conferir se o jogador acertou. Se ele acertar a pergunta, ele anda as casas de acordo com o número do dado que jogou. Se errar, fica onde está.

-E quantos jogadores podem participar? – pergunto novamente.

-Nós fizemos até 4, que era a quantidade de pessoas do nosso grupo. Se for menos pessoas, demora mais. A gente testou. – responde Lauanny.

-Muito bom, pessoal! – diz Lavínia. – E o que foi mais difícil de criar no jogo de vocês?

-As perguntas. Porque não podia ser nem muito fácil e nem muito difícil. E criar as regras também, porque a cada vez que a gente jogava pra testar, um de nós queria fazer algo que não era justo e aí a gente ia mudando as regras. – responde Felipe. – Por exemplo, a gente criou a regra de que cada jogador pode ficar com papel e lápis, para poder escrever alguma operação porque a gente sentiu dificuldade em fazer cálculo mental com algumas das perguntas que criamos.

-E também tem um tempo para responder. Não pode demorar mais de 30 segundos. Quem controla esse tempo são os adversários. – diz Lauanny.

-Vocês escreveram essa regra em algum lugar ou só combinaram? - pergunta Lavínia.

-A gente só combinou, mas seria legal escrever as regras num livrinho né, gente. - diz Ana Júlia, ao que os colegas concordam.

- Pensei exatamente nisso, um tipo de manual de instruções da Trilha das Operações. - responde Lavínia. - Mais alguma coisa para nos contar?

Os alunos negam.

-Então vamos para o proximo grupo. Parabéns meninos, ótimo jogo! - diz Lavínia e a turma bate palma para a apresentação dos colegas. - Alguém quer fazer alguma pergunta? Não? Então, próximo grupo!

-Nós vamos! - anuncia Kamili do fundo da sala e seu grupo se levanta. - Bom, o nosso não é bem um jogo. É mas não é. - diz ela e os colegas riem. - Nós fizemos o Cilindro Mágico. É uma peça onde a gente pode brincar de resolver adições e subtrações com números inteiros.

Ao seu lado, Valesca mostra o objeto criado pelo grupo. Um cilindro de 30 centímetros de comprimento feito com lata de achocolatado. Em volta, várias tiras com números inteiros que giram conforme o manuseio.

-No começo, a gente tentou fazer com todas as operações, igual o grupo anterior, mas aí faltava espaço para colocar números que seriam resultados, por exemplo, das multiplicações. Aí nós não sabíamos o que fazer e chamamos a professora e ela deu a ideia de tirar algumas operações e escolhemos a adição e a subtração. - diz Kamili.

-E como funciona? - pergunto ao grupo.

-É assim, para não ficar solto, a gente também fez algumas cartinhas com adições e subtrações. Você pega uma e usa o cilindro mágico para responder. Escolhe o primeiro numero, a operação, o segundo número, o símbolo de igual e o resultado. É uma espécie de calculadora, mas a gente que faz o cálculo de cabeça. - responde Kamili.

-Por isso que é um jogo mas não é. No fundo a gente que faz todas as operações, o cilindro mágico vai marcando os números pra gente não se perder. - diz Valesca.

-E o que foi mais difícil de criar no cilindro mágico? - pergunta Lavínia.

- Chegar nessa forma final. No começo a gente usou garrafa pet, mas não dava certo, as tiras ficavam caindo, não girava direito. E também escolher as operações. No começo tínhamos todas e não estávamos dando conta de colocar todos os resultados possíveis, não ia caber. Só com a ajuda da professora Luíza que a gente teve a ideia de usar duas fitas para criar cada número, indo de 0 a 99. E também usar menos operações. - informa Kamili.

-Muito bom, um instrumento diferente, com uma ótima proposta. Parabéns grupo! Alguma pergunta, pessoal? – pergunta Lavínia à turma.

-Como vocês tiveram a ideia de usar a lata? – pergunta Mikhael.

-A garrafa estava muito ruim, como eu falei, as tiras estavam caindo. Eu estava lá em casa e vi a lata na mesa. Tirei o achocolatado de dentro e peguei a lata. Na hora eu só pensei: essa lata é toda igual, as tiras não vão cair nela. – responde Kamili, rindo com os colegas de grupo.

-Muito bom! Obrigada pela apresentação, pessoal. Próximo grupo! – anuncia Lavínia. O próximo grupo de aproxima e toma a frente da sala.

-A gente fez o Bingo da Raiz Quadrada, mas é diferente: a gente joga em times, não sozinho. – diz Isaque. – pra começar, as cartelas são grandes, olha! – e mostra 5 cartelas feitas em papel sulfite, com 25 números em cada.

- Aqui nesse potinho, temos as perguntas. Tem as raízes aqui dentro, as perguntas. Alguém canta a pedra com a pergunta, e a gente marca a resposta na cartela, se tiver. O diferente é que quando tem numero negativo na raiz a resposta não vai existir, então tem que ficar atento e marcar o símbolo de “não existe”, e a gente joga em time. A gente pensou em três pessoas por equipe, para ninguém ficar de fora. Um marca a cartela e os outros dois vão resolvendo as raízes. – Isaque continua a explicação.

-Se estiver distraído e for sorteada uma pergunta que tem o número negativo dentro da raiz e a pessoa não perceber, vai marcar a resposta errada, e aí está a graça do jogo. A gente testou várias vezes, e sempre alguém cai nessa por causa da pressa em marcar a cartela. – diz Mikhael.

-É engraçado! – diz Isaque sorrindo para os colegas.

-E qual foi a dificuldade que vocês encontraram? – pergunto

-Foi escolher o conteúdo e fazer as perguntas. Depois que a gente escolheu a potenciação, e gente precisou estudar um pouco. – diz Mikhael, enquanto os colegas riem. – E depois, nas primeiras vezes, as perguntas estavam muito fáceis, nem tinha graça. Ai a Gabriele deu a ideia de colocar os números negativos dentro da raiz, pra testar a atenção do jogador. A gente colocou e deu certo. Toda vez que jogamos, alguém deixa passar que a raiz é negativa e marca o resultado positivo, em vez do “não existe”.

-A ideia de fazer em equipe também foi minha. – diz Gabriele. – Sempre que a gente joga em grupo aqui na sala, acaba sendo mais divertido. Sozinho também é legal, mas em grupo fica mais ainda. Então se é um jogo de matemática, além de ter matemática tem que ser divertido!

-É, e deu super certo. A gente testou em duplas, por causa da quantidade de pessoas do nosso grupo. – diz Isaque.

-E tem a regra principal: se falar bingo e não for, o time é eliminado do jogo. Quando a gente estava testando, eliminamos só um do grupo, senão não ia ter com quem jogar. Mas como a ideia é que a sala toda jogue, terão várias equipes, então a equipe é eliminada. – responde Mikhael.

-E o que vocês vão usar para marcar as cartelas? - pergunto novamente ao grupo.

-Tampinha de garrafa. A gente trouxe algumas aqui. Nas primeiras vezes a gente marcava com caneta, mas dava muito trabalho refazer as cartelas toda vez, então pensamos nas tampinhas. – responde Isaque.

-Ótimo pessoal! Parabéns pela apresentação e pelo jogo. Alguma pergunta? – questiono os alunos que estão assistindo a apresentação. – Então vamos para o próximo grupo.

-A gente vai agora! - anuncia Bruna se levantando com seus colegas. – Bom, a gente fez a Queimada da Potenciação. A gente se lembrou do ano passado, que fizemos a queimada e não deu muito certo, mas mesmo assim foi divertida. Então criamos a nossa queimada, só que usando a potenciação.

-A regra é bem parecida com a que a professora inventou no ano passado: iniciamos a queimada, como se não tivesse nada de matemática no meio. Dois times, um tentando queimar o outro. Quando a pessoa for queimada é que vem a matemática na história. Para se salvar o queimado precisa responder uma pergunta sobre potenciação, que estará num potinho com o juiz da partida. Se acertar, continua na quadra, se errar, é queimado. – explica Heloisa.

-E tem uma coisinha pra deixar ainda mais divertido: quem queimou deve dizer se a resposta do queimado está correta ou não. Se o queimado errar a resposta e o queimador disser que ele acertou, os dois serão queimados! – diz Bruna.

-Com isso, a gente coloca os dois adversários para pensar rápido e responder corretamente a questão. – emenda Heloisa.

-Que legal! – diz Felipe do meio da sala.

-Muito legal mesmo! – diz Isaque.

-Concordo com o pessoal! E qual a dificuldade que vocês encontraram para criar esse jogo? – pergunto.

-Criar essas regras. Demoramos a pensar nessa parte do queimador ter que responder também. E inventar as perguntas. – responde Bruna.

- Muito bom! Parabéns. Alguma pergunta, turma? – questiono. – Então próximo grupo. Obrigada pela apresentação, pessoal.

O penúltimo grupo de aproxima.

- Nós também escolhemos a potenciação e o nosso jogo se chama Quiz da Potenciação. Como o nome diz, é um quis de perguntas sobre a potenciação. Pode ser jogado em times ou individualmente. Nós temos aqui as fichas com as perguntas e atrás de cada uma tem a resposta. Sempre uma pessoa precisará ser o apresentador do quiz, assim só ela tem acesso às respostas atrás das fichas. - apresenta Thales.

-Cada equipe ou jogador tem no máximo 20 segundo para responder, senão perde a vez. A cada resposta correta, o jogador ou equipe ganha um ponto. Temos 30 perguntas no total, quem acerta mais, ganha. – explica Rian.

- A nossa dificuldade nesse jogo foi criar as perguntas. A gente criou alguns problemas, para não ficar só na conta. Então em alguns momentos tem contas e em outros problemas. Deu trabalho, tivemos que buscar problemas em livros e na internet. – diz Thales.

-E ficou bem legal de jogar. Nós testamos e cada partida é bem rápida, dá pra jogar várias. E uma coisa que a gente acrescentou, que foi ideia da professora Lavínia, foi usar as propriedades da potenciação, sobre os expoentes positivos e negativos. Então tem pergunta sobre isso também. – responde Rian.

-Muito bom! Parabéns meninos. Alguém tem alguma pergunta para eles? – questiono a turma. – Então vamos para a última apresentação do dia.

O último grupo de posiciona e começa a apresentação.

- O nosso grupo crou a Trilha Matemática. É bem parecido com o jogo do primeiro grupo, mas a gente escolheu só duas operações: adição e subtração de números inteiros. Construímos o nosso tabuleiro, com as pegadinhas de uma trilha comum, usamos botões para ser a pecinha de cada jogador. – explica Ivanilson.

-E também usamos dados para saber quantas casas cada jogador deve andar. Assim como todos os colegas, temos as fichas com as perguntas com as respostas no verso. A cada jogada, os adversários é que são os juízes e fazem a pergunta e conferem se está correta, assim todos podem jogar, ninguém precisa ficar de fora para fazer as perguntas a cada jogador. – diz Pedro Otávio.

- Isso mesmo. E a gente acha que o máximo são quatro jogadores, senão a partida pode demorar demais. -diz Ivanilson.

-Alguma dificuldade na criação do jogo? – pergunto.

-Criar as perguntas. Acho que foi a dificuldade de todo mundo. Quando a gente joga o que a senhora cria, não imagina o trabalho que dá criar as regras e as perguntas, só fazendo pra saber. E também fazer o tabuleiro. O primeiro que fizemos ficou muito pequeno, acabava muito rápido o jogo. O segundo ficou grande demais. Até que chegamos nesse. – responde Ivanilson mostrando o tabuleiro criado, do tamanho de duas folhas de sulfite.

-Mas a gente conseguiu. – emenda Pedro Otávio.

- Mais alguma coisa para nos contar? – pergunto ao grupo.

-A gente colocou expressões numéricas nas perguntas, para dificultar um pouco. E igual um dos grupos que apresentou antes, decidimos que cada jogador pode ficar com um lápis e um papel para fazer as contas, se quiser. – responde Ivanilson.

-Igual a gente! – diz Felipe.

-Muito bom. Vamos aplaudir o grupo. – pede Lavínia. -Agora chegou a hora da votação. De todos os jogos apresentados, qual vocês querem jogar na próxima aula? Escrevam em um papel. A professora Luíza vai passar recolhendo o voto de cada um. Vou escrever no quadro os nomes dos jogos apresentados hoje para vocês escolherem.

Aguardo um minuto enquanto Lavínia escreve e começo a recolher os votos. Fazemos a contagem e temos o vencedor:

-Na próxima aula, quarta feira, jogaremos a Queimada da Potenciação! – anuncio.

Os alunos comemoram. Foi uma votação sem competição: a queimada ganhou com 12 votos. O que mais se aproximou foi o Bingo da Raiz Quadrada, com 8 votos. Hoje haviam 25 alunos na aula.

- Queremos parabenizar a todos vocês pelo empenho na realização desse projeto. Vocês criaram propostas maravilhosas com todas as exigências que fizemos. Estamos orgulhosas de vocês! – diz Lavínia.

-Muito orgulhosas. É bom ver o quanto vocês cresceram nesses dois anos. As apresentações foram ótimas. E sabemos que alguns não gostam muito de apresentar, mas que participaram ativamente da construção dos jogos, nós acompanhamos vocês de perto nessas últimas aulas. Parabéns pessoal! – digo.

-Eu também quero dar uma palavrinha. Posso? – pergunta Ivone.

-Claro que sim. – respondo.

-Eu estou maravilhada com tudo isso que vocês criaram. É ótimo ver um projeto dando frutos. Parabéns e parabéns a todos vocês. Professora Luíza, professora Lavínia,

parabéns pela condução deste trabalho. Vocês e os alunos merecem apenas elogios! – diz Ivone.

Eu e Lavínia agradecemos e Ivone se retira. Finalizamos a aula, deixando que os alunos conversem entre si no tempo que resta para o final da aula. Quando o sinal bate, nos ecaminhamos à sala dos professores.

-Eles apresentaram muito bem,não é? – pergunto.

-Muito bem! Percebeu que sempre existem dois porta-vozes do grupo? Os demais mostravam aos colegas os objetos do jogo, cada peça, cada ficha. Foi bom você ter lembrado de dizer que a gente viu o envolvimento de todos, para os mais tímidos não se sentirem tão tímidos por não apresentar. Vi umas carinhas de alívio. – diz Lavínia.

-Também vi essas carinhas. – respondo.

-Lavínia, Luíza, que show! – Ivone adentra a sala do professores. -Vocês deram um show hoje. Todo o trabalho desenvolvido pelos alunos teve a condução de vocês duas nesses dois anos. Só posso parabenizar vocês duas! Estava contando para a Andreia o que acabei de assistir, a autonomia dos alunos, a felicidade em mostrar o que eles mesmos criaram. Foi maravilhoso. Parabéns!

Agradecemos o elogio.

- Mas foi tudo trabalho deles, nós só ajudamos. Eles é que merecem os parabéns. É uma ótima turma. – digo.

-São ótimos alunos, realmente. – concorda Lavínia.

-Quem diria que estaríamos elogiando esses alunos! – ri Ivone. -Eram terríveis no sexto ano. E não é só com vocês, vários professores tem elogiado muito o 7ºB, o quanto são participativos, questionadores e agradáveis de se conviver. E essa é uma vitória de todos vocês, profesoress, que insistiram e não desistiram da turma. Os frutos estão chegando.

Trocamos mais algumas palavras e então nos despedimos.

Na quarta-feira teremos a finalização da atividade com a partida de quaimada. Amanhã preciso reservar o espaço para o jogo e pedir ao grupo que traga as fichas com as perguntas.

Amanhã resolvo tudo isso.

25. O (RE)COMEÇO DO FIM

Os meses passaram rápido e outubro chegou. Sinto como se não tivéssemos feito nada de importante por falta de tempo. Duas horas semanais a menos e tudo se tornou uma correria infinita. Não há tempo para planejar, não há tempo para mudar de planos, não há tempo para adiar nenhuma prática. Mas sempre existem eventos escolares, reuniões da equipe técnica pedagógica e professores, formações da secretaria de educação, palestras surpresa vindas da secretaria, datas comemorativas da escola, projetos próprios da escola e inúmeros outros fatos que tomam as três preciosas aulas semanais que temos. Já chegamos a ficar duas semanas sem encontrar com os alunos do sétimo ano B devido a esses eventos escolares que se acumularam.

Conteúdo, conteúdo, conteúdo.

Escola, prisão, liberdade, controle, posso e não posso. Caos.

Caos não no sentido negativo, no qual há destruição, perda. Caos como instabilidade, processo infinito de construção e desconstrução, de ramificações que se apresentam anós com destinos incertos que por vezes tememos seguir.

Escola. Espaço de aprender, desaprender, resistência, fuga.

O que acontece na escola? Busca por tempo. Que tempo? O tempo em que vivemos pensando no futuro, planejando e planejando e planejando. Esses meses na escola me fizeram perceber que o tempo que precisamos é o tempo do agora, o tempo do presente, o tempo do possível, o tempo livre que nos cabe.

Tempo da escola como instituição é diferente do tempo da escola como espaço de produção. O grupo de trabalho com o 7º ano B traz a sensação de que eu, Luíza e os alunos vivemos num mundo paralelo quando estamos inseridos em nosso espaço de produção. Nele, o que acontece é o que acontece. Não há nada a se esperar, apenas sensações e afetos a serem experimentados, momentos a serem vivenciados naquele espaço que criamos para nós.

Quando inseridos nesse espaço próprio, percebemos que experienciar o agora é o que importa, produzir com o que temos, com o que nos é dado. Demorei a perceber tal coisa e acho que Luíza também: nos últimos meses ela tem se mostrado cada vez mais a vontade em lidar com o que é possível, com o tempo que lhe cabe. A cada planejamento que fazemos, metas, exigências se tornam borrões quando algo sai fora do planejado e

permitimos que as coisas simplesmente aconteçam durante as aulas/encontros do grupo de trabalho. Ainda temos nossas obrigações burocráticas que nos aprisionam, mas elas já não nos fazem reféns.

A cada dia os alunos se mostram mais entregues a cada aula, seja ela como for, com coisas que fogem do padrão ou não, com uma lista de exercícios ou com uma ida até a quadra para falar sobre medidas. Não é mais novidade, é algo corriqueiro estar no espaço sala de aula ou no espaço pátio escolar. Não importa o espaço, o momento é vivenciado, sensações são produzidas, somos afetados pelos acontecimentos e afetamos uns aos outros. O diferente aparece a cada aula que se parece com a anterior mais não é. Cada aula é uma nova aula, uma nova experiência.

É sempre assim?

Nem sempre. Em alguns momentos tudo sai do controle, tudo se transforma, precisamos nos adaptar. Quando isso acontece? Quando a escola instituição se mostra com toda a sua imponência e exige resultados que estão além de nós. Alto índice no IDEB, bom rendimento em avaliações externas, entre outros. Como garantir tais resultados quando lidamos com indivíduos que habitam locais tão distintos? Famílias em condições de extrema pobreza, fome, falta de recursos de um lado e do outro, duas professoras cobrando procedimentos a serem realizados mecanicamente em provas escritas, ignorando tudo o mais.

Conseguimos afetar a todos? Nem sempre. E por que, ainda, essa ideia de totalidade habita nossos corpos? Há meses tentamos integrar alguns alunos que não conhecíamos no ano anterior, mas eles sempre permanecem à margem, sempre desconfiados em permitir que o diferente se apresente a eles. Há uma resistência em se permitir vivenciar a experiência de participar das aulas, de debater sobre o que se aprende, de conversar sobre o que lhes afeta. Uma característica comum desses alunos é a idade: todos são mais velhos do que a idade ideal para se cursar o sétimo ano. Alunos com hábitos já bem instalados, que não permite a eles explorar possibilidades outras. Em alguns momentos eles se deixam levar, mas rapidamente se isolam. Ainda não encontramos um modo de lidar com essa situação. Vou convidar Luíza para conversarmos sobre isso em outro local, quem sabe conseguimos pensar em algo.

O final do trabalho nessa escola, com essa professora e com esse grupo de alunos se aproxima do fim. Desenvolvemos um novo hábito, o tradicional de nossas aulas: os jogos. Conseguimos trabalhar com dominó, boliche, bingo, trilha, queimada, quizes, tiro ao alvo, sempre em relação ao conteúdo trabalhado no momento. Luíza criou um tiro ao

alvo sobre equações na qual os alunos se envolveram de um modo que a aula se tornou uma arena, na qual a competição foi acirrada, com grupos rivais torcendo uns contra os outros. Outra ideia de Luíza foi a construção de uma balança de dois pratos em borracha E.V.A, que ficava pregada no quadro e os alunos manuseavam sempre que queriam. Foi uma estratégia excelente para introduzir os princípios multiplicativo e aditivo para resolver equações. Rapidamente a turma entendeu o processo envolvido na resolução de uma equação do primeiro grau com uma incógnita e a balança deixou de ser interessante.

No final de setembro recebemos o cronograma com as datas importantes do 4º bimestre (que por sinal sempre mudam) e uma delas nos chamou atenção: a Mostra Cultural.

Voltada para a apresentação de todos os trabalhos produzidos por alunos e professores durante o ano, a Mostra Cultural é realizada pela escola anualmente, em um sábado letivo no qual a escola é aberta ao público. Neste dia, além da apresentação dos trabalhos, são realizadas apresentações de dança, teatro, venda de comidas e bebidas cuja arrecadação se destina à melhorias na infra-estrutura escolar.

Nos anos anteriores, todos os trabalhos de uma determinada turma ficavam na mesma sala, fazendo uma mescla de tudo o que foi desenvolvido em todos os componentes curriculares. Com isso, havia um espaço para apresentação dos materiais de cada professor. Neste ano, a coordenação optou por salas temáticas do 6º ao 9º ano: a sala de Matemática, a de Língua Portuguesa, a de Educação Física e assim por diante. Com isso, apenas dois professores ficariam responsáveis pela sala de Matemática: Luíza, professora das turmas do período vespertino e Roger, professor das turmas do período matutino. Os dois poderiam dividir o espaço de uma sala, somente para suas produções, tendo espaço suficiente para apresentar o que quisessem.

Há algum tempo eu vinha com uma ideia para o encerramento do ano letivo, de modo a compartilhar com a escola tudo o que vivenciamos nesses dois anos de trabalho e a notícia desta mudança na organização da Mostra Cultural potencializou essa ideia, então resolvi conversar com Luíza.

-Luíza, o que você pretende fazer para a Mostra Cultural desse ano? Alguma ideia?

-Eu ainda não consegui pensar sobre isso, Lavínia. Eu havia me esquecido completamente que essa data estava no calendário escolar.

-Então você não pensou em nada específico, certo? – pergunto.

-Não. Vou precisar de você ainda mais do que de costume. - responde ela.

-Eu pensei em algo e acho que você pode gostar. O que acha de fazermos um “Cassino Matemático”? pergunto, fazendo aspas no ar com os dedos.

-Um cassino na escola? – pergunta ela, me olhando.

-Isso mesmo. Você, e eu entro nisso, temos trabalhado nesses dois anos com tantas coisas, mas algo foi constante: os jogos. Porque não finalizamos essa nossa empreitada juntas com uma exposição de muito do que fizemos nesse período? Claro que não conseguiremos mostrar todos os jogos, mas podemos mostrar uma boa parte. – digo a ela.

-Sabe que é uma ótima ideia, não é? – diz ela.

-Se é boa eu não sei, mas eu penso que seria um ótimo modo de compartilhar com os outros integrantes da escola um pouco do que fizemos. Uma pequena parte, é claro. – digo.

-Gostei. -diz ela, pensativa. – E seria um cassino mesmo, né? Com jogatinas? – ela ri.

-Isso. Podemos expor alguns jogos e propor que os visitantes joguem. Podemos colocar grupos de alunos para explicar quais as regras, qual conteúdo envolvido. – respondo.

-Ao final, podemos dar prêmios aos que jogam. É um cassino, não é? Podemos utilizar doces como moeda de pagamento. – sugere Luíza.

-Podemos. E podemos colocar os alunos do sétimo para confeccionar os jogos que serão apresentados. O que acha? – pergunto.

-Acho ótimo! Mesmo. – responde.

-Então, mãos a obra, pois temos só três semanas para preparar. – digo.

-Tenho que falar com o Roger, se ele topa essa ideia ou se prefere dividir a sala em dois espaços separados. – diz Luíza.

-Ah é mesmo, tems que consultar o professor Roger. Havia me esquecido que a sala não é só nossa. – como eu esqueci?

-Mas se eu o conheço, ele vai gostar da proposta. Vou ligar para ele ainda hoje e te aviso. -diz ela.

-Perfeito. Assim que tiver a resposta dele, me avise que começamos o planejamento de tudo. – respondo.

-Combinado.

Mais tarde, naquele dia....

Lavínia

-Oi Lavínia, boa noite. Conversei com o Roger e ele topou. Na verdade ele gostou muito da ideia. Disse que trabalhou com menos jogos do que nós, mas que no último mês fez um trabalho muito legal com sólidos geométricos e polígonos que ficariam ótimos no nosso cassino. Ele acha bom que seja uma sala única também, sem divisão por período. – diz Luíza, do outro lado da linha.

-Então, vamos começar a planejar. Eu pensei em jogos com conteúdos mais simples, como adição, subtração, multiplicação e divisão, para que todos possam jogar, entende? Por exemplo, alunos do 4º ano visitam o cassino e conseguem experimentar os jogos. E mesclamos com os conteúdos específicos de cada ano, para mostrar que trabalhamos com todo o conteúdo que conseguimos, por meio dos jogos. – digo.

-Sim, isso mesmo. Eu pensei nisso também, assim envolvemos toda a comunidade escolar. – responde ela. - Vou separar os materiais necessários para a confecção e avisar os alunos. Você poderia escolher os jogos, por favor? -pergunta.

-Claro. Farei a lista com alguns e te envio amanhã pela manhã.- digo.

-Combinado.- diz Luíza e se despede.

26. INTERFERÊNCIAS

A Rede Municipal de Ensino da cidade está passando por um grande alvoroço que está afetando alunos e professores. Sem nenhum aviso, os professores chamados de Assistentes Pedagógicos Especializados (APE), responsáveis por auxiliar alunos com deficiência, foram dispensados pela prefeitura. Esses profissionais são professores formados em licenciatura e possuem formação específica em Educação Especial, portanto têm a formação necessária para lidar com alunos com deficiência e ainda auxiliam a nós, professores que não temos esse tipo de formação, a direcionar nossas disciplinas de modo a garantir o acesso de tais alunos ao conteúdo programático, de modo adequado a cada aluno.

Esses profissionais foram contratados por meio de um processo seletivo simplificado e, sem aviso, seus contratos foram suspensos devido ao corte de gastos que a prefeitura está implantando. Com isso, estamos há algumas semanas sem o apoio desses professores, que são essenciais para o andamento das aulas em cada turma. No sétimo ano, em especial, perdi a Joyce. Além de atender a Jéssica, Joyce era um suporte que eu tinha em todas as aulas, uma parceira que estava pronta a participar de qualquer proposta que eu e Lavínia implementássemos.

Agora, Jéssica está sem o atendimento individualizado. Faço o que posso: nas últimas aulas Jéssica tem se sentado ao meu lado, e então consigo atendê-la durante todo o período de aulas. Mas quando preciso atender os demais alunos, ela acaba ficando com um de seus colegas, ou então sozinha.

Além de planejar as atividades da Jéssica conforme o conteúdo estudado pela turma, Joyce ainda criava outras atividades e dinâmicas durante as aulas que envolviam Jéssica e os demais alunos, além de estar sempre atenta à saúde da aluna. Jéssica, às vezes, tem crises convulsivas. Ela não vocaliza, então para perceber que algo não está bem, é necessário sempre estar de olho. Antes já ficávamos atentos à ela, mas agora, tanto eu quanto os alunos, passamos as aulas em alerta. Ela estuda com esse grupo de alunos desde a pré-escola, então eles têm muito cuidado com ela.

E agora? Os alunos com deficiência ficarão sem atendimento especializado? Como dar o devido suporte à ele sendo que o professor das disciplinas regulares precisa atender mais 35 ou 40 alunos? Como atender a todos com qualidade?

A resposta que recebemos é que os APE serão substituídos por profissionais com nível médio, os chamados Assistentes Educacionais Inclusivos (AEI), sem formação específica em Educação Especial. Com essa notícia, pais, professores e equipe pedagógica das escolas estão entrando em desespero: será que profissionais com ensino médio, sem formação em licenciatura e sem pós graduação em Educação Especial conseguirão atender as demandas dos alunos? Esses profissionais estarão aptos a lidar com a realidade de uma escola, a compreender como planejar, criar implementar atividades de modo que os alunos se desenvolvam?

E o governo? Será que fornecerá a formação necessária a esses profissionais para se aperfeiçoarem na tarefa que irão cumprir a partir de agora? Não temos resposta para nenhuma dessas questões e enquanto isso, eu e meus colegas de trabalho seguimos acumulando mais uma tarefa, tantando a todo custo oferecer o que temos de melhor aos nossos alunos e ao mesmo tempo, sobreviver nessa maré de burocracias que atinge a escola com violência a cada dia.

Você pode estar se perguntando: mas qual a razão dessa substituição? A resposta é bem simples e acredito que você já saiba qual é: corte de gastos. De onde cortar primeiro: da Educação.

Aqui nessa escola, tive excelentes colegas APE, que dividiram comigo muito do que sabiam a respeito da Educação Especial. Com seu auxílio nesses anos de trabalho em conjunto, aprendi a criar atividades, provas e dinâmicas adequadas a cada aluno, de acordo com suas necessidades, tanto que sempre proponho tarefas criadas por mim e as avaliações também são elaborada por mim, sem necessidade de que os professores APE façam as adequações do zero. Não é um trabalho perfeito, afinal eu não tenho a formação necessária para tal tarefa, mas com a ajuda desses colegas, pude aprender e antes de aplicar, sempre passo a atividade para que eles aprovem.

Pensando na situação pela qual estamos passando, creio que todo professor deveria ter formação em Educação Especial. Seria um grande passo para que possamos oferecer um bom atendimento para todos. Mas a questão é: mal temos tempo para planejar nossas atividades, será que teríamos apoio da secretaria de educação para investir em nossa formação? Teríamos horários livres para tal formação? Essas questões também são fáceis de responder e têm uma resposta apenas: não. Investir em capacitação de professores não é viável, não tem resultados imediatos.

Essa é a escola da vida real, na qual coisas desagradáveis acontecem e interferem em seu funcionamento. A escola da vida real não é aquela onde tudo dá certo, onde tudo

corre conforme o planejado. O que acontece é que não costumamos falar sobre os problemas da escola, falamos apenas sobre as coisas boas, aquilo de que nos orgulhamos. Nós professores temos esse hábito, sejamos do ensino básico ou superior. Já enfrentamos tantas coisas desagradáveis a cada dia que quando conversamos sobre nosso trabalho, temos a falar daquilo que é bom, daquilo que nos alegra. Mas a realidade é bem diferente. A escola real pode ser desagradável, com situações desagradáveis, atitudes desagradáveis por parte dos indivíduos nela envolvidos, sejam eles professores ou alunos.

Por quê falar da parte ruim da escola? Porque externalizar isso de algum modo? Era o que eu me perguntava e hoje, após dividir meu trabalho com alguém de fora da escola, consigo responder: para que se saiba que temos escolas diversas, distintas, que não são perfeitas, que são defeituosas, que são escolas reais habitadas por seres humanos reais. Temos a escola do possível, a escola que com todos esses problemas segue resistindo, segue fazendo seu papel de acolher pessoas, de integrar pessoas, de oferecer informação à pessoas de todos os lugares. Nem sempre é possível fazer um trabalho perfeito, ainda mais com tantos ataques que a escola recebe: “Esse ensino é ultrapassado.”, “Esse modo de operar nessa escola está desatualizado.”, “Escola é para ensinar conteúdo e não ensinar coisas além de matemática, ciências, geografia...”, “Esses professores não trabalham, são folgados.”, “Esses alunos não querem saber de nada.”...

Quando chegou aqui, Lavínia tinha uma outra ideia de escola e eu tinha uma outra ideia sobre universidade. Juntas, pudemos “olhar para o outro e entender o que ele está dizendo”, como ela sempre costuma dizer. Ela pouco fala sobre o que enfrenta na universidade devido a imersão na escola básica, suas demandas são as minhas demandas, seus problemas são os problemas que eu enfrento. O que muito falamos, além da sala de aula, são sobre livros que tratam da escola, autores que trazem o ensino básico para o protagonismo. Ela me apresentou a Jorge Larrosa, Ian Masschelein, Daniel Pennac, Romulo Lins, Gilles Deleuze e outros mais. Alguns eu já conhecia, tinha visto alguns de seus trabalhos quando cursei o mestrado, como Larrosa e Masschelein, e os outros foram agradáveis apresentações. Inicialmente eu pensei: ela acha realmente que eu vou ficar estudando esses autores sendo que eu estou atolada de trabalho para fazer? Mas conforme ela foi me falando de suas intenções na escola, seus motivos, o que sustenta a organização e implementação do grupo de trabalho que eu iria me inserir, me vi obrigada a entender do que ela estava falando, de onde ela estava falando e acabei por me deparar com teorias do possível e não teorias do ideal. Os autores a que fui apresentada eram, em sua grande

maioria, professores como eu, com alunos reais como os meus, com os problemas reais semelhantes ao que eu enfrento e que defendiam a escola real, a escola do possível.

E é com esta escola que me invento como a professora que sou, a cada dia me construo, me destruo, me reconstruo de modo a me adaptar ao que acontece, para atender as demandas que chegam até mim. Há alguns meses fiquei muito abalada com a revelação do quanto fui agressiva, descontrolada, até mesmo raivosa, diante de uma situação com a qual não consegui lidar. No momento em que aconteceu, não percebi o quão destrutiva eu fui, só meses depois, quando me deparei com outra pessoa a agir de modo semelhante é que percebi minhas ações. Lavínia e seus autores me ajudaram a lidar com essa “revelação” que tive e levei um bom tempo para conseguir aceitar e entender que o que fiz, foi o possível, ali, naquele momento.

Hoje, sou mais atenta ao que digo aos alunos, como ajo diante deles, procuro ao máximo escutá-los, entender o que dizem, o que pensam para então decidir como intervir de modo a levá-los a aprender o conteúdo programático, porém sempre abrindo possibilidades para que eles descubram outros caminhos, caminhos outros, respeitando seus modos de produção de significado, de pensamento, de criação de ideias. E isso se estendeu a todas as turmas com as quais trabalho. O trabalho oficial acontece com o 7º B, porém é impossível a mim trabalhar de modo totalmente diferente com os demais alunos. Claro, o clube do livro só acontece com o 7º B, por exemplo, mas o modo como conduzo as demais aulas, os demais diálogos com as outras turmas é o mesmo. Procuro sempre colocá-los para falar, para trabalhar em grupo do modo como é feito nas aulas com o 7ºB. Se tornou parte de minha prática profissional e passei a tê-la como natural, é automático buscar descobrir onde o aluno está e convidá-lo a ir comigo a lugares novos, como diria Lins.

Acho que já falei demais comigo mesma. Essa situação dos APE abalou a todos nós. Seguimos em frente, fazendo o possível, numa escola que não é perfeita e nem ideal, mas é a escola que temos e que fornece a todos nós, membros da comunidade escolar, acesso a informação, acesso a tempo livre para nos dedicar a algo que não poderíamos se a a escola não existisse, acesso a um local que fornece segurança a quem precisa, um lugar que trata de desigualdade social, violência, mas que nunca é visto ou valorizado por isso. Escola, espaço de resistência, espaço de existência.

27. QUE BAGUNÇA!

- Que bom que você chegou, Luíza! Eu preciso muito conversar com você. – digo, aliviada por ela não ter se atrasado.

Convidei Luíza para vir em minha casa. Estou um pouco inquieta com algumas questões de nosso trabalho e acho que ela pode me ajudar.

- Agora comecei a ficar com medo. – diz ela, me olhando enquanto se senta no sofá da sala. – É tão urgente assim? Pensei que eu ia ganhar um bolo ou outra guloseima. – ela sorri.

- Eu é quem estou ansiosa, na verdade nem é nada tão urgente assim. – sorrio de volta.

-Então fale logo, já cheguei. – responde ela.

-Não quer sua guloseima antes? Tem bolo. – digo.

-Então diga enquanto eu como! Vamos para a cozinha. – diz.

Me levanto e a levo até a cozinha. Enquanto nos sirvo, não consigo me segurar e começo a falar:

-Luíza, agora é a minha vez de me desesperar. Eu andei observando a quantidade de dados que produzimos durante nosso trabalho com as crianças e não tenho ideia do que fazer com ele, de como montar um trabalho escrito com ele. A nossa discussão acerca do grupo de trabalho ser mutante e imprevisível me prende em relação a como relatar, digo inventar, produzir com tudo o que vivenciamos. Como deixar isso transparecer? – digo.

-Você fala da estética do relatório de pesquisa? – pergunta ela.

-Exato. Não imagino como relatar todo esse processo mutante seguindo uma ordem. Tivemos tantas reviravoltas, tantos momentos de ruptura, momentos em que a sensação era a de que andávamos para trás. Além disso tem a nossa conversa sobre como avaliar o que estamos fazendo. Acho que é o meu equivalente ao seu problema na escola, o meu enfrentamento frente a todos essas dados e o que fazer com eles. – respondo.

- Olha, eu vou tentar assumir o seu lugar, se é que consigo – ela sorri. - e te falar o que eu penso sobre isso, baseado em todos os artigos, dissertações, teses e livros que estudamos juntas: acho que o seu trabalho precisa mostrar esse processo pelo qual passamos, um local de desconforto no início e de participação. Acho que sua escrita precisa deixar o leitor sentir o que foi esse processo, com seus altos e baixos. Sabe aquele texto sobre cartografia? Acho que tem que ser algo daquele tipo, você poderia trazer a

cartografia para além da postura investigativa e usá-la na escrita, que afinal de contas, também é parte do processo de pesquisa. – diz Luíza.

-Como assim? Fale mais um pouco. – digo, ansiosa.

-Naquele texto do Alvarez e do Passos, o da capoeira, eles dizem que precisam encontrar um modo de escrita compatível com o problema que eles tinham, já que isso é uma exigência da cartografia e então eles misturam relatos da experiência de um deles como aprendiz de capoeira. Então, cada vez que penso nesse nosso trabalho com os seus olhos, sem meus vícios de professora da Educação Básica que precisa de resultados imediatos, eu penso nesse nosso trabalho como uma cartografia. Olha só, nós nos permitimos experienciar e vivenciar muitos processos pelos quais passamos. Inicialmente mais você do que eu, confesso, mas a partir de um certo momento eu passei a me deixar levar pelo processo, a habitar um território existencial, como eles dizem, e você também. Na produção de subjetividades nesse território existencial que era/é um grupo de trabalho, estávamos sempre cultivando a disponibilidade à experiência. Então, eu penso que seu texto precisa mostrar isso, esse processo. Como você vai fazer, eu não tenho ideia, mas eu acho que isso deve aparecer de alguma forma.

-Acho que estou começando a entender. Essa pesquisa, porque para mim foi uma pesquisa, se deu COM todo esse processo e não a partir dele... Tem razão. – digo, enquanto minha mente está a mil com a fala de Luíza.

- Nos últimos dia me vi pensando nesse trabalho. Para mim, ele se tornou sim um Grupo de trabalho, atendendo todas as características que estão naquele texto do Viola dos Santos: um espaço-formações com movimentos nos quais os participantes querem estar, partilhar e produzir juntos, que pode ou não acontecer (e o nosso aconteceu), uma abertura para invenções que não se sabe a priori, que pode descambar para lugares outros e tudo bem. Cada um participou da maneira que conseguiu naquele tempo e espaço que não foi nada linear, tivemos inúmeras reviravoltas e acontecimentos inesperados. Além, claro, das especificidades pelo fato de ser um grupo com alunos na escola, como o fato de termos um objetivo em relação ao conteúdo programático, ao fato de termos que apresentar um resultado satisfatório nas avaliações escritas, na questão da intervenção nos processos de produção de significado dos alunos para que eles sigam na direção que objetivamos inicialmente. Para mim, essa perspectiva de escutar o outro, zelar e manter a interação na sala de aula foi um divisor de águas. – diz ela.

- Ah sim, com toda a certeza. A partir do momento que entendemos que escutar o outro para saber o que ele está produzindo, nossa postura frente aos alunos muda. A frase

daquele texto do Lins de 1999 faz todo o sentido: não sei onde você está, sei apenas que está em algum lugar; preciso saber onde você está para que eu possa ir até lá falar com você e para nos entender, e negociar um projeto no qual eu gostaria que estivesse presente a perspectiva de você ir a lugares novos. Eu troco o você por nós: a perspectiva de NÓS irmos a lugares novos. Porque foi isso, não é mesmo? Nós descobrimos onde estavam cognitivamente (e aí podemos pensar também culturalmente, economicamente, emocionalmente) os alunos e fomos até eles, tentamos fazer com que eles fossem a lugares novos e acabamos indo junto, para lugares que eu particularmente jamais imaginei. Para mim, a experiência mais incrível foi o Clube do Livro. No dia em que você me disse que aquele sexto ano B tinha ficado uma hora interinha em silêncio, apenas lendo, produzindo consigo mesmos, eu fiquei embasbacada. – respondo.

- Para mim também. Naquele dia eu tive a maior surpresa da minha vida. Eu sempre gostei de ler e compartilhar com eles esse prazer e vê-los desfrutar dele com tamanho interesse me deu ânimo para continuar, apesar da minha má vontade. Acho que o Clube do Livro foi a ação mais marcante que desenvolvemos. Ele começou tímido e tomou seu lugar. Os alunos perguntam dele até hoje, aula após aula, se por algum motivo não consigo realizar o Clube na aula, eles reclamam muito e pedem para “repor”. - ela faz o sinal de aspas no ar. – Eu vi alunos que detestavam ler em voz alta lutarem por um exemplar de Harry Potter, da felicidade em levar para casa e trazer de volta para trocar por outro, o zelo com o qual cuidavam dos livros. Eu esqueci de te contar, mas um dia desses eles se juntaram e perguntaram a mim se poderiam juntar dinheiro e me dar para que eu comprasse mais livros para eles, que eles já tinham até falado com os pais sobre isso. Claro que eu não aceitei, mas nos próximos meses terei que renovar os títulos disponíveis na biblioteca do sétimo ano B.

- Parece mágica, não é mesmo? O Clube do Livro na aula de Matemática que capturou os alunos. Acredito que o sucesso do Clube vem do fato de ele convidar o aluno a participar. Pensando naquela discussão de escola-instituição e escola-produção, o Clube pertence a essa última e convida o aluno a participar desse processo de produção, de fazer parte. A cada dia o livro muda, de acordo com as necessidades deles. Se não gostou do livro, se gostou e terminou, em cada uma dessas situações o livro muda. O caráter mutante da escola-produção se mostra aí. E por ser mutante, livre, conquistou os alunos, trouxe eles para participar. – respondo.

- Lavínia, eu pensei em uma coisa: esse grupo de trabalho na escola do qual participamos, pertence a uma escola-produção que inventamos e que convida à

participação. Essa escola-produção é dinâmica, mutante, não se prende a tempos engessados e por esse motivo não atende a todos no tempo determinado pela escola-instituição. Falo isso, porque ao me recordar do Clube do Livro, me lembrei daqueles alunos que vieram de outras escolas ou que eram mais velhos para o ano escolar em que estavam e que não se integraram ao grupo. Talvez, esses alunos não tiveram o tempo necessário para se permitir participar do processo em que a turma se encontrava. Veja, levamos quase um ano inteiro para que algo fizesse sentido, como esses alunos que chegaram recentemente, numa turma com pessoas que eles não conheciam, com uma dinâmica que eles desconheciam, poderiam se integrar tão facilmente. Eu mesma resisti por tanto tempo, imagine eles, ainda tão jovens. – diz Luíza.

- Sim, claro. Esse pode ser um dos motivos, jamais saberemos. O que nos resta é continuar convidando a partipar e oferecer tempo livre para que eles participem. Ouvindo você falar, pensei nos jogos: era um braço que a escola-instituição te deu, nós subvertemos e fizemos desse jogo uma brincadeira que convida e possibilita os alunos a participar, a partilhar uma vivência de uma sala de aula-grupo de trabalho. O brincar possibilitou a nós manter a interação, propor a ida a lugares novos em relação às aulas de matemática, a mostrar que nós nada tínhamos a ensinar a eles (parafraseando o Mestre Ignorante), que eles é quem deveriam se permitir participar-aprender de acordo com seus próprios tempos, claro que presos no tempo da escola-instituição. De certa maneira, o jogo, o brincar possibilitou que nós respeitássemos o tempo dos alunos, mesmo tendo que obedecer e seguir o tempo da escola-instituição. Pelo fato de o jogo pertencer à escola-produção, que convida à participação, neste espaço, o tempo dos alunos foi respeitado. Claro que não foi do modo como gostaríamos, já que a escola-instituição sempre nos captura de volta, mesmo quando subvertemos suas ferramnetas para nosso próprio proveito, mas no limite, antes da captura, pudessos oferecer aos alunos esse tempo livre para que eles usassem e produzissem. – digo. – Olha, isso eu pensei agora, após sua fala. Ainda não tinha pensado sobre isso.

-Nossas conversas fora da escola sempre rendem e trazem á tona coisas que ainda não tínhamos visto. Então Lavínia, acho que é isso. No seu relatório de pesquisa, todas essas questões que falamos outras e todo o processo que vivenciamos, os atravessamentos que tivemos, deveriam aparecer para o leitor. Eu demorei a perceber, mas o processo é o que foi mais importante para mim. Nós não sabíamos se isso ia dar em algo, se esse grupo de alunos e nós duas se tornaria um grupo de trabalho e se tornou. Um grupo de trabalho na escola, com alunos do ensino fundamental. Foi um processo longo, incômodo,

Lavínia

desconfortável, que nos tirou de nossa zona de conforto, escancarou nossos pré-conceitos e resistência ao desconhecido. Foi doloroso, foi e é intenso e imprevisível. Mutante, incontrolável. Isso precisa aparecer no seu trabalho escrito, de alguma forma. Como fazer? Isso eu deixo exclusivamente para você, senhora doutora! – diz Lavínia, rindo.

Rio junto, pensando em suas palavras.

28. MOSTRA CULTURAL

-Cadê os alunos? – pergunta novamente Lavínia, conferindo o horário. Ela fez essa pergunta há menos de 5 minutos.

-Podem estar chegando. Ou não. – respondo.

-Mas estava tudo combinado com eles, que cada grupo ficaria responsável pela sala por 20 minutos e depois poderiam aproveitar a Mostra Cultural. Nós demos a escala de horário para cada um deles. Eu mesma entreguei em mãos! – diz ela.

-Lavínia, eu não quero te decepcionar, mas acredito que eles não virão. – digo de uma vez.

-Como assim “não virão”? Nós combinamos! – responde.

-Quando a direção decidiu adiantar o conselho de classe para antes da Mostra, eu já desconfiava que isso poderia acontecer. Eles são alunos, eles cumprem obrigações escolares por um único motivo: nota. Quando o conselho de classe se realizou na semana anterior à Mostra Cultural, eles automaticamente entenderam que as notas foram fechadas e que os professores já enviaram seus diários. Aqueles que tinham esperança de melhorar a nota com Mostra perderam o interesse e aqueles que já sabem que estão com notas altas, entraram em clima de férias. – tento explicar.

-E eles fariam isso? – pergunta ela.

-Eu acho que sim. São crianças, Lavínia. Eles têm, em média, 12 anos. Se coloque no lugar deles: se você soubesse que as notas do 4º bimestre foram fechadas, você daria a devida importância à Mostra Cultural? É um dia que as famílias visitam a escola, tem apresentação cultural, tem venda de guloseimas. É um dia de festa, quase como um fechamento do ano letivo. E ainda temos a competição interclasses de futsal, que também foi acontece hoje! – respondo. – Tenho certeza que a Luíza de 12 anos estaria correndo pela escola, olhando todas as salas junto com os pais, aproveitando as apresentações, comendo, se divertindo com os colegas.

O olhar de Lavínia se perde na sala que terminamos de organizar há uma hora atrás. Por falar nela, o nosso Cassino ficou ótimo!

Na porta, colocamos uma cortina feita de tecido TNT preto e vermelho, com cartas de baralho coladas em sua extensão e acima da porta um cartaz em vermelho, verde e preto com o anúncio “Cassino da Matemática”. Ao redor das paredes, montamos mesas

com e cadeiras, forramos com TNT verde e colocamos os jogos confeccionados pelos alunos em cima, de modo que os visitantes pudessem se sentar e jogar. Em frente a cada jogo havia um cartaz com o nome do jogo, conteúdo envolvido e, no caso dos criados pelos alunos, o nome dos criadores. Onde antes havia o quadro branco, colamos uma grande faixa com boas vindas para quem entrasse na sala. No meio da sala, estavam montadas as pistas do Boliche da Multiplicação e do Tiro ao Alvo das Operações. Decorando todas as paredes, haviam balões pretos, vermelhos e verdes.

Lavínia estava impaciente à espera do grupo de alunos que deveria ter chegado há meia hora. Aconteceu o seguinte: durante as últimas semanas, nos dedicamos exclusivamente à Mostra Cultural: a busca pelos materiais para confecção dos jogos, coordenar todas as turmas de modo a envolver todas na atividade do Cassino. Terminada a confecção, decidimos juntamente com os alunos que no dia da Mostra deveria haver sempre um grupo de alunos no Cassino, e esse grupo seria responsável por apresentar e explicar os jogos aos visitantes e convidá-los a jogar alguns. Montamos uma escala com grupos formados pelos alunos de todas as turmas envolvidas para que não ficasse cansativo para ninguém e todos pudessem aproveitar as demais apresentações da Mostra Cultural.

O problema começou quando o conselho de classe do 4º bimestre foi adiantado para antes da Mostra Cultural. Feito o conselho de classe, os alunos entendem que as férias começaram, então é o momento de aproveitar. Com isso, ninguém apareceu até o momento, salvo dois grupos que nos ajudaram a montar e decorar a sala: um do 7ºB e um do 9ºB. Os portões já foram abertos e, por enquanto, eu e Lavínia é que estamos apresentando o Cassino da Matemática aos visitantes. O movimento na sala está tranquilo devido ao campeonato interclasses de futsal. Quando acabar, as visitas em todas as salas serão mais significativas.

Por enquanto, ficamos aqui.

Algum tempo depois....

-Eu te falei que iria melhorar! – digo a uma Lavínia que está animada.

-Eu pensei que ficaríamos o dia todo naquele ritmo parado. – responde ela.

O movimento no Cassino da Matemática é intenso. A todo momento entram pais e alunos para visitar e ver o que há na sala. No início, com o pouco movimento, poucos queriam experimentar os jogos. Agora, com a sala cheia, muitos estão tentando jogar. Eles se sentam nas mesas em grupos, lêem as instruções e começam a jogar. Os alunos que criaram e confeccionaram os jogos também apareceram, e estão cumprindo seu papel de explicar cada jogo.

Como esperado, os jogos mais disputados são o Boliche da Multiplicação e o Tiro ao Alvo das Operações. Existem filas para participar, e sempre há algum de nossos alunos sendo o juiz. Crianças de todas as idades e pais participam da jogatina no Cassino da Matemática. Eu e Lavínia circulamos pela sala, conversando com alguns visitantes e, ao saírem, entregamos um pirulito como prêmio do Cassino da Matemática a cada um.

Nem todos os alunos que estavam na escala apareceram. Alguns até entraram na sala e foram embora. Após a finalização do campeonato interclasses, um grupo permaneceu desde então: Felipe, Luiz, João Carlos e Pedro, do 7ºB, que estavam jogando no interclasses e agora decidiram ficar conosco durante toda a tarde. Além desse grupo, outros aparecem, fazem seu papel por alguns minutos e partem para visitar as demais atrações da Mostra Cultural.

Em determinado momento, nossos colegas de trabalho começam a visitar nosso Cassino: professores, coordenadores, diretoras e tiram fotos de tudo para registro da escola.

O tempo passa depressa e quando percebemos já é hora de desmontar tudo e organizar as salas para a próxima segunda-feira de aulas. Felipe, Pedro, Luiz e João Carlos, Sarah e Maria, as duas últimas do 9ºB e 6º B nos auxiliam a desmontar, guardar e organizar as mesas e cadeiras.

Percebo que estou exausta e olhando para minha companheira de dois anos de trabalho, percebo que ela sente o mesmo.

-Cansa, não é? - pergunto.

-Muito. Quando tudo termina é que a gente sente o cansaço. – responde ela. -Pensei que teríamos poucas visitas hoje, mas de repente a sala lotou. Em alguns momentos estava tão cheia que o calor era intenso.

-Eu disse a você que eles só iriam aparecer após a final do campeonato de futsal. Aqui na escola o futsal faz muito sucesso, o time das meninas de 12 a 14 anos foi campeão estadual do campeonato escolar e o dos meninos quase foi para a final. – respondo. – Foi

muito bom, as pessoas se envolveram e se deixaram levar pela proposta do Cassino. Eu gostei muito.

- Foi realmente ótimo. Não tive nem tempo de registrar tudo como eu queria, fazer umas perguntas aos visitantes, mas ainda assim foi ótimo. As outras salas também estavam incríveis. Vocês, professores desta escola, não muito competentes, quando se envolvem em algo vão a fundo! Viva a escola real, que também tem seus sucessos! – diz ela, empolgada.

-Nem tudo dá sempre certo, na maioria das vezes só dá errado, mas temos nossos momentos de vitórias e realizações. A escola pública tem seus defeitos mas nós fazemos de tudo para que eles sejam menores do que nossas conquistas. – digo. - Às vezes é difícil para nós, que estamos aqui dentro, ver esse lado, ficamos presos no lado negativo. É preciso alguém de fora para nos chamar atenção para o que acontece de bom, como você.

- Às vezes só é preciso alguém te mostrar determinado detalhe e então ele deixa de ser o detalhe para ser a característica principal. – responde ela. – Agora deixa eu ir até a cantina ver se ainda tem pastel!

29. CONFISSÕES

- E conseguimos, afinal. – digo. – Em alguns momentos pensei que você iria desistir. Estamos na confeitaria novamente. Um encontro de despedida do ano letivo que tivemos.

- Eu pensei muito em desistir de tudo e te deixar na mão, muitas vezes. – me responde Luíza, olhando pra baixo.

- Eu sei, você nunca chegou a dizer com todas as letras, mas deixou claro o quanto te incomodavam algumas das coisas que fazíamos. – respondo. – Mas desde o final do nosso primeiro ano de trabalho, eu te entendi.

Antes de viver o que ela vive a cada dia, há alguns anos, eu confesso que cheguei a desgostar dela e de suas atitudes e falas, se mostrando sempre tão segura de si e de suas ações, mesmo sendo tão jovem. Hoje entendo o porquê dessa blindagem que ela apresenta. Luíza, na verdade, é uma professora que leva a sério seu trabalho e que quer cumprir com os objetivos que a ela são solicitados. Suas ações vão todas nesta direção.

- Eu cheguei a desgostar de você, logo no início, mas depois percebi o quão difícil foi para você, percebi quais eram suas preocupações, sempre voltadas para os alunos, e então acabei concordando com suas resistências. – confesso a ela.

Luíza me olha, não muito surpresa.

-Ah eu sei que posso ser insuportável quando quero. Mas realmente, eu fui muito resistente naquele início. Eu não acreditava em nada daquilo que estávamos fazendo. Foi um processo bem longo, ate eu me permitir pensar sobre o que eu já fazia, sempre no automático, e permitir que você trabalhasse comigo. Desculpa... Às vezes eu nem percebo que faço isso. – responde ela.

- Não há do que se desculpar. Rupturas são sempre assim. Eu mesma me vi desestabilizada em alguns momentos, voltando para a sala de aula da Educação Básica. Quando saímos de um lugar que nos é confortável, conhecido, sempre ficamos resistentes e incrédulos com o desconhecido. – respondo.

-Sim, tem razão. Agora, Lavínia, o que te fez pensar nesse trabalho? Eu entendo a questão do seu grupo de pesquisa estar trabalhando com isso, com professores. Mas de onde saiu essa vontade de ir atrás de alunos do Ensino Fundamental? Você poderia ter

feito isso com alunos de graduação, por exemplo, ou até mesmo alunos de mestrado. – me pergunta Luíza.

Penso por alguns instantes enquanto bebo um chocolate quente.

-Acho que a saudade da Educação Básica é que me fez querer voltar. Temos nossos problemas na universidade também, mas a sensação é de que tudo “dá certo”. Alunos adultos são mais estáveis. Crianças são imprevisíveis, vivas, dizem e mostram do que gostam ou não gostam. Eu tive saudade de estar com elas mais uma vez. – respondo.

-Entendo. Eu também gosto muito deles, não me vejo em uma universidade, ou até mesmo no Ensino Médio. – diz Luíza. – Mas e em relação as seus estudos, qual a razão? Algo além dos grupos de trabalho?

- Sim. Muito se fala sobre a escola, as cobranças de uma escola. A questão da escola como instituição que apenas trata a educação como um produto a ser vendido é assunto em nosso grupo há muito tempo. Os professores que fizeram partes dos Grupos de Trabalho que desenvolvemos sempre trazem isso à tona e o quanto os seus trabalhos são engessados pelos sistemas de avaliação. – respondo. - Os Grupos de trabalho foram pensados como um local de escuta, um local onde os professores pudessem ter um tempo livre para falar das demandas reais de seus trabalhos, de seus alunos. Algo que Jan Masschelein e Maarten Simons falam muito, da escola como um local onde os alunos tem um tempo livre para pensar, um local onde tudo o mais é suspenso e eles podem desfrutar desse tempo para aprender, desenvolver projetos.

“Mas veja, não é pra ser um tempo com cobrança de produção, é um tempo livre, sem as expectativas sociais, culturais e econômicas que os cercam fora da escola. E nós tentamos fazer isso no grupo de trabalho que nós criamos. Olha o Clube da Leitura, por exemplo: para muitos dos alunos ali, aquilo foi como se os transportássemos pra outro mundo. Lembra do tanto que eles nos cobravam pelo Clube a cada semana? Lembra como ficaram animados e encantados com os livros, naquela primeira vez que você abriu a caixa? E o quanto era importante para eles, que sempre te lembravam do dia do Clube, que ficavam chateados em dias que havia alguns evento inesperado na escola e o Clube era adiado? Pois então, acho que só com o Clube da Leitura, conseguimos criar essa escola do tempo livre para eles.”

“E olhando para as práticas e atividades que implementamos, consigo identificar momentos em que capturamos a atenção deles, pois de acordo com o Masschelein e o Simons, a escola deveria ser um local que possibilitasse tempo livre aos alunos e que nesse tempo livre fosse possível capturar a atenção dos alunos, mantendo seu interesse

sempre alto. É muito semelhante ao que o Ranciere diz em O Mestre Ignorante. Eles também trazem a ideia do professor amoroso, onde esse amor pode ser traduzido por interesse genuíno por seus alunos. Esse professor amoroso se vale de algumas estratégias que a ele permitem suspender toda a vida cotidiana dos alunos e fazê-los focar sua atenção no presente, ali naquela aula, naquele tempo livre, para apresentar coisas outras que só são vistas na escola, dentre elas, matemática, história, geografia e por aí vai. Nesse ponto, também vejo muito do que diz Larrosa sobre o professor, o professor amoroso, não no sentido romântico, mas como aquele que se preocupa realmente com seus alunos, que os tem como prioridade, que busca ferramentas diversas para capturar sua atenção e interesse.”

-Muito disso conseguimos fazer em alguns momentos em nossas aulas, não é mesmo?
– pergunta Luíza.

-Sim, conseguimos, por mais incrível que pareça. E aí entra a questão do avaliar novamente. Esse espaço que criamos para oferecer tempo livre aos alunos é um tempo-espaço vivo, um espaço do que acontece, do que se vivencia. Não conseguimos avaliá-lo por meio das provas que a instituição exige. São processos vívidos que estão em ação a todo momento. Uma frase que gosto muito do Masschelein que a escola não se trata de ser forçado a desenvolver algo, mas da experiência de ser capaz de algo. É isso, o aluno não deveria ser obrigado a apresentar resultados específicos em um curto espaço de tempo, mas sim de perceber que é capaz de fazer qualquer coisa. – digo.

- Fazendo um apanhado de tudo pelo que passamos, olhando esse processo desde o início, vejo que algo aconteceu. Sei que a gente não quer fazer comparações com o antes e o depois, mas eu, impregnada das cobranças da escola, não consigo me distanciar disso. Para mim, houve algo que me foi satisfatório. É demorado, exaustivo, nada linear, mas algo aconteceu. De alunos que nada ouviam, tenho alunos que discutem. Para mim isso é o máximo! – diz ela.

-Eu te entendo. Eu procuro fugir das comparações, das relações de causa e efeito. Não sei se o que aconteceu foi devido ao nosso trabalho e não me importa saber, mas o processo pelo qual passamos foi incrível para mim, incluindo os momentos difíceis. – adimito. - E foi por esses motivos todos que eu aceitei essa tarefa de tentar trabalhar na escola, com alunos, em parceria com uma professora.

-E agora você tem um mundo de gravações em áudio, vídeo, seu diário de bordo, atividades... Acho que você tem material para fazer uns dez relatórios de pesquisa! – di Luíza, rindo. – Sabe, acho que eu vou voltar a estudar. Esse trabalho com você despertou

em mim algo que estava adormecido desde o tempo em que fiz mestrado. Comecei a trabalhar e uma coisa leva a outra, quando vi já estava estagnada em um só modo de operar em sala de aula. Obrigada Lavínia, por me permitir estudar novamente, por me tirar de uma rotina que já estava confortável e previsível para mim. – responde.

-Já que é o momento dos agradecimentos, eu também farei o meu: obrigada a você, Luíza, por ter aberto sua sala de aula, sua vida, seu jeito de ser, sem esconder nada, para mim, uma estranha que queria mudar todo seu modo de operar. Eu também saí da minha zona de conforto e tive que buscar coisas que pudessem nos apoiar teoricamente em nosso trabalho. E obrigada por me deixar lembrar da escola, das crianças, do cheiro da escola que há muito eu só tinha memórias. – digo.

Luíza se levanta e me abraça.

Construímos uma amizade nesse último ano. De antagonistas a amigas, parceiras de trabalho.

-E para o ano que vem? – pergunta ela. – Aceita continuar? O que será que acontece até o nono ano deles? Temos muito o que pensar!

-Será um prazer, parceira! – respondo. – Seguimos juntas até onde conseguirmos!

30. ARQUIVOS CONFIDENCIAIS







Nome: Mykhal apereido lentes pedrosa Data: 22/08/2018

Quem sou eu:

EU SOU O MYKHAL EU AMO MATEMÁTICA
É TENHO 12 ANOS EU QUERO SER QUERO
SER PROFESSOR DE MATEMÁTICA EU MORO COM OS
MEUS PAIS EU GOSTO DE JOGAR VIDEO
GAME É GOSTO DE ANDAR DE BICICLETA

Nome: Salomay gressi campos de us Data: 22/08/18

Quem sou eu:

Eu me chamo Salomay eu tenho 11 anos
gosto de matemática eu quero me for-
mar em matemática eu moro com
a minha mãe e com meu padrasto
eu gosto das aulas de matemática eu
não gosto porcentagem meu sonho é
ser professora de matemática igual
a professora Jennifer. eu gosto
de cor azul eu amo astronomia
eu acho a professora viela muito
linda eu não gosto de deitar eu
gosto de comer abobora amarela
goiabada não gosto de manga
eu não gosto de comer ~~doce~~ melancia.

Nome: Algo Augusto Adriano Nara Data: 22/08/2018

Quem sou eu:

Eu gosto de matemática meu sonho é ser polícia
e eu moro com meu pai. Eu tenho dificuldade
de escrever de escrever, o que eu gosto de
educação física de jogos de futebol de videogame
e de estar lá e eu gosto de brincar de aminho
e eu gosto de jogar xadrez de brincar de aminho
de jogar de jogar a fruta que eu gosto de jogar
uma, calabacim, e maracujá, e manga
e pro pessoal rir e muito legal.

Nome: Andrieli da Silva Almeida Data: 22/08/2018

Quem sou eu:

Eu me chamo Andrieli tenho 11 anos, Eu adoro matemática,
língua portuguesa e ciências. Eu gosto de estudar tudo na escola
só não gosto muito de feito que os meninos da minha sala ficam
porque eles ficam bagunçando muito e sempre me xingam
de várias coisas. Eu gosto muito dos professores da sala e ainda
muito mais da professora Genifer que é muito legal
que está fazendo um projeto com agente (da sala) e vai
trazer muitas gentes legais em desses dias atrás ela trouxe na
sala um professor chamado João Viela que eu chamo
mais de Viela e adoro esse professor e queria que ele
desse aula para mim algum dia. Eu moro com minha
Vó e meu Vó, minha Vó está trabalhando de 4:30 a 6:30, meu
Vó não trabalha e as vezes eu fico com o meu pai e ele
está desempregado. Eu gosto muito de macarrão, carne assada,
churrasco de espetinho, bife, salgado, maca, banana, melancia
e muitas coisas. Eu gosto muito de brincar de: Pega-pegas,
Esconde-esconde, corra-segura, Futebol, Vôlei, corrida, barquete
e muitas coisas. Eu tenho vários amigos e gosto deles
gosto muito das minhas famílias eu gosto de ir
em muitos lugares que não tem como eu escrever.
Eu gosto das brincadeiras que a professora faz
eu.

Nome: Helena Lima de Aguiar Data: 22/08/2018

Quem sou eu: Ala Eu sou Helena

É gosto muito de estudar Eu tenho 11 anos de idade sou
única Eu gosto bastante da Escola Imã Edir Eu
Estou no 6º ano Eu, moro com meu Pai minha mãe e
meus dois irmãos Gabriel, e Isadora. Eu moro no colúmbia
melhor cor preferida é Rosa ou lila e uma cor muito bo
nita é de repente Eu, gosto de Brincar de Boliche, de Elar
tico, de vôlei, quimata, e muito mais Eu gosto bastante de co
sacar no disco na abridade e no tralhalha. a preza: de
enjoy e muito legal e divertida pro: vôlei e tris
nós viretar, e e muito legal e divertida também.
Eu gosto de 2 frutas melancia e geralmente são duas frutas
Bem doces e gostosos mas! muito frutas e Fui isso o
que eu gosto.
Com carinho Helena!!!

Nome: Júlia Gardina Silva Data: 22/08/18

Quem sou eu:

Olá eu sou a Júlia eu tenho 11 anos
eu gosto muito da matéria de matemática
quero dizer todas as matérias a minha cor
favorita é preta e vermelha e meus amigos
é o monte de perrais algumas e eu moro com
o meu tio e minha tia e minha vó eu
sou meio danadinha mais eu sou muito
brincalhona gosto de ficar na celular quando
eu estiver com 13 anos vou fazer faculdade
para ser policial ou ser desenhista porque
eu amo desenhar vestides e brincar de
estilista com a minha prima e sou
eu.

Nome: Gina Julia Mexica Rodrigues Data: 22/08/1

Quem sou eu:

Eu tenho 12 anos minha materia preferida
e português mas minha prof preferida e
a gheiafer minha cor preferida e roxo e preto
minha fruta preferida e a manga eu
gosto de brincar de volei e o que eu
quero ser quando crescer, modelo ou cantora ou
Policial

Nome: Bruna Souza Flores Data: 22/08/2018

Quem sou eu:

Oi eu me chamo Bruna eu tenho 11 anos, eu moro
no Bairro Jardim Columbia, moro com os meus
pais e com os meus irmãos, eu gosto de
matematica e quando eu crescer eu quero
ser professora de matematica e gosto da
minha professora ela e muito legal. O meu
sonho e ser professora, eu gosto de brincar de
eda - eda americano, esconde - esconde etc... a
minha cor preferida e azul, eu gosto de prefe-
sor viola ele e legal eu e os meus amigos
queriamos que um dia ele pudesse dar aula
pra nós.

LISTA DE LEITURAS

- ALVAREZ, J.; PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da. (orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015, p.131 – 149.
- ANGELO, C.L. **Uma leitura das falas de alunos do ensino fundamental sobre a aula de matemática**. 2012. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012.
- AUSTEN, J. **Orgulho e preconceito**. São Paulo. Editora Martin Claret, 2007.
- ANGELO, C. L.; LINS, R. C. A história de Peter Pan e as lembranças de alunos sobre a aula de Matemática. In: LAUS, C. et al. (Orgs.). **Modelo dos Campos Semânticos e Educação Matemática: 20 anos de história**. São Paulo: Midiograf, 2012. p. 217-232.
- BARROS, L. P. de; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar o processo. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da. (orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015, p.52 – 75.
- BRITO, M. B. **Uma discussão de discussões de professores que ensinam Matemática em um grupo de trabalho**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2015.
- BROWN, D. **Anjos e demônios**. São Paulo. Arqueiro, 2004.
- BURIASCO, R. L. C. **Análise da produção escrita como oportunidade para o desenvolvimento profissional de professores que ensinam Matemática**. Projeto de Pesquisa Edital universal – MCTI/CNPq nº 14/2012.
- COLLINS, S. **Jogos vorazes**. Rio de Janeiro. Rocco Jovens Leitores, 2010.
- DONLEA, C. **A garota do lago**. Barueri, SP. Faro Editorial, 2017.
- _____. **Deixada para trás**. Barueri: SP. Faro Editorial, 2019.
- FLYNN, G. **Lugares escuros**. Rio de Janeiro. Intrínseca, 2014
- _____. **Objetos cortantes**. Rio de Janeiro. Intrínseca, 2015.
- FRANCISCO, C. A. **Uma leitura da prática profissional do professor de matemática**. 2009. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2009.
- GARNICA, A. V. M. Pesquisa qualitativa e Educação (Matemática): de regulações, regulamentos, tempos e depoimentos. **Mimesis**, Bauru, v. 22, n. 1, p. 35- 48, 2001.

HOUCK, C. **A maldição do tigre**. São Paulo. Arqueiro, 2013.

KING, S. **It: a coisa**. Rio de Janeiro. Objetiva, 2014.

LARROSA, J. B. **Tremores: Escritos sobre experiência**. 1ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

_____. **Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício de ser professor**. 1ª edição. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2018.

_____. **P de professor**. São Carlos. Pedro & João Editores, 2018.

LEWIS, C. S. **As crônicas de Nárnia**. São Paulo. Editora WMF Martins Fontes, 2009.

LINS, R. C.; GIMENEZ, J. **Perspectivas em aritmética e álgebra para o século XXI**. Campinas: Papirus, 1997.

LINS, R. C. Por que discutir teoria do conhecimento é relevante para a Educação Matemática. In: BICUDO, M. A. V. (Org.). **Pesquisa em Educação Matemática: concepções e perspectivas**. Rio Claro: Editora Unesp. 1999. p. 75-94.

_____. Matemática, monstros, significados e educação matemática. In: BICUDO, M. A. V. & BORBA, M. C. (Orgs.). **Educação Matemática: pesquisa em movimento**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 92 – 120.

_____. Characterizing the mathematics of the mathematics teacher from the point of view of meaning production. In: 10th International Congress on Mathematical Education, Copenhagen, 2006. Copenhagen. **Proceedings...** Plenary and Regular Lectures, 2006, p. 1-16.

_____. A diferença como oportunidade para aprender. In: Peres, E. et al. (orgs.). **Processos de ensinar e aprender: sujeitos, currículos e cultura: livro 3**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p. 530-550.

_____. O Modelo dos Campos Semânticos: estabelecimentos e notas de teorizações. In: LAUS, C. et al. (Orgs.). **Modelo dos Campos Semânticos e Educação Matemática: 20 anos de história**. São Paulo: Midiograf, 2012. p. 11-30.

MASSCHELEIN, J; SIMONS, M. **A pedagogia, a democracia, a escola**. 1ª edição. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2014.

_____. **Em defesa da escola: uma questão pública**. 2ª edição. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2017.

OLIVEIRA, V. C. A. **Uma leitura sobre formação continuada de professores de Matemática fundamentada em uma categoria da vida cotidiana**. 2011. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

PAOLINI, C. **Eragon**. Rio de Janeiro, Rocco, 2005.

PASSOS, E.; BARROS, R. B.de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da. (orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 17-31.

PASSOS, E.; EIRADO, A. do. Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da. (orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015, p.109 – 130.

POLI, E. C. **Estudo longitudinal em Matemática: possibilidades e leitura de uma realidade do Ensino Fundamental**. Campinas, SP, Tese de doutorado. Unicamp, 2007.

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível: estética e política**. 2ª edição. São Paulo. EXO experimental org. 2009.

RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante – cinco lições sobre emancipação intelectual**. 3ª edição. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2018.

RIORDAN, R. **O ladrão de raios**. Rio de Janeiro. Intrínseca, 2008.

_____. **O herói perdido**. Rio de Janeiro. Intrínseca, 2011.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Pedra Filosofal**. Rio de Janeiro. Rocco, 2000.

SANTOS, E. S. **Um long play sobre formação de professores que ensinam matemática**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. 2016.

SILVA, A. A. **Narrativas de Professores de Matemática sobre seus Enfrentamentos Cotidianos**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2013.

SILVA, J. S. **Aspectos da prática profissional de duas professoras que analisam produções escritas em Matemática**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. 2016.

TOLKIEN, J. R. R. **O senhor dos anéis: primeira parte: a sociedade do anel**. São Paulo. Martins Fontes, 2000.

VIOLA DOS SANTOS, J. R. **O uso de categorias do cotidiano para o desenvolvimento profissional de professores que ensinam matemática**. EDITAL UNIVERSAL - MCTI/CNPq N ° 14/2014.

_____. Grupo de Trabalho como espaço-formações (ou: arte de produzir efeitos sem causa). In: **Perspectivas da Educação Matemática**. Campo Grande, v. 1, n. 26, p 365-392, 2018.

WESLEY DA SILVA, D. **Conhecimentos de professores que ensinam matemática em um grupo de trabalho que analisa produções escritas em matemática.** 2015. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. 2015.